UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

ELOY SAN CARLO MAXIMO SAMPAIO

**O CONCEITO DE EGO EM FREUD E KLEIN: CONTINUIDADE NA
DIFERENÇA**

São Paulo

2017

ELOY SAN CARLO MAXIMO SAMPAIO

O conceito de ego em Freud e Klein: continuidade na diferença

(Versão original)

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Clínica.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eva Maria Migliavacca.

São Paulo

2017

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Sampaio, Eloy San Carlo Maximo

O conceito de ego em Freud e Klein: continuidade na diferença / Eloy San Carlo
Maximo Sampaio; orientadora Eva Maria Migliavacca. -- São Paulo, 2017.
198 f.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica) -- Instituto
de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2017.

1. ego. 2. Metapsicologia. 3. Freud, Sigmund, 1856-1939. 4. Klein, Melanie,
1882-1960. I. Migliavacca, Eva Maria, orient. II. Título.

Nome: SAMPAIO, Eloy San Carlo Maximo

Título: O conceito de ego em Freud e Klein: continuidade na diferença

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade
de São Paulo para obtenção do título Doutor em Psicologia.

Aprovado em:

Banca examinadora

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

AGRADECIMENTOS

À professora Dr.^a Eva Maria Migliavacca, por toda sua gentileza ao longo dos anos que trabalhamos juntos e pelo apoio nos momentos mais críticos. As orientações que recebi no mestrado e no doutorado são um capítulo importante na minha trajetória como pesquisador. Realmente muito obrigado.

Ao professor Dr. Luiz Eduardo Prado de Oliveira, pela calorosa acolhida que recebi em Paris. As sugestões feitas durante os meses do doutorado sanduíche comparecem em vários momentos deste trabalho e são provas do impacto positivo do nosso encontro.

À professora Dr.^a Marina Ribeiro, por ter integrado a banca de qualificação e pelas valiosas indicações feitas.

Aos professores Dr. Paulo José da Costa, Dr.^a Cláudia Maria Sodré Vieira, Dr.^a Fábio Serrão Franco e Dr. Ernesto René Sang, por generosamente integrarem a banca de defesa e possibilitar que ela seja um momento privilegiado de aprendizagem.

Aos meus pais, Antônio e Marilene, pelo exemplo de retidão de caráter. Jamais teria conseguido chegar neste ponto sem o apoio de vocês. Esta tese é resultado direto do constante incentivo que recebi durante a minha vida.

Ao meu irmão Ícaro, pela presença sempre divertida e pela companhia nesse percurso.

À Kássya, por novamente ter suportado a distância, pelo amor e por constantemente me lembrar que a vida pode ser bem mais leve.

Aos meus velhos amigos Minoti, Kim, Felipe, Kaloni e Brunna, pelo apoio constante durante todo esse processo, pela torcida e carinho.

Aos meus amigos Marcelo e Fagner, pelo exemplo de seriedade acadêmica, generosidade e pelos ensinamentos sempre valiosos.

A Hélène Bonnemaison, pela confiança e por ser a mais gentil das francesas.

Ao G.AP.(Grupo de Atividades Paraíba), pela presença constante nesses últimos quatro anos.

À CAPES, pela bolsa concedida.

A todos aqueles que direta ou indiretamente colaboraram com a realização deste trabalho.

Resumo

Sampaio, E. S. C. M. (2017). *O conceito de ego em Freud e Klein: continuidade na diferença*. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Presente desde os primeiros escritos psicanalíticos, as concepções acerca do ego possuem um caráter nodal e articulam-se com as reflexões sobre a clínica, metapsicologia e cultura. Todavia, as definições sobre esse conceito não são unívocas e assumem múltiplos significados, tanto na obra freudiana quanto nos seus sucessores, dentre os quais pode-se destacar Melanie Klein. Diante desse cenário, o problema que guiou esta tese foi: como o conceito de ego é pensado por Freud e Klein? Do ponto de vista metodológico, a investigação consiste em uma pesquisa bibliográfica que busca examinar o desenvolvimento histórico e epistemológico do conceito de ego na obra de ambos autores. O objetivo foi compreender as condições de possibilidade e os princípios norteadores que compareceram nas sucessivas elaborações sobre o ego e, a partir disso, apresentar os principais pontos de aproximação e discordância entre os autores. Em relação à obra freudiana, foram analisados cinco momentos principais: a) *O projeto para uma psicologia científica* (1895); b) os escritos sobre a primeira tópica (1900 -1910); c) os textos sobre narcisismo e identificação (1910 -1921); d) a segunda tópica apresentada em *O ego e o id* (1923) e, por fim, e) as últimas produções do autor sobre o ego e os mecanismos de defesa (1924-1938). Na obra kleiniana, também destacamos cinco momentos do seu percurso: a) as produções iniciais sobre a inibição (1921-1925); b) os textos sobre o complexo de Édipo e superego precoce (1926-1932); c) o ego e a posição depressiva (1935-1940); d) o ego e a posição esquizo-paranoide (1946-1955); e) as investigações sobre o fenômeno da inveja (1957-1958). Isso permitiu compreender que, no que diz respeito ao conceito de ego, a posição de Klein em relação a Freud é marcada por uma tensão, existindo simultaneamente continuidades e rupturas. O final do processo investigativo apontou que os motivos que atuaram para que as elaborações kleinianas fossem diferentes de Freud remetem à especificidade da sua matriz clínica e ao papel que as teorias de Ferenczi, Abraham e Tausk tiveram na sua obra. Porém, uma dimensão de continuidade também existe porque o quadro metapsicológico construído por Freud foi a base para a proposta kleiniana, mas principalmente porque Klein assumiu radicalmente os princípios metodológicos de Freud, isto é, que o conhecimento da psicanálise é construído pela atenção aos fenômenos inconscientes.

Palavras-chave: Ego. Metapsicologia. Freud. Klein.

Abstract

Sampaio, E. S. C. M. (2017). *The concept of ego in Freud and Klein: continuity in the difference*. Thesis (Doctoral). Institute of Psychology, University of São Paulo, São Paulo.

Since the earliest psychoanalytic writings, the ego conceptions have a nodal character and articulate with reflections on clinical, Metapsychology, and culture. However, the definitions of this concept are not univocal and assume multiple meanings, both in the Freudian work and in its successors, among which Melanie Klein stands out. Given this scenario, the question that guided this thesis was: how is the concept of ego elaborated by Freud and Klein? From the methodological point of view, this research consists of a bibliographical research that examines the historical and epistemological development of the concept of ego in the work of both authors. The objective was to understand the conditions of possibility and the guiding principles that appeared in the successive elaborations on the ego. In relation to the Freudian work, five main moments were analyzed: a) *The Project for a Scientific Psychology* (1895); b) the writings on the first topic (1900-1910); c) the texts about narcissism and identification (1910-1921); d) the second topic presented in *The Ego and the Id* (1923) and, finally, e) the author's latest productions about the ego and the defense mechanisms (1924-1938). In the Kleinian work, this research highlights five moments of its course: a) the initial productions on inhibition (1921-1925); b) the texts on the Oedipus complex and early superego (1926-1932); c) the ego and the depressive position (1935-1940); d) the ego and paranoid-schizoid position (1946-1955); and e) the investigations of the phenomenon of envy (1957-1958). This allowed us to understand that, as far as the concept of ego is concerned, the relation between Freud and Klein is marked by a tension, where there are simultaneously continuities and ruptures. The end of the research process showed up that the motives that influenced the Klein's elaborations to be different from Freud's conceptions refer to the specificity of her clinical matrix and to the role that the theories of Ferenczi, Abraham and Tausk had in her work. However, a dimension of continuity also exists because the metapsychological framework constructed by Freud was the basis for the Kleinian proposal, and mainly because Klein radically assumed the methodological principles of Freud, in other words, that the knowledge of psychoanalysis is constructed with attention to unconscious phenomena presented by the subjects.

Key words: Ego. Metapsychology. Freud. Klein.

Résumé

Sampaio, E. S. C. M. (2017). *Le concept d'Ego chez Freud et chez Klein : continuité dans la différence*. Thèse de Doctorat. Institut de Psychologie, Université de São Paulo, São Paulo.

Présentes depuis les premiers écrits psychanalytiques, les conceptions d'*Ego* y occupent une place centrale. Elles s'articulent avec les réflexions sur la clinique, la métapsychologie et la culture. Néanmoins, les définitions du concept en question ne sont pas univoques, elles assument des multiples significations, tant dans l'œuvre freudienne, que dans celle de ses successeurs, parmi lesquels nous pouvons souligner Klein. Face à ce problème, notre but dans cette thèse a été d'interroger : comment le concept d'*Ego* a été conçu par Freud et par Klein ? En termes méthodologiques, cette investigation a consisté dans une recherche du type bibliographique centré sur l'examen du développement historique et épistémologique du concept d'*Ego* dans l'œuvre des deux auteurs. L'objectif a été de comprendre les conditions de possibilité et les principes directeurs impliqués dans les successives élaborations sur la notion d'*Ego*. Concernant l'œuvre freudienne, nous avons analysé cinq moments principaux : a) *Esquisse d'une psychologie scientifique* (1895) ; b) les écrits sur la première topique (1900-1910) ; c) les textes sur le narcissisme et l'identification (1910-1921) ; d) la deuxième topique à partir de l'*Ego* et l'*Id* et, enfin, e) les derniers travaux de l'auteur sur l'*Ego* et les mécanismes de défense (1924-1938). Dans l'œuvre kleinienne, nous soulignons aussi cinq moments de son élaboration : a) les premiers travaux sur l'inhibition (1821-1925) ; b) les textes sur le complexe d'Œdipe et sur le *Superego* précoce (1926-1932) ; c) l'*Ego* et la position dépressive (1935-1940) ; d) l'*Ego* et la position schizo-paranoïde (1946-1955) ; e) les investigations sur le phénomène de l'envie (1957-1958). Cela nous a permis de comprendre que, en ce qui concerne le concept d'*Ego*, le rapport entre Freud et Klein est marqué par une tension constante, tension caractérisée par des continuités et des ruptures. À la fin, nous avons conclu que les différences entre les élaborations kleinienne par rapport aux élaborations freudiennes trouvent leur fondement dans la spécificité de la matrice clinique du premier et de l'influence des théories de Ferenczi, Abraham et Tausk sur sa production ; cependant, une dimension de continuité y est également présente, étant donné que le tableau métapsychologique construit par Freud a été la base des contributions kleinienne et, principalement, que Klein a pris pour point de départ les principes méthodologiques de Freud, c'est-à-dire, que le savoir psychanalytique se produit par l'attention donnée aux phénomènes inconscients manifestés par les sujets en analyse.

Mots-clés : *Ego*. Métapsychologie. Freud. Klein.

Sumário

Introdução	10
Objetivos	21
Procedimentos metodológicos	22
Justificativa	24
Capítulo 1: O desenvolvimento do conceito de ego em Freud	27
1.1 A dimensão neurológica do ego	27
1.2 O ego na Interpretação dos sonhos	35
1.2.2 Pulsões sexuais e pulsões do ego	40
1.3 Narcisismo e ego	43
1.3.1 As primeiras elaborações sobre o narcisismo	44
1.3.1.1 Narcisismo e homossexualidade	44
1.3.1.2 Narcisismo e Psicose	47
1.3.1.3 Narcisismo e reflexões antropológicas	50
1.3.2 A consolidação do narcisismo e as novas teorizações do ego	51
1.3.2.Narcisismo e identificação	55
1.4 O Ego e o id	61
1.5 O Ego e os mecanismos defensivos	68
1.5.1 O recalque (Verdrängung)	68
1.5.2 A negação (Verneinung)	76
1.5.3 Rejeição (Verwerfung)	78
1.5.4 Recusa (Verleugnung)	81
Capítulo 2: O conceito de ego em Melanie Klein	86
2.1 A inibição intelectual e as primeiras teorizações sobre o ego	86

2.1.1	Budapeste e Berlim: o contato de Klein com a psicanálise.....	86
2.1.2	A análise de Fritz e a inibição	88
2.1.3	Da onipotência de pensamento ao senso de realidade.....	91
2.1.4	A libido como força motivadora do ego.....	94
2.1.5	Modos do ego gerir a angústia: inibição e recalque.....	97
2.2	O ego e os conflitos arcaicos.....	100
2.2.1	O complexo de Édipo precoce	107
2.2.2	O aparelho psíquico.....	106
2.2.3	O ego	110
2.3	A posição depressiva.....	117
2.3.1	Objetos internos e mundo interior.....	118
2.3.2	Relações objetais, angústia e mecanismos de defesa.....	121
2.3.3	A elaboração da posição depressiva e os avanços do ego	129
2.4	O ego e a posição esquizo-paranoide.....	131
2.4.1	A desintegração do ego e dos objetos e os mecanismos de defesa iniciais	133
2.4.2	Identificação projetiva dos aspectos maus: a influência de Tausk.....	136
2.4.3	O narcisismo e os estados de indiferenciação	140
2.4.4	Identificação projetiva e a elaboração da posição esquizo-paranoide.....	142
2.5	O ego nas elaborações finais de Klein	145
2.5.1	Inveja e gratidão	146
2.5.2	As duas classes de cisão e os estados confusionais	149
2.5.3	Klein com Freud	151

Capítulo 3: O conceito de ego em Freud e Klein	154
3.1 A primeira tópica e a primeira teoria pulsional nos escritos iniciais de Klein	154
3.1.1 A primeira teoria pulsional e o funcionamento do ego.....	156
3.2 A introdução da segunda tópica nos textos kleiniano	160
3.2.1 Complexo de Édipo e superego em Freud e Klein	160
3.2.2 A estrutura egoica.....	164
3.3 As perdas objetais e a posição depressiva.....	172
3.3.1 Luto, melancolia e a posição depressiva	173
3.4 O ego arcaico	176
3.4.1 Angústia e cisão.....	179
3.4.2 A identificação projetiva e o estranho.....	182
Considerações finais	186
Referências bibliográficas	190

INTRODUÇÃO

A proposta desta tese surgiu em decorrência do trabalho desenvolvido no mestrado intitulado *Elaborações da segunda tópica do aparelho psíquico: contribuições do narcisismo*¹, que buscava analisar como o desenvolvimento metapsicológico do narcisismo impactou a teoria freudiana na chamada virada dos anos 1920. No processo de análise do percurso histórico desse conceito, ficou claro o seu papel na redefinição das compreensões sobre ego tanto nas dimensões psicogenética, dinâmica, quanto tópica. Tal cenário permitiu compreender que o ego tinha uma importância central na maneira de se conceber a ação clínica, bem como modificava e era modificado pelas demais construções freudianas.

Presente desde os primeiros escritos psicanalíticos, o conceito de ego possui uma historicidade complexa, com múltiplas significações que nem sempre são imediatamente acessíveis. O rastreamento de suas várias acepções e a maneira como elas se articulam com a teoria podem permitir uma visão mais rigorosa sobre o projeto freudiano. A análise do trabalho desse autor mostra que sempre existiu uma preocupação, em alguns momentos mais presente do que em outros, sobre o que seria o ego. Testemunho disso é o fato de que, mesmo em suas últimas obras, Freud se debruçava sobre esse tema.

O processo de desenvolvimento das noções sobre o ego não é linear, uma vez que ele está referido a um campo essencialmente dinâmico: a clínica. Nesse percurso, elementos, como a contradição, o retorno de antigas concepções e a re-elaboração de ideias são fatores constantes. Esse mesmo cenário também se repõe para os autores pós-freudianos, que, apropriando-se dos trabalhos do mestre vienense, acabaram por elaborar suas próprias ideias acerca dessa estrutura.

Dentre esses autores, um destaque especial pode ser conferido à obra de Melanie Klein, que, se inspirando no pensamento freudiano, fez do ego uma peça central da sua metapsicologia. Klein sempre deixou claro que sua teoria tinha por base as construções elaboradas por Freud (KLEIN, 1958/1996), embora tenha feito um percurso que passa longe da mera reprodução. Partindo de uma compreensão

¹ SAMPAIO, E.S. C. M. **Elaboração da segunda teoria do aparelho psíquico: contribuições do conceito de narcisismo**. 2013. 117f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

original, Klein desvelou certas facetas do ego até então ocultas e propôs uma nova visão sobre o seu surgimento e modos de funcionamento.

Sua teorização acerca do ego se relaciona com conceitos, como angústia, relações objetais, teoria das posições, apenas para citar os elementos mais importantes, além de impactar o atendimento de crianças e psicóticos. Com Klein, além de assistirmos a uma elaboração singular sobre o que é psicanálise, também notamos um alargamento de suas fronteiras para campos ainda não considerados.

Acompanhar as articulações e rupturas existentes entre esses dois autores, portanto, pode permitir compreender como algumas ideias desvelam a história do desenvolvimento da psicanálise. Além disso, também oferece a oportunidade de entender o desenvolvimento de questões que ficaram inconclusas no próprio Freud. Dessa maneira, a presente tese adota como problema de pesquisa a seguinte indagação: como o conceito de ego é pensado nas obras de Freud e Klein?

Apesar de ser um conceito fundamental, as investigações sobre o ego precisam lidar com a dificuldade que é imposta pelas múltiplas significações que esse elemento assume no interior da obra freudiana. Isso se dá inclusive pela distribuição temporal do conceito em seus trabalhos: afinal, ele está presente desde os chamados escritos pré-psicanalíticos até os seus derradeiros textos, como o inacabado *A divisão do ego no processo de defesa*, de 1938. Durante esse tempo, os novos dados clínicos e os remanejamentos metapsicológicos obrigaram Freud a alterar constantemente o que concebia sobre o ego, assumindo posições francamente diferentes.

Uma análise dessas múltiplas significações é fornecida por Bonfim (2008), que propõe que “a obra de Freud é permeada de ambiguidades no que se refere à definição do conceito [de ego]” (p.11). A reconstrução histórica proposta por esse autor assume que existiria uma compreensão inicial sobre o ego no *Projeto para uma psicologia científica* (1895), que o concebia como uma função do sistema neuronal de memória responsável pelas estratégias de defesa e pela passagem dos processos primários para os secundários. Posteriormente, na *Interpretação dos sonhos* (1900), o ego seria relegado a um papel secundário na articulação tópica, uma vez que a principal preocupação de Freud, nesse momento, eram a investigação e a definição dos processos inconscientes. Essa situação só seria alterada com a introdução do conceito de narcisismo a partir 1910, que, ao explicitar o caráter sexual inerente à constituição do ego, permitiria que ele fosse conceituado “como um possível objeto de fixação da libido do indivíduo, pólo a partir do qual as pulsões encontram-se

organizadas, não mais dispersas, em função da imagem do indivíduo mesmo” (p. 68), além de salientar o caráter constitutivo das identificações para essa instância. Esse conjunto de elaborações culminou em nova articulação tópica estabelecida a partir de 1923, que apresenta que o ego não pode mais ser ligado exclusivamente à consciência, pois “os mecanismos de defesa são dinamicamente inconscientes, não se confundindo, não obstante, com o sistema inconsciente tal como é exposto em 1900” (p.67). Todavia, segundo Bonfim, é necessário atentar que tal condição, embora seja realçada de maneira radical em *O ego e o id*, já se encontrava ao menos sugerida em textos anteriores, sendo possível identificar que o ego extravasava os limites da consciência já nos *Estudos sobre a histeria* (1893).

Conclusão semelhante também é apresentada por Monzani (1988), que nos adverte que “o conceito de ego é um dos mais problemáticos da teoria psicanalítica” (p.249), repousado no fato de que a história do seu desenvolvimento não é linear. Ao analisar, por exemplo, as características atribuídas a essa instância na teoria estrutural do aparelho psíquico, Monzani propõe que a compreensão sobre o ego não é totalmente nova, pois

O ego em Freud tem um estatuto ambíguo desde seus primeiros textos. Ora ele parece se identificar com o sistema percepção-consciência, ora ele parece ser mais extenso que este último, levando seus domínios para além do consciente e do pré-consciente, e mergulhando no inconsciente (p.244)

Esse exemplo torna-se importante por apontar que uma historiografia sobre o ego terá de se confrontar, necessariamente, com um movimento contraditório na obra de Freud, que irá se repor de diferentes maneiras ao longo dos anos.

Campos (2009) também analisa os impasses acerca do ego, mas privilegiando as reformulações acarretadas pela investigação dos mecanismos de defesa. De início, segundo o autor, cabe assinalar que “a proposição da nova tópica será seguida de uma revisão na teoria da angústia” (CAMPOS, 2009, p.211), que terá como consequência uma redefinição sobre o recalque e estabelecimento de discussões sobre outras estratégias de defesa executadas pelo ego, notadamente a negação, a recusa e o desmentido. De saída, isso significa que, no final da obra freudiana, existe um enriquecimento considerável sobre os modos de ação do ego perante o intolerável, seja ligado ao domínio pulsional, à realidade ou às pressões superegoicas.

Essas novas construções também foram importantes, porque apontaram, em um primeiro momento, que, em determinadas manifestações patológicas, o ego se dividiria em uma parte que age conforme a realidade e outra que funciona levando em conta as exigências psíquicas. Posteriormente, nos textos *Esboço de psicanálise* (1938a) e *A divisão do ego nos processos de defesa* (1938b), Freud propôs que esse modo de funcionamento possuía uma universalidade, sendo possível identificá-lo, em alguma medida, em todas as pessoas no processo de sua constituição. Isso significa que, de maneira geral, “o ego poderia se submeter a deformações em sua própria estrutura como recurso defensivo, a ponto de efetuar uma clivagem ou cisão de sua unidade” (CAMPOS, 2009, p.247). Essas conclusões foram largamente diferentes das que Freud já havia proposto na maior parte da sua obra, o que leva Campos a afirmar que “esse tipo de saída na estruturação do ego seria contraditória com a função sintética do ego, fundamental em amplos campos de seu funcionamento” (p.254).

Esses impasses não encontraram uma síntese definitiva em Freud. Várias questões permaneceram em aberto e vários caminhos efetivamente fecundos se apresentaram como possíveis. Uma das consequências, para a história da psicanálise, é que a segunda geração de psicanalistas reverberou essas contradições, privilegiando alguns pontos específicos da obra freudiana, julgados como metodologicamente mais rigorosos, para, a partir deles, constituir uma teoria (MEZAN, 2014). Tal processo é inerente a esse ramo do conhecimento, pois

A menos que a psicanálise seja considerada como um sistema fechado, sem possibilidades de expansão, correção ou desenvolvimento, seus praticantes têm que se confrontar com novas observações que nem sempre podem ser satisfatoriamente compreendidas com o auxílio das teorias psicanalíticas existentes, e novas hipóteses serão formuladas para explicá-las (KING, 1998, p.29).

A consolidação das várias escolas a partir da década de 30 já é um testemunho claro sobre a impossibilidade de se pensar a psicanálise como um conhecimento acabado.

Existem várias contribuições materializadas após Freud e inúmeros autores acrescentaram elementos importantes para a psicanálise. Dado o grande volume de produções, que, normalmente, são amplamente diferentes entre si, com implicações teóricas e clínicas variadas, é necessário que se faça um primeiro recorte para tornar uma investigação exequível.

Os critérios para essa eleição podem ser encontrados no próprio Freud. Mezan (2014) propõe que, quando analisamos, do ponto de vista epistemológico, a obra do mestre vienense, quatro dimensões se apresentam fundamentais. Inicialmente, existe uma compreensão sobre a mente que, por meio das teorias tópicas, econômicas e dinâmicas, oferece uma análise rigorosa sobre o conflito psíquico. Além disso, em segundo, também se notaria a proposta de uma gênese e desenvolvimento da psique. Em terceiro lugar, uma compreensão sobre os modos de funcionamento típicos e psicopatológicos do sujeito. Por fim, o delineamento de estratégias de tratamento que auxiliariam a modificação do funcionamento mental.

Essas características não se repetem de maneira sistemática na obra de todos os pós-freudianos, mas, na obra de Melanie Klein², há uma elaboração coerente e original sobre esses quatro pontos. Segundo Mezan (2014), seria possível localizar nos trabalhos dessa autora e de sua escola uma “produção convergente e sistemática de uma metapsicologia, de uma teoria do desenvolvimento, de uma teoria psicopatológica e de uma teoria do processo terapêutico” (p.31).

A eleição específica da obra kleiniana e não de outro autor pós-freudiano repousa em alguns critérios que são importantes para esta tese. Inicialmente cabe reconhecer que o conceito de ego costura integralmente sua produção, estando presente, ainda que de maneira tímida, desde os seus primeiros escritos, até se afirmar, com o passar do tempo, como um elemento central do seu pensamento. Além disso, Klein aborda e desenvolve temáticas que ficaram em aberto no pensamento freudiano, como os processos de cisão do ego e sua articulação com a segunda teoria da angústia. Por fim, o conjunto de sua obra impactou de maneira contundente a história da psicanálise tanto em sua dimensão metapsicológica, com o desvelamento de processos até então não abordados, quanto na proposta de novos campos de ação clínica, especialmente na consolidação de uma nova maneira de atender crianças e psicóticos.

O conceito de ego em Klein possui uma historicidade rica e está atrelado às suas concepções sobre as relações objetais e a teoria das posições. Baranger (1981)

²Mezan defende que somente quatro grupos conseguiram articular, de modo rigoroso, esses pontos, se constituindo como escolas de psicanálise. Além de Klein, também encontraríamos contribuições importantes nas obras de Lacan, na psicologia do ego (Loewenstein, Hartmann) e nos analistas independentes britânicos (Winnicott e Fairbairn).

propõe que existe, na obra kleiniana, uma elaboração relevante sobre o ego e suas funções, ao ponto de ser possível afirmar que, para a autora, “o ego é o centro de todas as relações que constituem a organização psíquica” (p.83). Assim como em Freud, é possível localizar alguns momentos que sintetizam as principais noções acerca do ego.

A divisão proposta por Baranger estabelece que as primeiras concepções estariam relacionadas com os trabalhos elaborados entre os anos de 1921 até a publicação de *A psicanálise de crianças* (1932). As produções iniciais de Klein abordavam as inibições intelectuais e, embora não se note uma teorização robusta sobre o ego, elas tratam de fenômenos que só podem ser pensados a partir dele, já que, nos casos analisados, a angústia possuía um papel central. Uma produção mais consistente pode ser localizada no texto *A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego* (1930), que propõe que, inicialmente, o ego não busca se proteger das ameaças libidinais, mas dos seus intensos impulsos sádicos e dos objetos atacados. Seria o excesso de sadismo que originaria a angústia e encetaria as primeiríssimas defesas de um ego precoce. Em 1932, em *A psicanálise de criança*, Klein, apoiada nas investigações anteriores, explicita a ideia que será constante na sua teorização sobre o ego, a saber, “a angústia se apresenta como estímulo básico do desenvolvimento do ego, tanto patológico quanto normal” (BARANGER, 1981, p.87).

Um segundo período importante da elaboração do conceito de ego pode ser localizado em 1946, no texto *Notas sobre alguns mecanismos esquizoides*, marcado pela “introdução plena do conceito freudiano de instinto de morte” (BARANGER, 1981, p.89). Essa nova articulação teórica modifica as concepções sobre o início da vida e a relação entre ego e objetos. No texto em questão, Klein desenvolve a ideia da posição esquizo-paranoide e reconhece

a existência de relações objetais desde o nascimento, o que por sua vez implica a existência de ego neste momento. Este ego vive num mundo a princípio totalmente fantasmagórico que vai se modificando de forma paulatina pelo contato projetivo e introjetivo com o mundo exterior e o uso dos processos de *splitting* (clivagem) à medida que o próprio ego vai se integrando. (BARANGER, 1981, p.89)

É também nesse trabalho que Klein introduz o conceito de identificação projetiva. Apoiada nos seus textos anteriores, ela propõe que as primeiras relações

objetais são marcadas pela clivagem, diferenciando um objeto bom e um mau. Porém, sob condições nas quais a angústia se faz muito presente, essa clivagem do objeto também implica uma clivagem do próprio ego. Nesse processo, partes do psiquismo podem ser expulsas e colocadas em alguma parte da realidade, como, por exemplo, nas figuras cuidadoras. Baranger propõe que “esta clivagem do ego e a projeção de pedaços seus junto com os do objeto interno define a identificação projetiva” (1981, p.91) e esse processo estaria presente tanto nas formações normais quanto nas patológicas. Essa proposta pode ser considerada um desenvolvimento original de algumas ideias sugeridas por Freud, como aquelas presentes no texto *A divisão do ego no mecanismo de defesa* (1938).

O terceiro ponto de destaque seria o conjunto de elaborações de Klein e colaboradores desenvolvidas em torno do livro *Os progressos da psicanálise* (1952). Baranger assinala que, nessa obra, a escola kleiniana trabalha com duas ideias acerca do ego: a primeira, presente nos textos anteriores, pressupõe um ego existente desde o nascimento, que, incitado pela angústia, utiliza mecanismos defensivos; a segunda estabelece que o jogo entre introjeção e projeção é que seria responsável pela transformação de uma parte do *id* em ego. Na visão de Baranger, essas duas linhas guardam contradições para as quais é difícil encontrar uma síntese no pensamento kleiniano, porque

ou bem o ego pré-existe, opera as introjeções e se enriquece com elas (mediante um processo ainda obscuro), ou bem o ego se forma pelas primeiras introjeções (o que nos defronta com o problema, ainda mais obscuro, de *quem* maneja estas introjeções, senão o ego) (1981, p.93).

A crítica de Baranger não repousa na possibilidade da existência desses dois processos, pois, durante o desenvolvimento, eles poderiam enriquecer-se mutuamente. Antes, repousa em qual alternativa explicaria a gênese do ego.

A parte final da teorização sobre o ego teve o seu início com *Inveja e gratidão*, de 1957. Nessa obra específica, “o conceito kleiniano do ego não muda fundamentalmente” (BARANGER, 1981, p.94), embora seja enriquecido pelo exame de outros processos. É nesse ponto que Klein introduz o conceito de inveja primária, que teria o seu raio de ação regulado por uma força constitucional do ego, bem como a ideia de estados confusionais, um fenômeno típico do ego em desenvolvimento, em que uma diferenciação entre ego e objetos é precária, mas que pode, em etapas

ulteriores, adquirir uma coloração patológica na qual “os limites entre ego e os demais ou o mundo tendem a apagar-se” (BARANGER, 1981, p. 95). Em *Sobre o desenvolvimento do funcionamento mental* (1958), Klein “sustenta que existe uma continuidade essencial entre sua obra e a de Freud” (p. 96) e os conceitos de fusão e desfusão pulsional, que já tinham sido abordados em outros momentos, assumem um papel determinante. Para Klein, desde o início, as pulsões de vida e de morte se ligam aos objetos, em especial ao seio da mãe e, por meio de processos de projeção e introjeção, constituem os objetos primários bons e maus. A consolidação de um objeto internalizado bom formaria o núcleo do ego e o capacitaria a dominar a angústia e a promover uma fusão da pulsão de vida com algumas partes da pulsão de morte que ainda agem no seu interior.

Outra análise histórica do desenvolvimento do pensamento kleiniano é realizada por Cintra e Figueiredo (2004), que promovem uma reconstituição do pensamento da autora, buscando captar as principais tendências nas sucessivas décadas de sua produção. Algumas de suas descrições apresentadas são coincidentes com as afirmações de Baranger, de maneira que iremos nos ater aos novos elementos apresentados.

Durante a década de 1920, um elemento importante será a teorização sobre a existência de um complexo de Édipo precoce, que se organizaria a partir do desmame. Esse momento seria importante para o sujeito porque já o lançaria em uma situação triangular, composta pela *criança*, a *mãe*, que começa a ser percebida como objeto independente, e o *estranho*, que sinalizaria a ausência materna. Os binômios da presença e da ausência ou ainda da satisfação e da frustração é que possibilitariam a compreensão da existência da mãe como objeto total, determinante para a constituição mais sólida do ego, embora este já estivesse presente desde o nascimento.

Na década de 30, é possível destacar a publicação de *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos* (1935), que apresenta o conceito de posição depressiva. Esse momento será caracterizado pela possibilidade de o ego reconhecer o objeto total e passar a sentir uma angústia depressiva, que “envolve o medo de ter feito danos ao objeto amado do qual o bebê depende, e o medo de que ele morra ou desapareça” (CINTRA; FIGUEIREDO, 2004, p.80). Diante disso, o ego começa a utilizar defesas maníacas para lidar com a culpa e o desespero.

Nos anos 40, Klein publica *Notas sobre alguns mecanismos esquizoides* (1946), texto importante por definir a posição esquizo-paranoide. O objetivo desse escrito foi “compreender o modo de funcionamento do ego arcaico e seu estado de não integração” (CINTRA; FIGUEIREDO, 2004, p.103). Anteriormente, ela já havia abordado dinâmicas paranoides, que, em 1946, passam a ser relacionadas a “um estado de indiferenciação entre o ego e os objetos externos, como no caso da identificação projetiva” (p.105). A dimensão esquizoide faz referência a alguns mecanismos que entram em ação e isolam “o ego do ambiente e partes do ego entre si, produzindo estados de incomunicabilidade e solidão” (p.105). Para Klein, o ego arcaico não seria coeso e existiria oscilante entre a tendência para a integração e a tendência para a desintegração. A possibilidade de desintegração estaria dada pela “simples presença da pulsão de morte que ameaça o organismo de ser aniquilado” (p. 110). A angústia arcaica de desintegração seria ainda enriquecida pelo trauma do nascimento e pelas experiências de frustração, eventos já teorizados por Freud em *Inibições, sintomas e angústia* (1926). O que permite que o sujeito não caia definitivamente em uma desintegração seria a possibilidade de introjeção de um objeto bom e inteiro, que acabaria funcionando como um polo de força unificadora do ego. As posições esquizo-paranoide e depressiva, apesar de surgirem em momentos diferentes no processo de desenvolvimento, pautam as maneiras subsequentes como os indivíduos se relacionam com os objetos e a realidade. Após a sua consolidação, o que se nota é uma dinâmica intensa, na qual o sujeito pode se localizar em cada uma delas alternadamente.

Inveja e gratidão (1957) é o texto representativo da última parte da obra de Klein. Os mecanismos de cisão são novamente abordados, sendo descritos dois tipos que ocorrem no ego arcaico. O primeiro já tinha sido tematizado nos escritos anteriores e consistia na cisão primordial que incide na criação do bom e do mau objeto, assim como na divisão do ego. A segunda modalidade de cisão consistiria na “divisão responsável pelo aparecimento de um objeto bom *idealizado* e um objeto *extremamente mau*” (p.136). Nesses casos, os objetos não podem ser assimilados pelo ego e podem dar início a configurações psicopatológicas. Também é abordada nesse texto a inveja, que surgiria no bebê como um protesto perante a perda do estado de plena satisfação, do qual a unidade pré-natal com a mãe seria o protótipo. Nesse quadro, estabelece-se que, “se o seio real não fornece aquele nível de prazer proporcionado pelo seio ideal, vem a sensação de se estar sendo lesado e o desejo

de destruir o seio real” (CINTRA; FIGUEIREDO, 2004, p.128). Teríamos assim as condições para o estabelecimento da inveja, caracterizada pela busca de esgotamento do que o outro, no caso a mãe, poderia oferecer e, além disso, para também depositar as partes más do *self*, objetivando destruí-las. A inveja incide sobre o objeto bom e representa uma clara ameaça aos processos de integração do ego. Para Cintra e Figueiredo, “atacar invejosamente as boas qualidades do outro é, assim, atacar nossa dependência em relação a ele e, no fundo, atacar nosso desejo, pois é dele que se sente derivar o maior sofrimento.” (p. 132). Essa ameaça ao ego também repousa no fato de que a inveja “é a força dirigida a desfazer o nó originário entre pulsões de vida e de morte” (p.133) e esse desfusãoamento pulsional pode ameaçar o desenvolvimento egóico.

Esse cenário aponta para o fato de que existe um diálogo intenso entre a obra de Freud e Klein, embora nem sempre explorado. Uma análise de como o pensamento kleiniano está assentado nas propostas de Freud é oferecida por Blass (2011) no artigo *The ego according to Klein: return to Freud and beyond*. Segundo a autora, existem três pontos principais que apontam para um solo comum entre a teorização desses dois psicanalistas em relação ao ego. Em primeiro lugar, Klein considera fundamental o papel do modelo estrutural, tal como proposto em *O ego e o id*. Ela acredita que esse é o cenário básico a partir do qual as investigações psicanalíticas podem ser desenvolvidas. O segundo ponto é a necessidade de integrar a segunda teoria pulsional com os modos de funcionamento do aparelho psíquico. Isso fica especialmente claro na compreensão kleiniana do desenvolvimento do ego, dado que participaria desse processo a possibilidade de projeção da pulsão de morte assim como a criação no interior do ego, via introjeção, de objetos bons, que teria por consequência a consolidação de melhores recursos para garantir a integração egoica e a possibilidade de controlar a pulsão de morte por via da fusão com a pulsão de vida. O terceiro fator está em íntima associação com a constatação anterior e consiste nas fantasias em relação ao seio e a formação do ego. Klein partiria da constatação de Freud de que o ego é um precipitado das catexias objetais abandonadas e sintetizaria a história dessas relações. Entretanto, ela avança na descrição oferecida por Freud e estabelece que essas ligações objetais são, inicialmente, compostas pela relação travada, no plano da fantasia, com o seio bom e o mau. Blass (2011) propõe que “nosso ego, desde muito cedo, é composto pela internalização das partes boas e más dos objetos, e funda nossas fantasias sobre esses objetos” (p. 154).

Apesar dessa íntima associação, também é possível localizar pontos de tensão e diferenças. Esses elementos surgiriam porque Klein, apoiada em sugestões freudianas e a partir de sua clínica com crianças, avança a análise para pontos até então não sondados, mas também por ideias originais, às vezes contrariando as proposições freudianas. Um dentre os pontos de diferença são as interpretações sobre o desenvolvimento do ego a partir do *id*. A partir da segunda tópica, Freud já salientava o papel da percepção no surgimento do ego. Baranger (1981) já havia salientado o papel conferido por Klein da angústia nesse movimento e Blass (2011) acrescenta que a diferenciação está intimamente relacionada com os movimentos de introjeção e projeção. A percepção emerge como subordinada a esses processos, o que aponta que, para Klein, a ideia de relações objetais arcaicas é que formaria de maneira decisiva o ego, inclusive suas possibilidades perceptivas.

A segunda grande diferença diz respeito às estruturas que surgem a partir do ego. Desde os escritos sobre o narcisismo, mas especialmente em *O ego e o id*, Freud propõe a existência de diferenciações no interior do ego, que funcionariam como agentes de avaliação crítica, o que acabou sendo conhecido como superego. Para Freud, a consolidação do superego seria resultado geral do atravessamento do complexo de Édipo, o que aconteceria por volta dos quatro ou cinco anos. Klein acaba por localizar o surgimento do superego em etapas muito mais arcaicas, pois essa diferenciação do ego se estabeleceria no segundo quarto do primeiro ano. Essa nova concepção está ligada à postulação de conflitos pulsionais muito intensos em ação desde os primeiros momentos de vida e também com a dinâmica de introjeção de objetos bons e maus. Justamente por essa introjeção estar relacionada primordialmente com o seio, “Klein tem uma imagem bem mais maternal do superego do que Freud propôs” (BLASS, 2011, p. 158)

Por fim, em estreita associação com sua teoria própria acerca das posições, Klein concebe, de maneira original, que o desenvolvimento do ego deve ser pensado em termos da capacidade crescente de integrar os objetos. Esse processo implica a passagem de relações objetais especialmente cindidas para a possibilidade de compreender e se relacionar com objetos que resguardam em si a contradição de serem simultaneamente bons e maus.

Considerar os pontos de tensão existentes entre a proximidade e distanciamento das obras de Freud e Klein permite uma visão mais acurada sobre o trabalho de ambos. Klein oferece respostas e desenvolvimentos importantes sobre o

conceito de ego para a psicanálise, elemento central desde os primeiros textos de Freud. Avaliar a relação entre a proposta desses dois autores é, portanto, fundamental, porque, “quando a dimensão metapsicológica dos trabalhos de Klein é negligenciada, se estabelece uma falsa oposição entre a sua abordagem e a de Freud” (BLASS, 2011, p. 164). Por outro lado, acreditar que a psicanálise começa e termina com Freud significa desprezar contribuições relevantes que surgiram após sua morte.

A fertilidade de se analisar esse diálogo também é salientada por Mezan (2014), que parte do ponto de vista de que “a historicidade da psicanálise consiste nisso: as teorias sucessoras são ao mesmo tempo psicanalíticas e diferentes das propostas por Freud” (p. 29). No caso específico de Klein, é possível considerar que

as inovações teóricas a que foi conduzida [...] resultariam da aplicação rigorosa dos *mesmos* princípios que norteavam os trabalhos de Freud, ainda quando as conclusões de Klein se afastem muito de algumas afirmações claras e explícitas do mestre de Viena (p.27)

Isso aponta para uma ideia cara a esta tese, a saber, a existência de uma *continuidade* que se *diferencia*, capaz de revelar que a história da psicanálise é especialmente rica. Não obstante, como assinala Mezan (2014), a relação entre o modelo kleiniano e o freudiano seja complexa, tem sido pouco estudada. Levando em conta esse quadro, esta tese pretende oferecer uma contribuição para esse debate, analisando um conceito específico, o de ego, nas produções de Freud e Klein.

OBJETIVOS

A presente tese busca executar uma investigação histórica e epistemológica do conceito de ego nas obras de Freud e Klein. A análise do projeto freudiano visa captar como as ideias de ego são, paulatinamente, desenvolvidas nos seus textos, privilegiando alguns momentos-chave que explicitam diferentes posições acerca desse conceito. Também faz parte desse intento rastrear as ambiguidades, contradições e retorno de antigas posições, o que aponta para uma historicidade não linear a respeito do ego.

Em relação à obra de Klein, buscaremos uma reconstrução histórica sobre o conceito de ego, considerando especialmente a relação que esse elemento trava com as ideias sobre a angústia e a teoria das posições. Interessa captar como ela se

apropriada de Freud e oferece respostas para questões que ficaram em aberto na sua obra.

Tais análises permitirão que se captem as especificidades que existem na teoria de cada um acerca do ego e, principalmente, que se tracem os pontos nos quais existem aproximações e fatores diferenciadores. Nesse sentido, apresentamos, sinteticamente, os objetivos em três pontos específicos.

1 – A investigação sobre o desenvolvimento do conceito de ego em Freud, desde o *Projeto para uma psicologia científica* (1895) até *A divisão do ego nos processos de defesa* (1938), salientando as principais significações assumidas por esse conceito.

2 - De maneira semelhante, também analisar as principais noções sobre o conceito de ego em Klein, a partir dos textos escritos na primeira metade da década de 20 até a obra *Sobre o desenvolvimento do funcionamento mental* (1958).

3 – Examinar os pontos de aproximação e discordância entre esses dois autores no que diz respeito ao conceito analisado.

Parte-se da compreensão de que a relevância desse tipo de pesquisa se apoia em dois pontos principais. Em primeiro lugar, as elaborações sobre o ego são de grande importância para as produções psicanalíticas, ainda que sob esse conceito estejam reunidas múltiplas ideias com significações e consequências diversas. Desse modo, a investigação sobre as condições de possibilidade, os métodos e os princípios norteadores que participam da elaboração sobre o ego permitirá uma precisão conceitual valiosa para compreender a obra de Freud e Klein. Em segundo lugar, também é necessário considerar que, na psicanálise, teoria e clínica se fertilizam mutuamente. O refinamento das compreensões acerca do ego também contribui para uma prática analítica melhor embasada, auxiliando no esclarecimento de diversos quadros e dinâmicas, que, sob outras condições, podem permanecer ocultos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Mezan (1993) propõe que os trabalhos sobre a psicanálise possuam algumas especificidades a serem consideradas. Segundo ele, “a pesquisa em psicanálise

desdobra-se em duas vertentes: a que investiga a história das ideias psicanalíticas e a que investiga os processos psíquicos propriamente ditos” (p.96-97). O trabalho que pretendemos construir aqui se liga ao primeiro campo, o que aponta para a busca de procedimentos metodológicos mais férteis para o processo investigativo. Afinal, “o objeto de estudo requer que se descubra qual a metodologia mais adequada para estudá-lo” (MIGLIAVACCA, 2001).

Orientados pelo problema “*como o conceito de ego é pensado nas obras de Freud e Klein ?*”, decidimos executar uma pesquisa de caráter bibliográfico, que visa “conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes sobre um determinado tema” (KÖCHE, 2010, p.122). Segundo Luna (2007), esse tipo de pesquisa pode assumir vários objetivos. Dentre eles, consideramos especialmente produtivo para o nosso propósito a revisão histórica, que busca “a recuperação da evolução de um conceito, área, tema, etc. e a inserção dessa evolução dentro de um quadro de referências que explique os fatores determinantes e as implicações da mudança” (LUNA, 2011, p.86). Dreher (2008) também nos oferece importantes contribuições sobre a definição específica do que seria uma pesquisa conceitual em psicanálise, que, segundo ela, seria caracterizada por três pontos:

- a) uma “investigação sistemática de diferentes usos de conceitos em diferentes culturas analíticas” (p. 133);
- b) “investigação da mudança histórica do sentido de um conceito ao longo do tempo” (p.133);
- c) “tentativa de formular propostas para um uso razoável, clinicamente rico e com sentido” (p.133).

Os elementos a serem analisados são as obras psicanalíticas de Freud e Klein. Eles são compreendidos como fontes primárias e, portanto, a investigação irá privilegiar suas produções. Os eventuais comentadores serão utilizados como fontes secundárias e aparecerão somente à medida que permitam a elucidação de aspectos da obra dos dois autores base.

A reconstrução histórica das concepções de Freud e Klein sobre o ego busca examinar uma seleção de textos que elucidam o desenvolvimento desse conceito. Assim, no caso de Freud, organizamos a exposição do seu pensamento a partir dos cinco momentos que se seguem.

1º-As concepções pré-psicanalíticas presentes em *Projeto para uma psicologia científica* (1895).

2º-As elaborações da primeira tópica apresentadas na *Interpretação dos sonhos* (1900).

3º-As reformulações metapsicológicas no grupo de textos que versam sobre narcisismo e identificação, publicados entre 1910 e 1923.

4º-A nova compreensão a respeito do ego materializada pela segunda tópica presente em *O ego e o id* (1923).

5º-As investigações sobre angústia, mecanismos de defesa e o ego apresentadas a partir de 1926 até o final de sua obra.

Em relação às obras de Klein, adotamos também cinco pontos especiais para a análise histórica.

1º- Os primeiros escritos sobre inibição publicados entre (1921-1925).

2º- As elaborações sobre o complexo de Édipo precoce e o superego primitivo presentes nos textos publicados entre (1926-1932).

3º- As ideias presentes em *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos* (1935) a respeito da posição depressiva.

4º- As concepções sobre o ego e sua relação com a posição esquizo-paranoide apresentadas a partir de *Notas sobre alguns mecanismos esquizóides* (1946).

5º- As últimas elaborações sobre o ego executadas a partir de *Inveja e gratidão* (1957).

O que se visa com essa reconstituição histórica é a possibilidade de se entender como Freud e Klein, cada um a seu modo, construíram suas concepções sobre o ego, buscando captar em que pontos as suas propostas se aproximam ou, ao contrário, apresentam desenvolvimentos divergentes.

JUSTIFICATIVA

O conceito de ego sempre esteve presente nas produções de Freud e de Klein e, da mesma maneira, em ambos, a preocupação constante em compreender essa estrutura. Não obstante, a relevância desse conceito não repousa apenas na sua

distribuição temporal, porque existe uma permanente articulação entre o ego e as demais elaborações metapsicológicas. Além disso, as diferentes noções sobre o ego também impactaram as possibilidades de compreensão e ação sobre os fenômenos clínicos.

Nas duas teorias psicanalíticas objeto de nossa análise, o conceito de ego possuiu diferentes significações ao longo do tempo, com linhas de desenvolvimentos diversas e com variadas implicações metapsicológicas. Esse contexto complexo, no entanto, nem sempre pôde ser acessado de maneira imediata e uma pesquisa histórico-conceitual pode contribuir para uma apropriação mais refinada sobre o que consiste o ego. Essa precisão conceitual, no nosso ponto de vista, é fundamental para uma apreensão mais rigorosa da teoria psicanalítica.

Assim, a justificativa deste trabalho não repousa apenas no rastreamento de algumas ideias em Freud e Klein, apesar de que isso é uma parte constitutiva desta pesquisa. Essa ação só encontra o seu valor à medida que possa contribuir para o avanço do debate analítico e isso parece ser garantido pelo fato de que “os progressos em psicanálise ocorrem não somente através de novas descobertas empíricas, mas também por meio da clarificação de seu sistema conceitual existente e também pela criação ocasional de novos conceitos” (DREHER, 2005, p.1).

Diante de certa flutuação de alguns termos utilizados ao longo da tese, é necessária uma pequena nota de esclarecimento. Atualmente, contamos com várias traduções da obra freudiana e optamos por utilizar, quando possível, a versão publicada pela Companhia das Letras, traduzida por Paulo César de Souza. Essa escolha foi adotada por se tratar de um material traduzido diretamente do alemão, além de tornar possível acompanhar por que razão determinadas nomenclaturas foram utilizadas em detrimento de outras, conforme exposto no livro *As palavras de Freud* (2010), escrito pelo tradutor. Todavia, nem todas as obras de Freud estão, atualmente, disponíveis, o que nos levou, nesses casos específicos, a utilizar a *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, da editora Imago.

Ademais, no decorrer do texto, fizemos algumas escolhas terminológicas que acreditamos serem mais rigorosas e mais próximas do campo psicanalítico que nos serve de referência. Esse tipo de opção é analisada por Souza (2010):

Os leitores e psicanalistas que empregam termos diferentes, conforme suas diferentes abordagens e percepções de psicanálise, devem sentir-se à vontade para conservar suas opções. Ao ler essas traduções, apenas precisarão fazer o pequeno esforço de substituir mentalmente “instinto” por “pulsão”, “instintual” por “pulsional”, “repressão” por “recalque”, ou “Eu” por “ego”. No entanto, essas palavras são poucas, em número bem menor do que geralmente se acredita (p.12)

Dessa maneira, manteremos a nomenclatura “*id*, ego e superego” para descrever os componentes do aparelho psíquico, exceto nas citações literais, quando autores optam por utilizar os termos “isso, eu e supereu”. Com isso, visamos uma maior uniformidade entre os capítulos, vez que a escola kleiniana adota a nomenclatura latina. Também iremos utilizar recalque ao invés de repressão, pulsão ao invés de instinto e angústia ao invés de ansiedade.

Capítulo 1

O desenvolvimento do conceito de ego em Freud

1.1 A dimensão neurológica do ego

O *Projeto para uma psicologia científica* (1895) pertence a um grupo de textos que alguns autores, dentre eles Strachey, denominaram de pré-psicanalíticos. Essa opção se deve ao entendimento de que a psicanálise, efetivamente, só teve início a partir de 1900, com a publicação da *Interpretação dos sonhos*, e de que os textos anteriores ainda estariam excessivamente ligados a um pensamento biológico. Essa divisão da obra freudiana, embora possua caráter didático, não é isenta de conflitos. Afinal, uma pergunta sempre estará presente: até que ponto esses primeiros textos estão efetivamente distantes das hipóteses e conclusões a que Freud chega em momentos posteriores de seus escritos?

A hesitação diante desse texto também é sublinhada por Gay (2010), que propõe que o *Projeto...*

não constitui propriamente um esboço da teoria psicanalítica, mas as ideias de Freud sobre as pulsões, a repressão e a defesa, a economia mental com suas forças energéticas em conflito, o animal humano como animal desejante, todas elas estão aí prefiguradas (p.88)

Não é sem razão, portanto, que é possível localizar duas reações principais a esse texto. Por um lado, temos os autores que defendem a tese de que esse escrito, embora nunca publicado por Freud, se presentifica em textos posteriores, como *Além do princípio do prazer* (1920) e *O ego e o id* (1923). Nessa direção, Hanns (1999), por exemplo, ao refletir sobre o papel do *Projeto...* na obra freudiana, propõe que “Freud, ao longo de toda sua obra, manteve um modelo energético-econômico onde permanece o pressuposto de que há uma inter-relação entre o que ocorre no sistema nervoso e a percepção psíquica” (p.38).

Por outro lado, também há aqueles que concebem tal escrito como ligado a um grupo de obras que foram superadas ao longo do pensamento freudiano. Garcia-Roza (1984), na obra *Freud e o inconsciente*, propõe a existência de uma fratura epistemológica: antes de 1900, os textos seriam ainda pré-psicanalíticos e Freud estaria apoiado em uma matriz neurológica, fisicalista e quase que exclusivamente

mecanicista. Analisando a passagem entre o *Projeto...* e a *Interpretação dos sonhos*, dispõe que, apesar de existir uma ligação entre as duas obras, é inegável que, após 1900, “a problemática freudiana sofre um giro que propriamente instaura o discurso psicanalítico” (p.60). A natureza dessa alteração residiria na passagem da biologia para a hermenêutica, ou seja, “a explicação neurológica cede lugar a uma decifração do sentido” (p.60).

Posteriormente, Garcia-Roza (2001) revê essa sua posição e chega a afirmar que a adjetivação “pré-psicanalítica” só é cabível se considerarmos que, em textos como *O Projeto...*, estão ausentes os conceitos fundamentais da psicanálise, embora isso não consista no único entendimento possível. *O Projeto...* não seria simplesmente o último suspiro do neurologista Freud, mas o primeiro passo da teoria psicanalítica. Representaria uma primeira tentativa de Freud de construir um *aparelho da alma*, recurso explicativo que seria central para a elaboração das tópicas.

Justamente por ter transitado entre essas duas compreensões acerca do projeto, Garcia-Roza (2001) é capaz de fornecer uma descrição que sintetiza bem o cenário que estamos analisando. O autor afirma que:

Para os continuístas, a psicanálise começa com o *Projeto* – sendo que, para alguns, ela começa e termina – para os descontinuístas, o *Projeto* não é o ponto de partida da psicanálise, mas a última e desesperada tentativa de Freud de falar uma linguagem neurológica ou física. *O Projeto* assinalaria, dessa maneira, não o início de um novo saber, mas o último suspiro de um saber já existente (p.43).

É evidente, para qualquer leitor do *Projeto*, que a linguagem adotada por Freud nesse texto difere do tom que marca a maioria dos seus outros textos. A neurologia, a fisiologia e a física são os seus campos de referência preferenciais e tal condição fica clara já no primeiro parágrafo da obra, quando afirma o seu objetivo:

Fornecer uma psicologia científica e naturalista, ou seja, expor os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partes materiais capazes de serem especificadas e, com isso, torná-los intuitivos e livres de contradição (FREUD, 1895/ 2003, p.175)

Todavia, também é evidente que, apesar da linguagem empregada, Freud buscava resolver problemas ligados à descrição psicológica geral e à psicopatologia, tanto que a segunda parte do *Projeto...* é inteiramente dedicada à investigação da

histeria. Portanto, independentemente da posição que possamos adotar, seja ela continuísta ou descontinuísta, não estamos diante de uma obra simplesmente biológica. Além disso, já nesse momento, existe uma teorização sobre o ego que irá se articular de maneira tensa, ora afirmativa, ora negativa, com os textos posteriores.

De início, cabe notar que toda atividade nervosa é governada pelo princípio da inércia, que propõe que toda estimulação externa que adentra o aparelho, doravante denominada Q , não deve provocar uma elevação energética no seu interior. Como a fonte de estimulação externa não cessa, iniciam-se as ações que visam a promover a descarga energética para manter o nível constante e isso é feito pelo emprego de $Q\eta'$. Esse modelo segue a mesma estrutura do movimento de arco – reflexo.

Além da fonte externa, existem no organismo outros processos de excitação. Fatores como fome, sexualidade, excreção também elevam o nível energético e a única maneira de resolvê-los é através de uma *ação específica*. Para atender à fome, por exemplo, o indivíduo precisa agir sobre o mundo, o que demanda um gasto energético, ou seja, uma $Q\eta'$. Isso só é possível porque certa cota energética foi guardada anteriormente. O que esse quadro revela é que o princípio da inércia, embora seja uma referência para o modo de funcionamento do aparelho, nunca é totalmente atendido - o armazenamento implica, necessariamente, uma elevação do nível energético.

Avançando na descrição do modo de funcionamento do aparelho, Freud também propõe que a circulação ou represamento de $Q\eta$ não ocorre sempre da mesma maneira. Essa diferença estaria relacionada a classes neuronais distintas, que possuiriam um grau de permeabilidade variável, o que significa que seria possível identificar neurônios que "deixam passar $Q\eta'$ como se não tivessem barreiras de contato e que, portanto, após o curso excitativo, estão [estariam] no mesmo estado que antes" (FREUD, 1895/2003, p. 179). Da mesma sorte, seria possível identificar aqueles que "só deixam passar $Q\eta'$ com dificuldade, ou só parcialmente" (p.179).

O primeiro grupo é denominado de ϕ e se associa à possibilidade de percepção. A realidade é uma fonte permanente de estimulação e, por esse fator, tornam-se necessárias estruturas que possam captar, ininterruptamente, as informações que chegam aos sujeitos. É por isso que essa classe neuronal é marcada pela quase total permeabilidade. Faz parte do argumento desenvolvido que, caso um neurônio retenha ou dificulte a passagem de $Q\eta'$, ele ficaria impossibilitado de receber mais estimulação. Os neurônios ϕ estariam em contato com o mundo exterior, porém não receberiam

diretamente todos os seus estímulos, uma vez que, nas suas terminações, existiriam estruturas que funcionariam como proteção, amortecendo as intensidades energéticas que incidem sobre o sujeito.

É curioso notar, diante dessas afirmações, como alguns argumentos construídos em 1895 continuaram presentes na obra freudiana por muito tempo. Depois de mais de 20 anos, é possível reconhecer pontos em comum entre esses "aparelhos de terminação nervosa" (FREUD, 1895/2003, p.185) e a postulação presente em *Além do princípio do prazer* (1920) de que seria impossível para qualquer organismo suportar indefinidamente a invasão de estímulos provindos da realidade externa, o que exigiria a criação de anteparos para a sua proteção.

Retornando ao *Projeto...*, é possível também assinalar uma segunda classe neuronal que, em contraste com o primeiro tipo, não permitiria a circulação livre de energias $Q\eta'$. Essa impermeabilidade, propiciada pela ação das barreiras de contato, faria com que os estímulos que atingissem tais neurônios ficassem retidos. Tais estruturas, denominadas neurônios ψ , seriam os "portadores da memória e assim, provavelmente, dos processos psíquicos em geral" (FREUD, 1895/2003, p.179).

Essas duas classes neuronais auxiliaram Freud a circunscrever duas características básicas do modelo em relação aos estímulos recebidos: "reter e, no entanto, permanecer receptivo" (1895/2003, p.181). Tais processos dizem respeito a aspectos quantitativos, ou seja, intensidades variáveis de $Q\eta'$ circulando no sistema neuronal. Porém, de maneira simultânea, também se observa que tal aparelho é capaz de estabelecer interpretações e construir significados sobre os fenômenos que se desenrolam e que esse processo é fundamentalmente diferente dos anteriores. Isso significa apontar que, por um lado, existe a dimensão fisiológica da percepção e da memória, mas, por outro, se notaria a atribuição de qualidades para tais fatores, ou seja, a compreensão consciente sobre o que se desenrola. Não é sem razão, portanto, que Freud define a consciência como "o lado subjetivo de uma parte dos processos físicos no sistema nervoso" (1895/2003, p.190).

Esses aspectos qualitativos, que também podem ser chamados de sensações conscientes, não estariam relacionados nem com os neurônios ψ nem com os ϕ . Na verdade, existiria uma terceira classe de neurônios responsável por tal quadro, denominada ω . E o fato de tais neurônios serem responsáveis pela dimensão qualitativa da experiência humana não seria o único ponto que os diferenciaria dos

demais. Como se viu, os neurônios ϕ e ψ se distinguem pelos diferentes graus de facilidade de circulação de $Q\eta'$; mas o caso dos neurônios ω se passa de outra maneira, pois eles seriam “incapazes de receber $Q\eta'$ e, em compensação, apropria[ria]m-se do *período de* excitação [dos demais neurônios]” (FREUD, 1895/2003, p.189). A consciência sobre a memória ou a percepção ocorreria, portanto, porque os neurônios ω *perceberiam*³ as oscilações do trânsito de $Q\eta'$.

Temos assim três classes distintas de neurônios: ϕ , responsáveis pela percepção; ψ , responsáveis pela memória; e ω , responsáveis pela consciência. Essas classes neuronais formam um aparelho que funciona levando em conta o princípio da inércia. Todavia, vale assinalar que existem alguns fenômenos que alteram esse equilíbrio, como, por exemplo, a dor e a experiência de satisfação. De acordo com Freud, no primeiro caso, os neurônios ϕ seriam invadidos por uma grande quantidade de $Q\eta'$, ultrapassariam consideravelmente as barreiras de contato de ψ e isso seria percebido pelos neurônios ω como um evento desprazeroso. Essa condição seria acompanhada da criação de uma imagem mnêmica da situação dolorosa. Além da dor, um segundo grupo de experiências importantes seriam as vivências de satisfação. A descrição presente no *Projeto...* propõe que, diante de um estado de privação, ocorre um aumento de grandes cotas de $Q\eta'$ nos neurônios ψ , que seriam recebidas endogenamente. Tal cenário exigiria uma descarga obtida pela conquista do objeto desejado e, também nessa situação, surgiria uma imagem associada à satisfação.

Tanto no caso da dor quanto no da experiência de satisfação, a existência de imagens associadas a cenas provoca consequências no aparelho neuronal. De maneira geral, podemos afirmar que, no estado desiderativo, existe uma atração pela imagem recordativa, ao passo que, na vivência dolorosa, o que impera é uma aversão à imagem, que deve, a todo custo, desaparecer ou se manter o mais longe possível. Diante disso, é possível indagar qual seria o elemento que garantiria esses movimentos de atração e repulsa. Segue-se a resposta oferecida por Freud:

³ Desde 1895, Freud sublinha a proximidade da consciência com a percepção. Essa relação retornará nos escritos de 1900, no livro *A interpretação dos sonhos*, e culminará com a efetiva sobreposição desses dois elementos anunciada sob a fórmula $Pcpt=Cs$.

Mas, efetivamente, com a suposição da “atração desiderativa” e da inclinação para a *repressão* já nos referimos a um estado de ψ que ainda não foi discutido; pois os dois processos indicam a formação em ψ de uma organização, cuja existência perturba cursos [quantitativos] que foram executados, na primeira vez, de uma forma determinada [ou seja, acompanhados de satisfação ou de dor]. Esta organização chama-se o “eu” (FREUD, 1895/2003, p. 200).

É importante assinalar que, nesse momento da teoria freudiana, o ego estava ligado aos mecanismos da memória, fosse tentando recuperar mnemicamente as experiências de satisfação, fosse tentando afastar as lembranças de eventos dolorosos via recalque. Justamente por estar em ψ , devemos estar atentos para não

confundir o eu com a consciência. Esta é representada pelos neurônios ω e limita-se a duas séries: a série qualitativa e a série correspondente às sensações de prazer e desprazer. O eu, por outro lado, é um sistema em ψ de tamanho variável e de ocupação constante (GABBI, 2003, p.122)

Essa associação tão íntima entre o ego e a memória é uma marca específica do *Projeto...* Nas obras posteriores, as teorizações sobre essa relação sofrerão grandes alterações.

A possibilidade de alterar a distribuição quantitativa em ψ , isto é, regular a intensidade com que as memórias de prazer e desprazer emergem, possui ainda outro importante desdobramento. Inicialmente, a mera presença de uma imagem mnemônica estabelece um problema, pois ψ é incapaz de diferenciar o que é sensorialmente captado na realidade do que é uma mera lembrança, o que acaba por exigir o estabelecimento paulatino de critérios para diferenciar percepção e ideia.

É de grande importância essa diferenciação - afinal, caso ela não se estabeleça, a lembrança de uma dor será tão devastadora para o sistema neuronal quanto uma vivência real de dor. Da mesma maneira, a atração desiderativa acabaria por provocar uma alucinação de satisfação, o que seria biologicamente desvantajoso caso fosse mantida indefinidamente. Para que isso não ocorra, são necessárias duas ações complementares. A primeira consiste em uma interpretação qualitativa de ω sobre as informações perceptivas, uma vez que ela forneceria um “*signo de realidade*” (FREUD, 1895/2003, p.203). Paralelamente, também caberia ao ego alterar o fluxo de $Q\eta'$ no sistema, de maneira a deixá-lo em um nível especialmente baixo, impedindo que ele atinja os neurônios ω . Dessa maneira, é possível afirmar que “é a

inibição do eu que possibilita um critério de diferenciação entre percepção e recordação” (FREUD, 1895/2003, p.203).

Assim, nesse ponto, já se observa o início de algumas teorizações que se manterão nos escritos metapsicológicos ulteriores. Ao diferenciar essas duas classes de fenômenos, estaríamos diante de processos primários e secundários. Freud diz que

Designamos como processos psíquicos primários a ocupação desiderativa até a alucinação, o total desenvolvimento de desprazer trazendo consigo o gasto total de defesa; por outro lado, designamos como processos psíquicos secundários todos os outros processos que só são possibilitados por uma boa ocupação do eu [...] A condição dos últimos está, como se vê, em um uso correto dos signos de realidade, só possível no caso de inibição do eu (1895/2003, p.204).

Esse conjunto de formulações permite afirmar que o ego possui a função primordial de defender-se “de uma possível consciência de representações conflitivas e intoleráveis que poderiam provocar o aumento da excitação no interior do sistema, sendo vivenciada uma experiência de desprazer” (BONFIM, 2008, p.33). É essa compreensão que possibilita a Freud estabelecer uma teoria sobre as defesas patológicas, que seriam fenômenos presentes nas manifestações neuróticas.

Na histeria, por exemplo, o que seria patologicamente destacável nos mecanismos defensivos seria o fato de um determinado evento desprazeroso, produtor de uma imagem mnêmica, ser submetido a um recalque, embora, após essa operação, se possa notar uma *formação de símbolos* que deslocará o desprazer da cena original para outra situação. É por isso que Freud estabelece que, nessas situações, “o processo patológico é um processo de deslocamento” (1895/2003, p. 240).

No entanto, para que isso ocorra, algumas condições devem ser observadas. Freud descreve dois elementos básicos que se devem estabelecer: primeiro, o “recalcamento é invariavelmente aplicado a ideias que despertam no ego um afeto penoso (de desprazer) e, segundo, a ideia é proveniente da vida sexual” (p.241). É curioso notar que, já nesse momento, compreendia-se que a sexualidade participa da etiologia da neurose, argumento que se manterá em todas as ulteriores elaborações psicanalíticas.

É claro que a sexualidade é uma dimensão largamente presente na vida das pessoas, o que torna necessário esclarecer por que, em determinadas condições, isso

pode encetar processos patológicos. A explicação freudiana desse momento apresentava que a histeria e a neurose obsessiva emergiam de uma dinâmica que contava com dois tempos. O primeiro seria uma vivência sexual em etapas precoces, que, apesar de despertar desprazer, não era seguida de uma manifestação patológica. O segundo ocorreria após a puberdade, quando a sexualidade não se encontrava mais imatura e se notaria uma reinterpretação do evento originário, o que seria seguido de intensas somas de excitação. Para se defender da imagem mnemônica evocada do evento originário, que agora mobilizaria uma quantidade ainda maior de desprazer, o ego recrudesceria o recalque ao mesmo tempo em que o deslocaria para outro evento sem relação necessária com o original.

A compreensão de que as instituições do ego articulam elementos, como defesa, passagens dos processos primários para os secundários, teste de realidade, são exemplos de como algumas conclusões do *Projeto...* se mantiveram nas obras posteriores. Tais características estarão presentes mesmo nos últimos escritos de Freud. No entanto, há também outras características que não irão se manter e a leitura que Monzani faz é elucidativa desse sentido. Para ele, o ego é

uma massa organizada de neurônios (ou, se preferir uma linguagem mais psicológica, de representações) com boas facilitações entre si, constantemente investida, formando uma espécie de campo imantado que tem a possibilidade de atrair energia para si, de desviar, portanto, o curso desta quando estiver se dando de forma livre e puder terminar na liberação de desprazer. Essa função inibidora do ego é que faz com que ele seja essencialmente, no Projeto..., um sistema de defesa contra a liberação do desprazer. O ego aqui é, nitidamente, uma instância que não se confunde nem com a pessoa nem com o aparelho psíquico e não tem nenhuma relação especial com a consciência. Ele é essencialmente um agente executivo de produzir certos efeitos no fluxo e na distribuição de energia (MONZANI, 1988 p.242)

Alguns dados dessa citação devem ser ressaltados, dado que, nos escritos freudianos posteriores, o ego não será mais compreendido como um sistema neuronal e tampouco será alheio à consciência. Também, diferentemente do que ocorre no *Projeto...*, o ego será um dos pilares fundamentais do aparelho psíquico, principalmente após a segunda tópica. No entanto, a sua dimensão defensiva, sua relação específica com a realidade e a sua função inibidora irão se manter, ainda que enriquecidas por outros avanços teóricos.

1.2 O ego na *Interpretação dos sonhos*

Nos últimos anos do século XIX, Freud começou a escrever a obra que o inseriu de maneira definitiva na história do pensamento ocidental. Tido por muitos, inclusive pelo próprio autor, como sua *Magnum opus*, a *Interpretação dos sonhos* tentou analisar o universo onírico. Esse projeto era dotado de dificuldades especiais, vez que o objeto em discussão, tradicionalmente, era tema de interpretações religiosas, folclóricas, supersticiosas, que se distanciavam muito de uma apreensão objetiva do fenômeno. Apesar desse obstáculo, que, inclusive, obrigou a escrita de um extenso capítulo inicial que analisa as principais produções sobre os sonhos existentes até então, Freud se manteve firme na persecução de seu objetivo. O resultado do trabalho foi a elaboração de um livro que não apenas aborda os sonhos, mas permite a explicitação sobre o que é o inconsciente, a fundação da primeira tópica do aparelho psíquico e a consolidação da psicanálise. Não é sem razão, portanto, que Freud afirma que essa é sua descoberta mais importante e que uma intuição dessa natureza só acontece uma vez na vida.

A *Traumdeutung* busca fornecer uma compreensão objetiva sobre os sonhos. É executado um mergulho profundo nos fatores que animam a vida humana, buscando extrair alguma ordem daquilo que se apresenta como obscuro e caótico. Essa obra é um esforço notável de apreensão racional daquilo que, na sua aparência, se mostra como pura irracionalidade.

Uma pergunta que costura todo o escrito é a indagação sobre o que é o sonho. A resposta oferecida por Freud, já no segundo capítulo, é que “o sonho é a realização de um desejo” (FREUD, 1900/1996, p. 155). Mezan (1998) propõe que essa asserção seja o eixo fundamental da obra porque, na verdade, ela “faz mais do que elucidar os enigmas do sonho: lança as bases de toda a armação conceitual da psicanálise” (p.16). Podemos entender a extensão de tal afirmação quando notamos que essa tese freudiana é continuamente confrontada com uma miríade de dados clínicos, o que possibilita que se aglutinem, paulatinamente, novas conclusões. Existe um movimento progressivo do desenvolvimento do pensamento freudiano, que, para Monzani (1988), poderia ser metaforizado por uma espiral, e esse estilo de argumentação não estaria presente apenas na *Interpretação dos sonhos*, mas em todo o conjunto da obra freudiana.

Assim, ao longo dos capítulos posteriores, podemos observar que Freud acrescenta à tese inicial o fato de que “o sonho é uma realização (disfarçada) de um desejo (suprimido ou recalcado)” (1900/1996, p.193). E a impossibilidade de expressão direta do desejo estaria ligada ao seu caráter inadmissível para a consciência, vez que ele seria determinado por um desejo infantil de cunho sexual. É preciso reconhecer que “Freud nunca hesitou em afirmar que, na base de todos os sonhos, existe um desejo infantil e, ao mesmo tempo, aquilo que a sociedade respeitável provavelmente chamaria de indecente” (GAY, 2010 p.121). Em regra, é impossível captarmos diretamente esse fator, porque existe um trabalho psíquico que modifica a maneira como percebemos conscientemente os sonhos, garantido pelos processos de condensação e deslocamento.

Esse cenário explicita que, na formação dos sonhos, existe um conflito psíquico. Afinal, estaríamos diante de forças que buscam expressão, desejos recalçados que não podem ser diretamente reconhecidos. Para tentar compreender melhor esse quadro, Freud propõe a existência de um aparelho psíquico, permitindo não apenas uma melhor visão sobre os processos oníricos, mas também um entendimento mais profundo de como se organizam os processos mentais de maneira global.

O anúncio de uma nova teorização sobre a maneira como os processos psíquicos se organizam já marca, desde o início, diferenças importantes com algumas das ideias contidas no *Projeto...*, especialmente quando Freud anuncia que desprezará

por completo o fato de que o aparelho anímico em que aqui estamos interessados é-nos também conhecido sob a forma de uma preparação anatômica, e evitarei cuidadosamente a tentação de determinar essa localização psíquica como se fosse anatômica (p.567)

O que estará em jogo a partir desse momento é a tentativa de compreender como os conteúdos se organizam e mudam a sua forma de manifestação nos diversos estratos mentais.

Tais instâncias se ordenariam de tal forma que os estímulos recebidos percorreriam o aparelho prioritariamente em um caminho que, para Freud, seria segundo o modelo reflexo. Isso significa que o aparelho “tem um sentido ou direção. Toda a nossa atividade psíquica parte de estímulos (internos ou externos) e termina em inervações. Por conseguinte, atribuiremos ao aparelho uma extremidade sensorial

e uma motora” (FREUD, 1900/1996, p.568). É proposta uma representação gráfica inicial a respeito desse quadro, que irá se complexificar à medida que se apresentam novas hipóteses:

Figura 1 – Aparelho psíquico

Fonte: Freud, 1900/1996, p. 568

Avançando na descrição, é possível perceber que alguns dos estímulos captados são retidos sob a forma de traços mnêmicos e comporiam aquilo que conhecemos como memória. É nesse momento que uma primeira diferenciação entre os sistemas é elaborada, pois

há dificuldades óbvias em se supor que em um mesmo sistema possa reter fielmente as modificações de seus elementos e, apesar disso, permanecer perpetuamente aberto à recepção de novas oportunidades de modificação (FREUD, 1900/1996, p.568).

Nesse ponto, algumas das conclusões obtidas no *Projeto...* continuam presentes no pensamento freudiano, pelo menos no argumento utilizado para a diferenciação entre neurônios ϕ e ψ .

A possibilidade de receber os estímulos é usada como critério para a delimitação de um sistema perceptivo, doravante denominado *Pcpt*, no interior do aparelho. Seria tal sistema que supriria a consciência, sistema *Cs*, de seus conteúdos e tal relação seria tão estreita que seria possível afirmarmos que ambos os elementos se sobrepõem, ou seja, que “*Pcpt = Cs*” (FREUD, 1900/1996, p.571).

Daí que, pelas premissas anteriores, pode-se concluir que “a memória e a qualidade que caracteriza a consciência são mutuamente exclusivas” (FREUD, 1900/1996, p.570) – o que significa, por consequência, que toda memória é necessariamente inconsciente, pelo menos no nível descritivo. Contudo, se nos voltarmos para a maneira como os processos mentais se desenrolam, ou seja, adotarmos um ponto de vista dinâmico, podemos diferenciar duas classes de memórias fundamentalmente diferentes. Em primeiro lugar, existiriam elementos

mnêmicos que adentrariam a consciência facilmente, bastando apenas que ocorra um direcionamento voluntário de catexia; em segundo, também existiriam aqueles que não podem ser intencionalmente recuperados, ou seja, que estão submetidos a um processo de censura.

Essa diferenciação é importante por permitir a delimitação de duas instâncias. No primeiro caso, estaríamos diante do pré-consciente, que seria também caracterizado pelo controle do movimento voluntário e governado pelos processos secundários. Seria característica desse sistema a inexistência da censura, elemento marco diferenciador em relação ao outro sistema, o inconsciente. Esse último sistema é o que contém os elementos recalcados impedidos de serem reconhecidos de maneira imediata, mas que, no entanto, continuam a provocar um trabalho psíquico. Na verdade, Freud afirmava que o inconsciente possuía uma centralidade na determinação da vida das pessoas e que, embora não pudesse ser diretamente reconhecido, guiava não apenas o mundo onírico, mas também a vida em vigília.

A organização progressiva desse quadro permitiu a Freud que um modelo de aparelho fosse construído, integrando os vários elementos por ele abordados. Na sessão B do capítulo VII da *Interpretação dos sonhos*, é apresentado o modelo que se manterá durante toda a primeira tópica:

Figura 2 – Aparelho psíquico

Fonte: Freud, 1900/1996, p. 568

Analisando o aparelho proposto, ressalta-se o seu caráter eminentemente metafórico (MONZANI, 1988). Não se trata mais, conforme era no *Projeto...*, de uma representação da maneira como os neurônios se organizam, mas de sublinhar a existência de processos psíquicos que se desenrolam seguindo uma determinada ordem de sistemas, que, por sua vez, possuem modos próprios de funcionamento.

A adoção dessa estratégia explicativa permite que os fenômenos oníricos sejam analisados de maneira mais rigorosa e que as descobertas a respeito dos

sonhos auxiliem na elucidação de diversas outras atividades mentais. Não é sem razão, portanto, que, após a construção desse aparelho, Freud afirme que

Só foi possível explicar a formação dos sonhos arriscando a hipótese de existirem duas instâncias psíquicas, uma das quais submeteria a atividade da outra a uma crítica que envolveria sua exclusão da consciência. A instância crítica, concluímos, tem uma relação mais estreita com a consciência do que a instância criticada, situando-se como uma tela entre esta última e a consciência. Ademais, encontramos razões para identificar a instância crítica com a instância que dirige a nossa vida de vigília e determina nossas ações voluntárias e conscientes (1900/1996, p.571).

Assim, o conflito psíquico, que atuaria, por exemplo, na impossibilidade de reconhecimento imediato dos elementos recalcados que buscam expressão nos sonhos, pode agora ser explicado por um embate entre o inconsciente e os sistemas pré-consciente e consciente. É nesse momento que podemos ver como o ego aparece nessa obra freudiana, pois uma descrição mais acurada elucida que

O mecanismo de formação dos sonhos seria muito esclarecido, em geral, se em, em vez da oposição entre “consciente” e “inconsciente”, falássemos na oposição entre “ego” e “recalcado” (FREUD, 1900/1996, p.587)

O papel conferido ao ego fica, então, evidente: ele seria um dos polos do conflito psíquico que recobriria os sistemas pré-consciente e consciente, possuindo as mesmas características que estes. No entanto, esse ponto chama bastante atenção, porque, apesar de sua importância, não apresenta uma teorização robusta a respeito da gênese do ego e do seu modo de funcionamento. São bem escassas as reflexões metapsicológicas sobre essa instância e a maioria das informações que podem ser extraídas dessa reflexão deve-se às teorizações sobre o pré-consciente e o consciente.

Em parte, podemos entender essa configuração quando nos atentamos que o objetivo de Freud era destacar facetas do psiquismo não devidamente valorizadas até então pela tradição filosófico-científica. O esforço era, primordialmente, sublinhar o caráter determinante do inconsciente ou, se preferirmos, do recalcado para a vida anímica. Monzani (1988), pensando esse cenário, propõe que existe

Uma tendência geral a identificar esse conceito [o ego] com o sistema pré-consciente e consciente. A razão desse fato talvez esteja em que, em *A interpretação dos sonhos*, Freud está muito mais preocupado em delimitar, circunscrever e estabelecer as leis e regras que regulam esse espaço

absolutamente original que tinha sido o resultado de suas descobertas clínicas – o inconsciente – do que propriamente caracterizar o seu pólo oposto – o domínio dos processos secundários ou da instância de defesa (p.243)

Esses primeiros anos da teoria psicanalítica podem ser considerados como um “tempo fraco” quanto às teorizações sobre o ego. Embora se pré-figure desde os primeiros textos, ainda demorará alguns anos para que o ego se revista de importância, o que só ocorrerá, de maneira definitiva, a partir da consolidação do conceito de narcisismo, que começará a ser discutido apenas em 1910. Bonfim (2008) propõe que, inclusive, “a partir de 1900, ao conceito de ego não mais serão relacionadas maiores considerações nas discussões metapsicológicas, não intervindo diretamente nas considerações tópicas, dinâmicas e econômicas dos fenômenos psíquicos” (p.36). Embora possamos compreender tal afirmação, é necessário abordar uma pequena discussão freudiana acerca das pulsões antes de entrarmos nas modificações impostas pelo narcisismo.

1.2.2 Pulsões sexuais e pulsões do ego

A primeira exposição sistemática sobre a pulsão ocorre nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). Originalmente, Freud utiliza esse conceito para tentar compreender as manifestações sexuais, iniciando seu estudo pela análise do universo infantil e dos fenômenos perversos. Já nesse momento, a pulsão é definida como um elemento entre o somático e psíquico. Nas suas palavras, a pulsão “é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico” (FREUD, 1905/1996, p.159). Essa descrição é importante, porque sintetiza o campo de articulação que será objeto de estudo ao longo de sua obra, desde que “é da posição de uma psique que se situa entre a biologia e a cultura que Freud sempre irá tratar” (HANNS, 1999, p.49)

Em sentido geral, pulsão pode ser compreendida, inicialmente, como uma “uma estimulação que flui continuamente” (FREUD, 1905/1996, p.159); ademais, age a partir do interior do sujeito, exigindo que certo trabalho seja realizado. Hanns (1999) analisa os vários sentidos que *trieb* pode assumir em alemão e aponta que, em todos eles, sempre se nota a ideia de uma força que impele, de um imperativo que clama por ser atendido. Laplanche e Pontalis (1994) recuperam esse campo semântico e

propõem que, na psicanálise, a pulsão pode ser considerada como um “fator propulsor do aparelho psíquico” (p.395).

A definição freudiana de 1905 esclarece que esse elemento não é um fator indivisível. Na verdade, seria possível localizar alguns de seus componentes básicos. Primeiro, existiria a fonte, que sempre provém do corpo. Trata-se de um “processo excitatório num órgão” (FREUD, 1905/1996, p.159). Depois, a excitação exige ser descarregada, o que permite inferir que ela possui um objetivo que pode ser definido como a necessidade “de supressão desse estímulo orgânico” (p.159). Isso é feito através do encontro do objeto, que é o terceiro elemento da pulsão e que possui a característica de ser o fator mais mutável. Uma das grandes contribuições dos *Três ensaios...* é justamente expor que não existe uma ligação fixa entre a pulsão e o objeto ao ponto de ser possível considerarmos que ela é capaz de se satisfazer praticamente de qualquer modo. Em 1915, no texto *Os instintos e suas vicissitudes*, é acrescentado um quarto componente: pressão ou impulso, que pode ser definido como “a soma de força ou a medida de trabalho” (p.42) exigidos pela pulsão.

Nota-se a importância desse conceito porquanto ele será uma das vias para explicar o conflito psíquico. De um lado, as exigências postas pela pulsão sexual; de outro, Freud irá, constantemente, pensar em um fator de oposição, um elemento contrassexual. Na elaboração de 1905, afirma: “entre as forças que restringem a orientação da pulsão sexual destacamos a vergonha, o asco, a compaixão e as construções sociais da moral e da autoridade” (FREUD, 1905/1996, p.218). Desde o início, portanto, a teoria de Freud sublinha um embate entre as forças sexuais e os limites da civilização.

Segundo Hanns (1996),

Do ponto de vista metodológico, o que move Freud é explicar a raiz do conflito psíquico, isto é, do conflito pulsional. É este que ele pretende encontrar na forma mais irreduzível, expresso pelo combate de dois princípios ou duas pulsões básicas (p.39).

No entanto, apesar de o conflito ser tematizado desde 1905, ainda demorará alguns anos para ser proposto um segundo tipo de pulsão, que poderá atuar como elementopositor ao fator sexual.

Em 1910, Freud estabeleceu uma teoria pulsional que abarcaria duas manifestações diferentes: as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação ou do

ego. Essa nova proposta estava presente no texto *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão* e manteve-se até a postulação da segunda teoria pulsional apresentada em *Além do princípio do prazer* (1920).

Freud ainda aborda uma manifestação clínica cara aos seus primeiros anos de pesquisa sobre os fenômenos psíquicos, a saber, a cegueira histérica. Retomando um campo de estudo anteriormente ocupado por outros pesquisadores, como Charcot e Janet, propõe que a perda da visão, em certos casos, se deve a um conflito psíquico. Vale notar que essa tese não era necessariamente nova, mas estava pré-figurada desde os primeiros escritos psicanalíticos.

O que é notável são os grupos de ideias diferentes - de um lado, um grupo de inconscientes, cuja característica seria decorrência do fato de que há, de outro lado, outro coletivo de ideias que atua de maneira opositiva, ocasionando o fenômeno do recalque. Esse último grupo pode ser denominado simplesmente “ego”. Assim, nesse momento da obra freudiana, o conceito de ego continua ligado a uma dimensão defensiva, desde que ele é o fator diretamente responsável pelo recalque, além de ser claramente consciente.

E, mesmo que as figuras desse quadro já estivessem mais ou menos pré-figuradas em textos anteriores, para a compreensão dos fenômenos psíquicos ainda emerge a indagação de qual seria a origem da oposição entre o ego e as ideias inconscientes. Na resposta apresentada, nota-se a grande contribuição do texto, pois, pela primeira vez, Freud propõe que “a oposição entre as ideias é apenas uma expressão das lutas entre os vários instintos” (FREUD, 1910b/1996, p.223). Isto é, embora as definições sobre pulsão já estivessem presentes desde *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1996), não havia sido explicitada ainda a ideia de um conflito decorrente de classes distintas de pulsão. Diz Freud:

Do ponto de vista de nossa tentativa de explicação, uma parte extremamente importante é desempenhada pela inegável oposição entre os instintos que favorecem a sexualidade, a consecução da satisfação sexual e os demais instintos que têm por objetivo a auto-preservação do indivíduo - os instintos do ego (FREUD, 1910b/1996, p.223)

Existe aqui uma ampliação sobre as teorias do ego, dado que se começa a propor uma raiz pulsional para os movimentos de oposição à sexualidade. É curioso perceber que tal conflito tem implicações inclusive para a relação entre indivíduo e sociedade, desde que a pulsão sexual negada é a que estaria na base da formação

da civilização. A existência da cultura ocorreria à custa das pulsões sexuais componentes, ou seja, componentes que deveriam ser “suprimidos, restringidos, transformados e dirigidos para objetivos mais elevados, a fim de que se possam estabelecer as construções psíquicas da civilização” (FREUD, 1910b/1996, p.225).

Ocorre que, muitas vezes, as duas classes pulsionais possuem os mesmos órgãos à sua disposição e, quando a sexualização de determinadas parcelas do corpo ultrapassa determinados limites, como, por exemplo, no caso do olho que começa a ter um grande gozo escópico, o ego começa a atuar, fazendo com que parcelas da sexualidade sejam recalçadas. Essa situação pode implicar, inclusive, uma “anulação” do órgão, como é o caso da cegueira histérica. A defesa contra a sexualidade é tão intensa que inicia fenômenos psicopatológicos.

Essa teorização sobre a dimensão conflituosa entre as pulsões do ego e as sexuais se eclipsa após a publicação de *Além do princípio do prazer* (1920). Todavia, ressalte-se que ela não será descartada, retornando, por exemplo, na redefinição da teoria da angústia, operada em 1926, conforme se verá na última parte deste capítulo.

No mesmo ano em que foi publicada *A concepção psicanalítica sobre os distúrbios psicogênicos da visão*, também se inicia a discussão do conceito que modificou radicalmente a compreensão sobre o ego: o narcisismo. Acompanhemos a seguir alguns dos principais momentos de sua história.

1.3 Narcisismo e ego

O desenvolvimento das ideias sobre o narcisismo é um dos tópicos responsáveis pela retomada do conceito de ego na teoria freudiana. Entre 1910, ano de seu surgimento, até a postulação da segunda tópica, 1923, o narcisismo se mostrou uma peça fundamental para a metapsicologia, embora nem sempre tenha tido significado unívoco. Desse modo, acompanhar alguns dos seus principais desdobramentos nos permitirá compreender como as reflexões sobre o ego se revestiram, paulatinamente, de importância para o pensamento freudiano.

Dada a polissemia do conceito, que não necessariamente possui um significado comum nas suas diversas aparições, como já dissemos e já demonstraram Green (1988) e Miguelez (2007), optamos por dividir a análise do narcisismo em dois grandes grupos. O primeiro será composto pelos primeiros textos que o abordam e se concentram entre os anos de 1910 e 1913. Suas discussões podem ser

compreendidas como uma etapa prévia de estruturação de um campo conceitual, vez que as elaborações sobre a psicogenética, psicodinâmica e economia ainda estavam em processo de formação. Justamente por seu caráter pouco desenvolvido, o impacto nas elaborações sobre o ego não foram contundentes nesse período, embora já se possam localizar algumas linhas de pensamento que irão confluir para grandes mudanças futuramente. O segundo grupo de textos aborda algumas obras elaboradas entre 1914 e 1920 e caracteriza-se por já trabalhar com uma ideia altamente complexa de narcisismo, que, por essa razão, também acarretará uma mudança profunda na visão que se tinha sobre o ego.

No que se refere ao primeiro grupo, é perceptível que as reflexões freudianas estavam relacionadas a três grandes campos: a homossexualidade, nesse momento encarada como uma manifestação perversa; os fenômenos psicóticos; e o que Freud chamava de mente dos povos primitivos e das crianças.

1.3.1 As primeiras elaborações sobre o narcisismo

1.3.1.1 Narcisismo e homossexualidade

A referência ao mito de Narciso para descrever condições psicológicas foi utilizada pela primeira vez por Binet na obra *Le fétichisme dans l'amour*, no ano de 1887 (ROUDINESCO; PLON, p.1998). Na década seguinte, o mesmo termo foi utilizado por Havelock Elis (1898) e por Paül Nacke (1899) para descrever algumas manifestações sexuais perversas (LAPLANCHE; PONTALIS, 1994). Na obra freudiana, o uso da palavra *narcisismo* aparece inicialmente na reedição de 1910 da obra *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, originalmente escrita em 1905.

Freud lança mão do termo para explicar algumas características da homossexualidade analisada no contexto do exame freudiano da perversão. Essa estrutura passa a objeto de estudo por permitir o desvelamento de certos componentes da pulsão, em especial, o objeto e o alvo.

As explicações médicas dessa época, influenciadas pelas ideias de Kraft-Ebbing e Havelock Ellis (SOUZA, 2014), tentavam compreender a homossexualidade, nomeada nesse momento como inversão, a partir do ponto da degeneração e do caráter inato. Freud se posicionava criticamente em relação a esse quadro, por perceber uma variedade de exemplos que contrariavam essas posições. Segundo ele,

os invertidos não podiam ser considerados degenerados por dois pontos de fácil constatação: “1) Encontra-se a inversão em pessoas que não exibem nenhum outro desvio grave da norma” (FREUD, 1905/ 1996, p. 131); e “2) Do mesmo modo, encontramos-la [a inversão] em pessoas cuja eficiência não está prejudicada e que inclusive se destacam por um desenvolvimento intelectual e uma cultura ética particularmente elevados” (p. 131).

Também a concepção inata é criticada. Segundo Freud,

Nem a hipótese de que a inversão é inata, nem tampouco a conjectura alternativa de que é adquirida explicam sua natureza. No primeiro caso, é preciso dizer o que há nela de inato, para que não se concorde com a explicação rudimentar de que a pessoa traz consigo, em caráter inato, o vínculo da pulsão sexual com determinado objeto sexual. No outro caso, cabe perguntar se as múltiplas influências acidentais bastariam para explicar a aquisição da inversão, sem necessidade que algo no indivíduo fosse ao encontro delas. A negação deste último fator, segundo nossas colocações anteriores, é inadmissível (p.133)

Assim, Freud investiga os determinantes psíquicos da homossexualidade. Ao descrever como se dava a escolha dos objetos sexuais dos invertidos, ele se depara com a dificuldade de explicar como poderiam os homens homossexuais procurar, em alguns casos, parceiros com atributos tipicamente femininos e, em outros, parceiros cujas características masculinas eram mais destacadas. Uma primeira resposta propunha que seria “o reflexo especular da própria natureza bissexual” (FREUD, 1905/1996, p.137). No entanto, nesse momento de sua elaboração teórica, Freud trabalhava com duas ideias que explicavam o modo pelo qual o homossexual elege seu objeto. Em uma das minutas da Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras, de 1909, propõe que

Os homossexuais se dividem em dois grupos, segundo o objeto sexual primário que eles escolhem; esses dois objetos primários são a mulher (a mãe, etc.) e o próprio sujeito. Uns buscam por toda a sua vida a mulher com pênis, que eles podem encontrar naturalmente no homem; em outros [...], uma identificação se produz concomitantemente à repressão: eles mesmos se tornam femininos, eles se tornam como a mãe. (FREUD, apud FEDERN; NUREMBERG, 1978, p. 338)

Existem dois elementos que merecem ser destacados dessa citação. O primeiro é que essa multiplicidade de caminhos possíveis atesta uma tese freudiana fundamental: a pulsão não conta com um objeto fixo. Nos *Três ensaios...* essa era uma das conclusões mais importantes que resultavam da análise da perversão, ao

ponto de Freud afirmar que “há entre a pulsão sexual e o objeto sexual apenas uma solda [...]. Assim, somos instruídos a afrouxar o vínculo que existe em nosso pensamento entre a pulsão e o objeto ” (FREUD, 1905/1996, p.45). O segundo é que, quando Freud utiliza a ideia de narcisismo, estava tentando descrever as situações nas quais o objeto primário eleito tratava-se do próprio sujeito. É nesse contexto que ele argumenta que:

É verdade que a psicanálise não trouxe até agora um esclarecimento completo da origem da inversão; não obstante, desvendou o mecanismo psíquico de sua formação e enriqueceu substancialmente a colocação dos problemas envolvidos. Em todos os casos investigados constatamos que os futuros invertidos atravessaram, nos primeiros anos de sua infância, uma fase muito intensa, embora muito breve, de fixação na mulher (em geral, a mãe), após cuja [sic] superação identificaram-se com a mulher e tomaram a si mesmos como objeto sexual, ou seja, a partir do narcisismo buscaram homens jovens e parecidos com sua própria pessoa, a quem eles devem amar tal como a mãe os amou (FREUD, 1905/1996, p.137).

Algumas dessas reflexões freudianas se repetirão em outro texto, também de 1910, intitulado *Leonardo Da Vinci e uma lembrança de sua infância*. Novamente, ao tentar compreender as origens psíquicas da homossexualidade, Freud analisa os primeiros conflitos edípicos e começa a adotar como hipóteses que os homossexuais possuíam uma forte ligação com a mãe durante os primeiros anos de vida e que, durante esse período, o pai parecia sempre ocupar um papel secundário ou mesmo ausente. É nesse sentido que ele argumenta:

O amor da criança por sua mãe não pode mais continuar se desenvolver conscientemente - ele sucumbe à repressão. O menino reprime o amor pela mãe; coloca-se em seu lugar, identifica-se com ela, e toma a si próprio como um modelo a quem devem assemelhar-se os novos objetos de seu amor. Desse modo, ele transformou-se num homossexual. O que de fato aconteceu foi um retorno ao auto-erotismo, pois os meninos que ele agora ama à medida que cresce, são, apenas, figuras substitutivas e lembranças de si próprio durante sua infância – meninos que ele ama da maneira que sua mãe o amava quando era ele uma criança. Encontram seus objetos de amor segundo o modelo do *narcisismo*, pois Narciso, segundo a lenda grega, era um jovem que preferia sua própria imagem a qualquer outra, e foi assim transformado na bela flor do mesmo nome (FREUD, 1910a/1996, p.106).

No texto, o narcisismo emerge mais como uma metáfora do que como um conceito propriamente dito, já que as suas dimensões psicogenéticas, psicodinâmicas e tópicas não estão ainda claramente percebidas. Também, em estreita associação com essa constatação, ainda não existe uma clara diferenciação entre narcisismo e

autoerotismo, condição que não se notará nos textos do período entre 1914 e 1923, mas que, aparentemente, retornará ao final da obra freudiana. De outro lado, essa diferenciação será fundamental para o avanço da compreensão acerca do ego, conforme atesta o texto de 1914, *Sobre o narcisismo: uma introdução*.

Ademais, tanto nos *Três ensaios*.. quanto no texto *Leonardo da Vinci*., já se localizam outras indicações que impactarão as compreensões sobre o ego, isto é, já notamos esboçadas, nesse ponto, uma dinâmica entre ser e ter o objeto. É por não poder ter a mãe que o indivíduo acaba por se identificar com ela. Essa será uma temática profundamente analisada nos anos posteriores, em especial nos textos *Luto e melancolia* (1917) e *Psicologia das massas* (1921) e comparecerá como um dos mecanismos centrais para compreender a psicogêneses do ego.

1.3.1.2 Narcisismo e psicose

O segundo campo de desenvolvimento do narcisismo ocorre a partir da publicação das *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (DEMENTIA PARANOIDES)* (1911), também conhecidas como Caso Schreber. Essa obra representa um deslocamento estrutural sobre as discussões do conceito. Se, no primeiro momento, ele estava ligado à perversão, a partir de 1911 também estará associado à psicose, em especial às manifestações paranoicas. Essa será uma etapa necessária para que uma progressiva universalização se estabeleça e passe a ser plausível a hipótese de que o narcisismo está presente em todas as formações psíquicas. Também, a partir desse momento, o narcisismo ultrapassa a dimensão meramente metafórica e se afirma, efetivamente, como um conceito psicanalítico (GREEN, 1988).

O objetivo do escrito é oferecer uma interpretação psicanalítica para certos fenômenos psicóticos, tomando por base as memórias publicadas por Schreber. Embora não proponha uma discussão pormenorizada das características desse caso singular, é necessário que se destaquem algumas hipóteses diagnósticas oferecidas por Freud para o conceito. Uma delas é que “a base da moléstia de Schreber foi a irrupção de um impulso homossexual” (FREUD, 1911a/1996, p.54). A emergência de desejos homossexuais se tornou patogênica por haver uma fixação específica nesse ponto, ou seja, por ocorrer uma persistência em modos primitivos de organização libidinal.

Essas descobertas ficam mais inteligíveis quando analisamos o tipo de teoria de desenvolvimento libidinal que Freud estava adotando nesse momento. Desde os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), a psicanálise já salientava a existência de duas formas de manifestação da pulsão. Inicialmente, existiria uma organização autoerótica, na qual a pulsão estaria “apta a se satisfazer por si mesma, tanto na ausência quanto na presença do objeto, mas *independentemente dele*” (GREEN, 1988, p.121). Nesse momento, a fonte somática da pulsão seria um corpo essencialmente fragmentado, ainda que fosse possível observar a tendência geral de que as fontes fossem anaclíticas. O sentido de unidade corporal seria precário e a sexualidade infantil podia ser definida “pelo funcionamento inorganizado das pulsões parciais” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1994, p.402). Esse modo de organização seria sucedido pela possibilidade de investimento pulsional em objetos exteriores. Freud apresenta:

Pesquisas recentes chamaram nossa atenção para um estágio, no desenvolvimento da libido, pelo qual se passa no caminho do auto-erotismo ao amor objetal. Ele foi chamado de Narzissismus; eu prefiro o termo Narzißmus, talvez menos correto, porém mais curto e que soa melhor. Ele consiste no fato de o indivíduo em desenvolvimento, que unificou seus instintos sexuais que agem de forma auto-erótica, a fim de obter um objeto de amor, primeiramente toma a si mesmo, a seu próprio corpo, como objeto de amor, antes de passar à escolha de uma outra pessoa como objeto. Uma tal fase mediadora entre auto-erotismo e escolha objetal talvez seja imprescindível normalmente (FREUD, 1911a/2011, p.52).

Ocorre que, no amor objetal, o elemento adotado como destino dos investimentos não é aleatório. A imagem do corpo, em especial dos órgãos genitais, já é um fator importante para o sujeito, o que faz com que o primeiro elemento a ser buscado seja justamente aquele que também apresenta as mesmas características, isto é, os primeiros objetos são de cunho homossexual. Somente a partir daí que, eventualmente, pode se estabelecer o amor objetal heterossexual.

Mesmo diante dos casos heterossexuais, a cota libidinal utilizada anteriormente para investir objetos homossexuais não é simplesmente destruída. O que ocorre é que essas tendências encontrarão novas utilizações, passando a se combinar com

instintos do Eu e com componentes neles “apoiados”, constituem [constituindo] os instintos sociais, representando assim a contribuição do erotismo à amizade, à camaradagem, ao sentido comunitário e ao amor pelos seres humanos em geral (FREUD, 1911a/2011, p.53).

Existiria, portanto, uma faceta homossexual em todas as relações sociais estabelecidas.

Todavia, algumas pessoas poderiam apresentar fixações nesse ponto específico e, diante de algumas circunstâncias, a pulsão utilizada para investir os grupos retornaria até a homossexualidade. A partir daí, seria possível notar um recrudescimento dos processos defensivos do ego, que tentaria ampliar o recalque. Os conteúdos submetidos a esse processo, embora inconscientes, não desapareceriam e, diante de um eventual fracasso dos mecanismos de defesa, se estabeleceria um retorno do recalcado, iniciando as manifestações paranoides.

Nesse quadro, merece destaque que o avanço da teorização sobre o narcisismo já inicia modificações sobre o ego. Pode-se afirmar isso quando observamos que as tendências homossexuais *combinam-se* com pulsões egoicas para a constituição das relações sociais. Porém, simultaneamente, é o ego que executa processos defensivos, tentando negar essas manifestações homossexuais. Assim, paulatinamente, ocorre uma diminuição da separação entre os elementos recalcados e as instâncias recalcantes.

Tal interpretação parece ser reforçada quando notamos a leitura que Freud faz sobre a posição do ego na crise paranoica. Segundo ele, na paranoia, acontece um desligamento generalizado da libido investida no mundo e essa cota libidinal

se volta para o Eu, é utilizada para o engrandecimento do Eu. Com isso, atinge-se novamente o estágio do narcisismo, conhecido no desenvolvimento da libido, no qual o próprio Eu era o único objeto sexual. Por causa desse testemunho clínico, supomos que os paranóicos trazem uma *fixação no narcisismo*, e dizemos que o recuo da homossexualidade sublimada ao narcisismo indica o montante da regressão característica da paranóia (FREUD, 1911a/2011, p.63).

Esse investimento libidinal maciço do ego caracterizaria manifestações paranoides, ficando especialmente claro na megalomania, por exemplo. Isso aponta que o elemento responsável pela defesa é, simultaneamente, o fator que pode ter a sua organização alterada patologicamente.

1.3.1.3 Narcisismo e reflexões antropológicas

O terceiro campo de desenvolvimento do conceito de narcisismo é a reflexão sobre a mente dos povos primitivos e das crianças, presente em *Totem e Tabu* (1913). Nesse escrito, é proposto que a civilização passa por diferentes estágios de desenvolvimento, apresentando uma complexidade crescente.

Adotando o ponto de vista desenvolvimentista, é possível sublinhar três formas principais de organização: a) animista, b) religiosa e c) científica. O principal fator que diferenciaria essas fases entre si é o papel que a onipotência do pensamento desempenharia em cada uma delas. Assim, teríamos que: a) no animismo, os homens possuiriam uma crença ilimitada no poder do seu pensamento e acreditariam poder alterar qualquer fator do mundo utilizando apenas a magia; b) na religião, o homem abandonaria a ideia de que apenas pela força de sua vontade ele poderia modificar o mundo, porém relegaria essa possibilidade para forças superiores, os deuses; e c) no pensamento científico, se abdicaria da onipotência do pensamento e a modificação da realidade estaria condicionada à compreensão dos nexos causais em operação.

Para nossa análise, o principal foco de interesse é a fase animista, relacionada à hipótese freudiana de que a cada momento da civilização corresponderia uma etapa de organização da libido. Assim:

A fase animista corresponderia à narcisista, tanto cronologicamente quanto em seu conteúdo; a fase religiosa corresponderia à fase da escolha de objeto, cuja característica é a ligação da criança com os pais; enquanto que a científica encontraria uma contrapartida exata na fase em que o indivíduo alcança a maturidade, renuncia ao princípio de prazer, ajusta-se à realidade e volta-se para o mundo externo em busca do objeto de seus desejos (FREUD, 1913a/1996, p.113)

Como se pode ver, nesse momento, o que se compreende por narcisismo já apresenta uma complexidade maior quando comparado aos textos anteriores. Em *Totem e tabu*, a constituição da fase narcisista é definida da seguinte forma:

Os instintos sexuais até então isolados já se reuniram num todo único e encontraram também um objeto. Este objeto, porém, não é um objeto externo estranho ao sujeito, mas se trata de seu próprio ego, que se constitui aproximadamente nessa mesma época (FREUD, 1913a/1996, p.99)

O que se explicita cada vez mais é que a sexualidade está na base da formação do ego, dado que o investimento das pulsões sexuais nessa estrutura é

contemporânea à sua própria constituição. Um pouco adiante, também se afirmará que a “organização narcisista nunca é totalmente abandonada” (1913a/1996, p.99) e que

Um ser humano permanece até certo ponto narcisista, mesmo depois de ter encontrado objetos externos para a sua libido. As catexias de objetos que efetua são, por assim dizer, emanações da libido que ainda permanece no ego e pode ser novamente arrastada para ele (p.99)

Não deixa de ser curioso observar que já se insinua a descrição daquilo que, posteriormente, será conhecido como narcisismo primário e secundário. Assim, a sexualidade não apenas constitui o ego, mas também participa da maneira como essa estrutura psíquica se relaciona com os diversos objetos.

Seja pela via da perversão, da psicose ou das reflexões antropológicas, o narcisismo vai se consolidando e impacta as concepções sobre o ego. Entre os anos de 1910 e 1913, a noção de que o ego é meramente um polo defensivo, simplesmente regulador das funções mentais, estruturado exclusivamente a partir das pulsões de autoconservação começa a ruir. Evidentemente que esse desconforto, embora perceptível nas entrelinhas, não era ainda explicitamente anunciado por Freud. Será necessária a publicação de uma obra que toma por objeto específico o narcisismo para que a crise teórica a respeito do ego seja colocada a céu aberto e se inicie então uma nova etapa de reflexão sobre essa instância psíquica.

1.3.2 A consolidação do narcisismo e as novas teorizações do ego

O texto *Introdução ao narcisismo* (1914) é capital para a compreensão do desenvolvimento histórico-conceitual do ego. Sua publicação surgiu a partir da necessidade de aglutinar os avanços teóricos conquistados nos anos anteriores. Conforme apresentamos, os debates prévios foram fundamentais para que o narcisismo crescesse em complexidade. Porém, ao lado dessa motivação, também deve ser destacado o caráter político dessa obra, uma vez que ela surgiu não só como uma resposta ao *protesto masculino* de Adler, mas, principalmente, como uma contraposição à ideia de uma energia mental de caráter geral, ou seja, de uma libido dessexualizada, defendida por Jung no texto *Metamorfoses e símbolos da libido*, publicado em 1912.

Esse texto em específico apresenta uma natureza supercondensada e aborda um grande número de temas. Uma das discussões mais importantes, no entanto, é a explicitação de uma teoria de desenvolvimento libidinal que articula as novas conclusões obtidas por Freud. Propõe ele que, de início, existiria o autoerotismo, condição marcada pela parcialidade das pulsões que, de maneira anárquica, buscariam a satisfação. Nesse cenário, a libido estaria localizada em um corpo essencialmente fragmentado.

Esse momento seria sucedido pela conquista de um sentido de unidade no qual a criança tomaria a si mesmo como objeto de amor. A dispersão inicial daria lugar ao investimento em um objeto total, a saber, o próprio ego do sujeito. Freud nomeia essa etapa como narcisismo primário, condição difícil de ser diretamente observada, mas que pode ser inferida a partir de alguns quadros psicopatológicos.

O investimento massivo da libido apenas no ego fará com que o nível de excitação seja consideravelmente ampliado, o que significa um quadro de desprazer. Em atendimento ao princípio do prazer, o aparelho psíquico irá buscar meios de escoar esse excesso libidinal, diminuindo o nível de excitação. Um dos meios adotados para tal fim é o investimento da libido em elementos exteriores ao sujeito, ou seja, a consolidação de relações objetais. É por isso que se deve “começar a amar, para não adoecer” (FREUD, 1914a/2011, p.20).

O fato de se estabelecerem relações objetais não significa que o vínculo será permanentemente mantido. Sob determinadas condições, a relação simplesmente se rompe e não ocorre um mero desaparecimento da libido investida, mas o retorno ao seu local de origem. Esse seria o narcisismo secundário, uma etapa primordial para que outras relações objetais futuras possam ocorrer.

Existiriam assim duas formas de manifestação da libido, dependendo de onde ela está investida. Por um lado, a libido do ego, presente nos primeiros momentos da vida do sujeito; de outro, a libido objetual. O que vale é que existe uma antinomia entre essas duas possibilidades: quanto mais uma é presente, menos se nota a outra. O estado de enamoramento, por exemplo, comprovaria essa hipótese, pois o amplo investimento na pessoa amada acabaria por empobrecer o ego. De maneira oposta, a doença acarretaria uma suspensão dos investimentos objetais em nome de uma maior concentração narcísica. É levando em conta tal quadro que Freud afirma que

Formamos assim a ideia de um originário investimento libidinal do Eu, de que algo é depois cedido aos objetos, mas que persiste fundamentalmente, relacionando-se aos investimentos de objeto como o corpo de uma ameba aos pseudópodes que dela avançam. Essa parte da alocação da libido ficou inicialmente oculta para a nossa pesquisa, cujo ponto de partida eram os sintomas neuróticos. Notamos apenas emanções dessa libido, os investimentos de objeto que podem ser avançados e novamente recuados. Enxergamos também, em largos traços, uma oposição entre libido do Eu e libido de objeto (FREUD, 1914a/2011, p.12).

Esse novo quadro de desenvolvimento libidinal possibilita melhor compreender certos quadros psicopatológicos, como a neurose obsessiva, a esquizofrenia e a paranoia, assim como oferece uma descrição mais detalhada dos primeiros momentos da vida de um sujeito. No entanto, ao mesmo tempo em que desvela novos campos, também faz emergir novas dúvidas. Uma de especial importância indaga qual a relação entre autoerotismo e narcisismo, já que ambos os estados apresentam uma libido localizada no sujeito. A resposta freudiana é que “uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido” e também que “os instintos auto-eróticos são primordiais; então deve haver algo que se acrescenta ao auto-erotismo, uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo” (FREUD, 1914a/2011, p.13).

Interessante é notar que essa “nova ação psíquica” não é explicitamente enunciada por Freud - a resposta mais comum para tal quadro é que a ação seria a consolidação do próprio ego. O que o cenário revela é que existe uma interconstitucionalidade entre os fatores, pois, ao mesmo tempo em que o ego é a condição para o estabelecimento do narcisismo, também se nota que essa instância do aparelho psíquico se forma por meio de investimentos libidinais, o que permite que se afirme, de maneira reflexiva, que “o narcisismo é condição de formação do eu” (GARCIA-ROZA, 2004, p.42),

Isso aponta para a dificuldade de uma visão clara sobre os momentos mais primitivos da formação psíquica. Em mais de um ponto, Freud afirmou, por exemplo, que era particularmente difícil obter uma comprovação direta da existência do narcisismo primário. De regra, a constatação da existência desse estado se devia à inferência de outros fenômenos, dentre os quais a supervalorização dos pais em relação às crianças. Analisando essa perspectiva, Freud propõe que

O narcisismo primário que supomos na criança, que contém uma das premissas de nossas teorias sobre a libido, pode ser mais facilmente confirmado por inferência retrospectiva de um outro ponto do que apreendido

por observação direta. Quando vemos a atitude terna de muitos pais para com seus filhos, temos de reconhecê-la como revivescência e reprodução do seu próprio narcisismo há muito abandonado (FREUD, 1914a/2011, p.25).

Existiria um momento em que os pais imputariam aos seus filhos a completa perfeição, e a sobrevalorização da criança excederia em muito o que se poderia constatar de maneira realística. Os pais estariam dispostos a colocar em suspensão todos os limites que a cultura exige, de maneira que nenhuma falta, nenhuma restrição atingissem os filhos. Existe uma idealização que concebe o pequeno sujeito como algo perfeito.

O curioso é que esse retorno do narcisismo dos pais na relação com seus filhos se torna um elemento constitutivo do psiquismo. Afinal, ele parece auxiliar a conquista de um sentido de unidade, que seria um evento que marcaria a superação do autoerotismo e o estabelecimento do narcisismo. Não é sem razão, portanto, que Garcia-Roza afirma que “a constituição desse eu efetiva-se com o concurso da revivescência do narcisismo dos pais que atribuem ao filho todas as perfeições, além de concederem a ele privilégios que eles próprios foram obrigados a abandonar” (2004, p.48).

A idealização dos pais teria ainda outra consequência: ao lado da concepção de que seus filhos são perfeitos, a própria criança também se conceberia como perfeita. Seria o momento no qual o ego real se apresentaria como o seu próprio ideal. Essa constatação remete a outro campo de discussão de fundamental importância em *Sobre o narcisismo*, a saber, os destinos do narcisismo primário.

Vimos que um dos desdobramentos seriam as relações objetais. Contudo, não é correto pensar que isso representa a totalidade do processo. Ao lado do investimento libidinal em elementos exteriores ao sujeito ocorre a consolidação das instâncias ideais. Ao pensar sobre os destinos do narcisismo, Freud irá propor que, ao menos em parte, ele irá aparecer

Deslocado para (...) o Eu ideal, que como o infantil se acha de posse de toda a preciosa perfeição. Aqui, como sempre no âmbito da libido, o indivíduo se revelou incapaz de renunciar à satisfação que uma vez foi desfrutada. Ele não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pôde mantê-la, perturbado por admoestações durante o seu desenvolvimento e tendo o seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma nova do ideal do eu. O que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido na infância, na qual ele era o seu próprio ideal (1914a/2011, p.27-28).

Esse processo é importante porque irá lançar luz para certas características do ego que Freud discutia desde os primeiros momentos de sua teoria. Um elemento constante é a ideia de que o ego é um fator defensivo que possui um papel ativo no recalque. O que a teorização do narcisismo vai trazer de novo é que essa função do ego deriva da sua tentativa de se aproximar do ego ideal. Os elementos que entram em oposição a esse ideal são rejeitados e impedidos de entrar na consciência, o que significa que “para o Eu a formação do ideal seria a condição para a repressão” (FREUD, 1914a/2011, p.27). Nesse processo, vale lembrar que a instituição dessa instância crítica decorre de uma identificação com as figuras de autoridade, ou seja, o ideal do ego é uma “corporificação inicialmente da crítica dos pais, depois da crítica da sociedade” (FREUD, 1914a/2011, p.29)

A diferenciação de ideal do ego e ego ideal não é simples - inclusive alguns autores apostam que não são elementos distintos e que Freud apenas utilizou um jogo de palavras para se referir a um mesmo objeto de discussão (COSTA, 2003). Todavia, acreditamos que a delimitação é importante e pode ser mais claramente acompanhada se adotarmos um ponto de vista temporal. O ideal do ego está relacionado ao registro do futuro; trata-se de um projeto. É uma condição na qual o ego real ainda não se encontra, mas poderá, em tese, obtê-la. Por outro lado, o ego ideal seria aquele curto espaço de tempo no qual a ideia de perfeição se materializa no sujeito. Metaforicamente, poderíamos falar de uma fotografia, que seria o registro congelado de quando o ego real estava identificado com o ideal.

1.3.2.1 Narcisismo e identificação

As concepções desenvolvidas no texto de 1914 foram enriquecidas pelos desenvolvimentos ulteriores da teoria freudiana, em especial as contribuições de *Luto e melancolia* (1917), que, em certo sentido, podem ser encaradas como uma continuação das teses presentes em *Sobre o narcisismo*. Sinteticamente, poderíamos apontar três grandes acréscimos para a discussão sobre o ego: a) a explicitação das instituições presentes na sua composição; b) novos dados sobre o seu surgimento e consolidação; e c) a relação que ele trava com a instância crítica.

Começando pelo primeiro ponto: a) sobre os fatores que compõem o ego, é possível notar que o avanço das teorizações sobre o narcisismo permitiu uma visão

mais complexa sobre essa estrutura. Reunindo, mas também avançando de maneira considerável uma gama de considerações presentes desde o início da psicanálise, Freud propõe que existiriam três grandes instituições constitutivas do ego. A primeira consiste no teste de realidade, condição estudada, ao menos em seus aspectos essenciais, desde o *Projeto de uma psicologia científica*. Tal elemento possui por função “orientar o indivíduo no mundo pela discriminação entre o que é interno e o que é externo” (FREUD, 1915d/1996, p.239). O segundo fator seria a censura da consciência, que também estava tematizada desde a *Interpretação dos sonhos*. Por fim, existiria um agente crítico, diretamente ligado às discussões sobre o narcisismo. Esse elemento seria uma gradação existente no próprio ego que avaliaria as ações do sujeito.

Esse texto também acrescenta informações sobre b) os mecanismos atuantes no surgimento do ego. Essas novas linhas de pensamento são decorrentes da investigação dos fenômenos do luto e da melancolia, que teriam como ponto comum o fato de surgirem diante de uma perda objetal. Novamente, estamos diante de um modo de investigação recorrente em Freud, que consiste na análise inicial de condições psicopatológicas para, em um segundo momento, desvelar traços mais globais do psiquismo.

Inicialmente, cabe ressaltar que, no luto, a perda objetal é acompanhada da diminuição do interesse pelo mundo, da inibição de qualquer atividade ou, mais simplesmente, um retorno libidinal para o ego, fenômeno já indicado no texto *Sobre o narcisismo...* É um processo normal, que não provoca grandes preocupações justamente pelo seu caráter universal e passageiro.

Do ponto de vista psicodinâmico, é possível descrever o trabalho do luto em linhas gerais. Diante de uma perda objetal, o teste de realidade apresenta que a vinculação libidinal não é algo possível de ser mantido. Todavia, existe uma dificuldade de abandonar prontamente esse tipo de ligação e uma das saídas encontradas pelo aparelho psíquico é prolongar esse vínculo objetal por uma hipercatexização das várias lembranças sobre o objeto. Somente após isso, de maneira paulatina, a libido se torna novamente disponível para ser investida de outras maneiras. Isso ocorre porque

Cada uma das lembranças e situações de expectativa que demonstram a ligação da libido ao objeto perdido se defrontam com o veredicto da realidade segundo o qual o objeto não mais existe; e o ego, confrontado, por assim

dizer, com a questão de saber se partilhará desse destino, é persuadido, pela soma das satisfações narcisistas que deriva de estar vivo, a romper sua ligação com o objeto abolido (FREUD, 1917a/1996, p.260).

Essa afirmativa nos permite entender por que o trabalho do luto não é indefinidamente mantido: é para não morrer junto com o objeto que se começa a amar novamente.

A perda de interesse pelo mundo, a inibição da atividade e demais características do luto também estão presentes na melancolia, com a diferença de que, apenas nesse quadro, se nota uma autorrecriação e a apresentação de si como algo desprovido de qualquer valor. Além do mais, existe uma grande dificuldade de restabelecimento das vinculações objetais com o mundo.

Por fim, a terceira grande diferença é que, no quadro melancólico, o sujeito não sabe exatamente o que foi perdido com o rompimento da vinculação objetual. Esse conjunto de sinais aponta que, a despeito das semelhanças superficiais, o trabalho psíquico a ser realizado é diferente do luto.

A análise da melancolia deve partir da constatação de que existe uma atitude dupla para com o objeto. O amor e o ódio são forças que agem simultaneamente, ou seja, “a relação com o objeto não é simples; ela é complicada pelo conflito devido a uma ambivalência” (FREUD, 1917a/1996, p.261). Essa característica é apenas uma pré-condição necessária, mas não suficiente, para o estabelecimento dessa afecção.

Quando o objeto é perdido, não ocorre uma simples retração libidinal nos moldes do narcisismo secundário, uma vez que ela foi utilizada para “estabelecer uma identificação do ego com o objeto abandonado” (FREUD, 1917a/1996, p.254). Isso ocorre como tentativa de manter, ainda que precariamente, um vínculo objetual. Porém, junto com isso também são preservadas as cotas sádicas da relação, e toda violência que existia na relação real com o objeto é aplicada no ego. Freud expõe que, nesse caso,

A sombra do objeto caiu sobre o ego, e este pôde, daí por diante, ser julgado por um agente especial, como se fosse um objeto, o objeto abandonado. Dessa forma, uma perda objetual se transformou numa perda do ego, e o conflito entre o ego e a pessoa amada, numa separação entre a atividade crítica do ego e o ego enquanto alterado pela identificação (FREUD, 1917a/1996, p.254-255)

A explicitação é útil porque, além de permitir o desvelamento da melancolia, possibilita compreender que existem situações nas quais a relação objetal é substituída por uma identificação. Essa constatação será acompanhada pela proposta de que esse tipo de evento tem um alcance muito mais amplo e que, na verdade, é um dos processos centrais para a consolidação do próprio ego. Existe grande dificuldade em simplesmente renunciar aos objetos de amor e, especialmente nos momentos mais primitivos, nota-se a tentativa de assumir as características do objeto, ou seja, executar uma identificação como uma resolução alternativa ao simples abandono. Essas constatações sobre a gênese do ego são tão importantes que servirão de base para as novas teorizações presentes na segunda tópica, que podem ser constatadas no texto *O ego e o Id*.

Essa obra aprofunda a temática do conflito entre o ego e o agente crítico. Dando continuidade à proposta presente desde *Sobre o narcisismo...*, Freud explicita que o ego não é um elemento monolítico. Dentro dessa instância, se atualizam conflitos psíquicos nos quais a ação sádica de partes do ego, combinadas com a submissão masoquista de outras partes, acaba por afastar cada vez mais a ideia de um ego que é mero embaixador da realidade externa no psiquismo, algo simplesmente ligado à necessidade de adaptação. Cada vez mais, a hipótese de um ego totalmente consciente se torna uma afirmação frágil.

O surgimento do ideal do ego não está vinculado apenas a um deslocamento do narcisismo infantil investido no ego ideal. Ao lado desse fenômeno, também ocorrem processos de identificação que formam essa instância. Para entendermos melhor, basta lembrar que uma de suas características é a avaliação crítica a respeito das realizações do ego. Isso seria decorrente da identificação com as figuras paternas, principalmente nas censuras que elas fazem no processo de educação dos filhos. Posteriormente, identificações com outras figuras de autoridade irão reforçar esse núcleo original.

Identificação é um conceito psicanalítico especialmente difícil de ser delimitado. Conforme apresentam Laplanche e Pontalis (1994), existe uma flutuação sobre o seu significado que o revestiu de uma multiplicidade de sentidos ao longo da obra freudiana. Grosso modo, podemos começar a trabalhar com a ideia que esse processo consiste em assumir algum traço de outra pessoa. Em *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921), encontramos uma proposta um pouco mais sistematizada sobre o que seria a identificação, sendo descritas três modalidades.

A primeira é descrita como “a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a outra pessoa” (1921/2011, p.46). Esse tipo de identificação terá um importante papel no complexo de Édipo, vez que o sujeito buscará *ser* como as suas figuras parentais e isso será tão importante quanto o vínculo sexual que ele estabelecerá quando buscar *ter* amorosamente seus pais. Justamente por seu caráter primitivo, essa modalidade será central para a constituição do aparelho psíquico e, de maneira ressaltada, para o surgimento do ego. O contato com a alteridade imprime marcas definitivas no psiquismo, desde que é o encontro com o outro que começa a fornecer os limites para o bebê. Não é sem razão, portanto, que Freud propõe que “a identificação se empenha em configurar o próprio Eu à semelhança daquele tomado como modelo” (1921/2011, p.48). Poderíamos definir essa identificação como primária, dado que ela ocorre antes do investimento libidinal do objeto e parece ser cronologicamente coincidente com o narcisismo primário.

O segundo tipo de identificação já tinha sido abordado no texto *Luto e melancolia* (1917) e surge quando uma determinada relação objetal é rompida. Freud propõe que seria uma situação na qual “a identificação tomou lugar da escolha de objeto, e a escolha de objeto regrediu para a identificação” (1921/2011, p.48). Também nesse caso, “o Eu assume as características do objeto” (p.48). Entretanto, normalmente, essa modificação no ego está referida apenas a um traço do objeto, sendo notadamente parcial.

Da citação freudiana ainda merece ser destacada a afirmação de uma *regressão* à identificação, que permite aventar a hipótese de que, para o estabelecimento da melancolia, uma identificação prévia parece ser necessária. Tal lança luz para a questão de por que determinados vínculos rompidos resultam em luto, ao passo que outros iniciam a melancolia.

Por fim, a terceira manifestação da identificação seria aquela na qual se desconsidera “totalmente a relação objetal com a pessoa que está sendo copiada” (FREUD, 1921/2011, p.49) e ela surge com “a percepção de uma qualidade comum partilhada” (p.49), de maneira que quanto mais significativo for esse ponto em comum mais intensa será a identificação. A importância dessa modalidade específica fica mais evidente quando se nota que a formação grupal repousa numa “identificação através de algo afetivo importante em comum, e podemos conjecturar que esse algo em comum esteja no tipo de ligação com o líder” (FREUD, 1921/2011, p.50).

Essa perspectiva adquire relevância se observamos que o líder ocupa um papel de destaque no universo psíquico das pessoas que compõem uma massa. Freud esclarece que o grupo pode ser caracterizado como “uma quantidade de indivíduos [...] que puseram um único objeto no lugar do seu ideal do Eu e, em consequência, identificaram-se uns com os outros em seu Eu” (p.59). Essa teorização freudiana facilita a compreensão dos motivos que levam os indivíduos a se submeterem aos imperativos de um líder, principalmente se lembramos que o Ideal do ego

acolhe, das influências do meio, as exigências que este coloca ao Eu, as quais o Eu nem sempre é capaz de cumprir, de modo que o indivíduo, quando não pode estar satisfeito com seu Eu em si, poderia encontrar satisfação no ideal do Eu que se diferenciou do Eu (FREUD, 1921/2011, p.52).

Assim, o atendimento às ordens do líder geraria a soma de satisfação narcísica almejada pelos sujeitos.

Acompanhando esses desenvolvimentos dos textos metapsicológicos, podemos constatar que o conceito de ego adquire robustez, o que releva a sua crescente importância no pensamento freudiano. Não se trata, evidentemente, de uma ruptura completa em relação ao que foi anteriormente discutido, mas a integração de novos dados clínicos e elaborações teóricas. De início, a ideia de que o ego é responsável pela mediação entre o mundo externo e o psiquismo ainda é mantida, cabendo a ele executar o teste de realidade a partir da percepção. Também continua vigente a concepção de que essa instância é responsável pelos processos defensivos, característica que é avaliada com maior profundidade. De importância capital para esse avanço são as progressivas teorizações sobre o narcisismo, que demonstram, de maneira inequívoca, que a sexualidade, que antes ocupava prioritariamente o outro polo do conflito psíquico, também é constitutiva do ego. A sexualidade, presentificada pela libido, atuaria na sua formação, conforme demonstra o processo de narcisismo primário, além de estar também presente no seu modo de funcionamento, através do complexo jogo entre relações objetais e narcisismo secundário. Além disso, o narcisismo primário está implicado no surgimento do ego ideal e do ideal do ego, que serão as gradações egoicas que pautarão os fatores a serem recalcados. Também a identificação passa a ocupar um papel importante no cenário, tanto na gênese, conforme a identificação primária, quanto nas características que serão acrescentadas subsequentemente, como a que surge no lugar das relações objetais ou a que está ativa nos fenômenos grupais. Esse conjunto de características aponta

que, progressivamente, o conflito psíquico polarizado entre o ego e o inconsciente recalcado vai perdendo sua clareza e tal condição só terá uma resposta efetiva com a reordenação materializada pela segunda teoria do aparelho psíquico.

1.4 O ego e o *id*

O desenvolvimento dos conceitos de identificação e narcisismo impactaram fortemente a teoria freudiana, permitiram uma visão mais profunda de novos quadros clínicos, desvelaram novas facetas da relação indivíduo e sociedade, além de ocasionar uma reflexão metapsicológica mais rigorosa. Em relação a esse último campo, é possível destacar duas importantes transformações: a passagem da primeira para a segunda teoria pulsional, bem como da primeira para a segunda tópica.

No período anterior à chamada “virada dos anos 20”, os conceitos que compunham a psicanálise e a maneira como eles se relacionavam para auxiliar a compreensão do psiquismo possuíam relativa clareza. Costa, analisando esses anos iniciais da teoria freudiana, propõe que

A metapsicologia tinha a aparência de uma linguagem bem feita. Seus pressupostos eram fáceis de esquematizar. O conflito psíquico, pedra angular da psicanálise, explicava-se por um jogo de forças onde as partes se diferenciavam com nitidez. De um lado, as pulsões sexuais; as representações recalçadas; o princípio de prazer e os processos primários; do outro, as pulsões de autoconservação; as forças recalcantes; o princípio de realidade. Dele derivava a censura, que mantinha nas fronteiras destes sistemas as representações sexuais. Os polos de tensão eram claros. O ego recalrava; defendia o interesse da autoconservação e do equilíbrio psíquico: a representação inconsciente era recalçada, pois a realização da noção sexual punha em risco esse mesmo equilíbrio (COSTA, 2003, p.152).

A partir de 1910, principalmente com o avanço das teorizações sobre o narcisismo, assentou-se que um dos polos do conflito, o ego, possuía complexidade até então insondada. Compreender que o ego é uma instância multifacetada, composta por uma miríade de identificações, que pode estar relacionado a fenômenos psicopatológicos não totalmente conscientes começa a ser um problema teórico que Freud se vê obrigado a enfrentar. Monzani chega a afirmar que, “se o ego possui partes que são inconscientes, isto implica [...] uma contradição com os postulados da primeira tópica” (1988, p.241). Essa observação parece pertinente, principalmente quando recuperamos uma afirmação de 1900, feita na *Interpretação dos sonhos* e que

foi válida pelos anos seguintes, que propunha que o conflito psíquico consistia num embate entre *o ego e o recaiado*.

As condições que levaram a uma modificação do conceito de ego podem ser compreendidas porquanto,

Com o narcisismo, o Ego passa de aliado à quinta coluna da homeostase mental. Freud tenta reestruturar a teoria. Propõe em sua Segunda tópic a divisão do Ego numa parte inconsciente e numa parte pré-consciente – consciente. Essa saída trouxe para a psicanálise mais desconforto que alívio, pois uma pergunta ficava no ar: que Ego é este que ao mesmo tempo em que se define como aquilo que recalca possui as mesmas propriedades do recaiado? Onde e como ficava a distinção tópic, econômica e dinâmica que fazia do conflito psíquico uma noção teoricamente coerente? O ego deixava de ser o puro embaixador da realidade junto ao psiquismo. Em sua origem narcísica não era mais o outro na realização alucinatória do desejo. Não apenas o narcisismo, a teoria das identificações desde luto e melancolia passando pela Psicologia das Massas... até o Ego e o id também apontavam para esta gênese insuspeita da estrutura egóica. Objetivos do Ego e finalidades da libido de repente confundiam-se, fundiam-se, minando nesta fusão os alicerces da metapsicologia (COSTA, 2003, p.159).

Analisando o impacto da segunda tópic, a maneira como a teoria se organizava para dar conta do conflito psíquico efetivamente perde clareza. Contudo, se, por um lado, as diferenciações ficaram mais esmaçadas, por outro, a possibilidade de uma análise mais rigorosa sobre os fenômenos mentais também se efetiva como conquista importante. Prova disso é a abertura para a compreensão de novos casos clínicos bem como para a interpretação sobre a cultura. De qualquer modo, acompanhando uma indicação metodológica de Freud, não se deve lamentar a perda de clareza teórica diante de um fenômeno que, efetivamente, se mostra mais complexo.

Uma grande responsável por essa transformação foi a alteração no foco de análise. Nos anos iniciais, o objeto privilegiado da investigação era o recaiado; a partir dos anos 20, uma importância cada vez maior foi atribuída às forças defensivas e recaiadoras. Desde *Além do princípio do prazer* (1920), Freud trabalhava com a ideia de que a oposição entre ego e inconsciente não era absoluta, vez que algumas parcelas da estrutura egoicas eram também inconscientes.

Foi a investigação sobre as resistências que permitiu um novo ponto de vista sobre a estrutura da mente humana. Ao menos em parte, o objetivo da análise pode ser descrito como uma reavaliação dos elementos recaiados. Entretanto tais elementos não emergem diretamente na consciência, visto que o ego desempenha

um papel ativo na tentativa de escamoteá-los. Essa ação do ego é denominada resistência, embora o sujeito não consiga percebê-la conscientemente, o que é uma constatação diferente da que preconizava a primeira tópica. Isso fez com que Freud concluísse que nem sempre o inconsciente

coincide com o reprimido; continua certo que todo o reprimido é lcs., Mas nem todo o lcs é também reprimido. Também uma parte do Eu – e sabe Deus quão importante é ela – pode ser lcs, é certamente lcs. (FREUD, 1923a/2011, p.31).

Esse alargamento de composição do inconsciente obrigou Freud a uma reformulação teórica, conforme aponta Monzani (1988), porque a mera contraposição entre consciente e inconsciente não era suficiente para explicar a dinâmica do conflito neurótico. Contudo, deve ser ressaltado que os pressupostos vigentes nos anos anteriores não foram simplesmente descartados, porque “a qualidade de ser consciente ou não é, afinal, a única luz na escuridão da psicologia das profundezas” (FREUD, 1923a/2011, p.16).

A maior expressão dessa mudança teórica é a formulação de um novo modelo de aparelho mental. Em *O ego e o id*, Freud propõe uma divisão tríplice do psiquismo, que passa a ser composto pelo *id*, ego e superego. O mais primitivo desses elementos, o *id*, teve seu conceito elaborado levando em conta o trabalho de um médico chamado Groddeck, que propunha que o homem é governado por forças impessoais que fazem com que todos sejam mais “vivos” do que protagonistas absolutos de sua existência. Para Freud, essa instância é, geneticamente, a primeira a existir, embora, do ponto de vista teórico, tal como salientaram Laplanche e Pontalis (1994), tenha sido a última a ser pensada.

O *id* possui como característica ser a sede das pulsões e, nesse momento, também é concebido como o grande reservatório original da libido. Trata-se de um sistema totalmente inconsciente, no qual o princípio de prazer e os processos primários reinam irrestritamente. Exatamente por esse caráter primitivo, o *id*, caso fosse a única instância mental, poderia colocar a vida sob risco, desde que desprezaria os limites da realidade material e, em um momento ulterior, também os limites da cultura.

Para viabilizar a existência humana, o *id* passa por algumas modificações no seu contato com o mundo. O encontro entre o *id* e a realidade faz com que estímulos cheguem até ele e isso é captado por um sistema perceptivo, *Pcpt.* Desde a *Interpretação dos sonhos*, Freud sublinha a ligação entre o sistema *Pcpt.* e a consciência e, mesmo após a publicação da segunda tópica, essa relação ainda se mantém. Essa parte do *id* alterada pela exterioridade trata justamente do ego e isso é anunciado explicitamente por Freud: “O Eu é a parte do Id modificada pela influência direta do mundo externo, sob mediação do *Pcpt.-Cs*, como que um prosseguimento da diferenciação da superfície” (1923a/2011, p.22). Cabe observar que a estrutura egoica também pode captar processos internos, como as sensações de prazer e desprazer. Tal já começa a apontar para o caráter de mediação próprio do ego que, ao receber as demandas pulsionais, ao mesmo tempo em que nota os limites da realidade, busca uma solução possível e a executa através de uma de suas funções específicas, a saber, o acesso à motilidade. É por esse quadro que não se nota uma separação totalmente abrupta entre o ego e o *id*. Trata-se, antes, de sistemas ligados que desempenham funções diferentes. O que esse novo modelo tópico deixa mais evidente é que o ego pode ser pensado como possuindo partes inconscientes.

Conforme vimos, a percepção ocupa um papel central por ser uma das linhas que explicam o surgimento do ego e, logicamente, é uma característica totalmente ligada ao corpo. É a tradução psíquica de estímulos externos que atingem o sujeito. Se tomarmos a afirmação freudiana da sua associação íntima com o ego, torna-se compreensível que o corpo desempenhe um papel importante nesse sistema. Freud chega a afirmar que o “Eu é sobretudo corporal; não é apenas uma entidade superficial, mas ele mesmo a projeção de uma superfície” (1923a/2011, p.24). Assoun, ao interpretar essa passagem freudiana, afirma que

O Eu-Corpo desempenha seu papel relacional, a se entender como uma relação entre o fora e o dentro: desse modo se opera uma auto-representação, que supõe ao mesmo tempo presença do exterior e separação desse exterior, pela qual o Eu se refere a si mesmo. O Eu se define, portanto, como efeito projetivo (mais do que reflexivo) (ASSOUN, 1996, p.188).

Essa proposta torna-se importante por explicitar uma concepção cara a Freud, pois aponta para o caráter indivisível e mutuamente constitutivo do mental e do

somático. O ego surge de uma experiência corporal e marca a conquista psíquica de uma “emergência do Corpo *como* próprio” (ASSOUN, 1996, p.189).

Paralelamente ao processo de diferenciação do *id* efetuado pela percepção, nota-se que a formação do ego também está intimamente ligada aos mecanismos identificatórios. A partir da consolidação da segunda tópica, Freud passa a propor que, em etapas primitivas, o *id* investe diretamente objetos e que, paulatinamente, o ego tenta assumir as características de tais objetos para captar essa cota libidinal. Por essa razão, é possível afirmar que “o caráter do Eu é um precipitado dos investimentos objetais abandonados, de que contém a história dessas escolhas de objeto” (FREUD, 1923a/2011, p.26).

É possível elencar ao menos duas razões para essa dinâmica: por meio desse processo, o ego aprofunda as suas relações com o *id*. Mas, além disso, também deve ser levado em conta que essa apropriação da libido é central para o processo de fortalecimento do ego, que, nesse momento, encontra-se em fase de formação por assumir as características de objetos de amor com que o ego, em um momento posterior, poderá atuar de maneira mais contundente na mediação entre o *id* e a realidade.

A modificação de catexias objetais em identificação foi um tema amplamente explorado nos anos de desenvolvimento do conceito de narcisismo - basta lembrarmos que esse mecanismo era fundamental em textos como *Luto e melancolia*. A obra *O ego e o id* destaca a universalidade desse processo na formação do aparelho psíquico, apontando que ele não está relacionado apenas a casos psicopatológicos e demonstrando a importância do narcisismo para as teorizações sobre o ego. Entretanto, de maneira paradoxal, é necessário sublinhar que, na segunda tópica, existe uma alteração sobre o que se compreende por narcisismo.

Boa parte dessa reordenação teórica está relacionada à nova concepção freudiana de que o *id* é o reservatório original da libido. Conforme descrito, o ego tenta se apropriar dos investimentos libidinais que o *id* faz em relação ao objeto, mas, curiosamente, para Freud, nessas situações, ocorre uma “transformação da libido do objeto em libido narcísica” (1923a/2011, p.27). Todavia, o narcisismo em questão é fundamentalmente diferente do que foi abordado no conjunto de trabalhos conhecidos como textos de metapsicologia e tal posição clareia quando percebemos que ela acarreta uma importante amplificação da própria teoria do narcisismo.

Bem no início, toda a libido está acumulada no id, enquanto que o EU está em formação ou é fraco. O Id envia parte dessa libido para investimentos objetais eróticos; e com isso o Eu fortalecido procura apoderar-se dessa libido objetual e impor-se ao Id como objeto de amor. O narcisismo do Eu é então um narcisismo secundário, subtraído dos objetos (FREUD, 1923a/2011, p.43-44).

Há, pois, um recuo temporal no estabelecimento do narcisismo primário, que passa a ser ligado a etapas muito mais primitivas do desenvolvimento do sujeito. A diferenciação anunciada em 1914 entre autoerotismo e narcisismo começa a se esfumçar se lembramos que foi afirmado que, na passagem de um estágio para outro, existia a necessidade da adição de uma “nova ação psíquica”, comumente creditada à emergência do ego. Ocorre que, a partir de 1923, o narcisismo se relaciona com momentos anteriores à consolidação do ego. Laplanche e Pontalis afirmam que, “com a elaboração da segunda tópica, Freud conota pelo termo narcisismo primário um primeiro estado da vida, anterior até mesmo à constituição do ego, e do qual a vida intrauterina seria o arquétipo” (1994, p.290). Não é difícil perceber que essa concepção impõe novas problemáticas: por exemplo, como diferenciar, nesse novo quadro teórico, o autoerotismo do narcisismo? Ou até que ponto essas novas concepções não apontariam para a existência de momentos anobjetais, já que o narcisismo primário parece ocorrer antes de uma diferenciação mínima entre o sujeito e o mundo exterior? Não sem razão, portanto, os pós-freudianos irão oferecer respostas múltiplas para tentar interpretar esses quadros, embora devamos aceitar como hipótese plausível que Freud não nos oferece uma solução unívoca.

Freud deixa clara a centralidade da identificação para a formação do aparelho psíquico. No entanto, nem todo processo de assumir características dos objetos são iguais. Existem certas identificações que encetam modificações diversas no psiquismo, entre as quais se destacam as mais primitivas, em especial “aquela com o pai da pré-história pessoal” (FREUD, 1923a/2011, p.28), realizada de maneira direta antes mesmo de qualquer relação objetual. Essa dimensão nos leva diretamente para o território do drama edípico, pois o tipo de relação que se estabelece com os pais deixará marcas específicas na subjetividade.

O complexo de Édipo é caracterizado por uma relação triangular na qual a criança desenvolve, simultaneamente, relações de amor e ódio com suas figuras parentais. Em sua forma simples e positiva, pode ser de princípio descrito como aquela situação na qual o menino é tomado por intensos desejos sexuais em relação

à sua mãe. Existe, inicialmente, um vínculo de mão dupla entre a mãe e o filho, que, embora seja responsável pela formação de importantes funções psíquicas, não pode ser indefinidamente mantido, porque apontaria para a possibilidade de incesto. Esse quadro é interrompido pela ação do pai que, investido de autoridade, põe limites nessa relação dual. A interdição imposta por esse terceiro elemento é acompanhada de intensos sentimentos de ódio. Essa animosidade em relação ao pai, contudo, não se limita ao fato de ele impor obstáculos para o acesso à mãe, já que também está relacionada com os intensos sentimentos de que ele aja punitivamente, cenário esse conhecido como complexo de castração.

Se, por um lado, existe uma proibição de livre gozo com o objeto de amor central, por outro, isso permite a entrada do sujeito no mundo da cultura - afinal, para o estabelecimento da civilização é necessário que se superem as relações endogâmicas. Sob a pressão do complexo de castração, o menino abdica do acesso sexual em relação à mãe, do que pode resultar o fortalecimento da identificação primária com o pai, pois assumir traços do pai garantiria, futuramente, que o sujeito pudesse procurar outros objetos de amor que substituíssem sua mãe; ou o recuo da relação objetal travada com a mãe para a identificação nos mesmos moldes que foram descritos em textos como *Luto e melancolia*. Pensando essa dimensão, Freud afirma que

o resultado mais comum da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo é um precipitado no Eu, consistindo no estabelecimento dessas duas identificações, de algum modo ajustadas uma à outra. Essa alteração do Eu conserva a sua posição especial, surgindo ante o conteúdo restante do Eu como ideal do Eu ou Super-eu (1923a/2011, p.31).

O superego é a instância do aparelho psíquico que contém os preceitos morais aos quais o ego se submete. Inicialmente, ele contém as interdições que as figuras parentais lhe impuseram, mas, no curso ulterior do seu desenvolvimento, também assimila as normas das diversas figuras de autoridade com quem se relaciona. Ele está intimamente associado ao ideal do ego, tanto que Freud chega a propor que esse seria o seu núcleo. Porém, nele se salientam outras duas funções, a saber, a auto-observação e a consciência moral. Geneticamente, trata-se da última parte do aparelho psíquico a ser consolidada, desde que o seu surgimento está relacionado à resolução, sempre parcial, do drama edípico, o que para Freud ocorreria entre os três e cinco anos de idade. Do ponto de vista topológico, o superego possui uma ampla

parte inconsciente, embora algumas de suas ações possam ser conscientemente percebidas. Ele é uma diferenciação do ego, mas, simultaneamente, abriga os impulsos que constituem o *id* no seu interior.

O surgimento do superego implica, nos trabalhos de Freud, uma alteração do entendimento sobre o ego, principalmente quando comparamos as elaborações postuladas entre 1914 e 1920. Durante esse período, as instâncias ideais eram um componente do ego, ao passo que, a partir de 1923, adquirem autonomia e passam a compor uma estrutura à parte, claramente diferenciada.

Id, ego e superego são as três estruturas que compõem a segunda tópica. Também é marca distintiva desse momento o fato de que esses elementos não são completamente estanques entre si, embora suas funções possam ser diferenciadas. Especificamente quanto ao foco de nossa análise, cabe ressaltar que a concepção sobre o ego salientava a sua característica de mediador, embora, é verdade, um tanto quanto coagido perante outras forças - Freud afirma que concebe o “Eu como uma pobre criatura submetida a uma tripla servidão, que sofre com a ameaça dos três perigos: do mundo exterior, da libido do *Id* e do rigor do Super-eu” (1923a/2011, p.53). Essa visão, própria desse momento teórico, sofrerá alterações nos escritos subsequentes, em especial na abordagem sobre os mecanismos de defesa.

1.5 O ego e os mecanismos defensivos

1.5.1 O recalque (*Verdrängung*)

Ao longo da história do pensamento freudiano, é possível afirmar que o ego sempre esteve relacionado à ideia de fator defensivo. Essa condição repousa em uma contraposição inicial entre o inconsciente e o ego por muito tempo entendido como composto apenas pelos sistemas consciente e pré-consciente. Após a instauração de uma nova tópica, construiu-se uma visão sobre o ego que implicava a admissão de importantes partes inconscientes em sua estrutura. Em um primeiro momento, o que foi considerado inconsciente consistia justamente nas partes envolvidas no recalque, ou seja, nas partes defensivas.

Essa constatação - que inaugura a segunda teoria do aparelho psíquico - possibilitou que Freud passasse a trabalhar em um novo campo de reflexão na parte

final de sua obra. É possível organizar as últimas elaborações sobre o ego a partir da análise da relação que essa estrutura tem com os mecanismos de defesa. Tais elementos poderiam ser pensados a partir de quatro grandes exemplos: Recalque (*Verdrängung*), Negação (*Verneinung*), Rejeição/Forclusão (*Verwerfung*) e Recusa (*Verleugnung*).

Desses quatro elementos, o recalque foi o primeiro a ser teorizado. É possível rastrear algumas de suas linhas diretrizes inclusive nos escritos pré-psicanalíticos, momento em que as ideias de recalque e defesa eram praticamente intercambiáveis (PLON; ROUDINESCO, 1998). Da mesma sorte, na *Interpretação dos sonhos*, encontramos referências a elementos retirados da consciência e impedidos de a ela retornarem livremente. É com razão, portanto, que n'*A história do movimento psicanalítico* (1914), Freud afirma que “a teoria da repressão é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise. É a parte mais essencial dela” (1914b/1996, p.26). Essa posição se relaciona a dois fatores centrais para a psicanálise: o recalque é indissociável da teorização sobre o conflito psíquico, especialmente nos primeiros anos; e esse mecanismo de defesa atua na composição do inconsciente. Apesar de sempre estar presente nas elaborações psicanalíticas, somente em 1915, na obra que tem por título *A repressão*, Freud irá tomar esse mecanismo como objeto central de estudo.

Nesse texto, é proposto que o ego sempre teve por tarefa evitar estimulações que pudessem levar ao desprazer. Quando a fonte de estímulos é externa, basta a essa instância acionar o controle muscular para empreender uma fuga. Porém, a situação se complica quando a fonte de estímulo é interna, pois “o Eu não pode fugir de si mesmo” (FREUD, 1915b/2011, p. 62). Esses estímulos internos podem ser derivados de uma grave lesão orgânica, dor, fome, embora, mais comumente, estejam relacionados à pulsão.

De regra, o mecanismo mais simples para eliminar o desprazer causado pela pulsão consiste em proporcionar sua satisfação. Contudo, diferentes pulsões podem entrar em antagonismo, o que significa que o atendimento a determinada pulsão pode ocasionar um conflito psíquico e provocar desprazer. Adotando um ponto de vista energético, Freud propõe que, se a cota de desprazer associada à satisfação de uma determinada pulsão for maior do que o prazer decorrente do seu atendimento, é possível que entrem em ação alguns mecanismos de defesa, como, por exemplo, o recalque.

Esse fenômeno se desenrola articulando dois tempos, dentre os quais o mais primitivo é denominado *recalque primordial* e pode ser entendido como o “fato de ser negado, à representante psíquica do instinto, o acesso ao consciente. Com isso se produz uma *fixação*; a partir daí a representante em questão persiste inalterável, e o instinto permanece ligado a ela” (Freud, 1915b/2011, p.63-64). Posteriormente, ocorreria um segundo estágio, denominado *recalque propriamente dito*, no qual os derivados psíquicos da representante em questão, ou as cadeias de pensamento que se associaram a ela, são impedidos de adentrar a consciência. Por tal razão, Freud afirma: “a repressão propriamente dita é uma ‘pós-pressão’” (1915b/ 2011, p.64).

Esse quadro aponta para o fato de que o recalque não destrói o representante da pulsão, afinal ele continua agindo no inconsciente, “se organizando, formando derivados e estabelecendo conexões” (FREUD, 1915b/2011, p. 64). Vale notar que, quanto mais longe da consciência ele se mantiver, maior será a possibilidade de trabalho desencadeado, porque, nessas condições, é possível dar livre curso à fantasia. O resultado desse processo são produtos psíquicos ricos em conteúdo, mas que parecem estranhos para o sujeito quando conscientemente analisados.

A postulação de um trabalho psíquico indica que o recalque não é estático. Após o envio para o inconsciente, há a tentativa constante de retorno do recalcado, que, para não adentrar novamente à consciência, exige que o ego o mantenha sob pressão ininterrupta. Isso aponta para um fato clínico: todo recalque é mantido apenas pelo dispêndio de uma cota energética e o processo de elaboração executado em uma análise pode liberar tal montante para ser utilizado de maneiras mais proveitosas.

A pulsão não é composta exclusivamente por representantes, mas também por parcelas energéticas. Durante o processo de recalque, os aspectos quantitativos se transformam em afeto, especialmente em angústia. Nesse contexto, tal elemento pode ser entendido como montante afetivo, desvinculado de representação que ocasione uma elevação tensional no interior do aparelho psíquico. A angústia é encarada como uma energia sem ligação, que fica à deriva no aparelho psíquico e provoca desprazer. Essa situação é especialmente paradoxal, pois, “se uma repressão não consegue impedir o surgimento de sensações de desprazer ou de angústia, então podemos dizer que ela fracassou, ainda que tenha alcançado sua meta na parte ideativa” (FREUD, 1915b/ 2011, p.68).

Um fator fundamental a ser destacado nesse contexto é que a angústia é *resultado* do recalque: é produto da desvinculação entre representação e afeto.

Apesar de ambos os fatores comporem a pulsão, eles apresentam vicissitudes diferentes no interior do aparelho psíquico. A importância de se conferir destaque a esse quadro repousa no fato de que, após a redefinição tópica, a teorização sobre o recalque e a angústia irá se alterar.

O testemunho dessa mudança pode ser encontrado no texto de 1926, *Inibições, sintomas e angústia*, que busca apresentar uma profunda análise metapsicológica sobre fenômenos clínicos relativamente comuns, mas que possuem um grande potencial heurístico. O primeiro fenômeno analisado, que compõe justamente o título, é a inibição, que, para Freud, trata-se de uma “limitação funcional do Eu” (1926/2011, p.12). Consistiria no estabelecimento de uma dificuldade ou mesmo impossibilidade de execução de certas ações anteriormente desempenhadas sem nenhum problema, como comer, andar, escrever ou ter relações sexuais. Tal condição se estabeleceria devido a um sobreinvestimento sexual de certas parcelas do corpo, ou seja, significa afirmar que “a função do órgão subordinada ao Eu fica prejudicada quando aumenta sua erogeneidade” (1926/2011, p.13). O ego pode tentar anular certas parcelas corporais para tentar administrar as ameaças que as exigências pulsionais provocam e, juntamente com *Id*, o “Eu renuncia a estas funções que lhe cabem, para não ter de efetuar uma nova repressão, para evitar um conflito com o *Id*” (1926/2011, p.13).

Esse argumento apresenta algumas características que devem ser sublinhadas, como, por exemplo, o fato de que essa obra em questão foi escrita após o estabelecimento da segunda tópica e da segunda teoria pulsional, ou seja, em um estágio bem desenvolvido da psicanálise. No entanto, na tentativa de explicar as inibições, o modelo utilizado por Freud é especialmente próximo do modelo de conflito pulsional presente n’*A compreensão psicanalítica dos distúrbios psicogênicos da visão* (1910). A antiga dualidade entre as pulsões sexuais e o ego serve de sustentação para as hipóteses apresentadas, o que demonstra que, mesmo com a construção de novos quadros explicativos, as elaborações anteriores ainda se fazem presentes no pensamento freudiano.

Mas é nas considerações sobre o sintoma que podemos observar os maiores avanços sobre a teoria do recalque. Inicialmente, destaca-se que é mantida a ideia já clássica de que as formações sintomáticas surgem como uma substituição de uma demanda pulsional insatisfeita, ocorrida por uma ação do ego que interdita o acesso à consciência dos representantes da pulsão, ou seja, executando o recalque.

Esse mecanismo defensivo é acionado como tentativa de se manterem afastados os perigos internos de origem psíquica. Do ponto de vista metapsicológico, poderia ser descrito como o processo no qual “O Eu retira o investimento (pré-consciente) do representante do instinto a ser reprimido e o aplica na liberação de desprazer (angústia)” (FREUD, 1926/2011, p.16). Explicitando, a angústia possui uma faceta adaptativa, porque é um afeto que auxilia o ego na sua tarefa de preservar o sujeito. E, ainda que ela possa estar relacionada a alguma cota de desprazer, ela impediria que uma situação ainda mais desprazerosa, decorrente do atendimento da pulsão, se estabelecesse. Assim, Freud novamente afirma que o ego é a sede da angústia.

De outro lado, a centralidade da angústia no processo do recalque obriga Freud a examinar mais detalhadamente esse fenômeno. E, nesse momento, um importante avanço se estabelece: pela primeira vez, ele afirma que “a angústia não é gerada novamente na repressão, e sim reproduzida como um estado afetivo, segundo uma imagem mnêmica já existente” (FREUD, 1926/2011, p.16). A pergunta imediata que surge é: qual tipo de experiência estaria presente na história de uma pessoa que serviria de base para a consolidação da angústia? A resposta é oferecida a partir de um intenso diálogo, marcado por discordâncias importantes, com a obra de Otto Rank: “nos seres humanos, e nas criaturas a ele aparentadas, o ato do nascimento, sendo a primeira vivência individual da angústia, parece ter dado traços característicos à expressão de angústia” (FREUD, 1926/2011, p.17).

Se nos voltamos para a íntima associação entre a angústia e o mecanismo defensivo discutido, podemos perceber que esses fatores estão presentes desde momentos teóricos antecessores. O que permite que se trabalhe com a ideia de que os recalques primordiais se estabelecem antes da consolidação do superego. Existe, portanto, um contraste com uma série de afirmações anteriores, elaboradas a partir dos textos centrais sobre o narcisismo até *O ego e o id*, que propunham que a construção das instâncias ideais, núcleo do superego, eram os fatores condicionantes do recalque.

O caráter traumático do nascimento surge devido a uma intensa invasão de estímulos no recém-nascido. A completude fetal é bruscamente abalada nesse momento e o aparelho psíquico não possui recursos para contornar a situação. Do ponto de vista metapsicológico, o psiquismo do bebê sofre uma sobrecarga energética, que estabelece, pela primeira vez e de maneira avassaladora, uma

vivência desprazerosa. Concretamente, ocorre uma situação que é compreendida como perigosa, cujo resultado é o estabelecimento da *angústia real*.

As marcas que esse momento consolida são tão profundas que, nas experiências subsequentes do bebê, qualquer situação que sinalize para algum tipo de privação é interpretada como um perigo análogo ao do nascimento. De importância fundamental nessa trajetória é o afastamento periódico da mãe, que acaba por expor o pequeno à frustração. Nesse cenário, existe o temor de que a ausência da mãe seja permanente e a angústia surge, novamente, como resultado do medo da perda do objeto amado.

O pavor diante da perda objetal será um fator constante para todo ser humano, ainda que se apresente de diferentes maneiras ao longo da vida. Na fase fálica, por exemplo, essa situação se atualiza no complexo de castração. Existe para a criança uma série de situações que sinalizam a possibilidade de perda de uma parte do seu corpo. A título de outro exemplo, podemos pensar no seio, que o bebê concebe como sendo uma parte sua, mas que, constantemente, se separa dele. É também nesse período que o complexo de Édipo começa a caminhar para o seu desfecho e o menino desenvolve, ao lado de sua atitude amorosa com a mãe, intensos sentimentos agressivos para com o pai. Por meio da projeção, ele começa a temer que o pai também o odeie e o ataque, privando-o de uma parte corpórea revestida de importância, o pênis. Foi justamente a essa conclusão que Freud chegou em duas análises importantes: o Homem dos lobos e o Pequeno Hans. O desfecho neurótico para essa situação consistiu em uma escolha: entre o perigo de perder o pênis e a renúncia à mãe, o sujeito acaba por optar a manter sua completude narcísica.

A travessia do complexo de Édipo também ocasiona uma transformação no foco da angústia, que, a partir de então, será sentida em relação ao superego, temido pelo ego por supostamente poder efetivar a castração. É por isso que Freud pode concluir que, para cada fase do desenvolvimento, existem maneiras específicas de expressão da angústia, de forma a afirmar que

O perigo do desamparo psíquico se adequa ao período de vida em que o Eu é imaturo, assim como o perigo da perda de objeto corresponde à dependência dos primeiros anos da infância, o perigo da castração, à fase fálica, a angústia ante o Super-eu, à época de latência (1926/2011, p.63)

Evidentemente, não estamos diante de uma história linear, pois, em fases já maduras, o sujeito pode apresentar uma modalidade de angústia ligada a etapas anteriores de sua vida, como bem demonstram as manifestações neuróticas.

Exposto como a angústia se atualiza de diferentes maneiras na vida do sujeito, cabe agora examinar de que maneira esse afeto se relaciona com o ego no processo de recalque. O mecanismo de defesa ocorre quando o ego percebe a existência de um perigo interno, de natureza pulsional. Na busca por autoconservação, ele lança mão de recursos mnêmicos que remontam a experiências desprazerosas, impedindo que a pulsão atinja sua meta. Tais experiências estão associadas à angústia, o que permite a Freud afirmar que “a postura angustiada do Eu é sempre o elemento primário e instigador da repressão. A angústia não provém jamais da libido reprimida” (1926/2011, p.32).

Esse contexto materializa algumas pautas interessantes do ponto de vista metapsicológico, cabendo aqui a indagação: se a angústia é um afeto tão penoso, que desequilibra consideravelmente o equilíbrio energético do psiquismo, por qual motivo ela é utilizada? Nesse ponto, cabe salientar uma importante diferenciação: a angústia em questão não é aquela vivenciada diante de situações traumáticas, como o nascimento; não se trata da *automatische angst*, porque, se assim o fosse, a cota de desprazer envolvida seria tão grande que não existiriam motivos para se recorrer a um mecanismo de defesa. O que é utilizado é um *signal de angústia*. Laplanche define esse conceito como sendo

um dispositivo que o ego põe em ação diante de uma situação de perigo, de forma a evitar ser submerso pelo afluxo das excitações. O sinal de angústia reproduz de forma atenuada a reação de angústia vivida primitivamente numa situação traumática, o que permite desencadear operações de defesa (LAPLANCHE; PONTALIS, 1994, p.486)

O afeto, ainda que carregue alguma cota penosa, serve como uma antecipação do ego para evitar situações piores. A metáfora utilizada por Freud esclarece bem a situação. Nesses casos, “o Eu se submetia [submete] à angústia como se essa fosse uma vacina, aceitando a forma atenuada da doença para escapar do seu ataque pleno” (1926/2011, p.82).

Repetidamente, Freud afirma que a angústia é uma reação ante o perigo. No processo de recalque, o que ameaça o ego é a reprovação constante do superego, que se reveste de importância porque atualiza o grande temor desenvolvido durante

o período edípico: “o móvel da repressão é o medo da castração” (1926/2011, p.31). Entretanto, é necessário reconhecer que isso se liga a uma grande cadeia simbólica, pois o horror diante da perda do pênis está intimamente associado a experiências penosas da perda de objetos de amor, que, em última análise, só são evitadas como um meio de não se repetir o desprazer traumático do nascimento.

É para evitar a castração que se possui como embaixador o superego, que o ego busca impedir a satisfação de certas pulsões. Todavia, a pressão para o atendimento irrestrito dos desejos é grande, apontando que o ego precisa lançar mão de certos mecanismos para contornar a situação. Freud propõe, assim, que essa instância psíquica, apoiada em certos elementos mnêmicos, lance mão, inicialmente, do *signal de angústia*, o que acaba por convocar a “ajuda da quase todo-poderosa instância do princípio do prazer” (1926/2011, p.15) de forma a retirar o investimento pré-consciente da parte ideativa da pulsão, ao mesmo tempo em que o aplica no fortalecimento do *signal de angústia*. Isso permite que compreendamos uma das grandes novidades da segunda teoria da angústia, pois ela aponta que é a “angústia que gera a repressão” (1926/2011, p.31) e não o contrário, como se preconizava na proposta de 1915.

Paulatinamente, e comparada aos escritos anteriores, vemos se delinear uma concepção de ego que é mais forte, organizado e com maiores possibilidades de negociação. Ele não mais ocupa o espaço de um mediador precário e um tanto limitado entre o *id*, o superego e a realidade e isso é claramente anunciado por Freud ao afirmar que a dependência do ego para com as outras instâncias, bem como a sua impotência e suscetibilidade à angústia perante elas são bem menores do que se imaginou em *O ego e o Id*.

O exame aprofundado do recalque permitiu ainda outro avanço, pois, desde os primeiros anos e durante muito tempo na teoria psicanalítica, concebeu-se que mecanismo de defesa e recalque eram praticamente elementos intercambiáveis. Porém, talvez seja mais rigoroso pensar a diferenciação entre esses termos reservando para mecanismos de defesa “uma designação geral para todas as técnicas que o Eu utiliza em seus conflitos que eventualmente conduzem à neurose” (FREUD, 1926/2011, p.83), das quais o recalque é apenas um dos exemplos. É essa constatação que abrirá as portas para que, na parte final de sua obra, Freud analise outros processos de defesa.

1.5.2 A negação (*Verneinung*)

É um fato clínico corriqueiro que grande número das sentenças proferidas pelos analisandos assumam formas negativas. Comumente, tais falas possuem grande potencial heurístico e possibilitam que certas parcelas do psiquismo, por meio da escuta analítica, sejam desveladas. Essa condição não passou despercebida a Freud que, desde os primeiros escritos, como *Estudos sobre histeria* (1893), já analisava esse fenômeno. Entretanto, será somente em uma etapa bem avançada do seu pensamento que ele irá dedicar um texto ao exame desse tipo de situação.

A *negação*, publicado em 1925, é uma obra relevante por discutir um mecanismo de defesa que tem sua importância acrescida do fato de também participar da constituição da realidade psíquica. Basicamente, ela consiste na possibilidade de que determinada representação pulsional recalcada possa se presentificar na consciência, desde que sob sua forma negativa. Trata-se de um “levantamento da repressão, mas não, certamente, uma aceitação do reprimido” (FREUD, 1925a/2011, p.251). Existe a aceitação intelectual, indireta, de um conteúdo recalcado, mas sem que se note a evocação do afeto a ele vinculado. O essencial do recalque ainda é mantido.

Freud afirma que é “função intelectual do juízo confirmar ou negar os conteúdos do pensamento” (1925a/2011, p.251). A origem psicológica desse modo de funcionamento revela que, na negação, existe uma atitude dupla: simultaneamente, ocorre o reconhecimento da representação de uma pulsão e a tentativa de afastá-la. Por esse quadro, torna-se possível dizer que “o juízo negativo é o substituto intelectual da repressão” (1925a/2011, p.251). Esse mecanismo também é importante por permitir que o pensamento utilize determinados conteúdos para o seu correto funcionamento, desde que eles portem o *símbolo da negação*⁴, não ficando, portanto, tão limitado pela ocorrência do recalque.

O juízo referido por Freud se apresenta sob duas formas: juízo de característica (ou de atribuição) e de existência, e o exame desses fatores auxilia na compreensão da gênese e do modo de funcionamento do ego. No primeiro caso, estamos diante de

⁴ A ideia de símbolo da negação está diretamente relacionada com a acepção alemã da palavra *Verneinung*. Hanns (1996) esclarece que esse termo evoca a ideia de “negar rebatendo algo com um ‘não’” (p.314), que seria justamente esse símbolo.

etapas mais primitivas do ego, nas quais se deve decidir se algo é bom ou ruim - o que é de fundamental importância dado que “o *eu-prazer* originário deseja introjetar o que é bom ou prazeroso e colocar para fora tudo o que é mau. Freud afirma que, inicialmente, não há diferença entre o que é mau e o que se situa fora do Eu” (SOUZA, p.59, 2014).

Já no segundo caso, o juízo de existência se desenvolve em uma etapa posterior. Nele, nota-se que o *ego-prazer* serviu de base para a emergência do ego-realidade e a “questão já não é se algo percebido (uma coisa) deve ou não ser acolhido no Eu, mas se algo que se acha no Eu como representação pode ser reencontrado também na percepção (realidade)” (FREUD, 1925a/2011, p.252). Essa avaliação é necessária vez que a imaginação introduz pequenas modificações nas repetições da representação de um objeto, que podem introduzir diferenças radicais entre aquilo que existe no psiquismo e o que existe na realidade externa. É partindo desses argumentos que Freud conclui que o teste de realidade não visa “encontrar na percepção real um objeto correspondente ao imaginado, mas sim *reencontrá-lo*, convencer-se de que ainda existe” (1925a/2011, p.252). Isso é relevante porque não basta que um determinado objeto, alguma vez, tenha sido considerado bom por promover a satisfação pulsional. O sujeito também busca se assegurar de que o ego pode recuperar esse objeto no exterior em caso de nova necessidade. O que permite concluir que o teste de realidade só tem sentido se o elemento que promove a satisfação for perdido⁵.

O que vale sublinhar nesse processo é que a negação só pode ser pensada como sucessora da afirmação. Aquilo que se nega é algo considerado mau ou ruim que, inicialmente, compôs o ego, mas que, em um segundo momento, foi expulso e considerado estranho a partir de então. Nessa constatação, pode-se perceber o valor clínico desse texto freudiano: quando um sujeito não reconhece um determinado desejo, enunciando-o na forma negativa, existem boas razões para se considerar que estamos diante de um desejo recalcado que, positivamente, determina a pessoa. Afinal, “o reconhecimento do inconsciente por parte do Eu se exprime numa fórmula negativa” (Freud, 1925a/2011, p.254).

⁵ Isso pode ser constatado na seguinte passagem freudiana: “reconhecemos, como pré-condição para que se instaure o exame de realidade, a perda de objetos que um dia proporcionaram a real satisfação” (1925a/2011, p.253)

Conforme vimos, o julgar está intimamente vinculado a um processo de inclusão e exclusão do ego. A partir disso, Freud conclui o artigo apontando que a afirmação, por promover a união, o acréscimo, o enriquecimento do ego só pode ser considerada como um evento que ocorre sob a égide das forças eróticas. Da mesma maneira, a negação, que visa expelir, separar, segregar conteúdos, pode ser tomada como um exemplo de ação da pulsão de morte.

1.5.3 Rejeição (*Verwerfung*)

A racionalidade diagnóstica é uma constante na psicanálise e dela faz parte a necessidade de diferenciar as diversas manifestações patológicas. Um exemplo desse movimento é a busca por sublinhar as especificidades dos fenômenos neuróticos e psicóticos, discussão que ganhou reforço quando Freud voltou sua atenção para os mecanismos de defesa, com a consolidação da segunda teoria do aparelho psíquico.

Compreender quais são os processos defensivos característicos da psicose não é uma tarefa fácil. Freud utiliza várias palavras para circunscrever os modos de funcionamento próprio dessa estrutura. Existe, portanto, um grupo semântico que gira em torno da ideia de expulsar algo, suprimir, excluir, dentre outros, e um vocábulo que seria capaz de reunir esses sentidos, *Verwerfung*, cuja tradução para o português poderia ser “rejeição” (HANNIS, 1997; SOUZA, 2010). Ao mesmo tempo, também deve-se atentar que *Verwerfung* se relaciona a vários processos diferentes, por exemplo, à ideia de recusa no recalque, à supressão decorrente de um juízo consciente de condenação e à rejeição da realidade própria da psicose (LAPLANCHE; PONTALIS, 1994).

O fato é que “Freud nunca conceituou esse fenômeno de rejeição (*Verwerfung*), ainda que [...] sempre tenha estado buscando [*sic*] a definição de um mecanismo desse tipo que fosse próprio da psicose” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.246). No entanto, isso não impediu que a segunda geração de psicanalistas, como Klein, reconhecesse no texto freudiano indicações importantes para se pensar o fenômeno psicótico. Assim, mesmo ciente do problema inerente à discussão, adotamos por hipótese que existe um sentido ligado à ideia de rejeição que permite inferir algumas características de um mecanismo de defesa específico.

A consistência dessa hipótese se constata desde os primeiros escritos de Freud que trabalham com a ideia de uma rejeição estruturante da psicose. Já em 1894, ao discutir o que seria próprio da neurose e da psicose, ele afirma:

Em ambos os casos [...] a defesa contra a representação incompatível foi efetuada separando-a de seu afeto; a representação em si permaneceu na consciência, ainda que enfraquecida e isolada. Há, entretanto, uma espécie de defesa muito mais poderosa e bem sucedida. Nela, o eu rejeita a representação incompatível juntamente com seu afeto e se comporta como se a representação jamais lhe tivesse ocorrido (1894/1996, p.64).

No trecho, existe uma clara diferenciação do processo de recalque, ao mesmo tempo em que um tipo de defesa de caráter mais radical é anunciada. Cabe, no entanto, a indagação sobre o que não é aceito, descartado.

Uma resposta possível é pensarmos a rejeição tomando por base algumas conclusões extraídas de textos anteriores sobre o recalque e a negação, articulação que estaria presente na obra *O Fetichismo* (1927)⁶. Em primeiro lugar, pode ser resgatada a ideia de que o complexo de castração e a angústia a ele relacionada participam da constituição dos mecanismos de defesa; em segundo lugar, a negação assinala que os processos de interiorização e expulsão dos conteúdos bons e ruins, respectivamente, formam a realidade psíquica. A tomarmos o caso da rejeição, cabe sublinhar que sua especificidade reside no fato de que o sujeito, ao ser confrontado com a diferença anatômica dos sexos e, portanto, com a castração, executa um descarte dessa percepção, uma não aceitação vinculada aos processos primários.

A consequência desse ato não incide apenas na percepção da castração, mas altera de maneira radical a relação que o sujeito trará com a realidade. Isso já tinha sido percebido por Freud em outros textos, na obra *Neurose e psicose* (1924a). Por exemplo, ele dará uma interpretação estrutural para essa situação, afirmando que “a neurose seria o resultado de um conflito entre o ego e o id, ao passo que a psicose é o desfecho análogo de um distúrbio semelhante nas relações entre ego e o mundo externo” (p.167). A existência da rejeição abala de maneira importante uma das funções mais características do ego - em todos os outros textos, desde o *Projeto para*

⁶ O estudo do fenômeno do fetichismo normalmente está vinculado às reflexões sobre a perversão. No entanto, esse texto de 1927 também fornece pistas sobre a psicose, porque, nesse ponto de elaboração, para Freud existiriam alguns fatores que aproximariam [a estrutura psicótica e a perversa](#), conforme analisado por Laplanche e Pontalis (1994, p.196).

uma psicologia científica, caberia a essa estrutura executar o teste de realidade, algo que fica profundamente comprometido na psicose.

Essa grande mudança ocorre porque existe a frustração dos “desejos infantis nunca sujeitos, tão profundamente enraizados em nossa organização filogeneticamente determinada” (FREUD, 1924a/2011, p.161) que buscam existir à margem da castração, mantendo intacta a completude narcísica. E isso daria início não a uma fuga do que frustra, tal como na neurose, mas a um remodelamento da realidade (FREUD, 1924c/2011)

Levando em conta essas conclusões, clareia-se um dos grandes casos clínicos descrito por Freud: O Homem dos Lobos. Sergei Pankejeff foi um homem russo que fez análise inicial com Freud entre os anos de 1910 e 1914. Nesse momento, a hipótese diagnóstica era a de um severo caso de neurose obsessiva. Em análises posteriores, no entanto, notadamente na executada por Ruth Brunswick, ficou cada vez mais pertinente que se tratava de um caso de psicose. Para a discussão aqui empreendida basta sublinhar que Freud interpretou o surgimento dos sintomas desse sujeito como sendo uma reação ao complexo de castração.

Na primeira etapa, então com um ano e meio de idade, Sergei observou ou imaginou uma relação sexual de seus pais em que sua mãe se apoiava nos próprios braços e joelhos. Inicialmente, não se seguiram grandes repercussões, pois ele acreditou que o coito era sempre anal e que a mulher poderia possuir um pênis, o que não colocava em perigo sua completude narcísica. Posteriormente, por volta dos quatro ou cinco anos, ele foi confrontado com uma série de experiências que colocavam em xeque essa concepção anterior: a observação de meninas nuas, as ameaças de sua babá, a importunação de sua irmã bem como várias ações do pai contribuíram para que, aos poucos, a diferença entre os sexos se apresentasse como uma realidade inescapável.

Ele se comportou nisso como se comportam em geral as crianças, ao obter uma explicação indesejada – sexual ou de outro tipo. Rejeitou o que era novo – em nosso caso por motivo de angústia de castração – e apegou-se ao velho. Decidiu-se pelo intestino contra a vagina [...] Era por certo uma contradição que, a partir desse momento, pudessem coexistir angústia de castração e identificação com a mulher mediante o intestino, mas era apenas uma contradição lógica, o que não quer dizer muito. Todo o processo é agora característico do modo como o inconsciente trabalha. *Uma repressão é algo diferente de uma rejeição* (FREUD, 1918/2011, p.70-71, grifo nosso).

Conforme o grifo, a precisão conceitual de Freud nos coloca diante de um processo específico, a rejeição, caracterizada por um alheamento perante os dados oferecidos pela realidade. O que era estruturante desse sujeito era uma posição dúbia em relação à castração, dado que ele notava a compreensão intelectual da ocorrência ao mesmo tempo em se portava como se ela jamais tivesse suscitado qualquer consequência, como se ela efetivamente jamais tivesse se estabelecido. Freud aponta que, nessa situação, Sergei executava uma rejeição, ou seja, “não pronunciava um juízo sobre sua existência [da castração], mas era como se não existisse” (1918/2011, p.75). Adiante, ao pensar sobre o modo como o sujeito encarava a castração, propõe que

Coexistiam nele duas correntes opostas, das quais uma abominava a castração, e a outra se dispunha a aceitá-la e consolar-se com a feminilidade como substituto. A terceira, a mais antiga e profunda, que simplesmente rejeitara a castração, em que o juízo sobre a realidade não chegou à consideração, ainda podia certamente ser ativada (1918/2011, p.75-76)

Assim, evidencia-se que, no caso da rejeição, não existe apenas uma tentativa de impedir a um determinado conteúdo desprazeroso o acesso à consciência; tampouco ocorre uma negação simples. Ao invés, estamos diante de uma postura mais radical, na qual a própria inscrição da realidade não se presentifica no aparelho psíquico, ficando seriamente prejudicada a possibilidade de uma simbolização de eventos como a castração.

1.5.4 Recusa (*Verleugnung*)

Embora tenha sido a neurose o principal terreno de desenvolvimento da racionalidade clínica freudiana, desde etapas muito primitivas é possível localizar uma reflexão constante sobre a perversão. A partir dos primeiros textos, como *Três ensaios...* (1905), Freud busca entender o que é a estrutura perversa e interpreta-a como sendo um dos determinantes do psiquismo, ao ponto de podermos afirmar que a sexualidade é, na sua base, essencialmente perversa. Não obstante, sua visão sobre essa estrutura clínica vai se alterando ao longo de sua obra, de modo que podemos localizar, em etapas tardias, definições mais rigorosas sobre o fenômeno e descritos, inclusive, os mecanismos de defesa em ação.

O curto ensaio *O fetichismo* (1927) é um bom representante dessas últimas reflexões e o estudo do trabalho psíquico envolvido na criação do fetiche torna-se paradigmático para entendermos as manifestações perversas. Basicamente, é possível afirmar que “o fetiche é aquilo graças ao que a pessoa se protege contra a angústia da castração” (VALAS, 1997, p.102). Ele se coloca como o substituto do pênis, que possui uma função simbólica central para o sujeito: denunciaria que as mulheres são castradas e o colocaria em posição de potencialmente também vir a sê-lo. Freud sintetiza esse cenário afirmando que “o fetiche é o substituto para o falo da mulher (da mãe), no qual o menino acreditou e ao qual – sabemos por quê – não deseja renunciar” (1927/2011, p.246).

Essa situação torna-se relevante porque ela se organiza a partir de um mecanismo de defesa específico: a recusa (*Verleugnung*) de um dado perceptivo. Hans (1996), na sua análise sobre os sentidos desse termo, propõe que, normalmente, ele é utilizado como tentativa de negar algo que foi previamente admitido e se articula à ideia de “negar a presença-existência. Trata-se de ‘dizer que não está lá’. Frequentemente, é como se o sujeito soubesse que aquilo que é rejeitado existe, mas continua a negar sua existência ou presença” (p.304).

Nesse ponto, não estamos simplesmente diante de um mecanismo que consiste na separação entre ideia e afeto com a subsequente censura consciente dos elementos ideativos, como ocorre no recalque; tampouco estamos diante da recusa primária do dado perceptivo, seguida de uma alucinação, como seria típico da psicose. Trata-se, na verdade, de uma terceira via de resolução, na qual

A percepção permaneceu e uma ação bastante enérgica foi realizada para sustentar a recusa. Não é certo dizer que a criança, depois de fazer sua observação da mulher, manteve intacta a crença de que ela tem um falo. Conservou essa crença, mas também a abandonou; no conflito entre o peso da percepção indesejada e a força do desejo contrário chegou a um compromisso, o que é possível apenas sob a direção das leis do pensamento inconsciente – dos processos primários. Sim, na psique a mulher continua a ter um pênis, mas esse pênis já não é o mesmo de antes. Outra coisa ocupou o seu lugar, foi como que nomeada o seu substituto (FREUD, 1927/2011, p. 247)

Nesse processo, há uma dupla atitude do sujeito, pois existe um efetivo reconhecimento da castração, mas ele age como se nada soubesse sobre ela. Por isso a postura do fetichista, e do perverso de modo geral, pode ser sintetizada a partir da fórmula: *‘Eu sei, mas mesmo assim...’* Esse quadro permite perceber que essa

dupla atitude remete, na verdade, à possibilidade de uma *divisão fundamental do ego*, em que duas concepções contraditórias em relação à castração existem simultaneamente: a aceitação e a recusa.

Justamente nesse ponto de articulação o fetiche se instala, ou seja, ele é a materialização de um par antitético de ideias. Por tal razão, pode ser considerado uma espécie de um “véu por trás do qual se deixa esboçar a possibilidade da [...] presença oculta [do falo]” (VALAS, 1997, p.99).

Para além de elucidar certos mecanismos presentes na perversão, o ensaio *O fetichismo* também aponta importantes considerações sobre o ego e servirá como ponto de apoio para as últimas elaborações freudianas sobre essa instância psíquica. Principalmente após a consolidação da segunda teoria do aparelho psíquico, o ego é uma instância essencialmente mediadora entre várias exigências e, nesse processo, alguns conflitos podem se materializar. Por muito tempo, Freud buscou salientar que esse conflito, em regra, era sempre entre o ego e algum dos outros três polos: o *id*, o superego ou a realidade. Porém, após 1927, constrói a ideia de que o próprio ego pode possuir um conflito intrassistêmico.

Em algumas de suas últimas obras, como *O esboço de psicanálise* (1938), Freud voltará a investigar o fetichismo, principalmente por acreditá-lo um fenômeno que constitui um campo favorável para estudar a divisão do ego. Ao analisar o comportamento de fetichistas, retoma algumas conclusões tecidas no texto de 1927 e propõe que, nesse caso, os indivíduos

Expressam simultaneamente duas premissas contrárias. Por um lado, negam o fato de sua percepção - o fato de que não viram pênis nos genitais femininos - e, por outro, reconhecem o fato de que as mulheres não possuem pênis e tiram dele as conclusões corretas. *As duas atitudes persistem lado a lado durante toda a vida, sem se influenciarem mutuamente. Temos aqui o que pode ser corretamente chamado de divisão do ego* (FREUD, 1938a/1996, p.216, grifo nosso).

Destarte, o ego começa a ser considerado como uma instância multifacetada, na qual a lógica que tipicamente rege o *id*, isto é, a possibilidade de contradição, se faz presente.

A importância desse texto também se relaciona ao fato de que, novamente, Freud estende as conclusões obtidas em manifestações psicopatológicas muito específicas para outros campos dos processos mentais, permitindo localizar a divisão do ego também nas psicoses. Nesses quadros, mesmo em estados de franca

alucinação, o desligamento da realidade nunca é totalmente executado, o que aponta para a existência de duas correntes contraditórias em ação no ego. Em tais casos, estamos diante de uma divisão fundamental em que duas “atitudes psíquicas formaram-se em vez de uma só – uma delas, a normal, que leva em conta a realidade, e outra que, sob a influência dos instintos, desliga o ego da realidade. As duas coexistem lado a lado” (FREUD, 1938a/1996, p.215).

Um fenômeno parecido também se fará notar nas neuroses, que, de maneira simplificada, se organizam a partir da tentativa do ego de promover uma conciliação possível entre as demandas do *id* e os limites da realidade. Qualquer que seja a oposição adotada, isto é, a negação de uma parte do mundo externo ou a negação da pulsão, nunca se notará um sucesso completo e irrestrito dessas atitudes, o que permite que se afirme que o “resultado sempre reside nas duas atitudes contrárias, das quais a derrotada, a mais fraca, não menos que a outra, conduz a complicações psíquicas” (FREUD 1938a/1996, p.217). Ou seja, independentemente da estrutura em questão, a divisão do ego sempre se fará presente nos processos defensivos.

Em uma de suas últimas obras, Freud adotará como objeto justamente essa discussão. No inacabado *A divisão do ego no processo de defesa* (1938), propõe que a cisão psíquica explicitada a partir do estudo do fetichismo não incide apenas nas manifestações psicopatológicas, sejam elas neuróticas, psicóticas ou perversas, mas compõe uma experiência universal.

Idealmente, pode-se pensar que, diante do perigo de castração, uma criança deve tipicamente renunciar às suas demandas pulsionais ou rejeitar a realidade, buscando se convencer da inocuidade do perigo. Do ponto de vista da lógica formal, no entanto, essas alternativas são claramente contraditórias. O que se observa amiúde é que a criança não necessariamente realiza uma opção por um ou outro caminho, mas acaba mantendo os dois. Nesses casos, ela, “por um lado, com o auxílio de certos mecanismos, rejeita a realidade e recusa-se a aceitar qualquer proibição; por outro, no mesmo alento, reconhece o perigo da realidade, assume o medo do perigo” (FREUD, 1938b/1996, p.293).

Esse tipo de processo provoca a consequência de uma alteração permanente no ego, que, para sempre, carregará a marca dessa posição dupla. Manter a aceitação da realidade juntamente com a sua recusa estabelece uma “fenda no ego, a qual nunca se cura, mas aumenta à medida que o tempo passa” (FREUD, 1938b/1996, p.293). Em outras palavras, não é mais possível pensarmos uma unidade absoluta do

ego, um elemento que possua uma inteireza narcísica só abalada em processos extremos e francamente psicopatológicos.

Tais conclusões são importantes porque apontam que, mesmo nos derradeiros momentos de sua obra, Freud ainda se debruçava sobre o que era o ego e oferecia dele novas elaborações. Assim, vemos surgir nesse texto inacabado a nova constatação de que os processos de defesa, na medida em que se relacionam com uma divisão estrutural, sinalizam que a função sintética do ego, uma das características tipicamente atribuídas a essa estrutura ao longo da obra freudiana, não é absoluta. Processos francamente contraditórios e uma posição dúbia diante da realidade são, definitivamente, constitutivos do ego.

A noção de clivagem, embora presente de maneira ressaltada no final de sua obra, não foi completamente esgotada por Freud, que morreu antes de dar respostas definitivas a algumas questões. No entanto, a importância dessa investigação é tão grande que a segunda geração de psicanalistas continuará essas pesquisas. Por exemplo, Klein proporá que a clivagem não incide apenas sobre o ego, mas se estende também aos objetos, que começam a ser interpretados como bons e maus.

Capítulo 2

O conceito de ego em Melanie Klein

2.1 A inibição intelectual e as primeiras teorizações sobre o ego

2.1.1 Budapeste e Berlim: o contato de Klein com a psicanálise

A possibilidade de um autor emergir como representante de uma escola pós-freudiana está diretamente ligada ao fato de ele ter oferecido uma contribuição original para o campo psicanalítico. Conforme apresenta Mezan (2014), é possível localizar, na obra kleiniana, uma compreensão *sui generis* sobre uma metapsicologia, uma psicopatologia, sobre o que é o desenvolvimento psíquico e uma teoria da técnica. Embora esse acréscimo para a psicanálise seja único, ele não pode ser compreendido como um efeito absolutamente isolado, apartado de uma história do progresso teórico e clínico. Na verdade, estamos diante de uma síntese singular que busca dar conta de múltiplas determinações, dentre as quais as mais importantes podem ser ligadas aos trabalhos de Freud, Ferenczi e Abraham.

Os primeiros textos de Klein foram publicados na década de 1920 e são testemunhos do passado teórico a que ela se filia. O encontro da autora com a psicanálise se iniciou por volta de 1912, data provável do início de uma análise com Sandor Ferenczi (KRISTEVA, 2016). O papel desse analista foi importante por ajudar Klein a superar um quadro depressivo, mas, principalmente, por ter incentivado o seu percurso na psicanálise, encorajando-a a observar e a refletir sobre o seu filho Erich, que aparece nos seus textos sob o pseudônimo de Fritz. Em 1914, Klein tem o primeiro contato com a obra freudiana através do texto *Sobre os sonhos* (1901), mas, apenas cinco anos depois, ela escreve e apresenta o seu primeiro texto para o florescente círculo psicanalítico da Hungria no qual narra uma “intervenção doméstica guiada pelas teorias psicanalíticas” (CINTRA; FIGUEIREDO, 2004, p.32). Esse artigo, intitulado *O romance familiar em statu nascendi*, foi bem recebido e lhe rendeu a admissão como membro da Sociedade Húngara de Psicanálise.

As tensões políticas que surgiram devido à Primeira Guerra Mundial alteraram a trajetória da autora em Budapeste. O clima era muito hostil para os membros da Sociedade Húngara de Psicanálise, especialmente para aqueles que eram judeus, caso de Klein (ROUDINESCO; PLON, 1998). Em 1921, ela se muda para Berlim e,

algum tempo depois, inicia uma breve, mas muito impactante análise com Karl Abraham, que deu suporte para que a análise de crianças progressivamente fosse se afirmando como um campo válido de investigação. Também, nesse período, ela apresenta à Sociedade Psicanalítica de Berlim o artigo *A resistência da criança ao esclarecimento*, que irá compor, junto com o escrito anterior, o texto final de *O desenvolvimento de uma criança*. Durante o ano de 1923, publica *O papel da escola no desenvolvimento infantil*, no qual expõe que a aprendizagem é, desde o início, libidinalmente determinada e que as instituições educacionais têm um peso fundamental na dinâmica de sublimação das crianças. Também escreve *A análise de crianças pequenas*, que expressa suas concepções sobre o recalque e a simbolização.

Esses três textos⁷ podem ser tomados como uma unidade e emergem como testemunhos desses momentos iniciais do pensamento kleiniano. É possível apresentar algumas características relativamente estáveis dessas produções, por exemplo: a) ocupam-se prioritariamente da inibição intelectual ou de fenômenos associados a esse quadro; b) baseiam-se em etapas específicas da obra freudiana; c) já evidenciam algumas estratégias clínicas que, posteriormente, serão marca registrada de Klein, bem como algumas de suas bases teóricas; d) boa parte do material clínico desses artigos provém dos mesmos sujeitos, especialmente Fritz, Felix e Rita.

As produções iniciais de Klein não têm, evidentemente, toda a densidade teórica que seus escritos ulteriores possuirão. Trata-se mais de um testemunho dos primeiros, mas já bem inspirados, passos no campo psicanalítico. Petot (2008) se refere a esse momento como sendo um “sistema proto-kleiniano” e propõe que ele ocupa uma posição semelhante ao *Projeto para uma psicologia científica* em relação à obra freudiana. Em ambos os casos, não existe uma teoria acabada, com as mesmas características que se notarão ulteriormente. Entretanto, é necessário reconhecer que vários elementos que assumirão um papel central no edifício teórico dos autores já estão, ao menos, esboçados. No caso específico de Klein, poderíamos citar, por exemplo, a importância conferida às fantasias, à angústia como um afeto

⁷ *O desenvolvimento de uma criança* (1921), *O papel da escola no desenvolvimento libidinal da criança* (1923) e *Análise de crianças pequenas* (1923)

que impulsiona o aparelho psíquico, o brincar como recurso clínico, ou ainda algumas indicações que apontam para um complexo de Édipo precoce.

Tais textos, justamente por serem os primeiros passos no terreno psicanalítico, não visam a construção de um corpo metapsicológico bem definido. O objetivo principal seria fornecer um relato clínico e isso implica a ausência de uma teorização profunda sobre o ego. Não se nota, por exemplo, uma preocupação de descrever a psicogênese dessa estrutura, tampouco pensar sobre a sua distribuição tópica, característica essa, aliás, bem compreensível, uma vez que o quadro referencial para Klein, nesse momento, era, principalmente, a primeira teoria do aparelho psíquico. Todavia, eles abordam o fenômeno clínico da inibição, que, classicamente, na teoria freudiana, é compreendida como sendo um prejuízo funcional de alguma atividade egoica. Tal característica permite captar quais são as concepções, explícitas ou tácitas que Klein tem dessa estrutura, principalmente no que diz respeito ao seu modo de organização e funcionamento, possibilitando, portanto, que se extraiam alguns dados sobre sua psicodinâmica.

Na verdade, o que esse quadro aponta é que, mesmo nesses momentos iniciais, já existe aquilo que Figueiredo (2006) denomina como hibridismo epistemológico, no qual a distância entre a metapsicologia e a fenomenologia clínica é reduzida. Uma característica que se impõe em toda a obra de Klein é o fato de que a racionalidade metapsicológica “se enraíza na observação clínica muito mais fortemente do que a clínica freudiana e, ao mesmo tempo, oferece à clínica um maior alcance teórico” (FIGUEIREDO, 2006, p.131).

2.1.2 A análise de Fritz e as primeiras considerações sobre a inibição intelectual

Esse destaque conferido à observação já é perceptível no texto *O desenvolvimento de uma criança* (1921), que se ocupa de um menino, Fritz, e tenta pensar sobre a possibilidade de uma articulação entre a dimensão pedagógica e a analítica. A autora descreve o caso não como um tratamento completo, mas como uma tentativa de promover uma “educação com feições analíticas” (KLEIN, 1921/1996, p.66).

A hipótese defendida por Klein era que o excesso de repressão no processo educacional causa danos consideráveis ao sujeito, podendo resultar na instalação de sintomas neuróticos ou, o que é mais comum, em inibições de aspectos importantes

da vida. O próprio relato se ocupa quase que integralmente dessa segunda característica e evoca, como motivo para realizar a intervenção, que “o menino estava sofrendo de inibição para brincar, acompanhada por inibição de ouvir ou contar histórias” (KLEIN, 1921/1996, p.69).

A etiologia da inibição, nesse texto, é pensada a partir de diferentes níveis de explicação, embora todos estejam conectados. Em um primeiro plano mais imediato, esse quadro surgiria devido a um não atendimento das primeiras investigações infantis ou, utilizando um vocabulário posteriormente adotado pela autora, um recalque da pulsão epistemofílica. Dessa maneira, caberia a uma educação analiticamente orientada contornar esse perigo, oferecendo respostas as mais honestas possíveis para as perguntas feitas pela criança. O resultado dessa ação seria proteger “o pensamento da tendência à repressão – i.e. do retraimento da energia pulsional responsável por parte da sublimação” (KLEIN, 1921/1996, p.40).

Existe uma defesa radical da necessidade de sempre se oferecerem respostas tão verdadeiras quanto a criança pode assimilar. Essa posição é decorrente de uma sensibilidade clínica de Klein, que conseguiu compreender que, mesmo diante de perguntas simples, podem estar veladas questões estruturantes do psiquismo. Se a curiosidade típica infantil encontra obstáculos para ser mitigada, então as investigações sobre temas mais profundos, que envolvem aspectos perversos da vida mental, não são efetuadas e acabam submetidas a um processo de recalque. É por essa razão que se torna possível afirmar que a causa da inibição está diretamente relacionada com “o repúdio e a negação do sexual e do primitivo” (KLEIN, 1921/1996, p.43).

O impedimento das investigações infantis adquire uma posição central nesse processo por ser uma porta de entrada para a ação mais genérica do recalque. Isso fica mais claro quando se compreende que a criança “frequentemente desenvolve, a partir da repressão de forte curiosidade sexual, uma aversão insuperável a tudo o que apresenta caráter sexual, que só pode ser superada mais tarde com a análise” (KLEIN, 1921/1996, p.48). Assim, apesar de ser o primeiro ponto a ser atingido, não é apenas a inibição intelectual que está em jogo, mas várias outras atividades desempenhadas pelo sujeito que possam estar sexualmente investidas.

Do ponto de vista fenomenológico, as inibições mais perceptíveis são as ações que podem ser diretamente observadas. No caso de Fritz, isso ficava claro na sua dificuldade na escola, em momentos de quase ausência de brincadeiras ou ainda no

desinteresse por elaborar e escutar histórias. Todavia, Klein propõe que esse quadro se estenda para amplos domínios da mente, afetando, por exemplo, a capacidade de fantasiar. A obtenção desse dado foi possível porque “as fantasias inconscientes costumam ser extravasadas em atividades lúdicas” (KLEIN, 1921/1996, p.58), permitindo então que, através do brincar, se acompanhe o nível de retraimento dessa função psíquica.

O conceito de fantasia inconsciente, embora seja um dos elementos mais importantes da teoria kleiniana, não encontra uma elaboração profunda nesse texto. Porém, algumas das indicações presentes permitem intuir que as fantasias podem ser tomadas como os elementos mentais que oferecem a base para as atividades desenvolvidas pelo sujeito. Isso adquire maior consistência quando se nota que Klein, ao se referir a um avanço das capacidades de leitura e de brincar de Fritz, afirma que “é provável que a inibição da fantasia fosse a causa da inibição do ato de brincar” (KLEIN, 1921/1996, p.58). E complementa que, através de sua intervenção, “ambas [foram] removidas ao mesmo tempo” (KLEIN, 1921/1996, p.58). Essa leitura também é confirmada por Petot (2008), que aponta que uma das construções teóricas implícitas nos textos iniciais de Klein é que “toda conduta e toda atividade psíquica são modos de atuação ou de expressão de fantasias inconscientes ou pré-conscientes” (p.42).

Assim, avançando na explicação sobre a etiologia das inibições, teríamos que esse fenômeno ocorreria não apenas pelo recalque das investigações sexuais, mas também porque implica uma “aversão insuperável” das fantasias inconscientes que podem estar relacionadas a tais conteúdos⁸. A própria superação das inibições estaria na dependência da restituição da capacidade de fantasiar.

Nesse contexto, um dado importante é que, nas situações em que emergem as inibições, nota-se que também está presente a angústia. Esse fenômeno torna-se compreensível quando notamos que Klein descreve uma situação na qual ocorre o recalque e, seguindo a teoria freudiana que sustenta a sua visão nesse momento, um

⁸ A leitura que Petot (2008) faz sobre essa discussão é especialmente elucidativa. Segundo o autor, embora não se tenha uma explicitação completa de algumas posições, seria possível pensar que todas as fantasias inconscientes derivariam das fantasias masturbatórias e que “As fantasias masturbatórias são[seriam], elas mesmas, variantes ou derivações da cena primitiva real ou fantasiada” (p.46). Assim, o caráter sexual inerente a essas fantasias explicaria o motivo pelo qual elas são inibidas.

dos resultados habituais da dinâmica do recalçamento seria a transformação da libido nesse afeto penoso.

Desse modo, em última instância, a inibição surgiria devido à angústia resultante dos processos defensivos, cabendo ao aparelho psíquico, especificamente ao ego, evitar esse perigo. Todavia, a autora não se debruça sobre esse mecanismo, de maneira que cabe apenas a constatação de que “a observação clínica de Klein estabelece uma relação entre a emergência da angústia e a diminuição do fantasiar e do brincar, sem entrar em explicações metapsicológicas” (CINTRA, 1992, p.48).

Os temas tratados nesse texto tocam apenas tangencialmente as teorias sobre o ego. Mas, à medida que aborda os prejuízos da capacidade funcional dessa estrutura, relacionando isso com a tentativa de negar a faceta sexual presente nas fantasias inconscientes que dão suporte às atividades, além de apontar que a angústia sempre está presente nesse cenário, acaba por permitir que se compreendam algumas das noções tácitas presentes nesse momento da produção kleiniana e que serão a base para os seus outros escritos do período pré-londrino. Um exemplo claro desse movimento poderia ser percebido na maneira como a autora articula o fenômeno da inibição com o desenvolvimento do senso de realidade.

2.1.3 Da onipotência do pensamento ao senso de realidade

A ação empreendida por Klein possibilitou que Fritz, progressivamente, conseguisse recuperar algumas atividades anteriormente inibidas. Entretanto, os resultados ultrapassaram a simples restituição da capacidade de executar algumas ações pontuais, desde que elas estabeleceram um terreno favorável para um desenvolvimento psíquico mais amplo. Um ganho especialmente importante foi o fortalecimento do senso de realidade, que é justamente uma das características mais importantes da estrutura egoica.

O caso apresentado exemplifica uma passagem do princípio do prazer para o princípio da realidade. Em um primeiro período, Fritz demandava a obtenção de várias coisas de maneira imediata ou “não parecia se deixar influenciar nem um pouco pela distinção entre possibilidade e impossibilidade ao formular desejos e promessas” (KLEIN, 1921/1996, p.36). Após a superação de algumas inibições, ele, progressivamente, passou a ser capaz de expressar uma postergação eventual do desejo ou mesmo compreender a inviabilidade do seu atendimento.

Nesse ponto, existe uma conexão evidente com o texto freudiano *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (1911b), que preconizava que o princípio do prazer estaria ligado às formas mais primitivas do psiquismo, relacionado aos processos primários, e visava a redução imediata de qualquer aumento tensional. Em uma etapa posterior, emergiria outro princípio, o de realidade, que se relacionaria com os processos secundários e levaria em conta as limitações impostas pelo mundo externo para a possibilidade de atendimento ou não daquilo que se queria. Cabe notar que a emergência desse novo princípio não visa substituir aquele que é mais primitivo, mas modular a sua ação, o que significa dizer que “um prazer momentâneo, incerto quanto aos seus resultados, é abandonado, mas apenas a fim de ganhar mais tarde, ao longo do novo caminho, um prazer seguro” (FREUD, 1911b/1996, p.192).

Outro aspecto importante é que essa aquisição de Fritz foi obtida a partir daquilo que Klein nomeava como educação com feições analíticas. Esse dado novamente estaria em consonância com o pensamento freudiano, que anunciava que “a educação pode ser descrita, sem mais, como um incentivo à conquista do princípio de prazer e à sua substituição pelo princípio de realidade; isto é, ela procura auxiliar o processo de desenvolvimento que afeta o ego” (FREUD, 1911b/1996, p.194). Toda prática pedagógica implica, inevitavelmente, a imposição de alguma castração. No entanto, existe uma diferença considerável entre as estratégias que, apesar disso, também proporcionam a aquisição de novas e importantes funções psíquicas e aquelas que acabam por promover um recalçamento amplo, com a produção de um sofrimento supérfluo.

O fortalecimento do senso de realidade de Fritz permitiu que ele tivesse uma avaliação mais rigorosa sobre o raio das suas possibilidades de ação no mundo. Em um período inicial, “não se podia falar de nada - de nenhum dom ou habilidade manual – sem que Fritz tivesse a certeza de poder fazer a mesma coisa com perfeição, mesmo que lhe provassem o contrário” (KLEIN, 1921/1996, p.24). Porém tal postura, paulatinamente, passou a dar lugar à compreensão de que, em determinados campos, ele não teria ainda as condições suficientes para executar algumas ações. O que pode ser observado é que estamos diante de um declínio do sentimento de onipotência, que, para Klein, seria um fenômeno dotado de grande relevância.

A importância do arrefecimento da onipotência nos conduz ao artigo de Ferenczi *O desenvolvimento do senso de realidade e seus estágios* (1913/1992), que objetiva investigar os detalhes da passagem do princípio do prazer para o da

realidade. Esse desenvolvimento ocorreria através de diversas fases, que poderiam ser atravessadas desde que as condições ideais fossem atendidas. Porém, segundo Likierman (2015), Ferenczi não descreve o papel das forças pulsionais nessa dinâmica. De todo modo, Klein extrai desse texto uma de suas teses centrais, a saber, que “o deslocamento (ao qual somos compelidos pela experiência) da megalomania infantil pelo reconhecimento do poder das forças naturais compõe o conteúdo essencial do desenvolvimento do ego” (FERENCZI, 1992, p. 30).

A diminuição do sentimento de onipotência de Fritz, além de proporcionar uma avaliação mais realista sobre as suas possibilidades, foi seguida de outra consequência: uma indagação sobre o poder de seus pais. Isso ocorreu porque a “própria sensação de onipotência faz com que a criança a atribua também ao seu próprio ambiente” (KLEIN, 1921/1996, p.45). Portanto, uma alteração nessa característica psíquica levou Fritz a iniciar uma investigação sobre o que a sua mãe, seu pai e sua babá poderiam de fato fazer. Nesse ponto, nota-se certa posição ambivalente do sujeito, que ora se regozija pela constatação da limitação dos adultos, o que sinaliza a possibilidade de contornar os poderes que restringem o seu ego, ora apresenta uma postura de profundo penar - afinal, a inexistência de um poder ilimitado dos pais significaria que ele jamais, mesmo no futuro, poderia ocupar o mesmo lugar. Em um momento subsequente, essas questões também se voltariam para o exame da existência de Deus, que representaria a figura máxima da onipotência e seria um objeto especialmente receptivo para as fantasias e angústias da criança.

Isso acarreta uma modificação da relação que a criança trava com as autoridades. Embora tal fator sempre permaneça como um dado importante na vida do sujeito, o seu peso pode ser reavaliado a partir de outras bases. Em condições favoráveis, a criança pode dar continuidade ao seu impulso para o conhecimento sem que isso seja obstaculizado e o caráter de verdade decorreria dos dados fornecidos pela realidade e não pela imposição externa.

Esse texto é um exemplo importante de como Klein articula o seu pensamento com as contribuições de Freud e Ferenczi. Os três autores concordam que a liberdade de pensamento é um fator importante, mas pode ser prejudicado pela presença de uma autoridade insuperável. Daí a compreensão do caráter negativo da presença de uma educação com bases rígidas.

Klein, apoiada na sua experiência clínica, pôde recorrer a ambos os psicanalistas para executar uma síntese singular, construindo pontes entre as suas

propostas. A partir de Freud, ela foi capaz de compreender a importância da passagem do princípio de prazer para o princípio de realidade, ao mesmo tempo em que buscou em Ferenczi um melhor detalhamento desse percurso e o caráter fundamental do abandono da onipotência para o desenvolvimento egoico, embora realizando essa leitura tendo em mente que o desenvolvimento do conhecimento sempre tem um significado pulsional, o que é, afinal, uma tese freudiana. Essa importância conferida à dimensão pulsional e especificamente ao papel central da libido será um aspecto fundamental nos artigos subsequentes da autora.

2.1.4 A libido como força motivadora do ego

A ressonância das investigações promovidas no *Desenvolvimento de uma criança* (1921) pode ser percebida no artigo *O Papel da escola no desenvolvimento libidinal da criança* (1923a), que expõe como os *insights* surgidos da análise de Fritz puderam ser ampliados para vários outros casos. Anteriormente, já era possível identificar sugestões de que as várias ações do ego se apoiavam em fantasias e que isso implicava a presença da dimensão sexual. Essas indicações adquirem maior força e clareza em 1923, quando se reflete mais detidamente sobre a fonte energética utilizada pelo ego para realizar suas atividades.

As concepções de Klein são claras nesse sentido: é pelo uso da libido que o ego pode agir sobre o mundo. Porém, antes de prosseguirmos a discussão, cabe destacar uma diferença importante entre algumas concepções kleinianas e freudianas a respeito dos processos metapsicológicos atuantes em tal cenário.

As teorias freudianas mais explícitas descrevem que a sublimação consiste em um destino pulsional específico, no qual a libido é utilizada para a realização de atividades socialmente valorizadas, como o trabalho ou a arte (LAPLANCHE; PONTALIS, 1994). A visão kleiniana não é uma contraposição dessa proposta, mas uma sua ampliação e estabelece que o mecanismo sublimatório estaria presente toda vez que a libido é utilizada pelo ego, o que significa dizer que

Efetivamente, Melanie Klein considera que a sublimação não é um destino da pulsão muito particular, assinalável somente no caso da arte ou da atividade intelectual, mas que há aí sublimação cada vez que uma pulsão sexual encontra uma satisfação substitutiva após ter sido deslocada para uma atividade do ego: fenômenos tais como a marcha, o canto, o esporte aparecem deste modo, como sublimações de pulsões sexuais e a natureza

masturbatória das fantasias que as subtendem constituem o seu início (PETOT, 2008, p.55)

Esses dispositivos estão presentes desde os momentos mais precoces do desenvolvimento. Sua ação já seria notada nas primeiras atividades do sujeito, como “a fala e o prazer no movimento” (KLEIN, 1923a/1996, p.96), denominadas sublimações primárias. Tais aquisições são importantes porque servirão como protótipo para todas as demais sublimações. Mesmo em etapas ulteriores, diante de outras atividades egoicas, notar-se-á a ação dos mesmos determinantes metapsicológicos.

Existiria, assim, uma continuidade genética que partiria das sublimações primárias para as demais sublimações. Em um primeiro momento, elas se organizariam em torno do brincar, o que já aponta o caráter central dessa ação. Posteriormente, atuariam inclusive em realizações com alto nível de complexidade. A título de exemplo, poderiam ser citados os saberes exigidos pela escola, “como o aprendizado da escrita, da aritmética, e o desenvolvimento de coordenações motoras mais sofisticadas” (CINTRA; FIGUEIREDO, 2004, p.66).

Entretanto, vale notar que esse deslocamento libidinal não ocorre de maneira espontânea. A possibilidade de sublimação estaria condicionada a certas transformações específicas. Para Klein, “os interesses e atividades do ego sempre em expansão atingem um investimento libidinal ao adquirir um significado simbólico sexual” (1923a/1996, p.96) e será por esse meio que a satisfação substitutiva da pulsão pode ser obtida. Os diversos exemplos clínicos apresentados pela autora mostram a recorrência desse cenário. As análises de Fritz, Felix, Ernst e Lisa, por exemplo, demonstram situações nas quais “as tarefas de escola significam o coito ou a masturbação” (KLEIN, 1923a/1996, p.86).

A relação entre ego, simbolização e sublimação é apresentada de maneira mais detida em *Análise de crianças pequenas* (1923b), quando Klein recorre a Freud, Ferenczi, Jones e Sperber. De início, antes de a simbolização propriamente dita ocorrer, notar-se-ia a presença de um processo prévio denominado identificação, que, em sua base, seria quando “a criança tenta redescobrir os órgãos de seu corpo e suas atividades em todo objeto com que se depara” (KLEIN, 1923b/1996, p.109). Porém, vale notar que o primeiro palco no qual se desenvolve essa rede de equivalência é o próprio corpo do sujeito. Existiria uma tendência de identificar algumas parcelas corporais inicialmente neutras com outras regiões mais aptas a promover uma

satisfação pulsional e o resultado seria a possibilidade de descoberta de novas fontes de prazer. Isso aponta para o fato de que “a gênese da imagem do corpo não é um processo das funções cognitivas do ego, mas repousa sobre o movimento da libido regido pelo princípio do prazer” (PETOT, 2008, p.62). Somente posteriormente, esse processo se estenderia para a relação que a criança trava com o mundo, quando um prazer sexual seria deslocado para objetos e ações.

Quando começa a ocorrer uma ação mais enérgica do recalque, uma das consequências é a passagem dessa identificação primitiva para a simbolização. No entanto, é importante observar que, mesmo nessa nova dinâmica, continua presente o mecanismo de um deslocamento libidinal e sua satisfação. Essa energia sexual pode, inclusive, se associar às atividades egoicas, concepção que está intimamente solidária com a teoria pulsional que sustenta o trabalho de Klein nesse momento. Apoiando-se em Freud, ela pode afirmar que

parte das pulsões sexuais permanece associada pelo resto da vida às pulsões do ego, fornecendo-lhes componentes libidinais. Aquilo que chamei até aqui de investimento simbólico-sexual de uma tendência ou atividade pertencente às pulsões do ego corresponde a esse componente libidinal. Damos o nome de “sublimação” a esse processo de investimento com libido (KLEIN, 1923b/1996, p.108)

Assim, notamos que a identificação é um estágio preliminar da formação de símbolos e, por consequência, também será a base para a sublimação. Essas teorizações serão retomadas anos depois, em *A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego* (1930).

Uma consequência desse contexto é que uma dimensão do conflito psíquico pode ser atualizada, pois, se, por um lado, algumas das atribuições do ego precisam assumir um caráter simbólico sexual para funcionar, por outro, isso acaba por também atrair forças opostas à sexualidade. À medida que as atividades emergem como um modo alternativo de a pulsão se satisfazer, elas também podem evocar uma angústia de castração associada.

Dessa maneira, compõe-se o seguinte quadro: uma atividade sustentada por fantasias inconscientes e com um caráter simbólico-sexual pode se transformar em foco de angústia, ao mesmo tempo em que existe a tendência egoica de não entrar em contato com esse afeto penoso. É para sair desse impasse que a própria atividade passa a ser evitada ou, em termos mais precisos, começa a ser inibida. Notam-se

essas concepções quando Klein se propõe a pensar sobre a influência das instituições educacionais no processo de desenvolvimento do sujeito, já que

O papel extremamente importante que a escola desempenha geralmente se apoia no fato de que a escola e o aprendizado estão desde o início libidinalmente determinados para todos, pois suas exigências obrigam a criança a sublimar suas energias pulsionais libidinais. *A sublimação da atividade genital, principalmente, tem um papel decisivo no aprendizado de várias matérias, que será inibido, portanto, pelo medo da castração* (KLEIN, 1923a/1996, p.82) [Grifos nossos]

2.1.5 Modos de o ego gerir a angústia: inibição e recalque

Uma das características mais notáveis atribuídas ao ego é a sua função de defesa. Tal associação está presente em toda a obra de Freud e se atualiza nas produções kleinianas. Ainda que a autora passe a analisar mecanismos defensivos muito mais radicais em produções ulteriores, ela ainda está ligada a um referencial basicamente freudiano quando consideramos os textos pré-londrinos. Porém tenta integrar essas concepções às suas investigações sobre a inibição. Principalmente em *A análise de crianças pequenas* (1923b), é possível notar a influência que os artigos metapsicológicos *Repressão* (1915b) e *Inconsciente* (1915c) tiveram sobre esse momento, em especial no que diz respeito à concepção de recalque.

A fórmula é clássica: diante de uma pulsão que exige ser satisfeita e da avaliação egoica de que isso pode levar a uma situação de extremo desprazer, acaba-se decidindo pela tentativa de se defender da moção pulsional, impedindo o seu acesso à consciência. Esse mecanismo de recalque não age sobre toda a pulsão, mas apenas sobre o seu representante ideativo, ao passo que o montante afetivo possui outro destino. Na conferência XXV, intitulada *A ansiedade* (1916), Freud propõe que o afeto pode apresentar três caminhos diferentes: a) no recalque bem-sucedido, a pulsão é totalmente suprimida e não se nota nenhuma expressão dela; b) a cota afetiva original pode se transformar e assumir outra forma de manifestação; e c) ocorre o surgimento de angústia.

Essa terceira possibilidade é especialmente importante, pois “a ansiedade se coloca, por assim dizer, no próprio centro de nosso interesse pelos problemas da neurose” (FREUD, 1916/1996, p.405). Tal afeto, conforme apresentado no capítulo anterior, é importante por sinalizar alguma situação perigosa, possibilitando que o

sujeito fuja ou tome alguma medida protetiva necessária. Porém, se o seu surgimento está condicionado ao fenômeno do recalque, esse perigo é de natureza interna e, como o ego é incapaz de fugir nessa situação, ele começa a tratar essa ameaça de natureza libidinal como se fosse externa. Desse modo, Freud propõe que

assim como a tentativa de fuga de um perigo externo é substituída pela adoção de uma atitude firme e de medidas apropriadas de defesa, também a geração de ansiedade neurótica dá lugar à formação de sintomas, e isto resulta em que a ansiedade seja vinculada (1916/1996, p.405)

Por esse mecanismo, se instala um sintoma, é verdade, mas também faz surgir um método de efetivamente mitigar o crescimento da angústia

Esse conjunto de ideias serve de base para Klein promover suas análises, embora seja necessário também destacar alguns pontos de diferença. O principal elemento reside no fato de que o recalque sempre irá gerar angústia, mesmo nos casos em que ele é bem-sucedido. Nessas situações, a angústia surge de maneira enfraquecida, imperceptível para o ego, ou ainda como apenas uma disposição que pode eventualmente ser atualizada. Mas ainda assim existiria uma tendência para que esse afeto não permanecesse à deriva, exigindo que o ego lhe conferisse um destino. Nesse cenário, Klein propõe que o “mecanismo através do qual a ‘ligação’ e descarga dessa ansiedade, ou disposição para a ansiedade, torna-se possível seria o mesmo que leva à inibição” (KLEIN, 1923b/1996, p.104). Esse evento seria um caminho normal para a constituição de todos os sujeitos e o caráter patológico estaria ligado apenas a uma maior intensidade do uso desse recurso.

Nota-se assim que Klein explicita uma nova forma de o ego administrar a angústia decorrente do recalque: além de ela ser vinculada a um sintoma, como Freud propunha, ela também pode ser escoada de modo mais brando pelas inibições, que, não necessariamente, trazem grandes prejuízos para os indivíduos. Para que essa segunda possibilidade se estabeleça, é preciso que duas condições básicas sejam atendidas: a) algumas atividades do ego já devem possuir um forte investimento libidinal e b) que uma quantidade de angústia possa se associar a essas tendências, mas sem ser percebida como tal, de modo que apareça atenuada sob a forma de uma falta de interesse ou de inclinação para desempenhar certas atividades.

A possibilidade de que a libido seja utilizada para as realizações do ego consiste justamente na sublimação e quanto mais elas forem numerosas, maiores

serão as possibilidades de a angústia encontrar um escoadouro. Partindo de um ponto de vista econômico, é possível entender que várias ações podem emergir como pontos de vinculação para esse afeto, que, tendencialmente, seria distribuído de maneira mais equitativa e poderia ser descarregado sem graves consequências. Ao lado desse fator numérico, também é necessário considerar a dimensão temporal, pois podemos “presumir que o indivíduo que permanece saudável seja capaz de fazer isso devido a uma maior capacidade de sublimação num estágio bastante inicial do desenvolvimento do seu ego” (KLEIN, 1923b/1996, p.105).

Segundo Petot (2008), o caráter benéfico da precocidade de sublimações repousa no fato de que as ações do ego são apoiadas pelas fantasias. Se a sublimação ocorre em etapas iniciais do desenvolvimento, então existe maior possibilidade de que uma série de deformações progressivas estabeleça uma distância cada vez maior entre a fantasia e a cena primitiva. O resultado disso é que o investimento libidinal do ego pode ser fortalecido e direcionado para um número maior de atividades. Quando, eventualmente, ocorre o recalque, a variedade e a intensidade das diversas sublimações permitem que a angústia seja “distribuída de forma completa e imperceptível entre elas, sendo assim descarregada” (KLEIN, 1923b/1996, p.106).

O quadro descrito representa as condições ideais para que se estabeleça um desenvolvimento saudável. Todavia, cabe notar que a sua efetivação não ocorre todas as vezes. É possível que as atividades egoicas libidinalmente investidas sejam em número reduzido e apresentem uma natureza lábil. Nessas condições, diante do recalque, o caráter sexual das atividades atrairá uma grande quantidade de angústia. O resultado será uma restrição mais contundente das ações, o que aponta para uma inibição com uma coloração mais patológica. Quando fatores, como o brincar, os esportes ou as atividades intelectuais se tornam demasiadamente angustiantes, o sujeito passa a evitá-las por completo, pois, dessa maneira, ele também encontra uma maneira de se *livrar* desse afeto.

Nesse ponto, é possível perceber uma diferença importante entre sintomas e inibições. No primeiro caso, o sintoma ocorre exclusivamente quando o recalque não foi bem-sucedido, ou seja, foi acompanhado de desprazer. A formação sintomática seria uma maneira de tornar a angústia vinculada, o que possibilita maior controle, embora não signifique que ela tenha sido eliminada. A inibição, por outro lado, é a condição básica para um eventual recalque bem-sucedido e representaria a

possibilidade de a angústia ser efetivamente escoada. Isso fica claro, por exemplo, na comparação que Klein faz entre a histeria de angústia e a inibição, pois que, enquanto na fobia, “o conteúdo ideacional simplesmente dá lugar a uma formação substitutiva através do deslocamento, sem que a soma de afeto desapareça, na inibição também parece ocorrer, ao mesmo tempo, a descarga da soma de afetos” (KLEIN, 1923b/1996, p.107).

Justamente por permitir um esvaziamento da angústia, a inibição permite que esse afeto encontre um destino, tornando desnecessário que, posteriormente, o ego precise encontrar caminhos mais dispendiosos para promover a sua vinculação e a sua possibilidade de controle.

As inibições se formam [...] através da transferência da libido superficial, descarregada como ansiedade para as sublimações. Assim, a sublimação é diminuída ou destruída pela repressão sob a forma de inibição, mas a formação do sintoma é evitada, pois a ansiedade é descarregada (KLEIN, 1923b/1996, p. 113)

O que se nota nessas análises é que Klein pôde construir uma descrição que parte dos modos mais eficazes de o ego lidar com a angústia até as maneiras que poderiam levar à patologia. Ainda que não exista uma rígida separação, é possível apresentarmos, para fins de esclarecimento, que as estratégias se distribuem ao longo de uma série, de modo que teríamos: a) as sublimações; b) as inibições relativamente inócuas, decorrentes do recalque bem sucedido; c) as inibições com uma coloração mais patológica, quando existem restrições importantes de certas atividades; e, por fim, d) o sintoma neurótico, resultado do recalque que falhou em proteger o sujeito da emergência do desprazer.

2.2 O ego e os conflitos arcaicos

A partir de 1926, Klein escreve uma série de nove artigos que serão a base para a primeira sistematização de sua teoria, apresentada em 1932 com a publicação do livro *A psicanálise de crianças*. Diferentemente dos escritos anteriores, a autora abandona a tentativa de conciliar psicanálise e educação, reconhecendo que os objetivos de cada um desses campos eram incompatíveis (KLEIN, 1927a/1996). Nessa etapa, as concepções sobre o ego mantêm os aspectos essenciais já apresentados por Freud, mas são articuladas com novas descobertas clínicas. As

teorizações giram, principalmente, em torno da análise do processo de constituição do psiquismo. Para compreendermos como Klein concebe esses momentos iniciais, existem duas ideias imprescindíveis: a existência de um complexo de Édipo precoce e a presença de um superego primitivo.

A dimensão do arcaico ocupa uma posição de destaque, o que pode ser constatado pela crescente valorização que a autora confere às organizações pré-genitais e às consequências que extrai disso. Por um lado, isso pode ser ligado às concepções presentes desde os *Três ensaios...*, mas, por outro e de maneira mais radical, também se notam importantes elos com as investigações empreendidas por Abraham⁹ em seus últimos anos. Por tal razão, ter em mente a sua teoria sobre o desenvolvimento libidinal se torna útil por nos fornecer alguns instrumentos conceituais que facilitam uma apreensão mais rigorosa de sua produção.

Abraham parte da compreensão de que a libido se organiza em torno da oralidade, analidade e genitalidade, mas estabelece uma subdivisão em dois estágios para cada um desses elementos. Esse mapeamento se tornou um recurso importante por permitir relacionar algumas manifestações psicopatológicas a fixações.

A primeira dessas fases, a oral, se organiza inicialmente pelo sugar e é autoerótica. Devido ao seu caráter precoce, ainda não existe uma diferenciação entre o sujeito e o mundo externo e o seio aparece apenas como um prolongamento do próprio indivíduo. Durante o sugar, existe, evidentemente, um processo de incorporação, porém ele “não coloca fim à existência do objeto” (ABRAHAM, 1970, p.111), até porque o objeto sequer pode ser claramente diferenciado do ego. No que tange ao vínculo pulsional, esse estágio é “livre de toda manifestação de ambivalência” (ABRAHAM, 1970, p.111)

⁹ Cabe notar que, durante a primeira metade dos anos 20, ainda em Berlim, Klein realizou um importante processo de formação psicanalítica, tendo Abraham como o seu supervisor e, posteriormente, como analista. Mezan (1999), ao discutir o trabalho de Abraham, apresenta que “Toda essa temática do precoce, do *arcaico*, é extensamente trabalhada por Abraham. Não é de admirar que sua discípula Melanie Klein também tenha se interessado por isso. Que eu saiba, não existe nenhum depoimento sobre a forma como Abraham analisou a própria Melanie Klein, que frequentou o seu divã por dois anos. Será que esta parte da vida de Melanie Klein foi especialmente explorada, já que Abraham tinha interesse e competência para fazer isso com seus pacientes? É bastante possível que esta análise, feita nos últimos anos de vida de Abraham e interrompida por sua morte, tenha entrado fundo no “arcaico” da própria Melanie Klein. Isto eventualmente daria a ela instrumentos para perceber a mesma problemática nas crianças com quem trabalhava, e depois teorizar e criar instrumentos de abordagem disto em seus pacientes” (p.61-2)

O progressivo desenvolvimento psíquico e orgânico abre, paulatinamente, as condições para o próximo estágio. Em relação ao primeiro fator, observa-se uma passagem do autoerotismo para o narcisismo e, em relação à dimensão corporal, ocorre o início da dentição, o que fornecerá para a criança um novo órgão com o qual ela pode atacar o mundo. A oralidade passa a se organizar em torno do morder e também ocorre a estruturação de um embate entre amor e ódio, valendo lembrar que, “assim que surge a ambivalência, surge junto com ela a angústia” (MEZAN, 1999, p.68). Segundo a descrição de Abraham, a agressividade e o desejo de destruição são fenômenos típicos desse momento. Para o autor

No estágio de morder da fase oral, o indivíduo incorpora o objeto em si próprio e, assim, o destrói. Basta observar as crianças para se ver quão intenso é o seu impulso a morder – um impulso em que o instinto de comer e a libido ainda cooperam. Este é o estágio no qual predominam os impulsos canibalescos. Assim que uma criança é atraída por um objeto, está sujeita, fadada mesmo, a tentar sua destruição. É neste estágio que a atitude ambivalente do ego para com seu objeto começa a desenvolver-se. Podemos dizer, assim, que no desenvolvimento libidinal da criança, o segundo estágio da fase sádico-oral marca o início do seu conflito de ambivalência, enquanto que o primeiro (o de sugar) deve ser encarado ainda como pré-ambivalente. (ABRAHAM, 1970, p.112)

Posteriormente, a satisfação libidinal se liga a uma segunda zona erógena, iniciando as fases sádico-anais, ambas ambivalentes. Elas também se dividem em duas e são diferenciadas por tendências opostas. Na primeira delas, o prazer erógeno consiste na expulsão e o sadismo visa “destruir o objeto (ou o mundo externo)” (ABRAHAM, 1970, p.91). Observe-se que essa teorização será importante para Klein, que irá propor que, entre o segundo estágio oral e o primeiro anal, ocorre o momento no qual o sadismo atinge o seu apogeu.

O estágio sádico-anal seguinte seria caracterizado pela tendência de reter o objeto e o sadismo se expressaria pela tentativa de controle. Essa transformação do modo como a gratificação se expressa é fundamental: “é nessa linha divisória que começa o ‘objeto de amor’, no sentido mais estrito, porque é nesse ponto que a tendência a preservar o objeto começa a predominar” (ABRAHAM, 1970, p.94-95). A ambivalência começa a passar por transformações, notando-se uma diminuição da agressividade, o que se expressa pelo início do sentimento de piedade.

Por fim, ocorre a fase genital e, nesse ponto, Abraham adota uma visão bem próxima da de Freud. Conforme apresenta, os resultados obtidos por sua pesquisa coincidem com a descrição apresentada no texto freudiano *A organização genital*

infantil (1923b/2011). O primeiro estágio seria o fálico, que contaria com a presença do complexo de castração e toda a ambivalência inerente a tal situação. Nele, existe uma relação objetal, mas com a exclusão dos genitais. Por fim, existiria um estágio final da genitalidade, caracterizado por um desenvolvimento completo do amor objetal. Abraham propõe que esse momento seja pós-ambivalente, representando a possibilidade de o sujeito superar, sempre dentro de determinados limites e de modo relativo, o narcisismo e a agressividade direcionados para os objetos.

Esse conjunto teórico comparece em todos os textos kleinianos do período que iremos analisar. Todavia, é necessário considerar que, assim como no caso de Freud, Klein não faz uma apropriação irrestrita das ideias de Abraham. Elas comparecem como um norte teórico, mas são confrontadas com as descobertas clínicas da autora. Dessa forma, é possível observar que, nos textos iniciais, Klein se encontra bem próxima da descrição abrahamiana de um desenvolvimento libidinal que ocorreria pela passagem dos sucessivos estágios. Progressivamente, ela passa a interpretar com maior fluidez esse cenário e apresenta que as *posições* libidinais se alternam com grande velocidade, o que torna difícil a descrição da mente infantil (KLEIN, 1928/1996). Finalmente, em *A psicanálise de crianças* (1932), ela afirma que “os impulsos genitais manifestam-se ao mesmo tempo que os pré-genitais” (p.155), ocorrendo apenas uma diferença de ênfase ao longo da vida. De toda maneira, esse quadro teórico é fundamental para compreendermos a concepção kleiniana do complexo de Édipo e do aparelho psíquico. Pois, nos dois casos, é necessário considerar as especificidades das relações objetais travadas no início da vida, o papel da ambivalência decorrente do sadismo e de como isso estrutura as fantasias.

2.2.1 O complexo de Édipo precoce

A ideia da existência de um complexo de Édipo precoce já estava sugerida desde 1923, no texto *A análise de crianças pequenas*, mas é a partir de 1926 que começa a ser trabalhada de modo mais sistemático pela autora. Em *Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas*, Klein propõe que a preferência que as crianças de dois anos possuem pelo sexo oposto pode ser interpretada como “tendências edipianas incipientes” (KLEIN, 1926/1996, p.154). Todavia, nesse momento, ela ainda não afirma que esse quadro possui uma natureza universal.

Já em 1927, no *Simpósio sobre análise de crianças*, apresenta que um dos nortes da psicanálise aplicada às crianças seria “analisar de forma completa e sem reservas a relação da criança com os pais e seu complexo de Édipo” (KLEIN, 1927a/1996, p.194). Também anuncia que “o complexo de Édipo se instala com a experiência de privação trazida pelo desmame, isto é, no fim do primeiro ou início do segundo ano de vida” (p.182), compreensão que será mantida nos seus escritos subsequentes.

Vincular o complexo de Édipo ao desmame vai além de estabelecer uma nova descrição cronológica, uma vez que considera que certos mecanismos psíquicos estão em ação nesse momento. A teoria de Abraham sobre o desenvolvimento libidinal torna-se importante aqui, pois ela permite compreender que a cena edipiana se estabelece na passagem do estágio oral para o anal, ou seja, quando existe uma inevitável ambivalência e os aspectos sádicos estão presentes na relação que o sujeito trava com o mundo. Esse quadro fará que a violência e o desejo de destruição sejam aspectos importantes na maneira como a criança se liga às figuras paternas, o que convoca o surgimento de afetos e fantasias específicas.

O complexo de Édipo é movimentado, evidentemente, pelo interesse sexual que a criança tem em relação aos pais. Entretanto, ao lado disso, também deve ser levada em conta a presença marcante do ódio. O caráter central desse último afeto torna-se mais claro quando se percebe que o início desse complexo ocorre quando os estágios “sádico-oral e o sádico-anal estão em pleno funcionamento. Eles se ligam às tendências edipianas e se voltam para os objetos em torno dos quais se desenvolve o complexo de Édipo: os pais” (KLEIN, 1927b/1996, p.200). Assim, toda vez que surgem sentimentos negativos decorrentes das frustrações, dos ciúmes, das disputas em relação ao objeto de amor etc., eles se expressam com toda a virulência própria dos estágios pré-genitais.

A importância cada vez maior desse quadro leva Klein a publicar, em 1928, o artigo *Estágios iniciais do conflito edipiano* (1928). Os principais pontos trabalhados nos textos anteriores são retomados, mas se articulam com novos fenômenos. Pela primeira vez, nota-se a descrição de uma fase da feminilidade e, em estreita associação com essa descoberta, apresenta-se o complexo de Édipo como diferente para cada um dos sexos. Para o menino, o jogo entre identificação e relações objetais se desenrolaria em dois tempos, ao passo que, na menina, isso ocorreria em três tempos.

A fase da feminilidade, universalmente presente, consiste em uma identificação muito inicial com a mãe. Ela estaria relacionada com: a) o desejo de conhecer o corpo materno, b) a busca (especialmente os bebês) de apropriação dos objetos que se encontram no seu interior, as fezes e o pênis paterno¹⁰, c) mas também o ensejo de destruição desse corpo. Apesar de essa teorização ser importante nesse momento da produção kleiniana, a fase da feminilidade não será mais retomada¹¹, principalmente depois dos trabalhos sobre a posição depressiva.

Após a fase da feminilidade, a maneira como o menino e a menina irão atravessar o complexo de Édipo apresentam caminhos próprios. No caso do menino, observa-se que a identificação com a mãe é conflituosa e acompanhada de um “protesto masculino (resultante do medo de castração) contra o papel feminino” (KLEIN, 1928/1996, p.220). A angústia suscitada fará com que o menino passe a se identificar com o pai e, ao lado disso, como começa a ocorrer um maior desenvolvimento das pulsões genitais, a mãe será eleita objeto de amor. A ambivalência, no entanto, deve ser levada em conta, pois, como, inicialmente, o menino desejou destruir a mãe, devido à natureza sádica de suas pulsões pré-genitais, um *quantum* de angústia decorrente de um temor de retaliação pode prejudicar o atravessamento do complexo.

Para a menina, a identificação inicial com a mãe abre o terreno para uma primeira aproximação amorosa com o pai. Essa tendência de tomar o pai é ainda fortalecida a) pelas experiências de privação que a criança já teve com a mãe, b) pelo caráter receptivo do órgão sexual feminino¹² e c) pela “inveja e o ódio da mãe que possui o pênis do pai” (KLEIN, 1928/1996, p.222). Cabe notar, no entanto, que, apesar de esse cenário já estar próximo da configuração final do complexo de Édipo, isto é, ser como a mãe para poder amar o pai, ele não é mantido.

A identificação precoce com a mãe é algo ainda difícil de ser sustentado. O desejo de destruir a mãe é seguido de um temor de retaliação, do que resulta, assim como no caso do menino, o abandono dessa identificação materna para, em seu lugar,

¹⁰ Isso permite pensarmos que a fase da feminilidade é também o momento em que a criança executa uma primeira aproximação em direção ao pai.

¹¹ Uma exceção é a breve citação, em 1957, de que a inveja primária é a base para a *posição feminina* que o menino apresenta durante o complexo de Édipo. (KLEIN, 1957/1996, p.214).

¹² Para Klein, a menina possui noções precoces e inconscientes da vagina, que “são despertadas logo que surgem os impulsos edipianos” (KLEIN, 1928/1996, p.222).

surgir uma outra baseada na figura paterna. As fantasias de destruição também provocam o surgimento de uma culpa intensa e, para apaziguá-la, a menina realiza uma supercompensação, dirigindo importantes cotas de amor para a mãe, tomando-a como objeto.

A relação de amor travada com a mãe é, no entanto, influenciada pelas vivências arcaicas da frustração, o que põe em ação o ódio primitivo próprio das posições pré-genitais. Dessa maneira, “o ódio e a rivalidade com a mãe, contudo, fazem mais uma vez com que a identificação com o pai seja abandonada e ele volte a ser objeto para amar e pelo qual deseja ser amada” (KLEIN, 1928/1996, p.223). Ao lado disso, uma nova identificação com a figura materna se estabelece. Porém, como estamos em uma etapa mais avançada do desenvolvimento, no qual a posição genital já começa a ser mais preponderante, a intensidade e o tipo de conflito mudam. Ao pensar nos dois momentos de identificação com a figura materna, Petot propõe que “na rivalidade com a mãe do primeiro estágio edipiano, a filha e a mãe introjetadas rivalizam em ataques sádicos recíprocos, enquanto que, na posição edipiana definitiva, rivalizam em ternura e amor pelo pai” (2008, p.127).

Essa visão sobre o complexo de Édipo norteará as produções subsequentes de Klein. Até a publicação do livro *A psicanálise de crianças* (1932), não se notarão modificações importantes no tema, de maneira que a compreensão kleiniana sobre a cena edípica será mantida no seu essencial.

2.2.2 O aparelho psíquico

As teorizações sobre o complexo de Édipo são acompanhadas pela construção de uma nova visão sobre o aparelho psíquico. No ano de 1926, no texto *Princípio psicológicos da análise de crianças pequenas*, Klein utiliza, pela primeira vez, o termo superego. A partir desse ponto, o quadro teórico que norteia a sua produção remete à segunda tópica. Isso estabelece pontos de contrastes importantes em relação aos seus primeiros textos, vez que eles trabalhavam com a concepção do psiquismo baseada na diferença entre inconsciente, pré-consciente e consciente.

Assim como em Freud, o *id* é percebido como uma estrutura primitiva, organizada pelo princípio do prazer e pelos processos primários. Tal estrutura pode ser descrita como um “caos, um caldeirão cheio de excitações fervilhantes” (FREUD,

1932/1996, p.154). Ele abriga as pulsões, que buscam ser satisfeitas sem nenhuma mediação, mas de um modo absolutamente desordenado. Amor e o ódio visam ser atendidos sem levar em conta os limites da civilização. Além disso, a ideia de tempo é completamente estranha ao *id*, assim como tendências contraditórias podem estar em ação simultaneamente.

Porém, as outras duas estruturas do aparelho mental assumem contornos próprios em Klein. Tão logo ela passa a trabalhar com a ideia de um complexo de Édipo precoce, ela também apresenta uma nova visão sobre o superego. As análises de Trude e Rita permitiram localizar a ação de impulsos edipianos entre dois e três anos, mas pautada por uma alta dose de sadismo. Essa agressividade direcionada aos pais provoca o surgimento de um intenso sentimento de culpa, que corresponderia “àquilo que conhecemos como superego nos adultos” (KLEIN, 1926/1996, p.158). O início dessa estrutura seria uma decorrência da tentativa infantil de resolver a cena conflituosa da triangulação edípica, o que permite afirmar que “logo que surge o complexo de Édipo, estas [as crianças] tentam elaborá-lo, desenvolvendo, assim, o superego” (KLEIN, 1926/1996, p.158).

A culpa, que é uma das formas como o superego é percebido, se relaciona ao fato de que os pais são, simultaneamente, os objetos de amor e das fantasias agressivas das crianças. Nessa etapa do desenvolvimento, o desejo de destruição é compreendido como algo que realmente ocorreu, o que provoca um profundo penar. Existe uma ambivalência inerente a essa situação, que pode ser percebida nos momentos em que, após a expressão do sadismo, a criança também demonstra um desejo de “oferecer compensação e reparar os danos que cometeu” (KLEIN, 1927b/1996, p.203).

Ao lado do sentimento de culpa, o superego também evoca a angústia e o medo¹³. Para compreendermos a ação desses afetos, convém lembrar que “no inconsciente, funciona o preceito bíblico “olho por olho”” (KLEIN, 1927b/1996, p.208). Essa *moral de Talião* é um dos traços mais notáveis do superego concebido por Klein.

¹³ Nesse momento, Klein ainda não diferencia como angústia e culpa se relacionam com o nível de desenvolvimento do superego. Uma exposição mais detida sobre esses elementos é feita somente em 1932, no livro *A psicanálise de criança*, quando a autora afirma que: “faz parte da minha tese geral de que o superego se forma nos estágios mais arcaicos da vida da criança, sendo em primeiro lugar sentido como ansiedade pelo ego e, em seguida, à medida que o primeiro estágio sádico-anal se encerra, também como um sentimento de culpa” (p.184)

As características do superego carregam as marcas das sucessivas fases ou posições libidinais do sujeito. O contexto da gênese dessa estrutura seria aquele no qual existe um “total domínio do sadismo” (KLEIN, 1929b/1996, p.243), que, segundo a descrição de Abraham, seria a fase oral centrada no morder. Nesse momento, as fantasias sádicas que a criança direcionou para os pais constroem objetos que são introjetados, dos quais o sujeito espera receber uma punição de igual natureza. Como o modo de expressão típico da criança se centra no desejo de morder, destruir, desmembrar, castrar etc. é justamente isso que ela passa a temer no superego.

Via de regra, esse caráter terrífico não coincide com os objetos existentes na realidade imediata da criança. Essa constatação abre a possibilidade para compreendermos o conteúdo que forma o superego infantil. Klein afirma que “os pais são a fonte do superego, na medida em que suas ordens, proibições etc. são absorvidas pela criança. No entanto, esse superego não é idêntico aos pais; em parte, ele é formado pelas próprias fantasias sádicas da criança” (1927b/1996, p.208). Isso significa que o superego não é reflexo dos pais reais, mas se estrutura a partir de *imagos*.

A construção dessas imagos acompanha de perto o modo como a criança atravessa o complexo de Édipo. Conforme apresentamos, durante a fase da feminilidade, a criança busca conhecer, apropriar-se e destruir o interior do corpo materno, o que é seguido pelo temor da retaliação. No entanto, vale lembrar que um dos objetos que existem dentro da mãe é o pênis paterno. A consequência será a construção de um superego inicial que comporta uma característica híbrida, com a conjunção de aspectos provenientes de ambos os pais, ou seja, “um superego que devora, mutila e castra, formado a partir das imagens da mãe e do pai ao mesmo tempo” (KLEIN, 1928/1996, p.220)

As formações superegoicas iniciais são altamente sádicas, o que impactará nas possibilidades de desenvolvimento do sujeito. É possível pensar que quanto mais feroz o superego se apresenta, maiores serão as dificuldades de as crianças vivenciarem e elaborarem os conflitos psíquicos durante o seu desenvolvimento. No contexto do drama edípico, um superego extremamente agressivo fará com que seja maior a angústia, estabelecendo condições propícias para que o recalque seja amplamente adotado pelo ego e ocorram fixações.

Porém, caso a angústia suscitada pelo superego formado no nível pré-genital não seja intolerável, cria-se um ambiente mais favorável para o desenvolvimento. O

que determina cada uma dessas alternativas repousa no modo como a oralidade foi vivenciada. Conforme exposto no artigo *Personificação no Brincar das crianças* (1929a/1996), a possibilidade de um superego que não seja demasiadamente tirânico depende do protagonismo do estágio oral de sugar. Contudo, se o estágio oral de morder for predominante, a agressividade estará mais presente, assim como um superego com contornos prioritariamente sádicos.

Nos estágios anais e genitais posteriores, a preponderância e o modo como o sadismo se expressa passam por modificações, o que permite a introjeção de imagens construídas a partir de outras bases. Tal dimensão se torna relevante porque

se o Superego atinge o seu zênite no estágio genital, as identificações sádicas que participam dessa estrutura se tornam menos proeminentes, o que ajuda a assegurar a saúde mental e o desenvolvimento de uma personalidade de alto nível ético (KLEIN, 1928/1996, p.226)

Nessa trajetória, o superego passa a comportar uma miríade de imagens construídas nos diversos momentos da vida. É por tal razão que ele pode se revestir de características absolutamente contraditórias, comportando tanto a agressividade como a benevolência.

Um acréscimo importante para o entendimento do superego ocorre com o livro *A psicanálise de crianças* (1932), que marca a adoção dos conceitos de pulsão de vida e morte. As teorizações elaboradas nos anos precedentes não são abandonadas e os conflitos edípicos ainda são fundamentais para entendermos esse componente do aparelho psíquico. No entanto, a compreensão sobre a sua gênese é alterada, pois “o que inicia a formação do superego e governa os seus estágios mais remotos são os impulsos destrutivos e a ansiedade por eles despertadas” (KLEIN, 1932/1996, p.157).

A presença da pulsão de morte sinalizaria a possibilidade de uma destruição do próprio sujeito e, para contornar esse perigo, é realizada uma deflexão dos aspectos pulsionais, agora direcionados para objetos externos. Tais objetos, impregnados de aspectos mortíferos, constituem a realidade imediata da criança e, inevitavelmente, acabam sendo internalizados e “o objeto incorporado assume de imediato o papel de um superego” (KLEIN, 1932/1996, p.149).

Ao mesmo tempo em que isso ocorre, também se nota que é impossível uma completa expulsão da pulsão de morte. Parte dela continua presente no sujeito e o

leva a adotar uma segunda estratégia. Klein propõe que, nessa situação, o ego rudimentar

pode mobilizar parte deles [os impulsos destrutivos] como uma defesa contra outra parte. Desse modo o id sofrerá uma cisão que é, creio eu, o primeiro passo na formação das inibições pulsionais e do superego [...]. Podemos supor que uma cisão desse tipo é viabilizada pelo fato de que, tão logo o processo de incorporação tenha se iniciado, o objeto incorporado se torna o veículo de defesa contra os impulsos destrutivos dentro do organismo (KLEIN, 1932/1996, p.149)

Mesmo diante dessas várias elaborações, uma ideia presente é que, desde o início, o superego da criança “está muito próximo ao do adulto e não é influenciado pelo desenvolvimento posterior de forma tão radical” (KLEIN, 1927a/1996, p.182). As especificidades do modo como ela reage a essa estrutura estariam ligadas ao caráter ainda não desenvolvido do seu ego, que, diferentemente no adulto, ainda não conta com os recursos necessários para promover uma negociação com as exigências que lhe são impostas.

2.2.3 O Ego

Em *O ego e o id* (1923), Freud afirmava que o ego é, antes de tudo, corporal. Tal concepção também se encontra no texto kleiniano, mas articulada às ideias de Abraham sobre as fases do desenvolvimento libidinal. As dimensões orais, anais e genitais são essenciais para a formação das estruturas psíquicas. É nesse sentido que podemos acompanhar Cintra e Figueiredo (2004) quando afirmam que,

No pensamento kleiniano, as sensações corporais são muito importantes na formação do tecido da fantasia: ela é a configuração psíquica das mais arcaicas sensações e sentimentos, é o lugar no qual se constitui a mais profunda imagem inconsciente do corpo. (p.151)

Ao lado dessa característica, também outras definições freudianas são mantidas por Klein, por exemplo, a ideia de que o ego está ligado à defesa, possui um caráter mediador ou ainda uma aspiração para a síntese.

Porém, ainda que existam pontos em comuns, é importante reconhecer que a proposta kleiniana também avançou em outras direções por descrever certas características e processos que não foram o foco de atenção de Freud. Entre 1926 e 1932, as principais elaborações acerca do ego são realizadas a partir de duas

determinações: a) as investigações privilegiam os momentos arcaicos da constituição da subjetividade e b) a angústia é marcadamente presente nesse cenário. Esse afeto impacta a maneira como o ego se relaciona com o superego na constituição da realidade e na adoção dos mecanismos de defesa.

O superego e a exigência do recalque

O primeiro ponto que representa um desenvolvimento original de Klein é que, se, por um lado, o desenvolvimento egoico é algo que se estabelece gradativamente, por outro, isso se dá sob a presença de um superego que já está estruturado nos seus aspectos essenciais. É por essa razão que a autora afirma que “os efeitos [do] superego infantil sobre a criança são semelhantes aos que o superego exerce no adulto. No entanto, eles são um fardo bem mais pesado para o ego infantil, mais fraco que o do adulto” (KLEIN, 1926/1996, p.158). A possibilidade de suportar essa situação é um dos maiores desafios que o ego precisa enfrentar para se desenvolver.

Para entendermos essa condição opressora do superego, cabe notar que Klein trabalha, em seus primeiros textos desse período, com a ideia de que a estrutura superegoica, devido à moral de Talião, é percebida como algo perigoso pelo ego. Progressivamente, essa constatação leva Klein a apresentar que o superego provoca angústia ao ponto de afirmar, em 1929, que “a ansiedade mais aguda se origina de um superego introjetado num estágio muito inicial do desenvolvimento do ego” (KLEIN, 1929a/1996, p.239).

Nessa trajetória, o cenário inicial já é especialmente difícil, pois é justamente quando o ego encontra-se menos desenvolvido que o superego, formado a partir dos registros pré-genitais, possui as características mais aterradoras e conta com uma alta dose de sadismo. Quanto mais temível o superego se apresenta, maiores são os obstáculos para o desenvolvimento.

Nesse ponto, cabe lembrarmos que, inicialmente, a criança possui fantasias de morder, cortar, destruir e controlar os pais, conforme é característico das posições pré-genitais. O superego em ação, nesse período, já contém as faculdades críticas do juízo e condena, de modo igualmente sádico, tais fantasias. O ego é impelido, então,

a tentar resolver esse conflito, porque teme que recaia sobre si um ataque de igual natureza e, assim, lança mão do recalque¹⁴.

Embora alguma dose de recalque seja inevitável para todas as pessoas, caso esse mecanismo de defesa comece a ser utilizado de maneira muito ampla, será impossível submeter as fantasias sádicas a uma elaboração. Nesse caso, o ego é levado a resolver o conflito entre as fantasias e a condenação superegoica simplesmente enviando tal conteúdo para o inconsciente. Dado que as fantasias são a base para as possibilidades de o ego agir sobre o mundo, fica clara também a possibilidade de prejuízos.

São abundantes, no texto kleiniano, as descrições clínicas que corroboram essa descrição metapsicológica. Ao analisar, por exemplo, o menino Peter, que apresentava dificuldades educacionais e para brincar, Klein propõe que

Sua inibição para brincar, assim como sua ansiedade, estavam intimamente ligadas a suas fixações sádico-orais e sádico-anais. Como fantasias são a verdadeira força motriz da brincadeira, ele não podia brincar, pois suas fantasias cruéis tinham que permanecer reprimidas. (KLEIN, 1927b/1996, p.206)

Ainda acrescenta que a análise de vários pacientes demonstrou que o bloqueio das fantasias por um forte recalque é um obstáculo para a elaboração das fixações por meio da sublimação (KLEIN, 1927b/1996), que é um processo no qual os componentes pulsionais são utilizados para alguma realização egoica. Petot (2008) também analisa essa dimensão e propõe que a “repressão das fantasias sádicas [...] é uma defesa inadequada já que interdita a ab-reação das pulsões sádicas por meios simbólicos nas fantasias e nas brincadeiras” (p.120), estabelecendo, portanto, as condições necessárias para a inibição.

O recalque, além de diminuir as possibilidades de o ego agir sobre o mundo, também pode favorecer uma interrupção mais global no processo de desenvolvimento. Isso ocorre porque a não elaboração das fantasias é solidária com a manutenção de um superego sádico formado durante as fases pré-genitais. Quando o desenvolvimento libidinal avança em direção à genitalidade, o ego tenta realizar uma mediação entre os desejos infantis e o superego. Porém, se essa última estrutura despertar uma grande cota de angústia, o que se notará é que “a criança, tentando

¹⁴ Além do recalque, o ego também pode lançar mão de outros mecanismos, como o repúdio pela realidade, conforme iremos apresentar adiante.

fugir de seus impulsos genitais, irá se prender aos níveis sádicos, a partir do quais as tendências edipianas inicialmente tomam o seu aspecto” (KLEIN, 1928/1996, p.219)

Todo o percurso que parte da preponderância das organizações pré-genitais até a genitalidade e o atravessamento do complexo de Édipo depende da quantidade de angústia a que o ego será exposto bem como da sua capacidade¹⁵ de suportá-la. Essa trajetória de desenvolvimento pode, contudo, ser perturbada por um superego sádico, que exige que o ego recorra ao recalque, mas também pode impactar no contato travado com o mundo externo.

A realidade

O desafio de administrar a angústia também terá impacto em uma das atribuições mais típicas do ego: a constituição do senso de realidade. Desde 1926, Klein apresentava que, diante de frustrações, que são fenômenos acompanhados do afeto, as crianças se “defendem da realidade repudiando-a. No entanto, o ponto fundamental que servirá de critério para toda a capacidade posterior de adaptação à realidade, é o grau em que conseguem tolerar as privações decorrentes da situação edipiana” (KLEIN, 1926/1996, p.153). Cabe notar que tal elaboração é bem próxima de algumas afirmações freudianas presentes no texto *Neurose e psicose* (1924a), conforme apresentamos no capítulo anterior.

Todavia, a presença do superego também será importante nesse processo, pois a angústia que ele provoca exige que o ego adote estratégias defensivas. O conflito resultante das condenações superegoicas pode fazer com que o ego simplesmente desconsidere o mundo externo. Nesses casos, o que se notaria é que, ao invés do recalque da fantasia incompatível com a realidade, ocorreria uma modificação dessa realidade para adaptá-la à fantasia. (KLEIN, 1927b/1996). Esse é um mecanismo universal e pode ser percebido nas brincadeiras, mas se “essa fuga da realidade se torna dominante, [abre-se] caminho para uma psicose” (KLEIN, 1927b/1996, p.209)¹⁶

¹⁵ Segundo Klein, a quantidade de angústia que o ego é capaz de suportar pode ter uma natureza constitucional, conforme é apresentado na análise de Dick (KLEIN, 1930/1996, p.255)

¹⁶ Klein descreve os fatores que contribuiriam para que o mecanismo universal de fuga da realidade acabasse resultando em uma psicose. Eles seriam “a intensidade das fixações, a maneira e a época em que essas fixações se ligam às experiências, a severidade e o tipo de desenvolvimento do superego, que também depende de causas

Em *Personificação no brincar das crianças* (1929a/1996), essa temática é novamente abordada, mas em articulação com duas características importantes do ego: a tendência para a síntese e a personificação.

Tomando por base as concepções freudianas, Klein apresenta que o ego busca um acordo possível entre a realidade, o *id* e o superego. Porém, esse caráter mediador é pensado a partir de novas bases, já que “o superego como um todo é composto das várias identificações adotadas nos diversos níveis de desenvolvimento” (KLEIN, 1929a/1996, p.234), comportando, simultaneamente, imagos sádicas e amorosas. A presença de aspectos tão contraditórios torna impossível que se equalizem as ordens do superego com os demais fatores, o que exige, desde o início, que o ego busque uma síntese dessa estrutura. Contudo, se os aspectos sádico-orais e anais forem especialmente fortes, a construção de uma imagem coesa será ainda mais difícil.

O fracasso dessa síntese aponta para a possibilidade de o ego estabelecer uma “relação deficiente com a realidade” (p.234). Cabe notar, no entanto, que, nesse percurso, o ego pode adotar dois mecanismos para uma solução favorável: a cisão e a projeção, e isso permitiria ao ego infantil representar, na brincadeira, os aspectos agressivos e benevolentes que habitam a sua vida mental. Para Klein, essa seria a base da personificação, que é um recurso importante para o ego, porque

A síntese do superego, que só pode ser sustentada com certo esforço, pode ser temporariamente abandonada e, além disso, a tensão causada pela tentativa de manter uma trégua entre o superego como um todo e o *id* se reduz. Assim, o conflito intrapsíquico se torna menos violento e pode ser deslocado para o mundo externo. O prazer assim obtido fica ainda maior quando o ego descobre que esse deslocamento para o mundo externo oferece várias provas reais de que os processos psíquicos, com seus investimentos de ansiedade e culpa, podem ter uma solução favorável e a ansiedade pode sofrer uma grande redução (KLEIN, 1929a/1996, p.235)

O conjunto dessas elaborações permitiu que se desvelasse a etiologia de graves manifestações psicopatológicas. Nesse contexto, Klein propõe uma ideia de grande alcance clínico, a saber, que “a ascendência de um superego aterrador, introjetado nos primeiros estágios de desenvolvimento do ego, é um dos fatores básicos do distúrbio psicótico” (KLEIN, 1929a/1996, p.237). Podemos acompanhar melhor essa afirmação se guardamos que um superego pré-genital violento gera: a)

internas e externas, e, finalmente, a capacidade da criança para suportar a ansiedade e o conflito” (KLEIN, 1927b/1996, p.208)

uma angústia intolerável; b) condições favoráveis para que o ego fuja da realidade e se volte para a fantasia; e c) dificuldades para o estabelecimento de uma síntese.

Até 1930, os textos de Klein adotavam, prioritariamente, a concepção de que a angústia é um afeto que leva o ego a adotar estratégias de defesa e que pode representar um obstáculo para o desenvolvimento, ocasionando desde leves inibições até uma esquizofrenia ou paranoia. Porém, em *A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego* (1930), uma nova visão é apresentada. Estabelece que a angústia, em um nível ótimo, é imprescindível para o desenvolvimento do ego e para um contato com a realidade.

Esse escrito é um desdobramento de algumas concepções presentes em *A análise de crianças pequenas* (1923b), que propunha que o início do simbolismo decorreria da tentativa da criança de estabelecer equivalências entre partes do corpo e objetos externos, postas em movimento pela libido. O avanço estabelecido por Klein, em 1930, foi que:

juntamente com o interesse libidinal, é a ansiedade [...] que põe em movimento o mecanismo da identificação. Uma vez que a criança deseja destruir os órgãos (pênis, vagina, seios) que representam os objetos, estes passam a ser uma fonte de pavor. Essa ansiedade contribui para que a criança iguale os órgãos em questão com outras coisas; como resultado, estes também se tornam objetos de ansiedade e ela se vê obrigada a estabelecer constantemente novas equiparações, que formam a base do simbolismo e de seu interesse nos objetos (KLEIN, 1930/1996, p.252).

É justamente esse processo de construção de símbolos que está na base da relação que o sujeito estabelece com o mundo externo. Contudo, essa conquista não se dá de maneira abrupta, vez que, inicialmente, a realidade para a criança é constituída por objetos ameaçadores, elaborados a partir das fantasias pré-genitais. Somente com um progressivo desenvolvimento do ego é que uma avaliação mais objetiva vai sendo conquistada, partindo de um cenário fantástico para aquilo que Klein nomeia como uma relação verdadeira com a realidade (1930/1996). O sucesso nessa travessia está na dependência do nível de angústia que o ego será capaz de suportar.

Dessa maneira, esse afeto comparece, simultaneamente, como algo imprescindível para que o ego entre em contato com a realidade, mas também como um obstáculo importante. Por tal razão, Klein propõe que

Como de costume, é preciso um equilíbrio ideal entre os fatores envolvidos. Uma certa quantidade de ansiedade é a base necessária para que a formação de símbolos e a fantasia ocorram em abundância; é essencial que o ego possua a capacidade adequada de tolerar a ansiedade, a fim de elaborá-la de forma satisfatória. Desse modo, essa fase básica terá uma conclusão favorável e o desenvolvimento do ego será bem sucedido (KLEIN, 1930/1996, p.253).

Os mecanismos de defesa arcaicos

Ao analisar os momentos iniciais da constituição do psiquismo, Klein descobriu a presença marcante do ódio e da agressividade, permitindo que ela localizasse um momento no qual o sadismo “se torna ativo em todas as fontes de prazer libidinal” (1930/1996, p.251). A emergência da mais poderosa e aguda experiência de angústia ocorreria justamente nesse cenário.

Ainda que isso ocorra nas etapas iniciais da vida, essa situação já demanda que o ego ofereça respostas. Elas consistem nos mecanismos de defesas mais arcaicos, utilizados antes mesmo da possibilidade de se recorrer ao recalque. O que se nota é que o ego, na tentativa de evitar a angústia, procura se defender de dois perigos: o sadismo do próprio sujeito e o objeto que foi atacado. Para cada uma dessas duas fontes de ameaça, são adotadas diferentes estratégias, porque, “em relação ao sadismo do próprio sujeito, essa defesa implica a expulsão; no que diz respeito ao objeto, por outro lado, ela implica a destruição” (KLEIN, 1930/1996, p.252).

Seguindo a lógica do pensamento kleiniano, não é difícil compreender o motivo pelo qual o objeto atacado torna-se uma fonte de perigo. Nesse caso, reencontramos o mesmo raciocínio que a autora utilizou para expor a formação do superego: após o ataque ao objeto, teme-se uma retaliação de igual natureza. É por tal razão que a sua eliminação completa passa a ser buscada.

Contudo, são menos óbvios os motivos pelos quais o sadismo do sujeito é encarado como algo perigoso. Inicialmente, em *A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego* (1930), é posto apenas que a periculosidade ocorre “não só porque oferece uma oportunidade para a liberação de ansiedade, mas também porque o sujeito acredita que as armas empregadas para destruir o objeto também se voltam contra si” (p.252). Foi a adoção da segunda teoria pulsional de Freud que pôde dar maior clareza a essa ideia. Encontramos, em *A psicanálise de criança*, 1932, a afirmação de que “a pulsão destrutiva se dirige contra o próprio

organismo e deve, portanto, ser encarada como um perigo pelo ego. Acredito que é esse perigo que é sentido pelo indivíduo como ansiedade” (KLEIN, 1932/1996, p.148). É por temer a destruição do próprio sujeito que o ego expulsa os aspectos pulsionais destrutivos.

Essa nova perspectiva teórica possibilitou ainda outro avanço importante, desde que permitiu compreender que as duas manifestações de defesas, expulsão e destruição, são interdependentes. A expulsão dos aspectos pulsionais sádicos está longe de ser aleatória e se dirige justamente para os objetos que se deseja destruir. Dessa maneira, o sujeito

Reage ao seu intolerável medo de perigos pulsionais transferindo o impacto maciço dos perigos pulsionais para o seu objeto, transformando, desse modo, perigos internos em perigos externos. Contra esses perigos externos, seu ego imaturo procura então defender-se por meio da destruição do objeto (KLEIN, 1932/1996, p.149)

O conjunto dessas concepções permanecerão no horizonte kleiniano e irão contribuir para a elaboração, em 1946, do conceito de identificação projetiva.

2.3 A posição depressiva

Depois de aproximadamente quinze anos de experiência clínica e de elaboração teórica, Klein publica *Uma contribuição à psicogêneses dos estados maníaco-depressivos* (1935), que inaugura uma nova forma de compreender o desenvolvimento e os impasses e estratégias diante do conflito psíquico. A posição depressiva passa a ser apresentada como um ponto crítico na história do indivíduo e o esforço para elucidar seus aspectos constitutivos permitiu a construção de uma metapsicologia que possui contornos mais nítidos e é facilmente identificável já nas primeiras linhas de leitura.

Assim como nos anos anteriores, a ambivalência continua central para a proposta kleiniana. Todavia, as teorizações iniciais apresentavam o papel das forças agressivas em primeiro plano, o que é atestado pela ênfase conferida ao sadismo infantil. Com a posição depressiva, ocorre uma alteração nessa configuração e Klein passa a atribuir maior destaque à pulsão de vida, força erótica expressada pelo amor, para o desenvolvimento psíquico.

Embora Klein proponha que a posição depressiva se inicie com o desmame e que existe a possibilidade de elaborá-la, deve-se ter claro que essa é sempre uma resolução parcial. Essa é uma tarefa que tem começo na infância e que irá se estender por toda a vida, conforme apresentam Cintra e Figueiredo (2004). Mesmo para o adulto, em várias situações, como as experiências de luto, sempre existe a possibilidade de os conflitos reativarem configurações claramente depressivas.

As reflexões sobre tal posição possibilitaram ressaltar a importância das relações que o sujeito trava com os objetos. Esse ponto é digno de nota, porque, a partir daí, o ego passa a ocupar um lugar privilegiado no pensamento kleiniano. Após 1935, é possível afirmar que vários fenômenos abordados têm clara relação com essa estrutura, uma vez que o ego pode ser entendido como o “centro de toda a rede de vínculos objetais internos e externos, sede da angústia, propulsor dos processos defensivos [e] organizador das próprias posições” (BARANGER, 1981, p.82). Mesmo nos primeiros momentos da existência de um sujeito, seria possível localizar a ação de um ego incipiente.

2.3.1 Objetos internos e o mundo interior

Antes de abordarmos as transformações impostas pela posição depressiva, é necessário compreender os principais pontos da gênese do psiquismo segundo Klein. A autora considera que a criança produz intensos processos mentais desde o início da vida e que, assim que começa a vida pós-uterina, algumas manifestações psíquicas mais primitivas já podem ser notadas, dado que

as fantasias já estão na mente do bebê quase desde o nascimento. Aparentemente, todo estímulo recebido pela criança imediatamente gera a fantasia: os estímulos desagradáveis, incluindo a mera frustração, provocam fantasias agressivas; as gratificantes, fantasias concentradas no prazer (KLEIN, 1936/1996, p.331).

Cabe ressaltar que tais fantasias inconscientes¹⁷, além de serem as primeiras atividades mentais, também estão na base de todos os processos posteriores.

¹⁷ O conceito de fantasia inconsciente é central no pensamento kleiniano, presente, de um modo assistemático, desde os escritos sobre a inibição intelectual. Até a postulação da posição depressiva, Klein não apresentou uma definição clara nesse campo, o que ocorreu apenas alguns anos depois durante as discussões controversas com a Sociedade Britânica de Psicanálise. Uma apresentação mais detida desse conceito será realizada no item seguinte.

Nota-se, por exemplo, a influência dessas fantasias no intenso jogo entre introjeção e projeção, o que merece ser destacado devido ao caráter estruturante de tais processos. Afinal, “o desenvolvimento do bebê é governado por mecanismos de introjeção e projeção. Desde o início, o ego introjeta objetos ‘bons’ e ‘maus’, sendo que o seio da mãe serve de protótipo para ambos” (KLEIN, 1935/1996, p.304), que emergem como os primeiros *objetos internos* para o sujeito.

As diferenças qualitativas entre esses objetos repousam nas experiências de satisfação e frustração. Temos assim, em um primeiro plano, que o objeto é introjetado como bom quando a criança consegue obtê-lo e mitigar as exigências pulsionais. De modo simétrico, o objeto é internalizado como mau quando a criança o perde, sendo exposta ao desprazer.

Paralelamente a isso, a projeção também atua como um mecanismo relevante, por ser o recurso que o ego inicial utiliza para expulsar a pulsão de morte e os aspectos agressivos. Essas tendências destruidoras, elaboradas pelo intenso sadismo infantil, são dirigidas para os objetos que constituem a realidade externa imediata do bebê. Como consequência, tais objetos são concebidos como maus e perseguidores nesse momento inicial, uma vez que o sujeito teme um retorno do ataque infligido.

Nesse processo, ocorrem simultaneamente a construção de uma realidade externa, que, inicialmente, é fantástica, e a instalação desses objetos antagônicos dentro do ego. Devido à ação das fantasias inconscientes, os objetos internos aparecem como se possuíssem vida real e independente, “percebidos pelo indivíduo, nas camadas mais profundas do inconsciente, como algo que tem uma existência concreta dentro de si” (KLEIN, 1940/1996, p.405). Ainda sobre essa temática, Heimann (1969) propõe que tais objetos “são sentidos como se estivessem a par e fossem afetados pelos sentimentos, desejos e pensamentos do sujeito, tal como ocorre com as pessoas do mundo exterior, por meio de palavras e ações” (p.175).

Segundo Baranger (1981), os objetos internos, concebidos como onipotentes, travam relações entre si e com o indivíduo, mas dotados de caráter totalmente fantástico. Isso permite que se compreenda a mente infantil como um cenário composto por vários elementos introjetados, com interesses próprios e que, eventualmente, podem se contradizer. O próprio conflito psíquico pode ser interpretado por outra perspectiva segundo a qual seja concebido como o embate entre objetos internos.

É para dar conta desse quadro que Klein propõe o conceito de mundo interior. Segundo ela:

Os processos de introjeção e projeção levam desde o início da vida ao estabelecimento de objetos amados e odiados dentro de nós mesmos. Esses objetos são considerados “bons” ou “maus” e estão interligados uns com os outros e com o *self*¹⁸: ou seja, eles formam um mundo interior. Esse conjunto de objetos internalizados se organiza, acompanhando a organização do ego (KLEIN, 1940/1996, p.405)

Uma característica fundamental desses primeiros objetos é a parcialidade. Tal condição remete a dois aspectos: em primeiro lugar, a criança não introjeta a mãe como um todo, mas apenas o seu seio, o que, para Klein, estaria relacionado ao grau de desenvolvimento incipiente do ego e à consequente dificuldade de realizar uma síntese perceptiva. Em segundo lugar, o objeto é parcial porque os aspectos bons e maus são introjetados como entidades separadas, com existências independentes. Somente em um momento ulterior, emergiria uma nova possibilidade de relação com o objeto total.

O peso que Klein confere à passagem das relações parciais com os objetos às relações totais é mais um dos pontos que permitem localizar as suas influências teóricas. As raízes dessa discussão estão presentes nos textos freudianos, ainda que cumpra reconhecer que a proposta kleiniana percorreu novas vias. Porém, paralelamente, nota-se que a teoria de Abraham continua a ser uma grande fonte de inspiração. É verdade que, ao formular o conceito de posição depressiva, Klein se distanciou cada vez mais das concepções sobre os estágios do desenvolvimento libidinal, mas esse abandono não foi completo. As ideias abrahamianas de que o sujeito se relaciona inicialmente com objetos vistos notadamente como parciais, que, paulatinamente, tornam-se mais integrados até o ponto de poderem emergir como totais, continuam a ressoar na produção kleiniana.

¹⁸ A partir das teorizações sobre a posição depressiva, Klein começa a utilizar o termo *self* com uma frequência cada vez maior. Na maior parte dos seus textos, *self* e ego são conceitos intercambiáveis, praticamente sinônimos. Somente nos últimos trabalhos, uma diferenciação é estabelecida, conforme apresentaremos a seguir.

2.3.2 Relações objetais, angústia e mecanismos de defesa

Os aspectos essenciais da posição depressiva foram estabelecidos entre 1935 e 1940. Nos anos seguintes, o sistema kleiniano passa a analisar vários outros fenômenos, porém “a descrição que M. Klein proporciona de posição depressiva e de sua gênese sofrerá pouca variação em sua obra posterior” (BARANGER, 1981, p.11)¹⁹. Não obstante, é útil destacar algumas mudanças nessas teorizações iniciais que surgiram devido ao refinamento obtido nos anos seguintes.

Um exemplo claro desse movimento é que, em 1935, encontramos a indicação de que, paralelamente à posição depressiva, existiriam as posições paranoide, maníaca e obsessiva. Em 1946, Klein retoma a posição paranoide e a revisa, propondo o conceito de posição esquizo-paranoide, típica dos primeiros momentos da vida. Nos dois outros casos, os conceitos serão reordenados, passando de posições para defesas maníacas e obsessivas.

Essas alterações conceituais ocorrem porque a ideia de posição assume um estatuto metapsicológico muito estável para Klein e contam com algumas características indispensáveis: a) modos de relação com objetos, b) angústias específicas e c) defesas contra a angústia²⁰.

Tais critérios podem ser utilizados para a descrição do psiquismo infantil nos primeiros momentos da vida. Observa-se assim que, inicialmente, as *relações são com objetos parciais*, “o mundo de objetos da criança [...] consiste em pedaços do mundo real que são hostis e perseguidores, ou então gratificantes” (KLEIN, 1935/1996, p.326). Nesse momento, os objetos maus internos e externos são responsáveis pela principal *angústia* da criança, que emerge de modo paranoide. E, por fim, as *defesas* visam a preservação do ego e utilizam, sobretudo, o mecanismo de projeção.

¹⁹ Essa opinião também é defendida por Petot (1988), que propõe que “a teoria da posição depressiva evolui relativamente pouco em seu todo uma vez formulada. Algumas dessas transformações decorrem das incertezas ou ambiguidades que ressaltamos na apresentação das teorias de 1935 a 1940. Outras delas provirão da ressonância, na teoria da posição depressiva, das descobertas, a partir de 1946, no domínio da posição paranoide: clivagem esquizoide do ego, identificação projetiva, caráter primário e pré-edipiano da inveja. Alguns mecanismos associados, em 1940, à posição depressiva passarão, em 1952, para a posição paranoide” (p.43)

²⁰ A análise de Baranger (1981) sobre o abandono do conceito de posição maníaca exemplifica bem a importância que Klein atribuía a esses critérios. Apesar de estar presente em 1935, “existe um fator que fará desaparecer a posição maníaca da lista de posições: a ausência de uma angústia específica” (p.13)

Essa dimensão sofre uma ampla mudança por volta dos quatro ou cinco meses, em torno do processo de desmame. Durante esse período, a condição rudimentar do ego passa por um desenvolvimento expressado em uma maior organização pela introjeção de imagos mais próximas da realidade e pela possibilidade mais estável de realizar identificações. É nesse ponto que, pela primeira vez, o ego é confrontado com uma nova experiência ocasionada pela “passagem de uma relação de objeto parcial para a relação com o objeto total” (KLEIN, 1935/1996, p.306). Isso significa que o sujeito pode se vincular à mãe de maneira diferente, ou seja, pode estabelecer uma relação com a pessoa completa e não mais apenas com o seio. Essa completude também diz respeito ao fato de que os aspectos bons e maus são compreendidos, agora, como integrantes do mesmo objeto.

Cabe notar que a ocorrência dessa nova relação com o objeto não significa imediatamente o seu completo estabelecimento. O ego ainda passará por uma dialética de introjeção dos objetos totais e parciais durante a elaboração da posição depressiva, processo que abordaremos em seguida. De toda forma, o que se nota é que, “ao dar esse passo, o ego atinge nova posição, que serve de base para a situação chamada de perda do objeto amado. Só quando o objeto é amado *como um todo* é que sua perda pode ser sentida como um todo” (1935/1996, p.306).

A experiência com o objeto total anuncia para a criança que as anteriores fantasias destrutivas dirigidas para os objetos parciais impactam efetivamente a mãe na sua inteireza. E, em razão disso, se estabelece um temor de que o objeto total tenha sido submetido a um processo de empobrecimento e destruição. É dessa forma que a noção de perda do objeto amado adquire centralidade. Afinal, o que a criança teme é que todas as vivências de gratificação, amor e afeto, ou seja, as relações anteriormente travadas com o bom objeto desapareçam. Klein propõe que esse quadro pode ser relacionado com a experiência de luto, o que permite considerar a posição depressiva “uma melancolia em *statu nascendi*” (KLEIN, 1940/1996, p.388).

É nesse ponto que podemos entender a principal característica da angústia tipicamente depressiva: ela sempre se relaciona com a segurança do objeto bom. Isso é uma situação nova que fica mais clara se a compararmos ao estado anterior, pois

o medo de perseguição, que de início era percebido como uma ameaça para o próprio ego, agora também se relaciona com o objeto bom. A partir desse momento, a preservação do objeto bom é encarada como um equivalente à sobrevivência do ego (KLEIN, 1935/1996, p.305).

Para compreendermos esse argumento, devemos ter em mente que o objeto bom está calcado nos objetos externos, principalmente na mãe, e que a sua ausência sinaliza a possibilidade da morte para o sujeito. Além disso, do ponto de vista psíquico, o objeto bom representa toda uma constelação de afetos positivos e, simultaneamente, serve de proteção contra os objetos maus.

A emergência da angústia depressiva comparece como uma das forças, mas não a única, para o desenvolvimento do ego. A busca pela preservação do bom objeto exige que se construa uma melhor avaliação sobre as fontes de perigo e, por essa razão, “o ego se depara com a necessidade de reconhecer até certo ponto a realidade psíquica, além da realidade externa” (KLEIN, 1935/1996, p.326). Cabe notar que a ideia de que algum nível de angústia é imprescindível para o amadurecimento do ego já estava presente no artigo *A importância da formação de símbolos na formação do ego* (1930).

Contudo, o reconhecimento mais preciso da realidade interna e da externa lança o ego a uma nova situação de sofrimento. Podemos pensar que não existe nenhum motivo para o ego sentir pena ou remorso de ter atacado um objeto absolutamente mau e perseguidor, mas a perspectiva muda completamente quando se compreende, posteriormente, que esses ataques também atingiram o objeto bom. O ego é, assim, confrontado com o fato de que infligiu uma destruição ao que lhe era mais caro, o que gera um intenso sentimento de culpa. É nesse sentido que Klein afirma que “só quando o ego introjeta o objeto como um todo e estabelece uma relação melhor com o mundo externo e as pessoas reais é que ele percebe o desastre criado pelo seu sadismo e principalmente pelo seu canibalismo” (1935/1996, p.311). Tal avaliação diz respeito tanto às agressões anteriormente realizadas quanto às que continuam em ação. A permanência dessa destrutividade ocorre porque a emergência da posição depressiva é contemporânea do momento em que o sadismo está no seu auge (KLEIN, 1935/1996).

Como resultado, o ego é levado a reconhecer que o ódio é tão presente quanto o amor e, além disso, que sempre existe a possibilidade de o ódio se tornar preponderante. Nesse contexto, o ego passa a desprezar, rejeitar, atacar justamente a fonte de onde brota esse ímpeto sádico, ou seja, o *id*, uma vez que existe uma grande angústia “do ego de se deixar levar pelo *id* e destruir o objeto amoroso” (1935/1996, p.312).

Nota-se, portanto, um processo que é interconstitutivo: quando o ego se depara com o fato de que os objetos bons e maus formam uma unidade, ele também é levado à constatação da presença simultânea do amor e do ódio. Podemos trabalhar com a ideia de que uma melhor compreensão do objeto é acompanhada de um maior reconhecimento egoico da realidade psíquica.

O que se anuncia é que a ambivalência torna-se um fato, o que impõe um desafio dificilmente administrado pelo ego do bebê. Uma vez que o amor e o ódio pautam a relação com o objeto total, emergem fantasias sobre a possibilidade de destruí-lo, com todos os prejuízos que isso possa acarretar. Dessa maneira, ocorre um acréscimo de angústia, o que faz com que algumas defesas sejam acionadas. Segundo Klein, existe um conjunto de mecanismos inter-relacionados, que atua na posição depressiva e visa a preservação do bom objeto. Esses mecanismos são a cisão, a introjeção e a reparação²¹.

Conforme suas atribuições mais típicas, o ego busca contornar o sofrimento, mas, inicialmente, ainda não conta com um vasto repertório de estratégias defensivas. Diante disso, estabelece-se uma tentativa de reorganização da realidade que, em alguns pontos, assemelha-se ao cenário anterior, da posição depressiva. Assim, o ego executa uma cisão do objeto total, separando-o em dois polos: um bom e um mau. Em *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos*, Klein descreve essa situação e propõe que:

Na primeira fase de desenvolvimento, os objetos perseguidores e os objetos bons (os seios) estão muito afastados na mente da criança. Quando – com a introjeção do objeto total e real – eles se aproximam, o ego recorre constantemente ao mecanismo que já foi mencionado acima e que é tão importante para o desenvolvimento da relação com os objetos: a cisão das imagos entre as amadas e as odiadas, ou seja, entre boas e perigosas (KLEIN, 1935/1996, p.328)

É nisso que consiste o início do processo da alternância dialética da introjeção dos objetos totais e parciais que citamos. Por meio da cisão, o ego pode suspender,

²¹ Cabe destacar que é atribuído sobretudo à reparação o papel de defesa tipicamente depressiva. Porém, entre 1935 e 1940, Klein postula que a cisão e a introjeção também desempenham funções importantes nessa posição. Apesar de, em 1946, a clivagem do ego e do objeto ser um aspecto essencial da posição esquizo-paranoide, devemos lembrar que não existe uma separação clara entre as duas posições, inclusive porque “o estado depressivo está calcado no estado paranoide, do qual deriva geneticamente” (KLEIN, 1935/1996, p.317).

momentaneamente, o sofrimento intolerável e não ficar totalmente paralisado pela angústia. Ao longo da posição depressiva, existe a repetição dessa dinâmica, que, no entanto, passa por uma modulação, o que aponta para o fato de que:

Nesse estágio de desenvolvimento, a unificação entre os objetos externos e internos, amados e odiados, reais e imaginários se dá de tal forma que cada etapa conduz a uma nova cisão das imagens. Contudo, à medida que vai aumentando a adaptação ao mundo externo, essa cisão ocorre em planos que vão se aproximando cada vez mais da realidade. Essa situação se mantém até que o amor pelos objetos reais e internalizados, assim como a confiança neles, esteja bem estabelecida. Então a ambivalência, que é em parte uma garantia contra o ódio da própria criança e contra os objetos odiados e aterrorizantes, também diminuirá em graus diferentes ao longo do desenvolvimento normal. (KLEIN, 1935/1996, p.328)

A cisão comparece, portanto, como condição prévia para que a relação com o objeto total seja possível. É por esse meio que os aspectos maus podem se infiltrar na mãe pouco a pouco, na exata medida em que o ego pode suportar. A separação provisória das experiências com o objeto total possibilita que a identificação do ego com o bom objeto se fortaleça progressivamente.

Além disso, a separação também favorece o uso de outros mecanismos de defesa, como, por exemplo, a introjeção. Segundo Klein (1935/1996), o ego passa a recorrer constantemente à introjeção por diferentes motivos: a) testar se a angústia em relação ao fato de o objeto bom estar morto ou danificado possui um fundamento real, bem como descartar essa possibilidade; b) pelo auxílio que o objeto bom presta contra os objetos maus; c) pela fantasia inconsciente de que o objeto bom estaria a salvo dentro do ego. A sentença de que “nesse estágio, mais do que nunca, o ego é impelido pelo amor e pela necessidade de introjetar o objeto” (KLEIN, 1935/1996, p.306) comparece como uma síntese precisa desses processos.

Concomitantemente, também se nota uma diminuição do uso da projeção, pois o ego teme que o objeto bom seja expulso junto com o mau. Esse é um ponto de contraste entre a posição depressiva e os momentos anteriores ao seu estabelecimento. Projetar menos e introjetar mais é uma via pela qual o ego se torna mais organizado progressivamente, fortalecido pelo aumento da confiança na presença e integridade do bom objeto e com possibilidades mais favoráveis ao desenvolvimento.

Cabe notar, no entanto, que, até o estabelecimento de uma condição próxima dessa situação ideal, ainda é necessário um intenso trabalho psíquico. Nessa

dinâmica, um mecanismo de importância capital é a reparação, apresentada por Klein como “corolário fundamental da ansiedade e da culpa depressiva” (KLEIN, 1940/1996, p.391). A reparação surge como decorrência dos sentimentos de culpa, remorso e responsabilidade em relação ao bom objeto devido aos ataques sádicos, o que pode ser, sinteticamente, apresentado como “anseio pelo objeto” (KLEIN, 1940/1996, p.391).

A reparação está presente durante toda a posição depressiva e assume novas características conforme o ego se torna mais integrado e possuidor de maior número de recursos. Em condições ótimas, existe uma sofisticação crescente, mas não linear, na maneira como essa defesa se apresenta. O texto kleiniano postula que, inicialmente, as tendências reparadoras são sobretudo do tipo maníaco²², posteriormente obsessivo, até atingirem uma forma mais desenvolvida com a elaboração da posição depressiva.

No que tange à reparação maníaca, nota-se que ela só se torna possível com uma cisão momentânea do objeto. Quando o ego organiza provisoriamente a sua relação com o objeto em uma faceta benigna e outra maligna, ele tende a preservar a primeira tanto quanto possível. Mas esses primeiros esforços restauradores ainda possuem uma condição lábil, pois o ego “ainda não consegue acreditar completamente na benevolência do objeto, nem na sua própria capacidade de restituição” (KLEIN, 1935/1996, p.307). Além disso, o objeto bom pode se apresentar como profundamente exigente, o que, aliado à necessidade de preservá-lo, impõe uma dependência esmagadora para o ego. O que se desvela é que o mesmo amor que constrói e protege também pode ser o que escraviza. Dessa forma, a reparação maníaca surge como uma defesa contra o anseio pelo objeto e contra a dependência sentida em relação a ele, e pode ser caracterizada pela “idealização”, “negação” e “onipotência” (KLEIN, 1935/1996).

Idealizar o objeto significa concebê-lo como perfeito, o que é uma fantasia importante para o ego, mas, ao mesmo tempo, também é base para uma série de conflitos. Em primeiro lugar, a estrutura egoica constrói um objeto bom perfeito porque é somente a sua condição de poder absoluto que poderia servir de proteção contra os

²² Justamente por serem mais arcaicas, as reparações maníacas são marcadas por mecanismos típicos do início da vida. A partir de 1946, as características principais desses esforços reparadores, a saber, a negação, a onipotência e a idealização, serão relacionadas à posição esquizo-paranoide.

onipotentes objetos maus que habitam o mundo interno. Porém, apesar do auxílio prestado pelo objeto bom perfeito, torna-se especialmente difícil enfrentar a dependência desse mesmo objeto bom poderoso assim como promover uma restauração completa.

Essas razões contribuem para o acréscimo da angústia e, para enfrentar o sofrimento, o ego recorre à negação. É necessário reconhecer que algum grau de negação é fundamental no início, pois “sem uma negação parcial e temporária da realidade psíquica, o ego não consegue suportar o desastre de que se sente ameaçado quando a posição depressiva está no auge” (KLEIN, 1940/1996, p.392). Como é regra em psicanálise, caso esse mecanismo compareça excessivamente, é possível que se estructurem psicopatologias, como uma psicose.

Mas a negação também permite que o ego desconsidere suas próprias limitações e conceba a si próprio como onipotente. Assim, a estrutura egoica pode diminuir o sentimento de necessidade do objeto bom e acreditar na viabilidade de uma reparação ilimitada. Apesar do seu caráter irreal, é por esse meio que a reparação pode se fortalecer paulatinamente, o que permite pensarmos que, “enquanto não adota a posição maníaca, caracterizada pela ilusão, o ego não pode ter suficiente confiança nas suas capacidades construtivas para ser capaz de manter um verdadeiro esforço de restauração” (PETOT, 1988, p.22). Devemos entender a reparação maníaca muito mais como um desejo de preservar o objeto do que como um conjunto de ações que promovam tal preservação efetivamente.

Por essa via, o próprio desenvolvimento egoico encontra um terreno mais favorável, expressado, por exemplo, pela expansão da sua capacidade de avaliação. Contudo, justamente por isso, fica progressivamente mais claro que “essa ‘reparação’, devido à natureza fantástica dessa posição [maníaca], quase sempre tem um caráter pouco prático ou irrealizável” (KLEIN, 1935/1996, p.319). Confrontada com o veredito da realidade, que aponta que nem a segurança do objeto nem a do ego podem ser garantidas, as reparações maníacas se atenuam, permitindo a adoção de outras estratégias. Observa-se então que:

Quando as defesas de natureza maníaca fracassam (defesas em que perigos originários de várias fontes são enganados ou minimizados de forma onipotente), o ego é simultânea ou alternadamente levado a combater o medo da deterioração e da desintegração com tentativas de reparação executadas de forma obsessiva (KLEIN, 1935/1996, p. 393).

Cumpra assinalar que as reparações obsessivas não estão completamente afastadas do método que descrevemos e, apesar de algumas modificações, a onipotência e a idealização continuam presentes (BARANGER, 1981, p.193). Nesse caso, “a reparação parece nunca fazer jus ao dano cometido imaginariamente e precisa ser perpetuamente refeita – inclusive porque o ódio que enseja os ataques ao objeto amado continua vivo” (MELO, 2011, p.61). O que se nota é uma repetição incessante de atos reparadores que nunca chegam a um resultado final, possivelmente pela condição ainda idealizada do objeto bom.

Reparações maníacas e obsessivas são fundamentais para que a confiança do ego na sua capacidade de restituir e preservar o objeto se consolide. Assim, o embate entre amor e ódio tende à predominância das forças amorosas, com a consequente diminuição da angústia. Ao atingir esse ponto, os métodos maníacos e obsessivos perdem a sua intensidade e tentativas de restauração bem mais desenvolvidas podem finalmente ser utilizadas. Cintra e Figueiredo (2004), ao analisarem a emergência de uma restauração efetiva, propõem que:

Uma coisa é negar magicamente os estragos (em grande parte fantasiados) no objeto amado, outra coisa é ser capaz de diferenciar a realidade da fantasia, os estragos reais dos imaginários e, efetivamente, aceitar a responsabilidade pelos primeiros, procurando reduzi-los ou remediá-los (p.83)

Reparar o objeto significa destituir o ódio do lugar de determinante da realidade por meio da confiança no amor. Esse mecanismo provoca consequências profundas para o psiquismo, pois o que se anuncia é uma reorganização do conflito entre a pulsão de vida e de morte. Klein afirma que “o bebê é levado a anular o efeito de seus impulsos sádicos através de meios libidinais. Desse modo, sentimentos amorosos, que convivem com impulsos agressivos, são reforçados pela pulsão de reparação” (KLEIN, 1945/1996, p.454). Torna-se inteligível, então, o motivo pelo qual as forças tanáticas, tão presentes no início, podem ser reduzidas. Afinal, só se restaura aquilo que se ama.

Nesse movimento, as possibilidades de o ego agir no mundo aumentam. Em primeiro lugar, porque ele fica menos coagido pelas intensas angústias paranoides, que impõem a necessidade de estar permanentemente em uma posição defensiva.

Mas, além disso, vez que “as tentativas de salvar o objeto amado, restaurá-lo [...] são fatores determinantes de todas as sublimações e de todo o desenvolvimento do ego”, fica claro que a restauração é uma via para se utilizar, construtivamente, das forças pulsionais.

2.3.3 A elaboração da posição depressiva e os avanços do ego

Em *O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos* (1940), Klein anuncia que “a posição depressiva infantil [...] é a posição central do desenvolvimento da criança” (KLEIN, 1940/1996, p. 390). Por meio da sua elaboração, ocorre uma profunda reorganização psíquica, que pode ser apresentada como uma “vitória contra o caos interior” (1940, p. 390). Para que isso seja possível, é imprescindível que um conjunto de vivências e fantasias inconscientes permita que o objeto bom se instale de maneira firme no ego.

Evidente que as repercussões são amplas para a vida mental como um todo. No entanto, podemos realizar um recorte para tentar localizar como isso impacta a estrutura egoica. Tomando por base as discussões desenvolvidas ao longo deste capítulo, cinco pontos podem ser destacados: a) contato com a alteridade, b) integração, c) desenvolvimento de uma melhor compreensão interna e externa, d) administração do conflito pulsional, e) sublimação.

Em primeiro lugar, nota-se que as experiências com o objeto total que ocorrem durante a posição depressiva possibilitam o contato com a *alteridade*. É o outro como um ser independente, completo e simultaneamente bom e mau que se apresenta como uma realidade inelutável. Existe, evidentemente, um sofrimento decorrente dessa constatação, pois sempre existe a possibilidade da perda da pessoa amada. Contudo, o principal é que uma melhor compreensão da alteridade produz um efeito reflexivo de uma melhor definição do próprio ego.

Isso nos conduz para o fato de que é em torno dessa posição que importantes avanços ocorrem para a promoção da *integração* do ego. Inicialmente, essa estrutura encontra-se em um estado de dispersão e somente por meio do objeto bom, que é criado em um contexto de predominância das forças eróticas, pode, progressivamente, atingir uma condição mais próxima de uma unidade. Salienta-se, porém, que essa conquista nunca é definitiva e sempre existe o risco de que, em

certos momentos, o ego desintegre-se novamente. A perda de objetos amados seria uma dessas situações, conforme Klein apresenta em *O luto e suas relações com os estados maníaco--depressivos* (1940).

A melhor organização obtida nesse processo é acompanhada pelo desenvolvimento de novas e importantes funções psíquicas. Podemos citar, por exemplo, que, nesse contexto, o ego aumenta a *sua compreensão do mundo interno e externo*. Ao atravessar a posição depressiva, o sujeito torna-se capaz de reconhecer e suportar a sua própria ambivalência. Também cabe destacar que umas das atribuições mais típicas do ego, o senso de realidade, é simultaneamente estimulada. Isso significa que as inescapáveis distorções impostas pelas fantasias inconscientes vão diminuindo e, em seu lugar, uma apreciação mais rigorosa sobre o mundo é aprimorada.

Esse aumento da tolerância perante os conflitos entre amor e ódio é viabilizado porque o ego passa a conseguir *administrar o embate pulsional* de uma maneira mais eficaz. A posição depressiva também pode ser compreendida como uma trajetória que acena para a preponderância, sempre instável, é verdade, da pulsão de vida sobre a de morte. Assim, se, inicialmente, o ego enfrentava as ameaças das pulsões mortíferas basicamente por meio da projeção, com a elaboração da posição depressiva ele também pode se apoiar cada vez mais na confiança no amor e, com isso, suportar a ambivalência.

Mas tal situação não surge de maneira espontânea e exige que o mecanismo da reparação entre em ação. Reparar é o processo por meio do qual o ego aumenta a força de introjeção do objeto bom e constrói uma reserva psíquica de sentimentos positivos que lhe permitem superar os desafios. Além de ser uma defesa fundamental, é também por essa via que a *sublimação* pode ser efetivada, o que significa, afinal, um aumento das possibilidades do ego de agir sobre o mundo. Ao pensar sobre esse quadro, Cintra e Figueiredo (2004) afirmam:

A saúde psíquica e a capacidade de amar e reparar dependerão da elaboração da posição depressiva, isto é, da maneira de lidar com a ambivalência fundamental, conseguindo-se por fim que prevaleçam os impulsos amorosos sobre o ódio. Entretanto, esse resultado não significa apenas uma vitória do amor sobre o ódio, mas que a introjeção consolidada do objeto bom interno equivale a um aumento da tolerância à frustração, o que quer dizer, ainda, um aumento de tolerância à própria realidade psíquica (p. 90).

2.4 O ego e a posição esquizo-paranoide

A definição da posição depressiva impõe a necessidade de esclarecer, inclusive para estabelecer algum nível de contraste, as características mais primitivas do psiquismo. Nos textos de 1935 até 1940, Klein apresentava que, primordialmente, o bebê trava relações com objetos parciais, com a presença de uma forte angústia persecutória e a busca imperiosa de projetar a pulsão de morte. Todas essas descrições permanecem válidas em *Notas sobre alguns mecanismos esquizoides* (1946), mas inseridas em um quadro teórico bem mais detalhado.

Essa sofisticação do pensamento kleiniano foi impulsionada por um episódio que ocorreu entre 1940 até 1944, conhecido como Debates sobre as controvérsias (PLON; ROUDINESCO, 1998). Nesse período, existiu uma disputa teórica e política na *British Psychoanalytical Society*, que opunha um grupo que gravitava em torno de Anna Freud ao grupo liderado por Klein. Essas discussões não resultaram em uma aceitação dos pontos discordantes entre as partes, mas teve um saldo positivo por permitir concentrar “as mentes dos kleinianos de maneira a produzir descrições sistemáticas de suas opiniões e demonstraram também, para surpresa dos vienenses, a sofisticação e o poder de argumento dos analistas britânicos” (HINSHELWOOD, 1988, p.329).

Isso possibilitou que algumas ideias centrais fossem organizadas em um conjunto coerente, como, por exemplo, o conceito de fantasias inconscientes. É possível encontrarmos menções sobre tal fenômeno desde os primeiros textos de Klein, mas foi somente em 1943 que Susan Isaacs²³, uma das psicanalistas mais importantes da escola kleiniana, estabeleceu uma definição clara.

Em um primeiro nível, o conceito de fantasias inconscientes contempla as ideias freudianas sobre o representante psíquico da pulsão. Elas seriam o “corolário mental, o representante do instinto. Não existe impulso, nem ímpeto ou reação instintivos, que não sejam experimentados como fantasias inconscientes” (ISAACS, 1969, p.96). É por tal razão que o fantasiar está na base de todos os fenômenos mentais, o que torna compreensível o papel de destaque que esse conceito possui na teoria kleiniana.

²³ A apresentação de Susan Isaacs de 1943 foi publicada, com algumas modificações, cinco anos depois no texto intitulado *A natureza e a função da fantasia*.

Em acréscimo, as fantasias inconscientes são a via pela qual os eventos somáticos imprimem marcas no psiquismo. Devido ao caráter arcaico, inicialmente o fantasiar prescinde da linguagem e possui “uma qualidade corporal concreta, uma ‘egoicidade’ que é sentida experientemente *no corpo*” (ISAACS, 1969, p.119). Somente de maneira progressiva que podem ser representadas por meio de imagens e palavras. Contudo, mesmo as fantasias mais remotas possuem uma dimensão relacional, o que é esclarecido por Hinshelwood (1988) ao apresentar que:

uma sensação somática reboca consigo uma experiência mental que é interpretada como um relacionamento com um objeto que deseja causar essa sensação, sendo amado ou odiado pelo sujeito segundo o objeto for bem disposto ou tiver intenções más (p.49)

A título de exemplo, podemos tomar uma ocorrência muito básica para o recém-nascido como a fome. Essa situação não consiste apenas em um desconforto orgânico, mas assina-la um desejo direcionado ao seio capaz de fornecer o alimento. Nesse processo, a recepção do leite materno é mentalmente vivenciada como algo prazeroso, mas também inicia a constituição, em fantasia, do objeto bom e do mundo interior.

Isaacs (1969) propõe que esse cenário conta com a ação de uma fantasia inconsciente de incorporação e será isso que tornará possível o desenvolvimento de defesas egoicas tão fundamentais como a introjeção. Todavia, apesar de estarem relacionados, esses elementos são diferentes. Uma fantasia de incorporação tem um caráter específico, desenvolvido em uma dinâmica relacional, ao passo que a introjeção seria uma ampliação desse tipo de fenômeno, o que permite conceber esse mecanismo de defesa como decorrente de uma generalização. Com efeito, esse processo não se restringe à relação entre incorporação e introjeção, de maneira que “todas as variedades de mecanismos [do ego] estão relacionadas com fantasias específicas, ou espécie de fantasia. São sempre *experimentados* como fantasias” (ISAACS, 1969, p.121).

Isso permite apontar que, na perspectiva da escola kleiniana, “a fantasia é o elo operante entre o instinto e o mecanismo do ego” (ISAACS, 1969, p.113). Mas além disso, todo o funcionamento dessa estrutura seria sustentando, em um primeiro nível, pelas fantasias inconscientes, o que permanece válido mesmo para o contato com a realidade. É possível compreender tal afirmação ao retomarmos o argumento

kleiniano de que o contato com o mundo externo é desenvolvido por meio da simbolização, quando inicialmente a criança estabelece equivalências entre objetos que despertam angústia com outros elementos. Somente a partir dessa realidade fantástica é que uma apreciação mais objetiva dos elementos exteriores poderia ocorrer.

2.4.1 A desintegração do ego e do objeto e os mecanismos de defesas iniciais

Diferentemente de Freud, Klein não assume como um de seus objetivos descrever metapsicologicamente como o ego é formado e pressupõe que essa estrutura estaria em ação desde o nascimento (KLEIN, 1952c/1996). É isso que lhe permite afirmar que “algumas funções que encontramos no ego mais tardio lá estão desde o início” (KLEIN, 1946/1996, p.23). Tal concepção era, ao tempo, suficiente para pensar e responder os desafios impostos pela clínica, o seu foco de atenção principal de fato.

Temos assim que, mesmo nos momentos mais arcaicos, o ego trava relações com objetos, que, inicialmente, consistem basicamente no seio. Conforme as teorias já desenvolvidas, Klein propõe que, no começo, tais objetos seriam organizados em dois registros diferentes. Observa-se então que as experiências de gratificação seriam responsáveis pela emergência do seio bom e as frustrações, pela do seio mau.

Ao lado das relações objetais, e com um caráter igualmente precoce, também caberia ao ego administrar a angústia. A presença desse afeto se deve, em parte, ao trauma do nascimento e à não satisfação das demandas do bebê. Contudo, o fator mais importante nesse contexto é a simples presença da pulsão de morte. Dado que “a necessidade vital de lidar com a ansiedade força o ego arcaico a desenvolver mecanismos e defesas fundamentais” (KLEIN, 1946/1996, p. 24), é possível anotar que essa estrutura busca livrar-se das forças destrutivas, direcionando-as para o seio, que passará a ser concebido como mau.

Todavia, essa solução só é parcialmente bem-sucedida, pois sempre um resíduo da pulsão de morte permanece no sujeito. Freud (1920/1996) assinalou que essa pulsão conduz para um estado de desintegração, tese que também é adotada por Klein. Por tal motivo, uma das características do ego inicial, que já não conta com uma forte coesão, é a sua tendência a “despedaçar-se” (KLEIN, 1946/1996, p. 24). Isso permite localizar como a angústia se apresenta nesse contexto, e a própria

nomenclatura “esquizo” e “paranoide” já sinalizam as suas principais características: em primeiro lugar, a angústia possui uma coloração esquizoide, expressada por um temor do ego de sofrer uma fragmentação destruidora e “esse medo de aniquilação pelas forças destrutivas internas é o medo mais profundo de todos” (KLEIN, 1955/1996, p.173); mas, além disso, como o impulso destrutivo é projetado para um objeto que poderá se vingar posteriormente, a angústia também será de cunho paranoico. Cintra e Figueiredo (2004) propõem que:

a pulsão de morte seria, então, uma *ameaça de aniquilação* em abstrato, embora logo se objetualize, isto é, passe a manifestar-se em conexão com os objetos primários, vindo a tornar-se então *angústia persecutória*; a aniquilação deixa de ser um perigo e uma ameaça abstrata e transforma-se no medo de ser aniquilado por *perseguidores* concretos que provocam terror (p.110)

Essa tendência egoica para a desintegração se converte em um dado central para Klein repensar alguns fenômenos já abordados, por exemplo, o mecanismo da cisão. Presente desde os escritos iniciais sobre as inibições intelectuais e com um papel de destaque nas discussões sobre a posição depressiva, a cisão era compreendida como um processo que incidia sobre as imagos e os objetos. Em *Notas sobre alguns mecanismos esquizoides*, no entanto, encontramos a afirmação de que o ego “é incapaz de cindir o objeto, interno e externo, sem que ocorra uma cisão correspondente dentro dele” (KLEIN, 1946/1996, p.25), o que leva Petot (1988) a sugerir que “é a nova definição de clivagem que constitui a principal inovação de 1946” (p.99)²⁴. A ampliação desse conceito aproxima a proposta kleiniana sobre a estrutura egoica com algumas das últimas elaborações de Freud²⁵.

O delineamento de uma cisão esquizoide também influencia a maneira como a introjeção e a projeção são pensadas. É por meio da projeção que o ego pode, inicialmente, conferir um destino para parte da pulsão de morte. Sob o domínio de uma forte oralidade, as projeções iniciais são expressas pelos desejos sádicos de morder e destruir o seio mau, seguidas de uma introjeção desse seio como estando em pedaços. Esse objeto fragmentado, “representante interno da pulsão de morte”

²⁴ Com efeito, a nova descrição da cisão foi um dos acréscimos mais relevantes, porém os conceitos de identificação projetiva, de relações objetais esquizoides e o detalhamento da interação entre as posições esquizo-paranoides e depressiva são, na minha interpretação, igualmente inovadoras e importantes.

²⁵ Especialmente as compreensões apresentadas em *A divisão do ego nos processos de defesa* (1938b).

(KLEIN, 1955/1996, p.174), passa a ser sentido como um perseguidor, ocasionando forte angústia. Contudo, além disso, “quanto mais o sadismo prevalece no processo de incorporação do objeto e quanto mais o objeto é sentido como estando em pedaços, mais o ego corre perigo de cindir-se em correspondência aos fragmentos do objeto internalizado” (KLEIN, 1946/1996, p.25). Novamente, nota-se aqui um processo de determinação mútua entre objeto e ego.

Para conseguir contornar esse perigo, uma das alternativas é a introjeção do seio bom, que, por não ser tão atacado por fantasias sádico-orais, é sentido como prioritariamente completo. Esse objeto bom “atua como um ponto focal no ego. Ele contrabalança os processos de cisão e dispersão, é responsável pela coesão e integração e é instrumental na construção do ego” (KLEIN, 1946/1996, p.25). No entanto, mesmo essas introjeções são insuficientes para o ego se livrar totalmente da angústia de desintegrar-se.

Por esse motivo, nota-se que a posição esquizo-paranoide também conta com a presença da onipotência, da idealização e da negação. Cabe sublinhar que esses três elementos compareciam, no período de 1935 até 1940, nos esforços reparadores de natureza maníaca.

Idealizar o seio bom é um meio pelo qual se busca uma proteção onipotente contra os objetos perseguidores. Quanto maior a ameaça imposta pela pulsão de morte, mais forte será a tendência de fantasiar um objeto perfeito. Mas, além disso, a idealização também surge como busca por um “seio inexaurível e sempre generoso – um seio ideal” (KLEIN, 1946/1996, p.26), sendo resultado do desejo de satisfação ilimitada.

A negação, por sua vez, também é pautada pela onipotência e consiste em uma recusa da realidade psíquica que suscita angústia. Tal estratégia assume contornos característicos na posição esquizo-paranoide, pois o ato de negar a existência do seio mau e perseguidor é traduzido, inconscientemente, como uma aniquilação executada por meio da pulsão de morte. Isso acarreta profundas ressonâncias para o psiquismo, desde que

não são apenas uma situação e um objeto que são negados e aniquilados – *é uma relação de objeto* que sofre esse destino e, portanto, uma parte do ego, da qual emanam os sentimentos pelo objeto, é negada e aniquilada também (KLEIN, 1946/1996, p.26)

Essa descrição metapsicológica possui um amplo alcance clínico, capaz de explicar, por exemplo, situações nas quais partes do psiquismo encontram-se inacessíveis para o sujeito e para uma intervenção analítica. Isso ocorreria porque se estabelece uma “excisão” e uma “destruição violenta de uma parte da personalidade, sob a pressão da ansiedade e culpa” (KLEIN, 1946/1996, p.39).

Mesmo quando Klein retoma os fenômenos que já tinham sido apresentados nos anos precedentes, ela pode avaliá-los a partir de um novo ângulo e acrescentar-lhes importantes características. A compreensão sobre os mecanismos de defesa utilizados pelo ego adquire, assim, um maior detalhamento, o que possibilita, inclusive, a descrição de novos fenômenos próprios da posição esquizo-paranoide, em especial a identificação projetiva.

2.4.2 A identificação projetiva dos aspectos maus: a influência de Tausk

Os aspectos gerais da identificação projetiva foram descritos na edição de 1946 de *Notas sobre alguns mecanismos esquizoides*. Todavia, a reedição de 1952 ampliou significativamente as ideias sobre esse mecanismo (SPILLIUS; O'SHAUGHNESSY, 2012). Do ponto de vista metapsicológico, a apresentação desse conceito está intimamente relacionada com as novas ideias sobre a cisão, a introjeção e a projeção.

A identificação projetiva foi uma das maiores contribuições de Klein para o campo psicanalítico e revelou certos processos arcaicos da mente. Além disso, esclareceu algumas situações clínicas fundamentais, vez que “o fenômeno da transferência é, sem sombra de dúvida, um fenômeno de identificação projetiva com o auxílio da divisão” (GROSTSTEIN, 1985, p.129). Trata-se de um processo notadamente presente na posição esquizo-paranoide, mas que comparece em outros momentos da vida.

Destacamos acima que as fantasias agressivas do bebê dizem respeito a uma investida oral e violenta direcionada ao seio materno. Porém, já nos primeiros meses, esse processo se torna mais amplo e o ataque passa a visar o corpo inteiro da mãe, que, contudo, ainda não é percebido como um objeto total. Em acréscimo, as tendências uretrais e anais também entram em ação, acompanhadas de fantasias inconscientes que se manifestam como uma

Expulsão de substâncias perigosas (excrementos) do *self* para dentro da mãe. Junto com os excrementos nocivos expelidos com ódio, partes excindidas do ego também são projetadas na mãe ou, como prefiro dizer, *para dentro da mãe*. Esses excrementos e essas partes más do *self* são usados não apenas para danificar, mas também para controlar e tomar posse do objeto (KLEIN, 1946/1996, p.27).

Partindo disso, destacam-se as características principais da identificação projetiva²⁶: a) ela torna-se possível pela cisão tanto dos objetos quanto do ego; b) não se trata de uma simples deflexão da pulsão, pois elementos clivados do ego também são projetados; c) por via da fantasia, essas partes do ego são concebidas como más e direcionadas para o interior de um objeto; e d) os objetivos de dominação e controle tornam-se relevantes por serem formas de proteção contra o objeto e os aspectos intoleráveis do sujeito.

Nessa dinâmica, a diferença entre ego e objeto se torna tênue, dado que, “na medida em que a mãe passa a conter as partes más do *self*, ela não é sentida como um indivíduo separado, e sim como sendo o *self* mau” (KLEIN, 1946/1996, p.27), o que confere uma natureza narcisista para as relações objetais esquizoides. As partes da estrutura egoica que são sentidas como exteriores ao sujeito também eliciam formas particulares de identificação, que se afirmam como o primeiro modelo de uma relação objetal pautada na agressividade.

Como, no início da vida, o intercâmbio entre projeção e introjeção é especialmente ativo²⁷, nota-se que esse objeto pode ser subsequentemente introjetado e aparecer como um perseguidor. Essa característica é reforçada porque ele também contém as partes más do *self* e, nesses casos,

a introjeção pode então ser sentida como uma irrupção violenta do exterior no interior, em represália à projeção violenta. Isso pode levar ao medo de que não apenas o corpo, mas também a mente, seja controlado por outras pessoas de uma forma hostil (KLEIN, 1946/1996, p.30).

Assim, a angústia persecutória e a ameaça de desintegração são fortalecidas.

Apesar da descrição original de Klein sobre a identificação projetiva, podemos reconhecer, nesse ponto, algumas ressonâncias do trabalho de Victor Tausk. O

²⁶ Nesse ponto estamos analisando apenas a identificação projetiva em torno dos elementos fantasiados como maus. Porém os elementos bons também passam por esse processo, conforme abordaremos abaixo.

²⁷ Afinal, Klein esclarece que “a identificação por introjeção e a identificação por projeção parecem ser processos complementares (KLEIN, 1952c/1996, p.93)

encontro dos dois psicanalistas ocorreu antes mesmo das primeiras publicações kleinianas²⁸ e a ligação entre eles fica mais clara devido ao interesse em comum pela psicose, especialmente pelos quadros de esquizofrenia e paranoia. Oliveira (2005) propõe que “a importância de Tausk para a história da teoria analítica não deve ser negligenciada. Nunca é demais lembrar que o conceito de identificação projetiva nasce das ideias de Tausk elaboradas a partir de suas experiências clínicas” (p.252). Tais concepções embrionárias estão presentes no texto *Da gênese do aparelho de influenciar no curso da esquizofrenia* (TAUSK, 1919/1990).

Nessa obra, Tausk investiga um delírio comumente observado nos psicóticos de que a mente e o corpo são controlados por outra pessoa. Isso seria feito por meio de um aparelho de influenciar, que serviria “para perseguir o doente e é manipulado por inimigos” (TAUSK, 1990, p.41). Em um dos casos analisados, Srta. Natália A, a paciente alegava que os perseguidores, especialmente um antigo pretendente, “perturbavam seus pensamentos” (p.59) bem como provocavam lúpus no seu nariz. Ela creditava isso ao fato de que um homem manipulava remotamente um mecanismo que tinha o mesmo formato dela, de maneira que “tudo que acontece ao aparelho se passa efetivamente ao nível de seu próprio corpo” (p.49).

Segundo Tausk, essa manifestação específica do delírio era a última etapa de um processo patológico que se estruturou por meio de formas intermediárias. Resumidamente, três momentos seriam os principais até a eclosão da psicose: 1) sentimentos de alteração e estranheza no próprio sujeito; 2) sentimentos de alienação, quando os elementos modificados não são mais reconhecidos como integrantes da própria pessoa; e 3) “o sentimento de perseguição [...], vindo da projeção das modificações patológicas no mundo exterior” (TAUSK, 1990, p.71). É nessa última fase que o aparelho de influenciar surgiria e representaria, “no sentido físico do termo, uma verdadeira projeção, o corpo da doente projetado no mundo externo” (p.51).

A descrição fenomenológica assim obtida permite uma reflexão sobre a gênese desse quadro. Ao investigar o Caso Schreber, Freud estabeleceu como hipótese que a origem da psicose está ligada às etapas mais precoces da vida. Tal concepção foi adotada por Tausk e o levou a elaborar uma teoria sobre o desenvolvimento psíquico.

²⁸ Segundo Birman, “podemos destacar o impacto do trabalho de Tausk num autor tão fundamental como Melanie Klein, que realizou pesquisas relevantes sobre a esquizofrenia. Assim, no Congresso Internacional de Psicanálise, realizado em Budapeste em 1918, M. Klein revelou que ficou não apenas ‘impressionada’ com a figura de Tausk, como também que este teve uma influência importante no seu percurso posterior” (1990, p.108)

Existiria, assim, uma primeira forma de organização, denominada de estágio do narcisismo inato, no qual a libido está completamente no organismo. Nesse momento, não há consideração do mundo exterior, tampouco o estabelecimento dos *limites do ego*²⁹, o que permite tomar a vida intrauterina como um exemplo perfeito.

No entanto, assim que ocorre o nascimento o bebê, este é inevitavelmente exposto a um afluxo de estimulações que provocam desprazer e angústia. Uma parte considerável dessas excitações provém da própria corporeidade que, contudo, ainda está desorganizada. Por tal razão, as defesas primitivas são acionadas, principalmente a “projeção para o exterior da excitação e sua atribuição a um objeto distante” (TAUSK, 1990, p.57).

É isso que impulsiona a construção dos limites do ego e das primeiras relações objetais. O início desse processo se dá quando a descoberta do objeto se passa “no nível do próprio corpo, sendo este, então, ainda considerado como mundo exterior” (TAUSK, 1990, p.61). Mãos, pés, cabeça são investidos libidinalmente, mas compreendidos como elementos com existência independente e alheia ao indivíduo. Somente de maneira progressiva os diversos registros dessa experiência se organizam e constituem um ego, o que ocorre por um meio específico, pois “isto se produz pela via da *identificação com o próprio corpo*” (TAUSK, 1990, p.61 [grifos do autor]).

Essa descrição permite compreender a etiologia das manifestações psicóticas expressadas pelos aparelhos de influenciar. Existe uma perturbação nos processos iniciais do desenvolvimento que acarreta uma fixação naquela fase em que o bebê projetava o seu corpo. Os casos de paranoia e esquizofrenia representariam situações em que o sujeito retorna a esse estágio, mas não pode mais manter uma identificação com essa corporeidade, que passa a ser concebida como externa. O fato de as máquinas comumente possuírem uma forma similar ao paciente, a queixa de que a cabeça está sendo invadida por coisas que vêm de fora e a perda dos limites do ego parecem corroborar essa afirmação.

É verdade que o conceito kleiniano de identificação projetiva possui uma complexidade que não permite sua redução aos trabalhos de Tausk. Porém, dado que

²⁹ Segundo Birman (1990), foi Tausk quem criou o conceito de limites do ego como uma decorrência das suas investigações sobre a psicose.

esse psicanalista foi uma influência importante, é possível localizarmos algumas articulações:

a) ambos os autores apontam para o caráter central da projeção para a constituição do psiquismo. Todavia, Tausk a propõe direcionada a um mundo exterior indeterminado, ao passo que Klein especifica que o destino pode ser o interior do objeto, especialmente o corpo materno;

b) os dois psicanalistas também apresentam que a projeção não se restringe aos elementos pulsionais e envolve, igualmente, aspectos do ego corporal;

c) no percurso do desenvolvimento, a projeção de partes do ego é seguida pela possibilidade de identificação;

d) o fato de o sujeito sentir-se controlado é tomado como algo importante. Isso foi percebido por Tausk nos casos de adultos psicóticos, que projetavam defensivamente o corpo, mas não conseguiam sustentar uma identificação com ele. Desse modo, o ego não era mais sentido como próprio, mas controlado por perseguidores. Para Klein, o que Tausk descreveu, na análise da patologia nos adultos, seria, na verdade, uma ocorrência universal da infância. No bebê, a identificação projetiva pode visar o controle do objeto, que, ao ser posteriormente introjetado, desperta fantasias de que o próprio sujeito tenha sua mente e corpo governados por outras pessoas.

2.4.3 O narcisismo e os estados de indiferenciação

As discussões sobre a possibilidade de relações objetais primitivas, aliadas às investigações sobre a identificação projetiva, evidenciaram a ligação entre a posição esquizo-paranoide e os fenômenos narcísicos. Klein propõe que um “traço típico das relações de objeto esquizoides é a sua natureza narcisista, a qual deriva dos processos infantis de introjeção e projeção” (KLEIN, 1946/1996, p.31). Essa seria uma condição presente tanto nos vínculos afetivos sustentados pela libido, quanto naqueles que a agressividade e o sadismo estariam mais presentes.

Esse quadro ganha uma maior clareza ao considerarmos que quando os elementos positivos do ego são projetados para dentro de uma outra pessoa “esta pessoa torna-se predominante amada e admirada porque ela contém as partes boas do *self*” (Klein, 1946/1996, p.32). Da mesma maneira, também seria “de natureza narcisista a relação baseada na projeção de partes más do *self*” (p.32), pois

novamente observa-se que o objeto passa a comportar os aspectos intoleráveis do ego.

Apesar dessas descrições, que dizem respeito aos processos de constituição inicial do ego, o narcisismo não foi amplamente abordado por Klein e as menções a esse conceito são raras na sua obra. Em *As origens da transferência* (1952a/1996), Klein propõe que “o auto-erotismo e o narcisismo são, no bebezinho, contemporâneos da primeira relação com objetos, externos e internalizados” (p.74). Essa é uma concepção de amplo desdobramento, pois essas duas formas de organização são pensadas como modos específicos da relação entre ego e objeto.

Klein não delimitou como o auto-erotismo poderia ser diferenciado do narcisismo, o que torna-se compreensível uma vez que, na sua perspectiva, não existe uma separação profunda entre esses dois estados. Coube a Paula Heimann³⁰ (1969) apresentar uma visão mais sistematizada sobre como esses fenômenos são compreendidos pela escola kleiniana.

A experiência primordial da amamentação, acarreta o surgimento de uma fantasia inconsciente em que o seio gratificador e bom é introjetado. Esse elemento transforma-se em um recurso fundamental para o bebê enfrentar as experiências de frustração. Heimann propõe que o auto-erotismo baseia-se em “fantasias respeitantes a um ‘bom’ seio internalizado e gratificador (mamilo, mãe) que é projetado numa parte do próprio corpo da criança e, portanto, representado por essa mesma parte” (1969, p.163). Nessa situação, já existiria, portanto, um jogo baseado em introjeções e projeções entre o *self* e os objetos.

Em relação ao narcisismo, nota-se que essa dinâmica estaria relacionada com um maior nível de desenvolvimento da estrutura egoica e nessa fase “a percepção é mais avançada e o princípio de realidade mais ativo” (HEIMANN, 1969, p.164). A consequência desse quadro é que a gratificação alucinatória atuante no auto-erotismo perde muito da sua eficácia e o ego precisa se confrontar de maneira mais recorrente com a frustração. Isso leva ao distanciamento do seio externo e uma tentativa de

³⁰ É necessário destacar que essa teorização está presente no livro *Os progressos da psicanálise*, que foi uma publicação decorrente das Discussões Controversas que ocorreram na década de 40. Nesse contexto, conforme salienta Kristeva (2016) e Grosskurth (1992), Klein acompanhava de maneira muito próxima as produções dos analistas ligados ao seu pensamento e que participavam do debate. Por tal razão, é possível tomarmos as elaborações de Heimann, assim como no caso de Isaacs sobre as fantasias inconscientes, como uma expressão das concepções da própria Klein.

refugiar-se no mundo interior para manter uma relação mais próxima com o seio bom. Em acréscimo, a melhor percepção também contribui para que nos estados narcisistas o objeto possa ser compreendido de uma maneira mais ampla, próxima da condição de objeto total.

O auto-erotismo e o narcisismo poderiam ser pensados como “modos empregados pelo ego infantil para enfrentar a frustração” (HEIMANN, 1969, p.169), ainda que em momentos subsequentes da vida exista a possibilidade de repetição dessa dinâmica. No entanto, essas organizações possuem algumas singularidades, pois “a diferença essencial entre as relações objetais infantis e adultas é que, enquanto o adulto concebe o objeto como algo que existe independentemente dele próprio, para a criança isso *se refere sempre, de algum modo, a ela própria*” (HEIMANN, 1969, p.157).

Levando em conta essas afirmações, podemos aventar como hipótese que a maneira como Klein, e alguns de seus seguidores mais próximos, compreendem o narcisismo não está centrada na análise de como a libido se distribui. Talvez seja por essa razão que a autora não utiliza conceitos como libido do ego ou libido do objeto. Parece-nos que na trajetória entre auto-erotismo, narcisismo e relações objetais desenvolvidas, o fator mais importante é a possibilidade de uma diferenciação entre ego e objeto. Seria por isso que a identificação projetiva possuiria uma natureza narcísica, afinal o que se nota é um apagamento dos contornos entre o que é o *self* e o que é o outro.

Assim, apesar de não ser um conceito exaustivamente analisado por Klein, o narcisismo resguarda algumas especificidades na sua obra e que alteram a maneira como o desenvolvimento e a estrutura egoica são pensados. Alguns pontos podem ser destacados nesse contexto, como: a) a existência de um ego arcaico desde o início; b) a possibilidade muito primitiva dessa estrutura, por meio da introjeção e projeção, de relacionar-se com objetos; c) a inexistência de um narcisismo primário; e d) a clara delimitação do auto-erotismo, narcisismo e relações objetais, não comparece como uma exigência metapsicológica fundamental.

2.4.4 Identificação projetiva e a elaboração da posição esquizo-paranoide

É possível observar que, em 1946, as menções aos aspectos agressivos eram mais frequentes nas discussões sobre a identificação projetiva. No entanto, é

igualmente vital a possibilidade de as partes boas do *self* clivado poderem ser introduzidas no interior dos objetos. Spillius e O'Shaughnessy (2012), ao analisarem as notas clínicas não publicadas de Klein, constataram que as identificações projetivas de elementos positivos eram reiteradamente descritas pela autora. Tal quadro aponta que esse fenômeno pode ser encarado como um recurso clínico importante.

Isso se torna compreensível ao lembrarmos que esse processo contribui para a instalação do bom objeto no ego. Por essa via, o perigo de fragmentação é reduzido, assim como a angústia persecutória. O que se assiste é a uma ação mais contundente da pulsão de vida, imprescindível para a saúde psíquica. No texto *Sobre a identificação* (1955), esse processo é abordado de maneira mais detalhada por Klein:

Um objeto bom firmemente estabelecido, o que pressupõe um amor por ele também firmemente estabelecido, dá ao ego um sentimento de riqueza e abundância, que faculta um extravasamento da libido e a projeção de partes boas do *self* no mundo externo sem que surja uma sensação de esvaziamento. O ego pode, então, sentir também que é capaz de reintrojetar o amor que distribuiu, assim como internalizar o “bom” de outras fontes e, dessa forma, ser enriquecido por todo o processo. Em outras palavras, em tais casos existe um equilíbrio entre dar e receber, entre projeção e introjeção (KLEIN, 1955/1946, p.173).

O argumento, além de destacar a importância da identificação projetiva de aspectos benignos, também assinala a possibilidade de surgir, em condições adversas, uma *sensação de esvaziamento*. Desde que um dos componentes do *self* são os objetos internos, a fantasia de não possuir objetos bons em quantidade suficiente comparece como um obstáculo para um ego em formação. Portanto, embora a identificação projetiva permita o ego modular a presença da pulsão de morte e se apropriar do seio bom, deve-se ter claro que o seu excesso pode acarretar prejuízos.

Caso as partes boas sejam massivamente projetadas, aumenta-se a probabilidade de que elas “sejam sentidas como perdidas” (KLEIN, 1946/1996, p.28), o que se expressa por um temor do sujeito do desaparecimento da sua capacidade de amar. Ademais, também se cria um ambiente favorável para que a relação com as outras pessoas seja pautada por uma forte dependência.

Contudo, mesmo as partes más não podem ser demasiadamente expulsas sem que ocorram perturbações para a personalidade. Nesse caso, a eliminação da agressividade irá diminuir o ímpeto egoico de dominação e controle do mundo, o que fará com que a busca por conhecimento, potência, força etc. fique prejudicada. Klein

aproxima-se de Freud nesse ponto, reconhecendo que é salutar a fusão de uma parcela da pulsão de morte com as forças eróticas.

Como sempre, um equilíbrio é fundamental. Ao mesmo tempo em que é necessário reconhecer que “os processos de excisão de partes do *self* e sua projeção para dentro dos objetos são, assim, de importância vital para o desenvolvimento normal” (KLEIN, 1946/1996, p.28), também é preciso ficar atento para o fato de que, “no que diz respeito ao ego, a excessiva excisão e a excessiva expulsão de partes suas para o mundo externo [o] debilitam consideravelmente” (p.27). Nesse último caso, a ejeção dos conteúdos bons e ruins aponta para um processo de empobrecimento da estrutura egoica, que passa a ter dificuldades para assimilar³¹ os objetos do seu mundo interior.

A posição esquizo-paranoide é uma situação extremamente desafiadora para o sujeito e lança a seguinte pergunta: como é possível elaborá-la? Existem ao menos três fatores que interagem para que uma travessia, sempre parcial, possa ocorrer e dar início a uma forma depressiva de organização. O primeiro é a capacidade constitucional do ego para suportar a angústia, uma característica defendida por Klein desde 1932 em *A psicanálise de crianças*. Em segundo lugar, é necessário que a cisão, a idealização, a negação onipotente da realidade e a identificação projetiva, ou seja, o conjunto de defesas esquizo-paranoides atuem em determinados limites. Klein afirma: “se de certa forma essas defesas obstruem o caminho da integração, elas são, no entanto, essenciais para o desenvolvimento total do ego, pois reiteradamente aliviam as ansiedades do bebezinho” (1952c/1996, p.95). Por fim, o terceiro fator seria o conjunto de experiências positivas que podem ser consolidadas por meio do cuidado materno. O papel do ambiente externo é central nesse cenário, uma vez que:

mesmo o bebê muito pequeno responde ao sorriso de sua mãe, às suas mãos, à sua voz, à forma como ela o segura e atende suas necessidades. A gratificação e o amor que o bebê vivencia nessas situações ajudam a contrabalancear a ansiedade persecutória, até mesmo os sentimentos de perda e perseguição despertados pela experiência do nascimento. A

³¹ Os objetos internos assimilados seriam aqueles que se tornam parte do ego, ajudando-o a conquistar novas habilidades, uma maior capacidade de lidar com o mundo e o desenvolvimento de defesas mais eficazes (HINSHELWOOD, 1988). Em contrapartida, os objetos não assimilados são aqueles que permanecem alheios dentro da personalidade, “agem como corpos estranhos enquistados no *self*” (KLEIN, 1946/1996, p.28). Isso é claramente notado em relação aos objetos maus fantasiados como perseguidores. No entanto, isso também pode ocorrer com os objetos bons caso sejam idealizados. Nessa última ocorrência, a integração é dificultada porque o ego submete-se servilmente a tais objetos, além de tentar preservá-los de modo compulsivo.

proximidade física com a mãe durante a alimentação – essencialmente sua relação com o seio bom – é uma ajuda recorrente para superar a nostalgia de um estado anterior perdido, alivia a ansiedade persecutória e aumenta a confiança no objeto bom (KLEIN, 1952c/1996, p. 89)

Dessa forma, a presença do seio bom é fortalecida, passível de ser assimilada pelo ego e o objeto emerge como um verdadeiro “representante interno da pulsão de vida” (KLEIN, 1952c/1996, p.92). Quando os sentimentos amorosos prevalecem, ocorre uma diminuição da angústia de aniquilação e paranoide, ainda que cumpra observar que, no desenvolvimento inicial, esses momentos são muito fugazes. Porém, nesses breves intervalos, o ego pode vivenciar momentos de integração de si próprio bem como dos objetos. Em condições favoráveis, essas experiências se tornam cada vez mais frequentes, até chegarem ao ponto em que a fragmentação egoica não é tão preponderante e o objeto pode ser percebido como total. Nesse caso, já estaríamos diante do início da posição depressiva.

Como novos conteúdos de angústia emergem nessa conjuntura, é possível que o ego se defenda recorrendo aos modos anteriores de organização, ou seja, “o surgimento da posição depressiva é o momento crítico no qual, por regressão, os mecanismos esquizoides podem ser reforçados” (KLEIN, 1946/1996, p.41). Essa alternância não é exclusiva do mundo infantil e, durante toda a vida, uma oscilação entre a posição esquizo-paranoide e depressiva será notada.

2.5 O ego nas elaborações finais de Klein

Com a consolidação das teorias sobre as posições esquizo-paranoide e depressiva, são estabelecidos os principais aspectos da concepção de Klein sobre o desenvolvimento. Como consequência, o conceito de ego adquire estabilidade e não serão notadas mudanças profundas na parte final da sua obra. Os acréscimos mais importantes consistem, principalmente, no detalhamento de alguns processos psicodinâmicos.

É também nessas últimas produções que podemos constatar a permanência de um fator sempre presente. A despeito de ter concentrado suas investigações em matrizes clínicas específicas, especialmente a infância e as psicoses, e ter elaborado teses singulares, Klein continuou defendendo a ligação entre a sua proposta e a de

Freud. Na verdade, ocorre algo semelhante com outro dos seus grandes mestres, Karl Abraham, para quem, inclusive, é dedicado *Inveja e gratidão* (1957).

2.5.1 Inveja e gratidão

Aos 75 anos, Klein publica *Inveja e gratidão*, o “último dos trabalhos teóricos de maior envergadura” (COMISSÃO EDITORIAL MELANIE KLEIN TRUST, s/d, p.205). Esse escrito apresenta dois pontos relevantes para a análise do conceito de ego: a) a inveja como um fator de forte interferência nas relações travadas com o seio bom; e b) a diferenciação entre um tipo de cisão que contribui para os processos integrativos e outra que obstaculiza essa dinâmica.

Encontramos, nesse artigo, uma análise sobre os elementos que participam do jogo travado entre o sujeito e os objetos arcaicos. Nesse contexto, o trauma do nascimento estabelece uma diferença intransponível entre a completude intrauterina e a satisfação sempre limitada que o sujeito pode obter com a mãe. Cada indivíduo vivencia essa situação de maneira singular, mas, caso a relação com o seio seja prioritariamente positiva, o sentimento de segurança torna-se presente e o objeto bom pode ser introjetado. Isso abre caminho para um desenvolvimento favorável, que, no entanto, para ser efetivado, precisa superar o obstáculo da inveja.

Para compreendermos a inveja, é necessário considerarmos antes outro fenômeno que lhe está intimamente relacionado: a voracidade. Esse elemento consiste no desejo de obter muito mais do que seria necessário para a satisfação, ultrapassando aquilo que o objeto, primordialmente o seio materno, seria capaz de dar. Os estados de privação contribuem para intensificar a voracidade, que, no entanto, conta com um forte componente inato. Isso pode ser entendido do seguinte modo: é bem plausível que, constitucionalmente, alguns bebês possam sentir fome com diferentes níveis de intensidade; ou ainda que exista, de saída, uma afinidade maior ou menor entre o desejo infantil de amamentação e a capacidade materna de fornecer o leite. Nesse cenário, a oralidade é fortemente presente na estruturação das fantasias inconscientes envolvidas, que podem ser traduzidas como a busca por “escavar completamente, sugar até deixar seco e devorar o seio; ou seja, seu objetivo é a introjeção destrutiva” (KLEIN, 1957/1996, p.212).

A presença de uma forte voracidade conduz a uma inevitável frustração, dando origem a fantasias de que o objeto bom, apesar de possuir as condições para

promover a gratificação, reteve para si uma cota do prazer. Nesse ponto, já estamos no terreno da inveja, ou seja, “do sentimento raivoso de que outra pessoa possui e desfruta algo desejável – sendo impulso invejoso o de tirar este algo ou estragá-lo” (KLEIN, 1957/1996, p.212). Essa agressão é realizada por meio da identificação projetiva, isto é, não se trata apenas de espoliar o objeto, mas destruí-lo pela introdução dos aspectos maus do *self*.

Klein comumente descrevia que o ataque primitivo ao objeto é algo constante no cenário arcaico, porém relacionado principalmente com o seio mau, o depositário da pulsão de morte. O que a inveja primária revela é que o mesmo processo também é direcionado para o seio bom, o que representa uma ameaça ao desenvolvimento psíquico. O invejoso não pode obter prazer sem ser perturbado pela agressividade e pelo ódio. Para o bebê, mesmo em situações favoráveis pautadas pela disponibilidade do amor, a fruição não pode ser plenamente aproveitada. Essa dinâmica estabelece um ciclo vicioso, pois a frustração se torna inevitável, contribuindo para um incremento da inveja, que, de seu lado, impede uma vivência profunda de prazer.

Isso possibilita compreender a existência de uma contradição profunda na inveja: se, por um lado, a gratificação é buscada junto ao objeto, por outro, a diferença entre o gozo irrestrito fantasiado e aquele que pode ser alcançado leva a um descarte do contato com esse mesmo objeto. Nesse sentido, para Klein, há

bebês cuja resposta à frustração é fazer insuficiente uso da gratificação que a amamentação, mesmo se retardada, poderia lhes dar. Eu presumiria que, apesar de não desistirem de seu desejo por um seio gratificador, eles não podem desfrutá-lo e, por conseguinte, o repelem (KLEIN, 1957/1996, p.236)

A ideia de repulsão do objeto aponta para a radicalidade do impulso invejoso. O que é desvelado é que existe um ataque à própria possibilidade de vínculo, desvanecendo, portanto, a tendência agregadora típica da pulsão de vida. Dessa forma, a condição fragmentada do ego na posição esquizo-paranoide é mantida, dificultando o estabelecimento de modos depressivos de organização.

É curioso notar que, ao realizar essas teorizações, Klein pôde chegar a conclusões próximas da proposta freudiana sobre o conflito entre a pulsão de vida e morte, mas por uma via diferente. A articulação entre inveja e voracidade representa uma dinâmica em direção a um objeto, mas, ao mesmo tempo, acena para a destruição. Assim, a autora argumenta que, para alguns bebês, o objetivo não é

apenas o gozo, mas uma satisfação que, de tão ilimitada, adquire uma coloração mortífera. Trata-se de uma busca para o que está além do prazer, o que é coerente com a afirmação feita por Freud de que o “princípio do prazer parece mesmo estar a serviço dos instintos de morte” (1920/1996, p.171).

Todavia, se a inveja emerge como algo que dificulta a integração egoica, tal pode ser contrabalançado pela presença da gratidão. Nesse caso, estaríamos diante da possibilidade de usufruir as experiências de gratificação, o que permite uma maior integração do ego, devido à predominância das forças eróticas. Klein propõe que “a gratidão é essencial à construção da relação com o bom objeto e é também o fundamento da apreciação do que há de bom nos outros e em si mesmo” (1957/1996, p.219). Por essa via, o impacto que o objeto mau imprime ao mundo interno pode ser suportado, o que é expresso por uma diminuição das angústias esquizoides e paranoides.

A gratidão é também o que permite uma maior tolerância com as experiências frustrantes. A ocorrência do desprazer é uma realidade inelutável e, no bebê, sempre gera um estado de desintegração. Todavia, se existir uma confiança no amor, proveniente da firme introjeção egoica do seio que nutre, tais estados são menos radicais e persistem por um tempo menor.

O que esse quadro aponta é que o sentimento de gratidão contribui para uma situação enriquecedora para o ego. Se, por um lado, é constituído um “objeto bom que ama e protege o *self*”, por outro, tal objeto também é, reflexivamente, “amado e protegido pelo *self*” (KLEIN, 1957/1996, p.220). Como há um grande intercâmbio entre mundo interior e exterior, essa condição leva a um aumento do desejo de retribuir o amor recebido, o que será capital para as posteriores reparações e sublimações. Essa dinâmica pode ser entendida como um ciclo virtuoso, em oposição ao vicioso a que aludimos. Segundo Klein:

A gratidão está intimamente ligada à generosidade. A riqueza interna deriva de ter o objeto bom sido assimilado de tal maneira que o indivíduo se torna capaz de compartilhar com outros os dons do objeto. Isso torna possível introjetar um mundo externo mais amistoso, a que se segue um sentimento de maior riqueza. (1957/1996, p.220)

A inveja e a gratidão pautam como as primeiras vivências com os objetos ocorrem. Entretanto, como o infantil permanece na mente adulta, ambos sentimentos nunca cessarão de repercutir. As experiências de prazer e de intensas insatisfações

são esclarecidas ao utilizarmos esses dois conceitos. Entretanto, deve-se ter claro que isso não significa um discurso apologético sobre o paraíso da infância. Em primeiro lugar, porque isso é impossível, mas também porque tal estado ideal não seria benéfico.

A frustração, quando não é desmedida, permite que o ego desenvolva ações mais eficazes para negociar com o mundo externo e estimula o senso de realidade. Além disso, é imprescindível alguma imaginação para contornar o desprazer, o que permite afirmar que “o conflito (e a necessidade de superá-lo) é um elemento fundamental na criatividade” (KLEIN, 1957/1996, p.218). Por fim, a alternância entre experiências ruins e boas permite testar até que ponto a angústia representa ou não um perigo real. Quando tal hipótese é repetidamente refutada, ocorre um aumento da tolerância do ego face à angústia assim como uma maior confiança na capacidade de manejá-la.

2.5.2 As duas classes de cisão e os estados confusionais

As investigações sobre a inveja resultaram em um maior entendimento sobre a cisão. Esse mecanismo, dependendo da intensidade de sua ocorrência, pode assumir um duplo papel. Temos, assim, uma modalidade de cisão que contribui para a integração do ego e do objeto, e outra possibilidade que favorece a continuidade da condição fragmentada.

No primeiro caso, a clivagem do objeto é decorrência da capacidade de amar. As forças eróticas são responsáveis pela ligação expressada por um ego que se torna unificado progressivamente e por um objeto cada vez mais total. Mas, para isso ser possível, a pulsão de vida deve permitir que ocorra, primeiramente, uma “cisão fundamental entre o objeto amado e o odiado” (KLEIN, 1957/1996, p.223), o que, inicialmente, pode soar contraditório.

Um esclarecimento pode ser obtido ao considerarmos que o principal motivo para a adoção desse recurso é o amor ao objeto bom e a necessidade de preservá-lo. Para tanto, o ego deve mantê-lo distante do objeto mau e tal só pode ser feito por meio da cisão. As condições para a instalação do objeto bom são facilitadas desse modo, contribuindo para uma predominância da pulsão de vida.

Desse modo, o ódio é, progressivamente, reduzido pelo amor. Esse tipo de divisão é uma etapa prévia imprescindível para que uma unificação do ego e do objeto

possa ocorrer posteriormente, na posição depressiva. Durante todo esse processo, a busca por totalidade sempre permanece no horizonte.

Contudo, se a inveja for especialmente forte, a cisão adquire outras características, uma vez que o contato com o objeto bom é perturbado pelas forças agressivas. Assim, o seio nutridor pode se converter em algo que persegue e ataca o sujeito, que passa a contar com uma quantidade menor de recursos para lidar com a angústia. Nessa configuração, a presença da pulsão de morte, agressividade e temor persecutório contribuem para que surja um objeto extremamente mau, que só pode ser enfrentado por um objeto idealizado. Existe, portanto, um abismo entre os dois registros do objeto.

O que causa essa cisão extrema é, principalmente, a angústia paranoide e não as forças amorosas, como no caso anterior. Não existe uma simples separação entre seio bom e mau, mas a construção de um seio ideal e outro absolutamente aterrorizante. Quando aspectos tão contraditórios pautam as relações objetais, o ego não pode assumir com segurança o sentimento de possuir o objeto bom. Como consequência, os processos de integração ficam prejudicados bem como o desenvolvimento de algumas funções egoicas importantes.

Um exemplo disso é a inibição do pensamento. O objeto idealizado que surge nesse contexto jamais fornecerá a satisfação ilimitada pretendida pelo sujeito. Do mesmo modo, ele não promove a diminuição da agressividade e dos impulsos destrutivos de maneira contundente. Tudo isso contribui para que, repetidamente, o objeto ideal se converta no seu oposto, o que dificulta a diferenciação entre os dois registros. A falta de clareza sobre o que é bom e o que é mau é tomada por Klein como: “a base de toda confusão – quer dizer em estados confusionais graves, quer em formas mais brandas como indecisão-, a saber, uma dificuldade de chegar a conclusões e uma perturbação na capacidade de pensar claramente” (1957/1996, p.248). No limite, o que é ameaçado é a própria capacidade do ego de discriminar a realidade interna da externa.

Um desdobramento importante desse quadro é a indeterminação das fronteiras entre o que é ego e objeto. Em certa medida, essa é uma ocorrência típica da posição esquizo-paranoide, que tende a ser superada com a elaboração da posição depressiva. Porém, o terreno da normalidade será ultrapassado se a inveja e as cisões profundas forem demasiadamente presentes. Se esses fenômenos pautarem a dinâmica psíquica, as identificações projetivas podem ocorrer em excesso, o que pode

“ter o efeito de obscurecer a distinção entre o *self* e os objetos” (KLEIN, 1957/1996, p.253).

2.5.3 Klein com Freud

É significativo que, após quase quatro décadas de produção, Klein publique um texto para avaliar como a sua visão se articula com a proposta freudiana. *Sobre o desenvolvimento do funcionamento mental* (1958) é um dos raros textos kleinianos inteiramente teóricos e tem por objetivo fornecer “uma contribuição à metapsicologia, uma tentativa de levar adiante as teorias fundamentais de Freud sobre este assunto, à luz das conclusões decorrentes do progresso na prática psicanalítica” (p.270). Encontramos, nessa passagem, três características fundamentais presentes em toda a obra de Klein.

A primeira remete ao reconhecimento da importância de Freud para a constituição da psicanálise, algo que Klein salientou em seus textos permanentemente. Porém, considerar Freud como a principal referência não significa reproduzi-lo, o que nos conduz ao segundo ponto: a firme busca para desenvolver suas propostas por meio de uma investigação contínua. Por fim, a terceira característica revela o meio pelo qual isso seria feito, a saber, a atenção constante aos dados fornecidos pela clínica.

Ao longo do seu percurso teórico, Klein não abandonou os determinantes da primeira tópica e a diferenciação entre processos conscientes e inconscientes sempre permaneceu como uma referência básica. No entanto, o modelo estrutural e a segunda teoria pulsional foram os elementos mais presentes, válidos mesmo com as reflexões sobre as posições esquizo-paranoide e depressiva. Desse modo, Klein assume que a mente é composta por *id*, ego e superego, salientando, no entanto, que Freud “deixou claro que essas partes do *self* não estão nitidamente separadas umas das outras” (KLEIN, 1958/1996, p.270).

Nesse ponto, encontramos uma boa oportunidade para refletirmos sobre o termo *self*, que, com a teoria das posições, tornou-se cada vez mais frequente. Conforme apresenta Petot (1988), há uma zona de superposição entre o uso de *self* e ego, de maneira que, em vários escritos, eles são tomados como sinônimos e “observa-se este fenômeno em ‘Notas sobre alguns mecanismos esquizoides’ (1946),

onde Melanie Klein fala indistintamente em clivagem do ego ou do self” (p. 164). É somente no final da obra da autora que encontramos uma clara diferenciação:

O ego, de acordo com Freud, é a parte organizada do *self* constantemente influenciada por impulsos instintivos, porém mantendo-os sob controle pela repressão. Além disso, o ego dirige todas as atividades e estabelece e mantém a relação com o mundo externo. O termo *self* é utilizado para abranger toda a personalidade, o que inclui não apenas o ego, mas também a vida pulsional, que Freud nomeou como id (KLEIN, 1959/1996, p.283)

Assim, o termo *self* decorre da adoção da tese freudiana de que o ego é uma modificação do *id* em contato com o mundo exterior.

No que respeita às pulsões, Klein buscou compreender como elas se articulam com as estruturas psíquicas. No entanto, deve ser ressaltado que a ideia de pulsão resguarda algumas peculiaridades. Klein executa uma leitura muito particular de Freud e interpreta que, em textos fundamentais, como *Além do princípio de prazer*, “ele considerou a operação das pulsões de vida e de morte como processos biológicos” (KLEIN, 1958/1996, p.271). Isso é utilizado pela autora como um ponto de contraposição importante, dado que, para o bebê, o embate pulsional emerge, inelutavelmente, como um conflito na relação com objetos. É por essa razão que as pulsões manifestam-se para o sujeito sob a forma dos afetos básicos do amor e do ódio, que poderiam se desdobrar em outras formas, como o desejo de preservar ou destruir.

É o próprio embate pulsional o responsável pelo início das atividades do ego e, como isso ocorre desde o início da vida, a própria estrutura egoica é concebida como algo inato. A presença da pulsão de morte provoca uma profunda angústia, contrabalanceada pelas forças eróticas. É por tal razão que Klein afirma que “o ego é posto em ação pela pulsão de vida, na época do nascimento” (1958/1996, p.272).

Ao longo de vários textos, Klein destacou a importância de o ego ser uma estrutura forte::

A força do ego – refletindo o estado de fusão entre as duas pulsões- é, creio, constitucionalmente determinada. Quando, na fusão, predomina a pulsão de vida – o que faz supor uma ascendência da capacidade de amar -, o ego é relativamente forte e mais capaz de suportar a ansiedade suscitada pela pulsão de morte e contrabalançá-la (KLEIN, 1958/1996, p.273)

De maneira que o ego forte não seria aquele que simplesmente domina o *id* e promove uma adaptação ao mundo externo, mas um ego habitado pela pulsão capaz de suportar o conflito psíquico sem desintegrar-se.

Capítulo 3

O conceito de ego em Freud e Klein

3.1 A primeira tópica e a primeira teoria pulsional nos escritos iniciais de Klein

Uma vez apresentado como o conceito de ego é pensado por Freud e Klein, torna-se possível refletirmos como ocorre a articulação entre esses autores. Para a análise que visamos, tomaremos como norte localizar em que aspectos a compreensão kleiniana sobre o ego aproxima-se das definições freudianas, mas também quais elaborações suas seguem outros caminhos.

Conforme discutimos no capítulo anterior, os primeiros textos de Klein, publicados de 1921 até 1926, não continham uma elaboração profunda sobre o ego. A abordagem desse conceito ocorreu, principalmente, como consequência das reflexões sobre a inibição, o fenômeno clínico central das suas investigações nesse período.

Em um primeiro nível, a baixa frequência das reflexões sobre o ego é expressão do processo de constituição da teoria kleiniana, que, compreensivelmente, não contava ainda com uma metapsicologia firmemente estruturada. Para que isso fosse possível, seriam necessários um acúmulo de experiências clínicas e um amadurecimento de certas compreensões, fatores que demandam tempo para serem obtidos.

No entanto, outro dado igualmente determinante é o fato de a produção inicial de Klein apoiar-se em uma etapa específica da obra freudiana. A maneira como a autora compreendia o psiquismo pode ser, prioritariamente, ligada aos textos publicados por Freud entre 1900 e 1916. Com isso, queremos destacar a relevância de obras como *A interpretação dos sonhos* (1900), *A compreensão psicanalítica dos distúrbios psicogênicos da visão* (1910) e as *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (1915-1916).

Isso permite compreender que, inicialmente, Klein concebia a vida mental levando em conta a primeira tópica da teoria freudiana. Desde 1900, Freud propunha que o aparelho psíquico era composto pelo inconsciente, pré-consciente e consciente. Esse modelo possibilitava circunscrever o caráter determinante do inconsciente nas

diversas manifestações clínicas, representando uma nova maneira de abordar tais fenômenos. Devido a esse caráter original, Freud concentrou seus esforços na investigação da sexualidade, dos elementos recalcados e de como eles poderiam resultar em formações, como os sonhos, sintomas, atos falhos e chistes.

Assim, apesar de ter apresentado que o conflito psíquico consiste em desejos que têm suas representações impedidas de entrarem na consciência por meio de uma ação do ego, ele não se ocupou longamente da análise dessa instância. Nesse sentido, Bonfim (2008) afirma que:

Sabe-se que este conceito [ego] possui um papel secundário na articulação da tópica. O que pode ser notado nas raras asserções tematizadas acerca do ego é que Freud estreita ainda mais os seus laços com os sistemas pré-consciente e consciente, sendo muitas vezes tratados como idênticos (p.34-35)

No entanto, desde o *Projeto para uma psicologia científica* (1895/2003), Freud delimitou algumas características do ego tanto quanto descartou outras.

Esse quadro influenciou a obra kleiniana inicial, que, por não assumir o conceito de ego como objeto central das suas investigações, adotou as descrições já estabelecidas por Freud. Observa-se, então, que, para ambos, o ego é compreendido como ligado ao pré-consciente e consciente, responsável pelas defesas, governado pelos processos secundários, além de ser a instância encarregada do teste de realidade.

Isso pode ser notado, por exemplo, na apresentação feita por Klein do caso de Fritz (KLEIN, 1921/1996), submetido a uma “educação psicanaliticamente orientada”, que não primava pelo repúdio da sexualidade. A autora apontou que tal prática contribuiria para a diminuição do recalque e das inibições, mas também para o fortalecimento do princípio de realidade. Essa seria uma conquista ligada ao domínio das capacidades egoicas, o que está em consonância com o texto freudiano *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (FREUD, 1911b/1996).

Podemos constatar, então, que, para Klein, a avaliação do mundo externo seria uma atribuição do ego. Todavia, a importância conferida a tal processo também coincide com as teses de Ferenczi (1913/1992), que propunha que o aspecto central do desenvolvimento egoico seria a substituição da onipotência do pensamento e da megalomania infantis pelo senso de realidade.

Com relação aos mecanismos defensivos, os primeiros textos kleinianos também se apoiavam em Freud. Ambos os autores concebiam o recalque como a principal defesa. No texto *A ansiedade* (1916/1996), presente nas *Conferências introdutórias sobre psicanálise*, Freud propunha que a dinâmica do recalque consistia na contraposição do ego ao atendimento de exigências pulsionais interpretadas como perigosas. Nesse processo, “a ideia a ser reprimida” (p.410) seria retirada da consciência, ao passo que o afeto a ela vinculado apresentaria outra vicissitude, o que permite inferir que “a transformação em ansiedade – seria melhor dizer, descarga sob a forma de ansiedade – é o destino imediato da libido quando sujeita à repressão” (p.410). Todavia, como a angústia sinaliza uma situação perigosa, o ego buscaria maneiras de controlá-la e impedir o seu aumento. Nesses casos, poderiam ocorrer formações de compromisso, como o sintoma, apontando para o fato de que eles são estabelecidos “para fugir a uma geração de ansiedade de outro modo inevitável” (p.405).

Para Klein, todos esses processos permanecem válidos e também estão relacionados com o ego. Porém, uma diferença importante é que ela descrevia que as formações sintomáticas poderiam ser evitadas por meio das inibições. Em condições propícias, tal fenômeno poderia ocorrer inclusive sem graves prejuízos para o sujeito, ainda que, em outras ocasiões, as restrições das atividades do ego pudessem representar perdas importantes. De toda maneira, em ambas as alternativas, nota-se que essa via permitiria o escoamento e a total eliminação da angústia.

3.1.1 A primeira teoria pulsional e o funcionamento do ego

No conjunto de características e processos trabalhados por Freud em relação ao ego, um ponto especialmente impactante para a obra kleiniana inicial foi a primeira teoria pulsional. A adoção dessa perspectiva comparece em boa parte das descrições feitas pela autora sobre a psicodinâmica dessa instância tanto nos modos saudáveis de funcionamento quanto nos patológicos.

Em 1910, Freud propôs a existência de duas classes de pulsões, as sexuais e as de autoconservação ou do ego. Tais pulsões poderiam apresentar objetivos diferentes, a atividade sexual ou a manutenção da vida, mas teriam “os mesmos órgãos ou sistema de órgãos à sua disposição” (FREUD, 1910b/1996, p.225), além

de poderem se associar a uma mesma atividade. Quando a satisfação libidinal coloca o sujeito em perigo, nota-se o conflito psíquico e a possibilidade do recalque.

Klein assume essa teorização, mas considerando-a à luz de escritos, como *Totem e tabu* (FREUD, 1913a/1996) e *O interesse científico da psicanálise* (FREUD, 1913b/1996), que preconizavam que, devido a um estado narcisista inicial³², as pulsões sexuais e do ego encontravam-se unidas. Isso é utilizado por Klein para balizar a sua concepção de que as atividades do ego são libidinalmente investidas. Essa compreensão é anunciada no escrito *A análise de crianças pequenas* (KLEIN, 1923/1996), uma das raras ocasiões em que Klein utiliza o termo narcisismo.

Nesse ponto, porém, algumas diferenças começam a ser notadas. Nos textos de 1913, Freud apresentava que a associação entre as duas classes pulsionais era explicada principalmente pelas características iniciais do desenvolvimento, que persistiriam em etapas subsequentes da vida. Podemos destacar, por exemplo, que, para o bebê, a amamentação contempla, simultaneamente, os desejos sexuais e a autopreservação.

Klein, por outro lado, propunha que o uso da libido pelo ego tornava-se possível não somente por conta da ligação genética entre as duas pulsões, mas, principalmente, porque as diversas atividades egoicas podem assumir uma conotação simbólico-sexual. Seria isso que permitiria que ações do ego, como a fala, o prazer pelo movimento, o brincar etc., emergissem como uma via para a satisfação substitutiva da pulsão sexual. Essas concepções, que destacam o caráter fundamental dos processos de simbolização, foram desenvolvidas a partir das observações clínicas feitas por Klein e também influenciadas pelas hipóteses de Ferenczi, apresentadas no artigo *O simbolismo* (1913/2000).

A localização da existência de pulsões sexuais e do ego descritas por Freud foi um recurso importante para Klein compreender os modos de funcionamento egoicos típicos. Contudo, a presença de Freud fica ainda mais clara quando ela aborda as formações psicopatológicas, especialmente as inibições graves. A análise desse quadro tornou-se possível pela habilidosa leitura que Klein realizou sobre duas

³² Cabe destacar que o conceito de narcisismo foi um dos principais responsáveis para que a primeira teoria pulsional fosse eclipsada. No entanto, nos primeiros textos sobre esse tema, publicados entre 1910 até 1913, Freud ainda trabalha, com algum desconforto, é verdade, com a oposição entre pulsões sexuais e do ego.

formulações freudianas, articulando os aspectos dinâmicos das fobias com o papel das duas classes pulsionais na formação dos sintomas.

O quadro fóbico era caro para Klein - ele tinha sido detalhado no relato da análise do pequeno Hans³³. Para Freud, de acordo com suas concepções anteriores a 1926, o recalque produziria angústia, que, por sua vez, poderia ser ligada a objetos e situações externas, que emergiriam como substitutos. Desse modo, o sujeito contornaria o desprazer provocado pela angústia ao evitar o contato com os objetos fobógenos.

Na inibição, segundo a ótica kleiniana, ocorreria algo semelhante, pois seria uma situação na qual uma atividade passou a ser angustiante devido ao seu caráter simbólico-sexual, e, para evitar o sofrimento, o sujeito deveria apenas parar de executar essas ações que se revestiram dessa nova característica.

A correspondência entre as fobias e as inibições não é, todavia, completa. Um ponto fundamental é que, no primeiro caso, estamos diante de uma ocorrência em que objetos ou situações sem nenhuma característica especial prévia passam a ser focos de angústia. No caso do pequeno Hans, por exemplo, o menino, inicialmente, não tinha “fobia alguma, quer em relação às ruas ou passear, quer com relação a cavalos” (FREUD, 1909/1996, p.32). Na inibição, porém, a atividade a ser evitada não é aleatória ou desprovida de importância, mas alguma ação que, anteriormente, já continha um significado simbólico-sexual e, por isso, era libidinalmente investida. Nesse último caso, a angústia apenas percorreria os caminhos já traçados pela pulsão.

Petot (2008) enxerga, nesse ponto, clara influência de Abraham, que, no artigo *L'angoisse locomotrice et son aspect constitutionnel* (1913/1988), propunha existir, na agorafobia, um prazer sexual da marcha anterior à constituição do sintoma. A sexualidade relacionada ao andar seria de tal modo intolerável que, “não conseguindo destacar a marcha de seu significado libidinal [...] a repressão interdita [interditaria] simultaneamente a atividade do ego e o prazer sexual que nele se enxerta [enxertasse]” (PETOT, 2008, p.54). Klein teria apenas generalizado essas concepções, ampliando-as para todas as inibições.

³³ Isso pode ser atestado pelas numerosas citações presentes em *A análise de crianças pequenas* (KLEIN, 1923b/1996).

Ainda que o papel de Abraham tenha sido efetivamente importante para a constituição do pensamento kleiniano, é necessário considerar que o texto freudiano *A compreensão psicanalítica sobre os distúrbios psicogênicos da visão* (1910b/1996) parece ter sido igualmente determinante nesse momento.

Uma vez que as pulsões do ego visam preservar o sujeito, elas podem se contrapor às pulsões sexuais, caso a satisfação dessas últimas representem algum perigo. Essa seria a situação básica para a ocorrência do recalque. Porém, esse quadro ganha complexidade, porque ambas as pulsões podem investir nas mesmas regiões corporais. Assim, caso a sexualização de determinadas partes do corpo ultrapasse alguns limites, o ego pode agir defensivamente e simplesmente provocar uma anulação do órgão. A descrição freudiana no artigo de 1910 objetiva discutir o fenômeno da cegueira histérica, mas também nos oferece um quadro explicativo que pode ser estendido para outras manifestações. Isso pode ser acompanhado, por exemplo, quando o autor apresenta alguns fenômenos sobre as perturbações motoras.

Essa relação de um órgão com uma dupla exigência sobre ele — sua relação com o ego consciente e com a sexualidade reprimida — pode ser encontrada de maneira ainda mais evidente nos órgãos motores do que no olho: como, por exemplo, a mão que procurou executar um ato de ataque sexual e ficou paralisada histericamente é incapaz, depois da inibição do ato, de fazer outra coisa — como se estivesse insistindo obstinadamente, em efetuar uma enervação reprimida; ou como os dedos de pessoas que renunciaram à masturbação se recusam a aprender os movimentos delicados indispensáveis para tocar piano ou violino (FREUD, 1910b/1996, p.88)

Essa citação exemplifica como uma determinada região do corpo pode possuir um investimento sexual e, justamente por isso, ser paralisada. Mas também aponta que isso implica um *ato* que deixa de ser realizado. Klein, provavelmente, incluiria esses fenômenos descritos por Freud como perfeitas manifestações da inibição. Seria necessário somente um pequeno passo, que parece ser apenas uma decorrência lógica, para estender essa noção de um conflito psíquico que acarreta uma anulação de partes do corpo para a proposta de um conflito que inibiria as mais diversas atividades, justamente por elas estarem, simultaneamente, investidas pelas pulsões egoicas e sexuais.

Cumprir observar que Klein compreende a inibição a partir de várias premissas que Freud expôs ao longo dos seus textos. Contudo, essas ideias dispersas são

organizadas pelo criador da psicanálise somente em 1926, ocasião na qual também é apresentado como esse fenômeno articula-se com a dimensão simbólica. Um trecho de *Inibições, sintomas e angústia* ilustra bem essa discussão:

A análise mostra que, se atividades como tocar piano, escrever ou mesmo andar são atingidas por inibições neuróticas, a razão para isso está numa erotização excessiva dos órgãos requeridos para essas funções, os dedos e os pés. De modo bastante geral, adquirimos o entendimento de que a função do órgão subordinada ao Eu fica prejudicada quando aumenta sua “erogenidade”, sua significação sexual[...]. Se o ato de escrever, que consiste em verter o líquido de um tubo num pedaço de papel branco, assume o significado simbólico do coito, ou se o ato de andar torna-se o substituto simbólico de pisotear o corpo da mãe Terra, deixa-se de escrever e de andar, pois seria como realizar o ato sexual proibido (FREUD, 1926/2011, p.12-13).

Em um texto escrito em 1923, *A análise de crianças pequenas*, Klein já tinha apresentado vários desses pontos, antecipando, portanto, algumas conclusões que, posteriormente, estariam presentes na obra freudiana.

Em resumo, é possível acompanhar que Klein, ao se servir dessas teorizações, pôde extrair dos fenômenos fóbicos a importância da angústia, os modos como o ego busca evitá-la e a consideração sobre a dinâmica pulsional de como uma atividade anteriormente investida pela dimensão sexual pode ser inibida.

3.2 A introdução da segunda tópica nos textos kleinianos

3.2.1 Complexo de Édipo e Superego em Freud e Klein

A partir de 1926, Klein passa a adotar a segunda tópica do aparelho psíquico proposta por Freud em *O ego e o id* (1923), avançando nas suas teorizações sobre a estrutura egoica. A complexidade obtida pelo pensamento kleiniano é acompanhada, no entanto, pelo desenvolvimento de concepções que se diferenciam das de Freud. Duas ideias destacam-se nesse contexto: a ocorrência precoce de um complexo de Édipo e o superego primitivo.

A atenção que Klein conferia ao arcaico é um dado que merece ser sublinhado. Isso permite desvelar uma das principais razões que a levaram a desenvolver uma visão própria sobre o ego, que não se limitou à mera repetição do pensamento freudiano. A originalidade da teoria kleiniana decorre, em boa parte, da permanente investigação sobre uma matriz clínica específica: a infância. É claro que Freud também elaborou teses fundamentais nesse campo, como atestam a teoria da

sexualidade infantil ou os relatos de análises de crianças. No entanto, pode-se afirmar que Klein trabalhou bem mais intensamente nessa área, enfrentando algumas questões clínicas singulares de maneira mais frequente do que Freud e, por isso, pôde reunir um maior número de dados.

Como consequência de um trabalho tão direcionado para a psicanálise infantil, Klein precisou desenvolver novas hipóteses para resolver desafios clínicos bem delimitados. Foi esse o caso, por exemplo, da concepção de que o complexo de Édipo começa em etapas bem precoces. Citar novamente esse tema é necessário porque esse ponto irá modificar substancialmente a maneira como a autora pensou o aparelho psíquico.

Freud concebia que o complexo de Édipo teria início por volta dos três ou quatro anos³⁴ (1922/1996), constatando que “a atitude edipiana nos meninos pertence a fase fálica” (FREUD, 1925b/1996, p.278). Tal complexo seria, ulteriormente, demolido pelo temor da castração. Para as meninas, a fase fálica anunciaria a diferença entre os sexos e conduziria para a busca de ter um filho do pai como um substituto do pênis faltante³⁵. Assim, “*enquanto, nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração*” (FREUD, 1925b/1996, p.285) [grifos do autor]

Klein, de seu lado, propunha que tais eventos ocorreriam mais cedo. Ao longo dos textos de 1923 até 1927, a datação do começo do complexo de Édipo retrocede cada vez mais, até que o artigo *Estágios iniciais do conflito edipiano* (1928/1996) estabelece que as frustrações em torno do desmame é que lançariam o bebê no drama edípico. Adotando a teoria libidinal de Abraham, Klein concebe que esse complexo se daria na passagem do estágio sádico-oral para o sádico-anal. Esse quadro confere tanto traços singulares para os tipos de relações objetais construídas,

³⁴ Cabe ressaltar que não podemos tomar essa datação como algo rígido. Nesse sentido, Freud afirmava que: “não tenho dúvida de que as relações cronológicas e causais, aqui descritas, entre o complexo de Édipo, a intimidação sexual (a ameaça de castração), a formação do superego e o começo do período de latência são de um gênero típico, porém não desejo asseverar que esse tipo é o único possível. Variações na ordem cronológica e na vinculação desses eventos estão fadadas a ter um sentido muito importante no desenvolvimento do indivíduo” (FREUD, 1924b/1996, p.199)

³⁵ Em vários textos, Freud expôs a dificuldade de compreender a sexualidade feminina e as características do complexo de Édipo na menina. Em *Estágios iniciais do conflito edipiano* (1928/1996), Klein apresentou as suas discordâncias com Freud, propondo que a inveja do pênis seria apenas um desdobramento da inveja do potencial criativo atribuído ao útero materno.

que seriam parciais e altamente ambivalentes, bem como para as fantasias em ação, que emergiriam como sendo especialmente agressivas.

Existem, portanto, diferenças importantes para com a proposta freudiana, que dizem respeito tanto à cronologia do início dos conflitos edípianos quanto ao trabalho psíquico envolvido. Porém Klein argumenta que essas divergências surgem porque ela direciona a atenção para a infância inicial, mas, em etapas subsequentes, com a primazia da organização fálica, o complexo de Édipo assumiria as características descritas por Freud. Nesse sentido, afirma que a forma bem definida quando tal complexo atinge o seu clímax “são apenas conclusões de um desenvolvimento que se estende ao longo de vários anos” (KLEIN, 1926/1996, p.158).

Atrelada à concepção do complexo de Édipo precoce, Klein também introduz uma nova visão sobre o aparelho psíquico. Nos textos de 1926 até 1931, propõe que a frustração imposta pelo desmame leva a criança a elaborar fantasias altamente sádicas, que visam destruir os objetos. Em uma primeira instância, esses impulsos agressivos são direcionados para a mãe, mas, posteriormente, também para o pai. Concomitantemente, a criança introjeta tais objetos sob a forma de *imagos* que contêm uma combinação de ambas as figuras parentais. Essas imagos estruturam o superego, que assume contornos extremamente cruéis, porque a criança passa a temer uma retaliação devido aos seus ataques fantasiados. Na síntese de 1932, contudo, Klein desvincula o início do superego do complexo de Édipo e propõe que essa estrutura surgiria como efeito da pulsão de morte.

Essas concepções kleinianas divergem dos aspectos mais conhecidos do que Freud preconizava em *O ego e o id* (1923). Ao pensar sobre o atravessamento do complexo de Édipo, ele apresentava que haveria um resultado bem claro, uma vez que:

As catexias de objeto são abandonadas e substituídas por identificações. A autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego e aí forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo assim o ego do retorno da catexia libidinal (FREUD, 1924b/1996, p.196)

Portanto, essa modificação na estrutura egoica conhecida como superego só poderia ser organizada com a dissolução do conflito edípico imposto pela castração.

Freud não ignorava as teses kleinianas, mas não as considerava válidas, expressando, inclusive, sua clara discordância. Isso fica evidente em uma carta de

1927, ao asseverar para Ernest Jones que: “posso, de qualquer modo, revelar-lhe que as ideias da Sra. Klein sobre o superego das crianças parecem-me totalmente impossíveis e contraditórias com todos os meus pressupostos” (FREUD apud THOMAS, 1995, p.151-2).

Porém, sem que exista alguma intenção de promover sínteses redentoras entre os autores, cabe assinalar que, em algumas passagens, Freud sugere que as raízes do superego surgiriam antes do desfecho do complexo de Édipo. Em *O ego e o id* (1923a/1996), Freud afirma que a base do superego³⁶ “já oculta a primeira e mais importante identificação de um indivíduo, a sua identificação com o pai em sua própria pré-história pessoal” (FREUD, 1923a/1996, p.44) e tal processo seria anterior a qualquer relação objetal. Em uma nota de rodapé, complementa, dizendo que “talvez fosse mais seguro dizer ‘com os pais’, pois antes de uma criança ter chegado ao conhecimento definitivo da diferença entre os sexos, a falta de um pênis, ela não fazia distinção de valor entre pai e mãe” (p.44). Esse trecho permite que se pese o quanto das teorizações kleiniana são efetivamente heterodoxas, uma vez que Freud também assinalou a possibilidade de um início precoce do superego, que assumiria a forma de uma figura parental híbrida.

Klein nunca abriu mão dos dados oferecidos pela clínica com crianças e sempre adotou esse campo como critério último de verdade. Nesse período da sua obra, é possível observar que, quando as conclusões obtidas levavam a divergências com a teoria freudiana, ela tentava minimizar as distâncias, mas apenas no plano conceitual. A autora atribuía tais diferenças às características próprias do seu trabalho com a infância. Isso pode ser notado em *Estágios iniciais do conflito edipiano* (1928), quando Klein afirma que suas conclusões sobre o complexo de Édipo e o superego

não contradizem as afirmações do professor Freud. Creio que o ponto mais importante das considerações adicionais que apresentei é que atribuo esses processos a uma época anterior e que as diversas fases do desenvolvimento (principalmente nos estágios iniciais) se fundem com mais liberdade do que se acreditava antes (KLEIN, 1928/1996, p.226-227)

Após a exposição da articulação existente entre Freud e Klein nas concepções sobre o complexo de Édipo e superego, passemos a abordar a estrutura egoica.

³⁶ Nesse trecho, Freud utiliza o termo ideal do ego. Porém, em 1923 ele utilizava essa palavra como sinônimo de superego.

Contudo, algumas características precisam ser destacadas previamente para a análise que visamos.

Os textos kleinianos de 1926 até 1932 possuem uma característica singular e representam uma etapa intermediária da obra de Klein. Por um lado, eles contêm elaborações originais sobre o ego, que são, notavelmente, mais profundas do que as concepções apresentadas nos escritos sobre as inibições; por outro lado, essas teorizações não estão inseridas em um quadro teórico bem estruturado, tal como será notado nas discussões sobre a posição depressiva e esquizo-paranoide posteriormente. As ideias sobre o ego são apresentadas pela autora no mesmo ritmo em que ela realiza as suas descobertas e encontram-se dispersas ao longo de nove artigos e do livro *A psicanálise de crianças*. Assim, somente com muita dificuldade poderíamos enquadrá-las em um conjunto harmonioso, que não desconsiderasse algumas características importantes. Diante disso, julgamos que seria mais rigoroso executarmos uma análise temática, abordando os quatro pontos principais em que a proposta kleiniana sobre o ego dialogam com a obra freudiana.

3.2.2 A estrutura egoica

A função mediadora

Ao estabelecer a segunda tópica, Freud salientara que o ego seria uma modificação do *id*, estabelecida pelo contato com o mundo externo. Caberia a essa estrutura levar em conta os limites impostos pela realidade para a efetivação das demandas pulsionais que reinam no *id*, o que seria realizado, em uma primeira instância, pelo controle da motilidade. Por essas razões, Freud apresenta a ligação existente entre o ego e os processos secundários, que também teria como propósito a busca por “colocar o princípio da realidade no lugar do princípio do prazer, que vigora irrestritamente no *id*” (FREUD, 1923a/2011, p.23).

As pesquisas publicadas por Freud sobre o narcisismo e a identificação permitiram localizar a existência de gradações no interior do ego. Essas partes da estrutura egoica surgiram, inicialmente, como ego-ideal, que representaria um estado momentâneo no qual o sujeito atribuiria a si a condição de perfeição. Posteriormente, devido às frustrações impostas pela realidade, que indicam que a completude não é possível, surgiria o ideal do ego, o modelo em que o ego real buscaria tornar-se. Em

1923, essas teorizações serão agrupadas no conceito de superego, a instância que conterá as proibições, a auto-observação crítica e a consciência moral.

Assim, recorrendo a uma conhecida descrição freudiana, o ego seria um elemento que deve atender a três senhores: as limitações estabelecidas pela realidade externa, as exigências pulsionais do *id* e as interdições superegoicas.

Nesse ponto, já se tornam claras algumas aproximações e diferenças existentes na obra kleiniana. A primeira delas é que, conforme expusemos, o superego não surge como uma modificação no ego, mas como resultado do retorno das fantasias agressivas direcionadas aos objetos. Em relação ao ego, Klein também concebe que ele teria um caráter mediador, porém, como o superego está em ação desde os primeiros meses de vida, essa negociação já seria necessária em etapas muito precoces. Nesse sentido, afirma:

No começo do seu desenvolvimento, o ego está submetido à pressão das situações de ansiedade arcaicas. Frágil como ainda é, o ego se vê exposto, por um lado, às violentas exigências do *id* e, por outro, às ameaças de um superego cruel, e tem que exercer o seu poder ao máximo para satisfazer os dois lados. A descrição de Freud do ego como uma 'pobre criatura que tem que servir a três senhores e, conseqüentemente, ameaçada por três perigos' é especialmente verdadeira quando se refere ao ego fraco e imaturo da criança pequena, cuja principal tarefa é dominar a pressão da ansiedade sob a qual se encontra (KLEIN, 1932/1996, p.196).

Esse quadro aponta que Klein, diferentemente de Freud, concebia que o desenvolvimento do ego é um processo que se dá sob a pressão do superego. Tal fator torna-se importante, porque a angústia mais profunda sentida pelo ego infantil é produzida pelo superego, vez que "é precisamente o superego arcaico que é severo em especial; e, sob condições normais, em nenhum outro período da vida, a oposição entre o ego e o superego é tão forte quanto na infância remota" (KLEIN, 1932/1996, p.160).

O recalque e o desenvolvimento egoico

Para Klein, a necessidade de o ego confrontar-se com exigências superegoicas tão radicais desde o início da vida dificulta, consideravelmente, o processo do desenvolvimento. As consequências desse cenário são amplas e podem conduzir a diferentes resoluções.

Em uma primeira instância, isso pode levar o ego a adotar, incisivamente, o recalque. O superego, entendido como a estrutura que contém as proibições, condena as fantasias pré-genitais e genitais bem como as atividades a elas relacionadas. Devido à moral de Talião, o superego infantil é tão agressivo quanto a própria força do sadismo presente na criança³⁷, impondo uma situação perigosa para o ego e despertando uma forte angústia. Diante disso, a estrutura egoica se vê coagida a recalcar tais fantasias, enviando-as para o inconsciente.

Como consequência, tais fantasias não são elaboradas e, dessa forma, não participam do processo de sublimação, reduzindo o raio de ação do ego. As mais variadas práticas, como o prazer pelo movimento, a narração de histórias ou as atividades intelectuais, ocorrem porque são sustentadas pela libido e isso torna-se possível à medida que esses elementos podem representar simbolicamente os desejos fantasiados. A reflexão kleiniana sobre o brincar ilustra bem esse processo, pois “uma das funções principais da brincadeira da criança é oferecer descarga para essas fantasias” (KLEIN, 1929a/1996, p.229). Entretanto, se o ego recalca-las, “o resultado é a inibição da brincadeira e do aprendizado” (p.236). Essa discussão evidencia que o excesso de recalque gera empobrecimento egoico³⁸.

Ademais, quando os aspectos genitais tornam-se preponderantes no percurso do desenvolvimento, eles podem se deparar com uma forte oposição superegoica. Nesse quadro, o ego pode recalcar os desejos e as fantasias genitais, o que contribuiria para a permanência de modos de organização mais primitivos, centrados na oralidade e na analidade. Assim, o recalque estabeleceria condições propícias para a ocorrência de fixações (KLEIN, 1928/1996), sendo, portanto, um obstáculo para os processos de transformações psíquicas.

Essas propostas apresentam articulações com a obra freudiana. Podemos destacar quatro fatores principais que representam uma continuidade das afirmações

³⁷ Em *Mal estar na civilização*, Freud expressa que “de modo algum a severidade do Super-eu desenvolvido pela criança reflete a severidade do tratamento que recebeu” (1930/2011, p.65) e que a agressividade dessa instância decorreria, ao menos em parte, da agressividade do próprio sujeito. Em uma nota de rodapé, esclarece que isso “foi corretamente destacada por Melanie Klein e outros autores ingleses” (p.88)

³⁸ Nesse sentido, Klein afirma: “quando o superego exerce um domínio forte demais sobre o ego, este geralmente se fecha às influências do mundo e dos objetos exteriores, numa tentativa de manter o controle, através da repressão, sobre o id e os objetos internalizados. Desse modo, ele se priva de todas as fontes de estímulos que formariam o alicerce dos interesses e realizações do ego, tanto aquelas originárias do id quanto do mundo externo” (KLEIN, 1931/1996, p. 279)

feitas por Freud, mas também dois aspectos em que as formulações kleinianas são diferentes.

Sobre os aspectos coincidentes, o ponto mais evidente é que, para Freud, o ego também é incumbido dos processos defensivos, dentre os quais o recalque possui um papel destacado. Tal mecanismo foi repetidamente abordado ao longo dos seus textos por ser o mais característico da neurose (FREUD, 1927/1996) e constituidor de partes do inconsciente.

Em segundo lugar, nota-se que, para Freud, o fator condicionante do recalque são as proibições do superego. No texto *Inibições, Sintomas e angústia* (1926) anuncia que o recalque “procede do Eu, que – por solicitação do Super-eu, eventualmente – não deseja colaborar num investimento instintual despertado no Id” (FREUD, 1926/1996, p.14). É isso que leva o ego a impedir que as representações pulsionais possam permanecer na consciência.

O motivo pelo qual o ego se submete às ordens superegoicas evidencia outro ponto de concordância entre os autores, pois o recalque é utilizado para evitar o perigo do atendimento das demandas do *id*. Além disso, como todas as situações que representam um risco para o ego são acompanhadas de angústia, o recalque também é uma via para reduzir o impacto gerado por esse afeto. Isso fica mais claro ao termos em mente que a angústia “tem caráter obviamente desprazeroso” (FREUD, 1926/2011, p.53), o que explica por que esse mecanismo defensivo é utilizado. É verdade que, após 1926, Freud propôs que a angústia seria o disparador do recalque. No entanto, devemos atentar para um detalhe: nessa situação, o ego utiliza apenas um *sinal de angústia*, uma forma atenuada desse afeto para colocar em ação o recalque. Mesmo nessa perspectiva, a dinâmica do recalçamento seria uma estratégia para controlar a emergência de uma angústia ainda maior, que seria inevitável de outra maneira.

Por fim, Freud também salientou que o recalque é um processo que demanda energia. O recalçamento não se esgota na simples interdição das representações pulsionais de permanecerem na consciência, pois, mesmo nesse cenário, a pulsão ainda busca satisfazer-se. Por esse motivo, o ego precisa aplicar, continuamente, importantes parcelas energéticas para manter esse mecanismo de defesa, o que é feito por meio de contrainvestimentos. No texto *A terapia analítica* (1917b/1996), encontramos a seguinte descrição:

Um neurótico é incapaz de aproveitar a vida e de ser eficiente — incapaz de aproveitar a vida porque sua libido não se dirige a nenhum objeto real, e incapaz de ser eficiente porque é obrigado a empregar grande quantidade de sua valiosa energia, a fim de manter sua libido sob repressão e a fim de repelir seus assaltos. Ele se tornaria sadio se o conflito entre seu ego e sua libido chegasse ao fim, e se o ego mesmo tivesse novamente sua libido à sua disposição. A tarefa terapêutica consiste, pois, em liberar a libido de suas ligações atuais, subtraídas ao ego, e em torná-la novamente utilizável para o ego (FREUD, 1917b/1996, p.454)

Essa mesma compreensão também se encontra em Klein, ao salientar, continuamente, que a ocorrência ampla do recalque é um fator que leva a um empobrecimento do ego, expressado por uma redução importante das sublimações.

Com respeito às diferenças, destaca-se, em primeiro lugar, o fato de que Freud concebia o recalque como um mecanismo que ocorre devido à presença do superego, mas realizado por uma razão bem delimitada. Essa função do superego seria desempenhada, porque ele desperta uma angústia no ego ligada ao temor da castração. Em *O ego e o id*, afirma que é

possível dizer o que se esconde atrás da angústia do Eu ante o Super-eu, a angústia da consciência moral. O ser superior, que se tornou ideal do Eu, ameaçou uma vez com a castração, e esse medo da castração é provavelmente o núcleo em volta do qual se armazena a posterior angústia da consciência (FREUD, 1923a/2011, p.55).

Tais afirmações indicam a dificuldade de encontrarmos, em Freud, explicações para a existência de um superego pré-genital que já condicionasse o recalque, ao passo que, entre 1926 e 1932, essa era uma das teses centrais dos escritos kleinianos.

Outra diferença a ser considerada é que o recalque, segundo a ótica freudiana, incide sobre a pulsão e não sobre a fantasia, como afirmado por Klein em várias passagens. Efetivamente, Freud é claro nesse ponto e estabelece que o recalque é uma operação realizada pelo ego, que interdita o representante da pulsão de permanecer na consciência (FREUD, 1915b/2011). Nos textos de 1926 até 1932, essa divergência não foi analisada por Klein e, por muito tempo, os seus escritos não deixaram claro como a fantasia possuiria vicissitudes semelhantes às pulsões. Somente na década de 40, as concepções kleinianas sobre as fantasias inconscientes ganharam contornos mais nítidos e apresentaram que elas também contemplariam a noção freudiana de representante da pulsão.

Ego e psicose

Ao lado da análise infantil, outra contribuição fundamental de Klein para o campo psicanalítico foram as investigações sobre as psicoses, uma temática que impacta diretamente algumas atribuições centrais da estrutura egoica.

Ao anunciar a necessidade de o ego lidar, em etapas bem precoces, com as exigências do superego, Klein expôs que isso poderia conduzir ao recalque, com várias consequências. Todavia, essa pressão imposta ao ego poderia assumir contornos bem mais radicais. O início dessas teorizações encontra-se no artigo *Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas* (1926/1996), quando defende que, caso a frustração atinja um patamar intolerável, o ego poderia desconsiderar a realidade como uma estratégia defensiva. Essa mesma compreensão também é encontrada em Freud, que, no artigo *Neurose e psicose* (1924a/1996), afirmou que “a etiologia comum à irrupção de uma psicose ou psicose é sempre a frustração, a não realização (...) [dos] desejos infantis” (p.161).

Cabe observar, no entanto, que, a partir de 1927, Klein irá associar a presença de um superego pré-genital como um fator que intensifica as frustrações. Isso ocorre porque essa estrutura emerge como especialmente terrífica para o ego, provocando um notável acréscimo de angústia. Nesse caso, se o ego não possui a capacidade constitucional de suportar a angústia, simplesmente não ocorre o recalque da fantasia, mas a desconsideração do mundo externo. O resultado seria uma perturbação em uma das atribuições mais típicas da estrutura egoica: o contato com a realidade. É por tal razão que a autora irá localizar, nesse ponto, a etiologia da psicose, que repousaria na introjeção de um superego cruel nos momentos iniciais da constituição do ego.

Dado que, desde momentos muito precoces, a estrutura egoica já está inserida em um cenário conflituoso, Klein, progressivamente, foi levada a propor que traços psicóticos são recorrentes nas crianças. Alguns críticos da teoria kleiniana compreenderam essas ideias como uma defesa da existência de uma psicose generalizada na infância, o que, claramente, é absurdo. No entanto, Klein sempre foi precisa nesse ponto, diferenciando organizações psicoides passageiras da formação patológica de uma estrutura psicótica bem definida. Em 1930, afirma que “a esquizofrenia é muito mais comum na infância do que se supõe” (KLEIN, 1930/1996, p.262). Contudo, destaca que, mais frequente “do que a psicose nas crianças, é a

presença de traços psicóticos que, em circunstâncias desfavoráveis, podem levar à doença num estágio posterior” (p. 262-263).

Em relação à teoria freudiana, encontramos textos fundamentais sobre a psicose, mas, em geral, eles dizem respeito aos adultos ou aos processos metapsicológicos atuantes. Por meio dessas discussões, Freud pôde compreender, de modo mais rigoroso, os mecanismos de defesa utilizados pelo ego, dentre os quais a rejeição (*Verwerfung*). Na análise do *Homem dos lobos* (FREUD, 1918/2011), o autor evoca como uma das explicações etiológicas o fato de que, ao confronto do sujeito com a castração, se segue a rejeição de alguns dados oferecidos pela realidade e isso seria um comportamento comum das crianças. Para Freud, a rejeição seria algo recorrente na infância, mas não representaria por si só uma psicose. Ao definir esse mecanismo de defesa em 1925, estabelece que o processo de rejeição “na vida psíquica da criança parece não ser raro nem muito perigoso, mas que no adulto daria início a uma psicose” (FREUD, 1925b/2011, p.262).

Observamos assim que ambos concordam que algumas defesas e características do ego de um psicótico são comumente encontradas no ego infantil. A manifestação patológica ocorreria apenas se esses elementos fossem mantidos em etapas subsequentes da vida. Todavia, apenas Klein partiu dessa constatação para propor que a psicose infantil é algo mais frequente do que se concebe e, por essa razão, estabeleceu que “uma das principais tarefas da análise de crianças é a descoberta e a cura das psicoses durante a infância” (KLEIN, 1930/1996, p.263).

Mas outra diferença também pode ser localizada nos aspectos metapsicológicos envolvidos nesse fenômeno. Em *Neurose e psicose* (1924a/1996), Freud propôs que a função mediadora do ego com os três registros nem sempre obtém êxito e, nesses casos, consolida-se um terreno favorável a manifestações psicopatológicas: “a neurose de transferência corresponde ao conflito entre Eu e Id, a neurose narcísica ao conflito entre Eu e Super-eu, a psicose àquele entre Eu e mundo exterior” (1924a/1996, p.162). É necessário destacar que o autor enfatiza a separação das neuroses narcísicas das manifestações psicóticas:

A análise nos dá o direito de supor que a melancolia é um exemplo típico desse grupo [conflitos entre ego e superego], e reivindicaríamos para esse distúrbio o nome de “psiconeuroses narcísicas”. E não destoaria de nossas impressões que encontremos motivos para separar estados como a melancolia das outras psicoses (FREUD, 1924a/1996, p.162)

Assim, se, para Freud, fenômenos como a esquizofrenia e a paranoia repousam principalmente em um conflito entre ego e realidade, para Klein essas manifestações psicóticas seriam decorrentes de um conflito entre o ego e o superego.

Angústia e percepção no desenvolvimento inicial do ego

Uma vez que a psicose aponta para modos de funcionamento típicos do ego, modificando, por exemplo, a sua relação com a realidade, Klein foi levada a refletir sobre esse cenário. Como consequência, elaborou uma visão própria sobre as principais forças que atuam para o desenvolvimento inicial do ego.

Desde o *Projeto para uma psicologia científica* (1895), Freud salientava a ligação entre ego e percepção. Com a postulação da primeira tópica em 1900, o fato de o ego possuir as mesmas atribuições dos sistemas pré-consciente e consciente, estreitava ainda mais a sua relação com a função perceptiva. Isso contribuiu para que a segunda teoria do aparelho psíquico apresentasse que a estrutura egoica seria uma modificação do *id*, realizada por meio do sistema *Pcpt.-Cs.* a partir do contato com o mundo externo. Esse é um dado que merece ser retido, porque “a relação com o mundo externo tornou-se decisiva para o Eu, ele assumiu a tarefa de representá-lo junto ao *Id*, que, sem considerar esse ingente poder exterior, não escaparia à destruição, no cego afã da satisfação instintual” (FREUD, 1933/2011, p.156). É por isso que o sistema perceptivo é tomado como o núcleo do ego (FREUD, 1923a/1996), que possibilita o início do trabalho do pensamento ou ainda a aquisição da ideia de tempo.

Para Klein, a percepção continua sendo uma atribuição importante do ego, porém o desenvolvimento inicial dessa estrutura é pensado levando em conta a ação das fantasias e da angústia. A forte agressividade da criança, característica da fase do apogeu do sadismo, emerge como uma fonte de perigo. Para se defender dessa ameaça, o ego recorre à projeção desses aspectos violentos sobre os primeiros objetos fantasiados (seio, vagina, pênis etc.), que, por sua vez, também passam a despertar terror. Quando a criança entra em contato com outros elementos da realidade, ela tende a compará-los com esses objetos ameaçadores originais, o que a conduz à produção de símbolos.

Essa é uma dinâmica apresentada como fundamental por Klein, porque “o simbolismo se torna a base [...] da relação do indivíduo com o mundo externo e com

a realidade em geral” (1930/1996, p.252). Dessa forma, a realidade inicial da criança emerge como algo totalmente fantástico, composta pelos mais diferentes objetos que despertam angústia. Somente de maneira progressiva, à medida que o ego seja capaz de suportar a angústia, é que um contato com a “realidade verdadeira” (KLEIN, 1930/1996) pode surgir.

Assim, a emergência da angústia e a capacidade de elaborá-la tornam-se centrais para o desenvolvimento egoico, pois “em seu esforço para dominar a ansiedade, o ego da criança convoca para seu auxílio as relações que tem com seus objetos e com a realidade” (KLEIN, 1932/1996, p.199). A própria percepção, embora também tomada como uma atribuição típica do ego, estaria condicionada a essas vivências de angústia. Baranger (1981) analisa esse quadro e localiza uma diferença importante quando comparamos a obra de Klein com a proposta freudiana:

A função da percepção que, segundo Freud, constituía o centro da formação do ego, perde seu papel formador em favor da função de domínio da angústia. A percepção pode se desenvolver na medida que esta outra função primordial tenha tido êxito (BARANGER, 1981, p.89).

3.3 As perdas objetais e a posição depressiva

As investigações kleinianas permitiram desvelar a existência de um ego em ação em etapas precoces. Esse ego inicial possuiria algumas funções básicas, como o controle da angústia, a capacidade de fantasiar ou a possibilidade de travar relações objetais em níveis rudimentares. Contudo, esse cenário inicial apresenta diferenças quando comparamos esse ego arcaico com um ego mais organizado. Em etapas subsequentes da vida, a estrutura egoica, normalmente, apresenta melhor capacidade de negociação, funções mais desenvolvidas e uma maior resiliência diante das pressões a que é submetida.

Desse quadro, uma pergunta inevitável surge: quais são os eventos envolvidos para que o ego possa atingir essa condição de maior sofisticação? Como resposta, Klein propõe que, para que isso seja possível é imprescindível um conjunto de experiências abarcadas pelo conceito de posição depressiva. É por tal razão que essa posição é concebida como central para o desenvolvimento (KLEIN, 1940/1996).

A teoria sobre a posição depressiva é uma formulação originalmente kleiniana e, ao lado da posição esquizo-paranoide, emerge como um de seus conceitos mais

conhecidos. Apesar disso, as reflexões a respeito da posição depressiva partem de uma tradição teórica que remete a dois autores fundamentais: Abraham, desde 1911, já tinha publicado textos³⁹ sobre as manifestações maníaco-depressivas, assim como dedicou a primeira parte da *História da libido à luz dos transtornos mentais* à análise desse fenômeno; e as concepções abrahamicas também impactaram Freud, que, em 1917, publicou *Luto e melancolia*. Esse escrito tornou-se uma referência vital para Klein, o que permite compreender que a temática da perda objetal e as consequências dessa experiência para o ego é um campo comum entre as produções freudianas e kleinianas.

3.3.1 Luto, melancolia e a posição depressiva

Segundo Klein, no primeiro semestre de vida, o modo como o ego relaciona-se com os objetos passa por uma transformação fundamental. No início da vida, o ego relaciona-se com objetos parciais, que consistem basicamente no seio, compreendido ou como absolutamente bom ou absolutamente mau. Durante o desmame, o ego é confrontado com uma nova experiência com o objeto total, despertando novos conteúdos de angústia. Inicia-se uma crise, porque o ego compreende que as antigas fantasias agressivas, que visavam destruir os objetos maus, podem ter afetado o objeto como um todo. Nesse contexto, o ego passa a temer a perda do objeto e interpreta isso como algo perigoso, haja vista que é um elemento fundamental para a manutenção da vida. Constitui-se, assim, uma situação em que se observa, “num grau suave e reduzido, os mesmos sofrimentos e sentimentos que encontramos totalmente desenvolvidos no adulto melancólico” (KLEIN, 1935/1996, p.327).

A partir desse ponto, notam-se correspondências entre as reflexões kleinianas sobre a posição depressiva e algumas afirmações presentes em *Luto e Melancolia* (1917a/2011). Tais aproximações podem ser apreciadas a partir de quatro pontos principais.

No texto de 1917, Freud propõe que: a) na melancolia, a ocorrência de uma perda objetal é seguida por uma modificação no ego. A libido, que se tornou livre pela interrupção de uma relação objetal, seria utilizada para estabelecer uma identificação

³⁹ *Notas sobre as investigações e o tratamento psicanalítico da psicose maníaco-depressiva e estados afins* (ABRAHAM, 1911)

com o objeto abandonado. Nos textos freudianos posteriores, esse fenômeno, anteriormente ligado ao domínio psicopatológico, será concebido como algo sempre presente na estruturação do ego, pois “o Eu se constitui, em boa parte, de identificações que tomam o lugar de investimentos abandonados pelo id” (FREUD, 1923a/2011, p.45).

b) Para a ocorrência da melancolia, é necessária uma condição prévia, pois a relação deve basear-se em *uma forte ambivalência*. Freud pôde perceber isso, porque a “perda de um objeto amoroso constitui excelente oportunidade para que a ambivalência nas relações amorosas se faça efetiva e manifesta” (FREUD, 1917a/2011, p. 256). Tal característica permitiria, inclusive, diferenciar essa manifestação do luto.

c) Ao identificar-se com um objeto simultaneamente amado e odiado, essa parte do ego modificada passa a ser criticamente avaliada. Isso conduz a uma aguda culpa, que pode ser expressa por uma “auto-recriminação e auto-envilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição” (FREUD, 1917a/2011, p.250).

d) Uma dificuldade especial na abordagem do melancólico é que essa perda do objeto e as suas consequências são, em boa parte, inconscientes. A elaboração torna-se mais difícil nessas condições, ao contrário do luto, que, apesar de surgir em condições parecidas, tende a ser superado após um trabalho psíquico. Isso conduz a outra característica descrita por Freud, mas também presente no texto kleiniano, de que um aspecto essencial no processo do luto é que o teste de realidade aponta para o fato de o objeto não existir e, diante disso, o ego decidir por abandoná-lo.

Contudo, é necessário assinalar uma diferença essencial. Um aspecto destacado por Freud é que as perdas objetais acarretam uma reordenamento libidinal. Tanto o luto quanto a melancolia são fenômenos nos quais a libido objetal retorna para o ego, transformando-se em libido narcísica. Essa discussão não é contemplada no texto kleiniano.

Levando em conta os quatro pontos que destacamos, podemos observar que, para Klein: a) quando o ego é confrontado com a possibilidade de ter destruído o objeto amado, isso também é acompanhado por uma identificação com esse objeto. Essa experiência, apesar de ter sido abordada por Freud, é compreendida como radical para Klein, consistindo no aspecto mais importante para a constituição e desenvolvimento do ego.

b) Além disso, o texto kleiniano apresenta que essa experiência leva o ego a reconhecer que o perigo ao qual o objeto amado foi exposto decorre da sua própria agressividade. A ambivalência também é concebida como constitutiva dessa situação e a capacidade da estrutura egoica de suportar isso sem desintegrar-se seria uma das conquistas fundamentais da posição depressiva.

c) No entanto, até essa aquisição ser estabelecida, o sujeito precisa vivenciar uma situação desprazerosa, porque, “ao mesmo tempo em que reconhece seu amor por um objeto bom, que é um objeto inteiro, e, além disso, um objeto real, o ego tem um profundo *sentimento de culpa* em relação a ele” (KLEIN, 1935/1996, p.312). Nesse ponto, surgiria a angústia tipicamente depressiva, caracterizada pelo temor em relação à segurança do bom objeto.

d) Também nota-se que, da mesma maneira como Freud propôs que a avaliação egoica sobre a realidade é fundamental para a superação do luto, Klein também concebe esse aspecto como central para a elaboração da posição depressiva. A autora afirma que “há uma íntima ligação entre o teste de realidade no luto normal e os processos arcaicos da mente” (KLEIN, 1940/1996, p.387) e complementa, apontando que “o teste de realidade, creio, é o método mais importante que a criança emprega para superar seus estados de luto” (p.387). É por meio desse procedimento que o ego pode verificar, repetidamente, se a angústia decorrente da destruição do objeto é justificada ou não, permitindo, conjuntamente ao processo de elaboração, o fortalecimento dessa função egoica central.

Apesar das correspondências entre os autores nesse tema, cabe destacar que Klein desenvolveu esse campo elaborando concepções próprias sobre o ego. É possível apontar, por exemplo, que somente ela propõe que, diante da angústia que surge da perda do objeto amado, o ego utiliza alguns mecanismos de defesa específicos.

Dentre esses, o mais característico da posição depressiva seria a reparação. Inicialmente, os esforços reparadores teriam um raio de ação limitado e seriam, sobretudo, do tipo maníaco ou obsessivo. Tais mecanismos estariam mais próximos do modo de funcionamento do ego arcaico e, por isso, utilizariam a idealização, a onipotência e a negação. Porém, seria por essa via que, paulatinamente, as reparações efetivas poderiam se estabelecer.

A reparação consiste na tentativa de restituir a condição de integridade do objeto, o que acarreta um emprego relevante e produtivo das forças egoicas. Esse

processo contribui para o aumento da capacidade sublimatória do ego, resiliência ante a angústia e aprimoramento da avaliação da realidade. Para Klein, a própria criatividade estaria assentada na reparação, que seria “criadora porque é dominada pelo amor” (1940/1996, p.403).

Esse mecanismo de defesa também seria fundamental para o processo de integração tanto dos objetos quanto do ego. De modo que seria constituído um cenário no qual as forças eróticas, que visam justamente a ligação e o estabelecimento de unidades cada vez mais complexas, prevaleceriam sobre a pulsão de morte. Dessa forma, por meio da reparação, o ego poderia administrar melhor o conflito psíquico, pois a firme identificação com o bom objeto inteiro permitiria uma presença mais marcante do amor no lugar do ódio.

A elaboração da posição depressiva permitiria, portanto, uma maior capacidade de amar, mas também uma receptividade para ser amado. Essa tese kleiniana não parece, afinal, estar distante de algumas afirmações feitas por Freud. Sem desconsiderar a ameaça permanente da pulsão de morte, Freud propõe que, em seu processo de constituição, o ego “teve de encher-se ele próprio da libido; com isso torna-se representante de Eros, e quer então viver e ser amado” (FREUD, 1923a/2011, p.54).

3.4 O ego arcaico

Dentre as formulações sobre o ego apresentadas por Freud e Klein, um ponto no qual as divergências são bem explícitas é sobre a origem dessa estrutura. E um momento no qual essa temática aparece de maneira mais evidente seria o das teorizações sobre a posição esquizo-paranoide.

Klein propõe que, praticamente desde o nascimento⁴⁰, já existe um ego arcaico, o que não encontra correspondência com as principais afirmações freudianas sobre o tema. Os textos metapsicológicos desse autor publicados entre 1910 e 1920, por exemplo, salientam que a passagem do autoerotismo para o narcisismo necessitaria

⁴⁰ Essa concepção foi esclarecida por Heimann durante os Debates sobre as controvérsias. A autora afirma que: “Conquanto não possamos, talvez, determinar praticamente o princípio do ego (mas, com uma percepção apurada poderemos vir a ser capazes de o fazer), estamos em condições, porém, de ser claros a respeito dos nossos conceitos e, dentro do nosso quadro conceitual, podemos definir o começo do ego com as primeiras introjeções de outra entidade psicológica” (1969, p.142)

de uma “nova ação psíquica” (FREUD, 1914a/2011), o que, normalmente, é creditado ao momento de emergência do ego. Com a segunda tópica, Freud afirma que, no processo de constituição do ego, seria necessária a captação da libido lançada pelo *id* por meio de identificações, apontando para a impossibilidade de concebê-lo como inato. Mesmo no final da sua obra, Freud mantém essas concepções e apresenta, em *Esboço de psicanálise*, que a condição mais básica do psiquismo seria o *id*, do qual, posteriormente, o ego viria a diferenciar-se.

Tais concepções são diferentes do anunciado nos textos kleinianos. Para Klein, o ego não apenas estaria presente desde o início como também poderia desempenhar várias funções. Tão logo começa a vida pós-natal, a mente do bebê seria movimentada por intensos processos. As exigências pulsionais mais básicas, a fome, por exemplo, conduziriam para a formação de inscrições psíquicas, denominadas por Klein de fantasias inconscientes.

Esse dado merece ser sublinhado, porque são essas fantasias inconscientes que sustentarão as manifestações egoicas mais iniciais. Para compreendermos esse contexto, podemos pensar que a necessidade biológica da alimentação constitui um cenário no qual o bebê engole o leite e diminui as sensações desprazerosas. Esse evento deixará marcas psíquicas, que, na perspectiva kleiniana, gerariam uma fantasia inconsciente de incorporação.

Tal fantasia inconsciente é o fundamento para que um mecanismo egoico de caráter mais geral possa ser estabelecido, a saber, a introjeção. O processo introjetivo, assim como a incorporação, representaria a tendência egoica de admitir dentro de si tudo aquilo que seria bom e capaz de proporcionar a satisfação. De maneira reflexiva, as fantasias inconscientes ligadas ao fenômeno de expulsão seriam a base para outro mecanismo fundamental, a projeção. Seria por meio do intercâmbio entre introjeção e projeção que o ego poderia estabelecer uma relação inicial com o mundo. Além disso, bem precocemente, ambos os processos são utilizados como mecanismos de defesa mais primitivos.

A importância das fantasias inconscientes para o funcionamento egoico inicial foi destacada por Issacs (1969) e assumida por Klein. Esse elemento acompanha a maneira como o ego trava contato com a realidade, executa as primeiras relações objetais, constrói estratégias defensivas e administra o conflito pulsional. Em *Influências mútuas no desenvolvimento de o ego e o id*, Klein sintetiza esse quadro ao apresentar que:

as fantasias estão em atividade desde o começo, do mesmo modo que as pulsões, e são a expressão mental da atividade de ambas as pulsões, de vida e de morte. A atividade de fantasiar fundamenta os mecanismos de introjeção e projeção, que possibilitam ao ego desempenhar uma das funções mais básicas acima mencionadas, que é a de estabelecer relações de objeto (KLEIN, 1952/1996, p.82)

O caráter central atribuído às fantasias inconscientes nos processos psicodinâmicos do ego é uma elaboração propriamente kleiniana e não encontra correspondência na obra freudiana.

Sem desconsiderar algumas diferenças importantes, como a concepção de um ego arcaico ou os fatores que determinam o seu funcionamento, cabe observar que, em alguns pontos, Klein aproxima-se de Freud. Isso fica claro ao retomarmos as afirmações feitas pelo criador da psicanálise sobre os mecanismos de introjeção e projeção. Existe uma trama conceitual na qual oralidade, incorporação, introjeção e identificação se cruzam, ao mesmo tempo em que também apontam para processos de constituição do ego.

Em *Instinto e suas vicissitudes* (1915a/1996), Freud propõe que existiria um ego-realidade inicial que faria a distinção entre interior e exterior, mas que, sob a pressão do princípio do prazer, se transformaria em ego-prazer purificado. Em relação a essa última manifestação, “na medida em que os objetos que lhe são apresentados constituem fontes de prazer, ele [o ego] os toma para si próprio, os introjeta [...]; e, por outro lado, expele o que quer que dentro de si mesmo se torne uma causa de desprazer” (FREUD, 1915a/1996, p.140-141).

Esse tema será retomado anos depois, no artigo *A negação* (1925a/2011), quando os processos introjetivos que constituem o ego são pensados em ligação com a oralidade:

Na linguagem dos mais antigos impulsos instintuais – os orais – teríamos “Quero comer” ou “quero cuspir isso”; e, numa versão mais geral: “Quero por isso dentro de mim” e “retirar de mim”. Ou seja: “Isso deve estar dentro” ou “fora de mim. O Eu-de-prazer-original quer introjetar tudo o que é bom e excluir tudo o que é mau, como afirmei em outro lugar. Para o Eu, o que é mau e o que é forasteiro, que se acha de fora, são idênticos inicialmente (p.252)

Tanto no texto de 1915 quanto no de 1925, esses processos são pensados em relação a uma etapa muito inicial do ego. Contudo, mesmo em momentos subsequentes da formação egoica, já diante da identificação, Freud continuaria a

salientar a proximidade desse fenômeno com a “incorporação oral, canibalista” (1932/2011). Essa tese, inclusive, será novamente anunciada em *Luto e melancolia* (1917a/1996) e ainda em *O ego e o id* (1923).

Portanto, Freud e Klein salientam que certos aspectos da constituição do ego consistem na possibilidade de o ego absorver elementos diferentes de si. Seria o que permitiria uma melhor estruturação egoica: para Freud, a identificação com os objetos originalmente catexizados pelo *id*, introdução de objetos responsáveis pelo prazer, a inclusão sob a égide de Eros; para Klein, a introjeção do seio bom, núcleo estruturante do desenvolvimento egoico e fonte da pulsão de vida.

3.4.1 Angústia e cisão

Ao longo de toda a obra kleiniana, a angústia ocupa um lugar proeminente na maneira como a autora compreende o psiquismo. Em um texto da parte final da sua produção, ela reafirma esse ponto e esclarece que, “desde o começo de meu trabalho analítico, meu interesse se centralizou na ansiedade e suas causas, o que me trouxe mais perto do entendimento da relação entre agressividade e ansiedade” (KLEIN, 1952/1996, p. 62). Conforme apresenta Hinshelwood (1988), a concepção kleiniana sobre a angústia assume os pontos centrais estabelecidos por Freud em *Inibições, sintomas e ansiedade* (1926/2011), ainda que seja necessário reconhecer a existência de uma discordância importante.

Para Freud, a angústia seria uma reação ante ao perigo. No entanto, uma vez que “algo semelhante à morte nunca foi vivenciado” (1926/2011, p.51), não existiria “no inconsciente, um conteúdo que equivalha ao nosso conceito de aniquilação da vida” (p.51). Freud não nega que a pulsão de morte pode contribuir para a emergência de angústia, quando, por exemplo, o aumento das tendências destrutivas pode gerar uma condição angustiada no sujeito por temer uma punição. Porém, conforme destaca Blass (2012), “o que Freud rejeita é a reivindicação de que o medo da morte pode ser a fonte da ansiedade. O medo da morte não é a mesma coisa que a pulsão de morte. A pulsão de morte visa a morte; o medo da morte busca evitá-la” (p.615).

Klein, por outro lado, concebe que a causa primordial da angústia decorre do medo imposto pela pulsão de morte. A autora compreende que isso diverge da perspectiva freudiana e assume tal diferença, dado que seus achados clínicos a levam a concluir que “há no inconsciente um medo de aniquilamento da vida” (1948/1996,

p.50). Esse ponto pode ser metapsicologicamente sustentado devido às concepções sobre as fantasias inconscientes. Desde que toda manifestação pulsional deixa traços no psiquismo, é possível pensar em representações sobre a chance de morrer. É por tal razão que ela afirma que “se presumirmos a existência de uma pulsão de morte, deveremos também presumir que haja uma resposta a essa pulsão nas camadas mais profundas da mente, sob a forma do medo de aniquilamento da vida” (KLEIN, 1948/1996, p.50).

Apesar dessa diferença importante, Klein parte da proposta indicada por Freud de que a angústia seria a causa do recalque. Ela generaliza essa concepção e propõe que, sempre que esse afeto está presente, o ego aciona todos mecanismos de defesa disponíveis, que, no início, consistem na introjeção e projeção.

As experiências de satisfação e frustração levam ao estabelecimento de dois objetos primordiais: o seio bom e o seio mau. Diante do perigo imposto pela pulsão de morte, o ego projeta-a para o seio mau, que, por passar a conter os aspectos agressivos, é tomado como um perseguidor. Desse modo, fica estabelecida uma nova forma de apresentação da angústia, que emerge como sendo de cunho paranoide. Do mesmo modo, o seio bom será investido libidinalmente e, a partir de então, será considerado representante da pulsão de vida. Se os processos de introjeção e projeção estão amplamente presentes no bebê, isso acarreta a presença de objetos cingidos tanto no mundo interior quanto no externo.

Em *Notas sobre alguns mecanismos esquizoides* (1946/1996), Klein chega à conclusão de que um processo de clivagem do objeto não ocorre sem que uma divisão correspondente também se dê no ego. É possível pensarmos em uma dinâmica de influência mútua, isto é, quanto mais o objeto for atacado e reduzido a pedaços, maiores serão a presença de uma angústia paranoide e o perigo de o ego fragmentar-se

O fenômeno da cisão também comparece ao longo da obra freudiana. Grotstein (1985) propõe que a ideia de uma divisão do sujeito já estaria sugerida nas primeiras publicações que Freud fez sobre a histeria, mas que, progressivamente, “a divisão foi englobada no termo mais amplo, repressão, e permaneceu eclipsada durante muitos anos” (GROTSTEIN, 1985, p.23). Nos textos sobre o narcisismo, especialmente em *Luto e melancolia* (FREUD, 1917/2011), essa temática é retomada para explicar uma diferenciação do ego entre uma parte que assumiria a função crítica, o ideal do ego, e uma parte que se alteraria pela identificação com o objeto perdido.

Contudo, nos últimos escritos de Freud, é possível observar um aprofundamento desses sentidos. Em *O fetichismo* (1927/2011), afirma que o sujeito, ao ser confrontado com a diferença anatômica entre os sexos, pode, simultaneamente, sustentar duas concepções contraditórias: a aceitação e a recusa da castração, ou seja, há a hipótese de que uma divisão fundamental no ego pode existir.

É justamente essa perspectiva que está presente em textos como *Esboço de psicanálise* (1938a/1996) e *A divisão do ego nos processos de defesa* (1938b/1996), para os quais, quando o ego infantil precisa mediar o conflito entre as exigências da pulsão e os limites da realidade, ele não necessariamente precisa escolher uma das alternativas em detrimento da outra. Em tais situações, a resolução do conflito pode ser a adoção de “duas reações contrárias, ambas válidas e eficazes” (FREUD, 1938b/1996, p.293), isto é, uma parte do ego reconheceria as proibições e outra parte agiria como se nada soubesse. A consequência disso seria que “as duas reações contrárias ao conflito persistem como ponto central de uma divisão (*splitting*) do ego” (p.293). Existe, portanto, uma cisão na estrutura egoica que passa a ser compreendida como universalmente presente e que tenderia a aumentar ao longo do tempo.

A morte de Freud em 1939 não permitiu que o autor apresentasse os detalhes de como os processos de cisão poderiam ser relacionados com outras atribuições centrais do ego, como a sua função sintética. Mas a abertura dessa discussão construiu um novo campo de estudo assumido, por exemplo, por Klein. Grotstein apresenta que, “na época em que o interesse de Freud pela divisão se reacendia, próximo ao fim de sua vida, Melanie Klein já estava ciente de sua importância” (1985, p.29).

A maneira como Freud e Klein chegaram à ideia de uma cisão fundamental no ego seguiu vias diferentes. Para Freud, essa conclusão foi imposta, principalmente, por conta da análise sobre os mecanismos de defesa, especialmente a negação e a rejeição. Klein, de outro lado, e de maneira progressiva ao longo de sua obra, partiu de dados clínicos que apontavam para os objetos cingidos: a) as *imagos* contraditórias na base do superego, presentes nos escritos de 1926 até 1932; b) posteriormente, nos textos sobre a posição depressiva, com a conclusão de uma cisão inicial dos primeiros objetos, o seio bom e o mau, existentes antes da integração; c) por fim, nas reflexões sobre a posição esquizo-paranoide, com a compreensão de que a cisão

objetal era inseparável de uma consequência análoga no ego. Blass (2017) esclarece esse panorama e afirma que:

Na realidade, a cisão do objeto é a cisão do ego. Isso ocorre porque o objeto não é uma pessoa externa ou apenas a imagem de uma pessoa externa; ao contrário, o objeto é parte do próprio ego. Por exemplo, em minha relação com um objeto materno em meu mundo interno, o objeto materno é tanto uma parte de mim mesmo quanto o *self* que se relaciona com ele (p. 86)

Assim como as discussões freudianas sobre as perdas objetais compareceram como uma das inspirações teóricas para Klein apresentar a posição depressiva, o conjunto de reflexões feitas por Freud sobre os processos de cisão no ego também influenciaram sua proposta acerca da posição esquizo-paranoide. Em ambos os casos, não existe uma continuidade linear, mas um processo de apropriação feito por Klein que culmina na constituição de uma teoria original que representa uma das vias para o progresso da psicanálise.

3.4.2 Identificação projetiva e o estranho

O conceito de identificação projetiva é um exemplo de como a teoria kleiniana pode oferecer contribuições originais e importantes para o saber psicanalítico. Apesar da fertilidade dessas elaborações, é possível que, inicialmente, a autora não tenha se dado conta do peso da sua descoberta, pois conforme sugere Spillius (2012):

Klein definiu o termo identificação projetiva quase casualmente, em poucos parágrafos e, de acordo com Hanna Segal, imediatamente arrependeu-se. Deve ter ficado atônita com a resposta que gradualmente provocou. O conceito se difundiu lentamente, pois na década de 50 apenas alguns de seus mais próximos seguidores o usavam explicitamente, mas na década de 60 ele realmente decolou. Agora aparentemente se tornou uma marca registrada kleiniana (p.97)

Esse conceito permitiu abordar novos aspectos sobre o processo de constituição do ego e surgiu como consequência da proposta de que, no domínio das fantasias inconscientes, o *self* e os objetos internos estão em íntima associação. Ao desenvolver o conceito de posição esquizo-paranoide, Klein evidenciou que no fenômeno da projeção não ocorre apenas a expulsão da agressividade ou dos aspectos pulsionais mortíferos, mas que isso também acarreta em um desalojamento de partes do ego. Isso seria fundamental para a estrutura egoica inicial porque

representaria uma maneira de administrar alguns de seus conteúdos intoleráveis. Além disso, esse processo também visaria o controle de um objeto externo que seria potencialmente ameaçador. Nessa perspectiva da identificação projetiva, nota-se que ela seria o protótipo das relações agressivas.

Todavia, a identificação projetiva baseada em elementos bons também seria fundamental. É por essa via que a relação erótica com o objeto poderia ser fortalecida e permitiria ao ego progressivamente aumentar a sua confiança de que possui um seio bom firmemente internalizado. Petot (1988) afirma que Klein confere “à identificação projetiva ‘boa’ um poder de integração e de facilitação das relações objetais comparáveis àquelas que as concepções kleinianas da época anterior conferiam à introjeção do bom objeto” (p.125). Isso, no entanto, conduz para a necessidade de clareza conceitual, afinal, qual seria a relação entre identificação projetiva e introjeção? Ao analisar esse problema, Petot (1998) esclarece que esses dois fenômenos estão inter-relacionados, pois:

O lactente pode introjetar o bom objeto na medida em que projeta neste seus bons excrementos e seu amor. Ele pode projetar o bom na medida em que introjeta um bom objeto ao longo de experiências de satisfação. Os dois processos são exatamente contemporâneos e se determinam reciprocamente. Eles são dois componentes do elo de identificação com a mãe que é a primeira das relações de objeto (p.125)

Um dos fatores que permitem diferenciar a identificação projetiva tanto da simples projeção, quanto da introjeção é que ela sublinha que partes do ego, expulsas ou introduzidas, sempre participam desse mecanismo.

Esse conceito é próprio da proposta de Klein e não pertence ao quadro teórico freudiano. Conforme expomos no segundo capítulo, a autora se inspirou principalmente no trabalho de Tausk, que buscava compreender os aspectos metapsicológicos presentes no delírio de influência de adultos que sofriam de paranoia e esquizofrenia.

Apesar de que, claramente, o conceito de identificação projetiva jamais tenha sido utilizado por Freud é possível destacarmos alguns aspectos que dialogam com o trabalho de Klein. O primeiro ponto dessa articulação seriam as reiteradas afirmações feitas por Freud de que a identificação colabora para a formação do ego. Isso está presente em textos como *Introdução ao narcisismo* (1914), *Luto e melancolia* (1917), *Ego e o id*, apenas para citarmos os mais importantes.

Também é possível localizar aproximações entre a identificação projetiva e algumas ideias presentes no texto *O estranho* (FREUD, 1919/1996). Freud propõe que etimologicamente *unheimlich* derivaria da palavra *heimlich*, que poderia ser traduzida como familiar, o que o leva a concluir que “o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar” (FREUD, 1919/1996, p.139). Cabe indagarmos se essa não seria uma das dimensões do fenômeno proposto por Klein no qual o ego retira algo de si para introduzir no outro.

Se tomarmos a modalidade da identificação projetiva que visa a expulsão dos elementos perigosos do self para dentro da mãe, é possível compreender que nesses casos o objeto passa a emergir como algo ameaçador. No processo de constituição do ego, conforme apresenta Klein, a mãe passa a ser sentida como um perseguidor e nessas situações sempre emerge uma angústia paranoide. Freud também propõe que o estranho “relaciona-se ao terrível, ao que desperta angústia e horror” (1919/2011, p.248) e acrescenta que normalmente ele poderia ser considerado como aquilo que “equivale ao angustiante” (p.248).

Uma ocorrência na qual o estranho seria uma característica importante remete ao fenômeno do duplo. Esse seria um tema recorrente na literatura, mas que também estaria presente em modos infantis de funcionamento mental. A definição oferecida por Freud a respeito do duplo propõe inicialmente ele se relaciona com o

Surgimento de pessoas que, pela aparência igual, devem ser consideradas idênticas, a intensificação desse vínculo pela passagem imediata de processos psíquicos de uma pessoa para a outra pessoa – o que chamamos de telepatia -, de modo que uma possui também o saber, os sentimentos e as vivências da outra; *a identificação com uma outra pessoa, de modo a equivocar-se quanto ao próprio Eu ou colocar um outro Eu no lugar dele*, ou seja, a duplicação, divisão, permutação do Eu – e, enfim, o constante retorno do mesmo, a repetição dos mesmos traços faciais, caracteres, vicissitudes, atos criminosos, e até de nomes, por várias gerações (FREUD, 1919/2011, p.263, grifo nosso)

Esse trecho permite sugerirmos algumas ligações com o texto *Notas sobre alguns mecanismos esquizoides* (KLEIN, 1946/1996). Em primeiro lugar, pode-se destacar que Freud apresentava que esse fator que causava estranhamento, o duplo, estava relacionada com um intercâmbio dos conteúdos mentais entre duas pessoas. Klein, por sua vez, salientava que a identificação projetiva poderia estabelecer um temor de que os processos psíquicos do sujeito pudessem ser controlados pelo objeto.

Além disso, tanto na ocorrência do duplo, quanto na identificação projetiva, existiria a possibilidade de um esmaecimento das fronteiras entre ego e objeto. Curiosamente, Freud interpreta esse quadro a partir de uma dinâmica identificatória, conforme o grifo na citação acima, embora não tenha desenvolvido extensamente esse tema nos seus outros textos.

Partindo da análise do livro de Otto Rank⁴¹, Freud estabelece que “originalmente, o ‘duplo’ era uma segurança contra a destruição do ego, uma ‘enérgica negação do poder de morte” (FREUD, 1919/1996, p.148). Existe, portanto, um interesse na auto-conservação e na tentativa de escapar ao perigo. Klein evoca motivos semelhantes para o início da identificação projetiva, afinal ela surge como uma tentativa do ego de lidar com os seus aspectos maus, portanto fragmentadores e mortíferos, do *self*.

Por fim, Freud propõe que a criação do duplo, é típica da mente infantil e dos povos primitivos e que surgiria no “terreno do ilimitado amor por si próprio, do narcisismo primário” (p.263), embora pudesse retornar em outros momentos da vida⁴². Klein também apresenta que a identificação projetiva estaria relacionada com a constituição do ego, portanto presente em etapas precoces. Além disso, esse fenômeno também apontaria para uma dinâmica narcísica, embora, esse conceito seja compreendido por Klein mais como um estado de indiferenciação entre ego e objeto, do que uma forma de organização libidinal.

⁴¹ Trata-se da obra *Der Doppelgänger*, escrita em 1914.

⁴² Cabe notar que Freud estabelece paralelos entre o duplo típico da infância e a diferenciação, presente em momentos posteriores, entre ego e ideal do ego.

Considerações finais

Freud, ao refletir sobre o desenvolvimento conceitual da disciplina que criou, estabelece que

A psicanálise não é, como as filosofias, um sistema que parta de alguns conceitos básicos nitidamente definidos, procurando apreender todo o universo com o auxílio deles, e, uma vez completo, não possui mais lugar para novas descobertas ou uma melhor compreensão. Pelo contrário, ela se atém aos fatos de seu campo de estudo, procura resolver os problemas imediatos da observação, sonda o caminho à frente com o auxílio da experiência, acha-se sempre incompleta e sempre pronta a corrigir ou a modificar suas teorias. Não há incongruência (não mais que no caso da física ou da química) se aos seus conceitos mais gerais faltam clareza e seus postulados são provisórios; ela deixa a definição mais precisa deles aos resultados do trabalho futuro (1922/1996, p.269-270)

É exatamente esse raciocínio que guia as formalizações das ideias na obra desse autor, inclusive aquelas relativas ao ego. Mas o alcance dessa concepção ultrapassa a produção freudiana e apresenta-se como um aspecto constitutivo do progresso da teoria psicanalítica como um todo. Essa indicação metodológica é fundamental para abordarmos a articulação existente entre Freud e os psicanalistas pós-freudianos, dentre os quais Klein assume uma posição destacada.

A leitura dos textos freudianos revela que a concepção de ego possui uma trajetória longa e com múltiplos significados. Todavia, entender como essas diversas noções são apresentadas ao longo do tempo e contém uma lógica interna é algo que exige reflexão. Isso ocorre porque o desenvolvimento conceitual não possui uma lógica linear, ou seja, não há apenas o acréscimo de novos dados que, pouco a pouco e sem maiores contradições, conferem maior abrangência ao ego.

Por outro lado, a despeito das diferenças nos diversos pontos da sua obra, também não estamos diante de rupturas radicais, nas quais as novas propostas inauguram campos inéditos e absolutamente apartados das elaborações precedentes. Existe um processo constante que retoma concepções que foram pensadas anteriormente. Por vezes, certas ideias acerca do ego ficam eclipsadas por um longo período, para depois reaparecem sob uma nova perspectiva. Nessa dinâmica, não se trata, obviamente, de uma mera repetição, mas de articular as antigas formulações com os novos dados clínicos e com os avanços metapsicológicos

Monzani (1988), ao analisar esse processo de idas e vindas, estabelece que “a possibilidade ou de um Freud que sempre disse a mesma coisa ou de um outro que em algum momento abandonou tudo para repensar a teoria a partir de outras e novas perspectivas é uma falsa alternativa” (p.302). Tal afirmação pode ser melhor compreendida ao localizarmos o que é mantido e o que é modificado ao longo do tempo. Por tal razão, esta tese buscou compreender a história do conceito de ego na obra de Freud.

Nesse processo, cinco momentos emergiram como os mais importantes, capazes de sintetizar os principais aspectos teóricos em Freud. O início do nosso percurso contemplou as primeiras compreensões sobre o ego ainda no domínio da neurologia (1895). Posteriormente, abordamos como o ego era pensando na primeira tópica (1900-1910). Em terceiro lugar, quais foram as consequências das elaborações sobre o narcisismo e a identificação para essa temática (1910-1923). Em quarto lugar, o ego e o modelo estrutural do aparelho psíquico (1923). E, por fim, a relação entre ego e os mecanismos defensivos nos últimos artigos do autor.

Esse quadro revelou algumas transformações presentes na obra freudiana, deixando claro que trata-se de uma teoria que é simultaneamente rigorosa e viva, capaz de suportar reavaliações permanentes. Esse foi o gatilho para questionarmos se essa característica do modo como Freud constrói seus conceitos também encontraria paralelos na proposta de Klein.

No caso dessa autora, o nosso ponto de partida consistiu nos escritos sobre a inibição, publicados entre 1923 até 1925. Em seguida, abordamos os textos de 1926 até 1932, que trabalhavam com o conceito de ego levando em conta o Complexo de Édipo e o superego precoces. O terceiro momento centrou-se nos escritos sobre a posição depressiva (1935-1940) na tentativa de compreender qual seria impacto desse conjunto de vivências no desenvolvimento do ego. O próximo aspecto analisado consistiu nas formulações acerca da posição esquizo-paranoide (1946-1955), que evidenciaram os elementos mais arcaicos da estrutura egoica. Por fim, nos debruçamos sobre os últimos artigos kleinianos, que expunham o papel da inveja no desenvolvimento inicial.

Notamos assim, que também em Klein existe um processo de constante reinvenção teórica, no qual o conceito de ego assume progressivamente múltiplos significados. Cabe notar, contudo, que essas transformações, assim como no caso de Freud, não indicam fraturas epistemológicas.

Constatamos assim que esse movimento do pensamento emerge como uma característica importante da psicanálise, consequência da necessidade, sucessivamente reposta, de desenvolver recursos mais rigorosos para dar conta dos desafios clínicos e teóricos. Existem, portanto, semelhanças na maneira como ambos autores lidam com o conceito de ego, ou seja, ele não é tomado como um elemento com definições inflexíveis, mas como algo que ilumina certas dimensões clínicas ao mesmo tempo que é permanentemente interrogado por elas.

Contudo, o fato de que a elaboração conceitual obedece a princípios idênticos em ambos autores não é suficiente para eliminar a tensão existente entre suas obras. Klein dialoga com a proposta freudiana de um modo complexo, assumindo definições sobre o ego que ora se aproximam de Freud, ora evidenciam contornos claramente diferentes.

Existem alguns fatores importantes que contribuem para que Klein assuma concepções parecidas com as freudianas: a) Freud estabeleceu o quadro metapsicológico básico que foi utilizado por Klein para desenvolver suas próprias teorias, como é atestado pela importância conferida pela autora ao modelo estrutural, bem como ao conflito entre pulsão de vida e de morte. b) Klein, em sua prática analítica, também adotou os princípios éticos preconizados por Freud. Com isso queremos destacar que apesar do conceito de ego ser importante em ambos autores, o foco sempre foi a abordagem dos fenômenos inconscientes. c) por fim, essa proximidade também é consequência da intenção de Klein de contribuir para o progresso do campo de conhecimento criado por Freud.

Em relação aos pontos divergentes, três motivos assumem um papel destacado: a) em primeiro lugar, a proposta kleiniana de promover o avanço das investigações psicanalíticas leva, inevitavelmente, ao confronto com realidades até então não exploradas e, com isso, o estabelecimento de novos conceitos. b) em íntima associação com o ponto anterior, as divergências também decorrem das especificidades da matriz clínica principal de cada um desses psicanalistas. O campo de investigação preferencial de Freud consistia nas neuroses de transferência em adultos, ao passo que Klein centrava seu trabalho na abordagem da infância. c) Apesar de Freud ter sido a principal referência, o pensamento kleiniano também foi constituído pela apropriação de outros autores fundamentais. Podemos perceber isso em ao menos três pontos relacionados com as teorizações sobre o ego: as concepções sobre o simbolismo elaboradas por Ferenczi; o modelo de

desenvolvimento libidinal proposto por Abraham e, finalmente, a contribuição de Tausk para a definição de identificação projetiva.

Por fim, ficou claro que uma pesquisa sobre o desenvolvimento histórico das ideias em psicanálise precisa se equilibrar entre dois perigos. Ao abordarmos a obra de Freud e Klein devemos evitar uma leitura que conduza para o estabelecimento de sínteses absolutas, ignorando os aspectos francamente diferentes. Porém, simultaneamente, também é necessário ter cuidado para não direcionarmos a nossa atenção exclusivamente para os elementos divergentes, afinal, isso impediria reconhecer que existem correspondências interessantes entre os dois psicanalistas. Assim, parece-nos mais promissor compreender que a maneira que Klein se posiciona em relação à obra freudiana é fundada em uma continuidade, mas que se diferencia.

REFERÊNCIAS

- ABRAHAM, K. **Teoria psicanalítica da libido**. Rio de Janeiro: Imago, 1970.
- ASSOUN, P. L. **Metapsicologia freudiana: uma introdução**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- BARANGER, W. **Posição e objeto na obra de Melanie Klein**. Porto Alegre: Artes médicas, 1981.
- BIRMAN, J. Os impasses do sexual na psicose. In: BIRMAN, J. (org). **Tausk e o aparelho de influenciar na psicose**. São Paulo: Escuta, 1990, pp. 103-131.
- BLASS, R. B. On 'the fear of death' as the primary anxiety: how and why Klein differs from Freud. **The International Journal of Psychoanalysis**, Oxford, v.95, n.1, 2014. Disponível em <<http://sci-hub.io/10.565/j.1745-831541200502.x#>>. Acesso em 05 de ago. 2017.
- BLASS, R. B. The ego according to Klein: return to Freud and beyond. **The International Journal of Psychoanalysis**, Oxford, v.93, n.1, 2012. Disponível em <<http://sci-hub.io/10.1111/j.1745-8315.2011.00502.x#>>. Acesso em 11 de mar. 2016.
- BLASS, R. B. Conceituação de cisão: os diversos significados de cisão e suas implicações na compreensão da pessoa e do processo analítico. **Livro anual de psicanálise**, São Paulo, v.31, n.1, p.77-94, 2017.
- MEZAN, R. O inconsciente segundo Karl Abraham. **Psicologia USP**, São Paulo, v.10, n.1, p.55-95, 1999.
- BONFIM, T. H. **A constituição dos conceitos de ego e objeto na metapsicologia freudiana**. 2008. 114f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.
- CABAS, A. G. **O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- CAMPOS, E. B. V. **Representação e afeto no segundo modelo tópico e pulsional freudiano**. 2009. 281f. Tese (Doutorado em Psicologia) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- CINTRA, E. M. U. **Melanie Klein: raízes de um pensamento**. 1992.489f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1992.
- CINTRA, E. M. U.; FIGUEIREDO, L. C. **Melanie Klein: estilo e pensamento**. São Paulo: Escuta, 2004.
- COSTA, J. F. Narcisismo em tempos sombrios. In: BIRMAN, J. (org.) **Percursos na História da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Taurus, 2003, pp. 151-175.
- DREHER, A. U. Pluralismo na teoria e na pesquisa: e agora?. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 131-153, jun. 2008

DREHER, A. U.. The role of concepts in psychoanalysis and the benefit of systematic conceptual reflections for psychoanalytic research: a methodological and theoretical study, [S. l.], 2005 Disponível em < <http://www.ipa.org.uk/research/dreher.asp>>. Acesso em 08 abr. 2016.

FEDERN, E.; NUNBERG, H. (Orgs). **Les premiers psychanalystes: minutes de la Société Psychanalytique de Vienne**. Paris: Gallimard, 1978. V.2.

Ferenczi, S. (1913) **O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios**. In Ferenczi, S. *Psicanálise II* (p.27-38). São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FIGUEIREDO, L. C. A clínica psicanalítica a partir de Melanie Klein. O que isso pode significar?. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v.39, n.71, 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000200008>. Acesso em 11 de jan. 2017.

FREUD, S. (1893). **Estudos sobre a histeria**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. II. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____. (1894). **As neuropsicoses de defesa**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. III. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____. (1895). **Projeto para uma psicologia científica**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

_____. (1900) **Interpretação dos sonhos**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. IV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____. (1905) **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____. (1909) **Análise de uma fobia em um menino de cinco anos**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. X. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____. (1910a) **Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____. (1910b) **A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____. (1911a) **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia**. Em: Sigmund Freud Obras Completas. Vol. 10. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. (1911b) **Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico**. Em: Sigmund Freud Obras Completas. Vol. 10. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. (1913a) **Totem e tabu**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____. (1913b) **O interesse científico da psicanálise**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____. (1914a) **Introdução ao narcisismo**. Em: Sigmund Freud Obras Completas. Vol. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. (1914b) **História do movimento psicanalítico**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____. (1915a) **O instinto e suas vicissitudes**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____. (1915b) **A repressão**. Em: Sigmund Freud Obras Completas. Vol. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. (1915c) **O inconsciente**. Em: Sigmund Freud Obras Completas. Vol. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. (1915d) **Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____. (1916) **A ansiedade**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____. (1917a) **Luto e melancolia**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____. (1917b) **A Terapia analítica**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____. (1917b) **Uma dificuldade no caminho da psicanálise**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____. (1918) **História de uma neurose infantil (Homem dos Lobos)**. Em: Sigmund Freud Obras Completas. Vol. 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. (1919) **O estranho**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____. (1920) **Além do princípio do prazer**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____. (1921) **Psicologia das massas e análise do Eu**. Em: Sigmund Freud Obras Completas. Vol. 15. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. (1922) **Dois verbetes de enciclopédia**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____. (1923a) **O Eu e o Id**. Em: Sigmund Freud Obras Completas. Vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. (1923b) **A organização genital infantil**. Em: Sigmund Freud Obras Completas. Vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. (1924a) **Neurose e psicose**. Em: Sigmund Freud Obras Completas. Vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

_____. (1924b) **A dissolução do complexo de Édipo**. Em: Sigmund Freud Obras Completas. Vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

_____. (1924c) **A perda da realidade na neurose e psicose**. Em: Sigmund Freud Obras Completas. Vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

_____. (1925a) **A negação**. Em: Sigmund Freud Obras Completas. Vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. (1925b) **Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos**. Em: Sigmund Freud Obras Completas. Vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. (1926) **Inibições, sintomas e angústia**. Em: Sigmund Freud Obras Completas. Vol. 17. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. (1927) **O Fetichismo**. Em: Sigmund Freud Obras Completas. Vol. 17. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. (1930) **O mal estar na civilização**. Em: Sigmund Freud Obras Completas. Vol. 17. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. (1932) **A dissecação da personalidade psíquica**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____. (1933) **Novas conferências introdutórias**. Em: Sigmund Freud Obras Completas. Vol. 17. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. (1938a) **Esboço de Psicanálise**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____. (1938b) **A divisão do ego nos processos de defesa**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

GABBI, Jr., O.F. Notas Críticas Sobre o Projeto de uma Psicologia. In: Freud, S. **Projeto para uma psicologia científica**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o Inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

GARCIA-ROZA, L. A. **Introdução à metapsicologia freudiana 1**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GARCIA-ROZA, L. A. **Introdução à metapsicologia freudiana 2**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

GAY, P. **Freud uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

GREEN, A. **Narcisismo de vida, narcisismo de morte**. São Paulo: Escuta, 1988.

GROSSKURTH, P. **O mundo e a obra de Melanie Klein**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

GROSTSTEIN, J. S. **A divisão e a identificação projetiva**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2012.

HANNS, L. **Dicionário comentado do alemão de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HANNS, L. **A teoria pulsional na clínica de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

HEIMANN, P. Certas funções da introjeção e da projeção no início da infância. In: M. Klein, P. Heimann, S. Isaacs, J. Riviere. **Os progressos da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1969, pp. 136-184.

ISAACS, S. A natureza e função da fantasia. In: M. Klein, P. Heimann, S. Isaacs, J. Riviere. **Os progressos da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1969, pp. 79-135.

HINSHELWOOD, R. D. **Dicionário do pensamento kleiniano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

KING, P.; STEINER, R. **As controvérsias Freud-Klein 1941-45**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

KLEIN, M. (1921) **O desenvolvimento de uma criança**. Em: Obras completas de Melanie Klein: Volume I Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1923a) **O papel da escola no desenvolvimento libidinal da criança**. Em: Obras completas de Melanie Klein: Volume I Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1923b) **A análise de crianças pequenas**. Em: Obras completas de Melanie Klein: Volume I Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1926) **Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas**. Em: Obras completas de Melanie Klein: Volume I Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1927a) **Simpósio sobre análise de crianças**. Em: Obras completas de Melanie Klein: Volume I Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1927b) **Tendências criminosas em crianças normais**. Em: Obras completas de Melanie Klein: Volume I Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1928) **Estágio iniciais do conflito edipiano**. Em: Obras completas de Melanie Klein: Volume I Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1929a) **Personificação no brincar das crianças**. Em: Obras completas de Melanie Klein: Volume I Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1929b) **Situações de ansiedade infantil refletidas em uma obra de arte e no impulso criativo**. Em: Obras completas de Melanie Klein: Volume I Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1930) **A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego**. Em: Obras completas de Melanie Klein: Volume I Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1931) **Uma contribuição à teoria da inibição intelectual.** Em: Obras completas de Melanie Klein: Volume I Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1932) **A psicanálise de crianças.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1935) **Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos.** Em: Obras completas de Melanie Klein: Volume I Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1936) **O desmame.** Em: Obras completas de Melanie Klein: Volume I Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1940) **O luto e sua relação com os estados maníaco-depressivos.** Em: Obras completas de Melanie Klein: Volume I Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1945) **O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas.** Em: Obras completas de Melanie Klein: Volume I Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1946) **Notas sobre alguns mecanismos esquizoides.** Em: Obras completas de Melanie Klein: Volume II Inveja e gratidão e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1948) **Sobre a teoria da ansiedade e da culpa.** Em: Obras completas de Melanie Klein: Volume II Inveja e gratidão e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1952a) **As origens da transferência.** Em: Obras completas de Melanie Klein: Volume II Inveja e gratidão e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1952b) **Influências mútuas no desenvolvimento do ego e id.** Em: Obras completas de Melanie Klein: Volume II Inveja e gratidão e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1952c) **Algumas conclusões teóricas sobre a vida emocional dos bebês.** Em: Obras completas de Melanie Klein: Volume II Inveja e gratidão e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1955) **Sobre a identificação.** Em: Obras completas de Melanie Klein: Volume II Inveja e gratidão e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1957) **Inveja e gratidão**. Em: Obras completas de Melanie Klein: Volume II Inveja e gratidão e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1958) **Sobre o desenvolvimento do funcionamento mental**. Em: Obras completas de Melanie Klein: Volume II Inveja e gratidão e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1959) **Nosso mundo adulto e suas raízes na infância**. Em: Obras completas de Melanie Klein: Volume II Inveja e gratidão e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica**. Petrópolis: Vozes, 2010.

KRISTEVA, J. **El genio feminino: la vida, la locura, las palabras**. Buenos Aires: Paidós, 2016.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins fontes, 1994.

LIKIERMAN, M. **Melanie Klein her work in context**. Nova York: Continuum, 2005.

LUNA, S. V. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: Editora PUC-SP, 2011.

MELO, C. C. C. **Tecendo encontros e diferenças: um estudo psicanalítico sobre a agressividade e sua articulação com a constituição psíquica**. 2011.186f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

MEZAN, R. O inconsciente segundo Karl Abraham. **Psicologia USP**, São Paulo, v.10, n.1, p.55-95, 1999.

MEZAN, R. **O tronco e os ramos**. São Paulo: Companhia das letras, 2014.

MEZAN, R. **A sombra de Don Juan e outros escritos**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MEZAN, R. **Tempo de muda: ensaios de psicanálise**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

MEZAN, R. **O tronco e os ramos**. São Paulo: Companhia das letras, 2014.

MIGLIAVACCA, E. M. A psicanálise e a universidade: pesquisa. **Psicologia USP**, São Paulo, v.12, n.2, 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttest=S740589247502475024572Ing=en=iso> . Acesso em 08 mai. 2016.

MIGUELEZ, O. M. **Narcisismos**. São Paulo: Escuta, 2007)

MONZANI, L. R. **Freud o movimento de um pensamento**. Campinas: Unicamp, 1988.

Oliveira, L. E. P. O inconsciente freudiano entre Lou-Andréas Salomé e Victor Tausk. **Ágora**, Rio de Janeiro, v.III, n.2, 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-654882464564>. Acesso em 18 de set. 2017.

PETOT, M. **Melanie Klein I**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

PETOT, M. **Melanie Klein II**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SPELLIUS, M; O'SHAUGHNESSY. **Projective identification: the fate of a concept**. Londres: Routledge, 2012.

TAUSK, V. I. **Da gênese do “aparelho de influenciar” no curso da esquizofrenia**. São Paulo: Escuta, 1990.

VALAS, P. **Freud e a perversão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.